

Ísis Sem Véu - Helena P. Blavatsky
Ciência I - Índice Geral

CAPÍTULO I

A "infalibilidade" da ciência moderna: coisas novas com nomes velhos. A cabala oriental
O progresso da humanidade caracterizado por ciclos
Ciência secreta antiga
O valor inestimável dos vedas
A doutrina da metempsicose
Mutilações dos livros sagrados judaicos traduzidos
Das doutrinas do espiritualismo
A magia vista sempre como uma Ciência Divina
A linguagem simbólica usada nos livros antigos. Os fenômenos mediúnicos
A divisão da história da humanidade em ciclos
O anseio do homem pela imortalidade

CAPÍTULO II

Fenômenos e forças: o homem e as influências dominantes
O moderno espiritismo
Teoria do Sr. Crookes sobre os fenômenos observados
Fenômeno psíquico provado pelo Sr. Crookes
As artes perdidas
O universo criado pela vontade divina
O poder da vontade
Fenômenos mediúnicos: a que atribuí-los?
O poder de criação do homem. A magia e suas manifestações
Os elementais e os elementares
As forças materializadas

CAPÍTULO III

Condutores cegos dos cegos. Fatos e fenômenos psíquicos. O papel da psicologia
Oriente, a terra do conhecimento
Emanação do universo objetivo a partir do subjetivo

CAPÍTULO IV

Teorias a respeito dos fenômenos psíquicos

CAPÍTULO V

O éter ou "luz astral"
A força primordial e suas correlações
O éter universal e a natureza da substância primordial
O sol oculto
A substância primordial que tudo contém
A uniformidade da alegoria da água e do espírito
Considerações sobre a vontade
Experiências dos faquires
O que é a vontade?
A luz divina
Interpretações de certos mitos antigos
A evolução da teoria hindu

CAPÍTULO VI

Fenômenos psicofísicos
A dívida que temos com Paracelso
Mesmerismo: sua origem, acolhimentos e potencialidades
A alimentação do corpo físico e sua relação com a energia magnética
A doutrina de Mesmer
Psicomетria, "a luz astral e "a memória de Deus"
Transferência de energia do universo visível para o invisível
As experiências de Crookes
A alma astral: um centro de força
A manifestação da vontade e as forças psíquicas

CAPÍTULO VII

Os elementos, os elementais e os elementares. Atração e repulsão universal
Os fenômenos psíquicos dependem do meio físico
A alma do mundo e suas potencialidades
O poder da imaginação
As origens das manifestações mediúnicas
A lâmpada inextinguível, são obras da alquimia
A indestrutibilidade da matéria
A antiguidade e a teoria das correlações de forças
A universalidade da crença na magia

CAPÍTULO VIII

Alguns mistérios da natureza. A formação dos corpos celestes
A inquietação da matéria
O elemento radical das religiões antigas
Os deuses dos panteões: apenas forças naturais
As provas dos poderes mágicos de Pitágoras

Ísis Sem Véu - Capítulo I

Capítulo I

A "Infalibilidade" da ciência moderna: coisas novas com nomes velhos. A cabala oriental

Existem em algum lugar, neste vasto mundo, um livro antigo - tão antigo que os nossos modernos arqueólogos poderiam examinar-lhe as páginas durante um tempo infinito sem contudo chegarem a um acordo quanto à natureza do tecido sobre o qual ele foi escrito. É a única cópia original que existe atualmente. O mais antigo documento hebraico sobre a ciência secreta - a Siphra Dzeniouta foi compilado a partir desse livro, e isso numa época em que já o consideravam uma relíquia literária. Uma de suas ilustrações representa a Essência Divina emanada de Adão como um arco luminoso que tende a formar um círculo; depois de atingir o ponto mais alto dessa circunferência, a glória inefável endireita-se novamente, e volta à Terra, trazendo no vórtice um tipo superior de Humanidade. Quanto mais se aproxima de nosso planeta, mais a Emissão se torna sombria, até que, ao tocar o solo, ela é tão negra como a noite.

Os filósofos herméticos de todos os tempos têm sustentado a convicção, baseada, como alegam, em setenta mil anos de experiência, de que a matéria, devido ao pecado, torna-se, como o passar do tempo, mais grosseira e mais densa do que era quando da primitiva formação do homem; de que, no princípio, o corpo humano era de natureza semi-aérea; e de que, antes da queda, a humanidade comunicava-se livremente com os universos invisíveis. Mas, depois, a matéria tornou-se uma formidável barreira entre nós e o mundo dos espíritos. As mais antigas tradições esotéricas também ensinavam que, antes do Adão místico, muitas raças de seres humanos viveram e morreram, cada uma dando por sua vez lugar a outra. Teriam sido os tipos precedentes mais perfeitos? Teriam alguns deles pertencido à raça alada de homens mencionada por Platão no Fedro?

À medida que o ciclo prosseguia, os olhos dos homens foram mais e mais se abrindo, até o momento em que ele veio, tanto quanto os próprios Elohim (Elohim Deuses ou Senhores) são idênticos aos Devas, Dhyâni-Buddhas ou Homens celestes., a conhecer "o bem e o mal". Depois de alcançar o seu apogeu, o ciclo começa a retroceder. Quando o arco atingiu um certo ponto que o colocou em paralelo com a linha fixa de nosso plano terrestre, a Natureza forneceu ao homem "vestes de pele", e o Senhor Deus "os vestiu".

Essa crença na preexistência de uma raça mais espiritual do que aquela a que pertencemos atualmente pode ser reconstituída desde as mais antigas tradições de quase todos os povos. No antigo manuscrito quíxua, publicado por Brasseur de Bourbourg - o Popol Vuh - , os primeiros homens figuravam como uma raça dotada de razão e de fala, que possuía uma visão ilimitada e que conhecia de imediato todas as coisas. De acordo com Filon, o Judeu, o ar está repleto de uma hoste de espíritos invisíveis, alguns dos quais são livres do mal e imortais, e outros são perniciosos e mortais. "Dos filhos de EL nós descendemos, e filhos de EL voltaremos a ser." E a declaração inequívoca do gnóstico anônimo que escreveu O evangelho segundo São João, de acordo com a qual "todos os que O receberam", isto é todos os que seguiram praticamente a doutrina de Jesus, tornar-se-iam "filhos de Deus", aponta para a mesma crença. "Não sabeis que sois deuses?", exclamou o Mestre. Platão descreve admiravelmente no Fedro o estado anterior do homem, e aquele ao qual ele há de retornar: antes e depois da "perda das asas"; quando "ele vivia entre os deuses, e ele próprio era um deus no mundo aéreo". Desde a mais remota Antigüidade, as filosofias religiosas ensinaram que todo o universo estava repleto de seres divinos e espirituais de diversas raças. De uma delas, no correr do tempo, proveio ADÃO, o homem primitivo.

O progresso da humanidade caracterizado por ciclos

Para um homem de Ciência, recusar a oportunidade de investigar um novo fenômeno, venha este na forma de um homem da Lua, ou na de um fantasma da quinta de Eddy, é igualmente repreensível. Provenha este resultado do método de Aristóteles ou do método de Platão, não devemos nos demorar para investigá-lo; mas é um fato que as naturezas interna e externa do homem eram perfeitamente conhecidas pelos antigos andrólogos (que estudavam as ciências do homem). Sem embargo das hipóteses superficiais dos geólogos, estamos começando a recolher quase diariamente as provas que corroboram as asserções desses filósofos.

Eles dividiam os intermináveis períodos da existência humana sobre este planeta em ciclos, durante um dos quais a Humanidade gradualmente atingiu o ponto culminante da mais alta civilização e gradualmente recaiu no mais abjeto barbarismo. A altura à qual a raça, em sua fase progressiva, muitas vezes chegou, pode ser francamente presumida pelo maravilhoso monumento da Antigüidade, ainda visível, e pelas descrições dadas por Heródoto de outras maravilhas de que não restou nenhum traço. Mesmo em sua época as gigantescas estruturas de muitas pirâmides e de templos mundialmente famosos eram apenas montes de ruínas. Dispersados pela infatigável mão do tempo, eles foram descritos pelo Pai da História como "as testemunhas veneráveis da glória antiquíssima de ancestrais mortos". Ele "evita falar das coisas divinas" e dá à posteridade apenas uma descrição imperfeita de oitava de algumas extraordinárias câmaras subterrâneas do Labirinto, onde jaziam - e ainda jazem - ocultos os restos sagrados dos Reis Iniciados.

Podemos ainda fazer uma idéia da alta civilização atingida em alguns períodos da Antigüidade pelas descrições históricas da época dos ptolomeus, embora nesse tempo se considerasse que as artes e as ciências estavam em decadência, e que muitos dos seus segredos já perdidos. Nas recentes escavações de Mariette-bey, aos pés das pirâmides, estátuas de madeira e outras relíquias foram exumadas, mostrando que muito tempo antes das primeiras dinastias os egípcios tinham atingido uma perfeição e um refinamento artístico capazes de excitar a admiração dos mais ardentes apreciadores da arte grega. Bayard Taylor descreve tais estátuas numa de suas conferências, e conta-nos que a beleza das cabeças, ornamentadas com olhos de pedras preciosas e sobancelhas de cobre, é insuperável. Bem abaixo da camada de areia na qual repousavam os restos que figuram nas coleções de Lepsius, de Abbott e do Museu Britânico, encontram-se ocultas as provas tangíveis da doutrina hermética dos ciclos de que já falamos.

Todo verdadeiro savante admite que em muitos aspectos o conhecimento humano ainda está em sua infância. Será porque nosso ciclo começou numa época relativamente recente? Estes ciclos, segundo a filosofia caldaica, não abrangem toda a humanidade num único e mesmo tempo. O Prof. Draper confirma parcialmente esta teoria ao dizer que os períodos em que a Geologia "julga conveniente dividir o

progresso do homem na civilização não são épocas abruptas (intransponíveis) que se mantêm simultaneamente para toda a raça humana"; ele dá como exemplo os "índios nômades da América", que "só estão emergindo da idade da pedra". Assim, mais de uma vez os homens de Ciência confirmaram involuntariamente o testemunho dos antigos.

Qualquer cabalista que esteja a par do sistema pitagórico dos números e da Geometria pode demonstrar que as idéias metafísicas de Platão se basearam em princípios estritamente matemáticos. "As verdadeiras matemáticas", "são algo com que as ciências superiores têm estreita relação; as matemáticas ordinárias não passam de uma fantasmagoria ilusória, cuja tão louvada infalibilidade provém apenas disso - dos materiais, das condições e das referências em que elas se fundamentaram". Cientistas que acreditam adotaram o método aristotélico apenas porque se esquivam, quando não fogem, dos particulares demonstrados nos universais, glorificam o método da filosofia indutiva, e rejeitam o de Platão, que consideram insubstancial. O Prof. Draper lamenta que alguns místicos especulativos como Amônio Saca e Plotino tenham tomado o lugar "de muitos geômetras do antigo museu". Ele esquece que a Geometria, a única dentre todas as ciências a proceder dos universais para os particulares, foi precisamente o método empregado por Platão em sua filosofia. Desde que a ciência exata confirme as suas observações às condições físicas e proceda como Aristóteles, ela certamente não poderá errar. Mas embora o mundo da matéria seja iluminado para nós, ele ainda é finito; e assim o materialismo girará para sempre num círculo vicioso, incapaz de elevar-se acima do que a circunferência permitir. A teoria cosmológica dos números que Pitágoras aprendeu dos Hierofantes egípcios é a única capaz de reconciliar as duas unidades, matéria e espírito, e de fazer com que uma demonstre matematicamente a outra.

Os números sagrados do universo em sua combinação esotérica resolveram os grandes problemas e explicam a teoria da radiação e o ciclo de emanções. As ordens inferiores, antes de se transformarem nas ordens superiores, devem emanar das ordens espirituais superiores, e, ao chegarem ao ponto de retorno, devem reabsorver-se novamente no infinito. A Filosofia, como tudo neste mundo de constante evolução, está sujeita à revolução cíclica. Como ela parece atualmente emergir com dificuldades das sombras do arco inferior, um dia poderá ser demonstrando que ela atingiu o ponto mais alto da circunferência muito tempo antes da época de Pitágoras.

Ciência secreta antiga

Mochus, o Sidônio, fisiólogo e professor da ciência anatômica, floresceu muito antes do Sábio de Samos - antes da época de Tróia -; e este recebeu as instruções sagradas dos discípulos e descendentes daqueles. Pitágoras, o filósofo puro, versado profundamente nos maiores fenômenos da Natureza, nobre herdeiro das tradições antigas, cuja grande contribuição foi libertar a alma dos grilhões dos sentidos e força-la a realizar os seus poderes, deverá viver eternamente na memória humana. A doutrina de Metempsicose - É a passagem da alma de um estado de existência para outro.- foi amplamente ridicularizada pelos homens da Ciência e rejeitada pelos teólogos; entretanto, se ela fosse convenientemente compreendida em sua aplicação à indestrutibilidade da matéria e à imortalidade do espírito, ter-se-ia reconhecido que ela é uma concepção sublime. Não deveríamos estudar a questão colocando-nos no ponto de vista dos antigos, antes de nos aventurarmos a desacreditar os seus mestres? A solução do grande problema da eternidade não diz respeito nem à superstição religiosa nem ao materialismo grosseiro. A harmonia e a uniformidade matemática da dupla evolução - espiritual e física - foram elucidadas exclusivamente nos números universais de Pitágoras, que construiu seu sistema inteiramente com base na chamada "fala métrica" dos Vedas hindus. Foi só recentemente que um dos mais zelosos eruditos sanscritistas, Martin Haug, empreendeu a tradução do Aitareya-Brâhmana do Rig-Veda, que era até então completamente desconhecido; estas explicações estabelecem, incontestavelmente, a identidade entre os sistemas pitagórico e bramânico. Em ambos, a significação esotérica deriva do número: no primeiro, da relação mística de cada número com tudo que é inteligível para a mente do homem; no segundo, do número de sílabas com que cada verso dos Mantras é formado. Platão, ardente discípulo de Pitágoras, adotou tão completamente este sistema a ponto de sustentar que o dodecaedro foi a figura geométrica empregada pelo Demiurgo - ou Artífice; o supremo Poder que construiu o Universo.- para edificar o universo. Algumas dessas figuras tinham uma significação particularmente solene. Por exemplo, o número quatro, de que o dodecaedro é triplo, era tido como sagrado pelos pitagóricos. É o quadrado perfeito e nenhuma das linhas que o limitavam cruza outra em qualquer ponto. É o problema da justiça moral e da equidade divina geometricamente expressas. Todos os poderes e todas as grandes harmonias da natureza física e espiritual repousam no quadrado perfeito, e o nome inefável daquele que, de outro modo, permaneceria indizível era substituído pelo número sagrado "4", o mais inviolável e solene juramento entre os antigos místicos - a Tetraktys.

Se a metempsicose pitagórica pudesse ser completamente explicada e comparada com a moderna teoria da evolução, seria possível suprir todos os "elos perdidos" da corrente desta última.

O valor inestimável dos vedas

Nos vedas, por exemplo, encontramos prova positiva de que já em 2000 a.C. os sábios hindus e os eruditos devem ter tido conhecimento da rotundidade de nosso globo e do sistema heliocêntrico. Eis por que Pitágoras e Platão tão bem conheceram esta verdade astronômica; pois Pitágoras obteve seu conhecimento na Índia, ou de homens que lá estiveram, e Platão repetia fielmente os seus ensinamentos.

Há fatos que provam que certos cálculos astronômicos eram tão corretos entre os caldeus da época de Júlio César como o são hoje. Quando o calendário foi reformado pelo Conquistador, descobriu-se que o ano civil se coadunava tão pouco com as estações, que o verão adentrava pelos meses de outono e os meses de outono por todo o inverno. Foi Sosígenes, o astrônomo caldeu, quem restabeleceu a ordem na confusão, recuando em noventa dias o dia 25 de Março, e assim fazendo este dia corresponder ao equinócio da primavera; e foi Sosígenes ainda que fixou a duração dos meses tal como ela existe ainda hoje.

Na América, o exército de Montezuma descobriu que o calendário dos astecas concedia um número igual de dias e de semanas a cada mês. A extrema correção de seus cálculos astronômicos era tão grande, que nenhum erro foi neles descoberto durante as verificações posteriores, ao passo que os europeus que desembarcaram no México em 1519 estavam, graças ao calendário juliano, aproximadamente dez dias adiantados em relação ao tempo correto.

É às traduções escrupulosas e inestimáveis dos livros védicos e às pesquisas pessoais do Dr. Haug, que devemos a corroboração das pretensões dos filósofos herméticos. Pode-se facilmente provar a época de Zaratusta Spitama (Zoroastro) é de uma antigüidade incalculável. Os brâmanas, aos quais Haug atribui quatro mil anos, descrevem a disputa religiosa entre os antigos hindus que viveram no período pré-védico e os iranianos. Os combates entre os devas e os asuras - os primeiros representando os hindus e os últimos os iranianos - são minuciosamente descritos nos livros sagrados.

A doutrina da metempsicose

Não houve um só filósofo de alguma notoriedade que não tenha sustentado a doutrina da metempsicose - tal como foi ensinada pelos brâmanes, pelos budistas e mais tarde pelos pitagóricos, em seu sentido esotérico -, quer ele a tenha ou não expresso de maneira inteligível. Orígenes e Clemente de Alexandria, Sinésio e Calcídio, todos acreditavam nela; e os gnósticos, reconhecidos incontestavelmente pela História como um grupo de muito refinados, eruditos e esclarecidos homens, todos professavam a crença na metempsicose. Sócrates comungava doutrinas idênticas às de Pitágoras; e ambos, para expiar a sua filosofia divina, morreram de morte violenta. O vulgo sempre foi o mesmo em todos os tempos. O materialismo foi e será sempre cego às verdades espirituais. Esses filósofos sustentavam, como os hindus, que Deus infundiu na matéria uma porção de seu próprio Espírito Divino, que anima e move cada uma das partículas. Eles ensinavam que o homem tem duas almas, de natureza diversa e totalmente distinta: uma perecível - a Alma Astral, ou o corpo fluídico interno - e outra incorruptível e imortal - a Augoeides, ou porção do Espírito Divino; que a alma astral ou mortal morre a cada mudança gradual no limite de toda nova esfera, tornando-se com cada transmigração mais purificada. O homem astral, por mais intangível e invisível que possa ser aos nossos sentidos mortais e terrestres, é ainda constituído de matéria, embora sublimada. Aristóteles acreditava que as almas humanas são emanções de Deus e que elas são finalmente reabsorvidas na Divindade. Zenão, o fundador do Estoicismo, ensina que existem "duas qualidades eternas em toda a natureza; uma, ativa, ou masculina, e outra, passiva, ou feminina: a primeira é éter puro e sutil, ou Espírito Divino; a outra é em si mesma totalmente inerte até a sua união com o princípio ativo. O Espírito Divino, ao agir sobre a matéria, produz o fogo, a água, a terra e o ar; e é o único princípio motor de toda a natureza. Os estóicos, como os sábios hindus, acreditavam na absorção final. São Justino acreditava que as almas emanam do seio da divindade, e Tatiano, o Assírio, seu discípulo, declarava que "o homem é tão imortal quanto o próprio Deus".

O versículo profundamente significativo do Gênese: "E a todos os animais da terra e a todas as aves dos céus e a todos os répteis da terra eu dei uma Alma Viva (...)" deveria chamar a atenção de todos os eruditos hebreus capazes de ler a Escritura no original, e demovê-los de seguir a tradução errada, na qual se lê: "em que há vida" (Gênese, I, 30.) Desde o primeiro capítulo até o último, os tradutores dos Livros Sagrados judaicos interpretaram mal este significado. Eles mudaram a ortografia do nome de Deus, como prova Sir W. Drummond. Assim, El se corretamente escrito, deveria ler-se Al, e, segundo Higgins, esta palavra significa o deus Mitra, o Sol, o conservador e o salvador. Sir W. Drummond mostra que Beth-El significa a Casa do Sol. " Foi assim que a Teologia desfigurou a antiga Teosofia e a Ciência, a antiga Filosofia. Por não compreendermos este grande princípio filosófico, os métodos da Ciência moderna, embora exatos, a nada levarão. Não há um só de seus ramos que possa demonstrar a origem e o fim das coisas. Em vez de investigar o efeito a partir de sua fonte primeiro, o seu progresso se dá ao inverso. Os tipos superiores, como ele ensina, resultam da evolução dos tipos inferiores. Ela parte do fundo do ciclo, conduzida passo a passo no grande labirinto da natureza por um fio de matéria. Assim que este se rompe e a pista se perde, ela recua, assustada, diante do Incompreensível, e confessa a sua impotência. Não procediam assim Platão e seus discípulos. Para eles, os tipos inferiores são simplesmente as imagens concretas dos tipos abstratos superiores. A alma, que é imortal, tem uma origem aritmética, assim como o corpo tem uma origem geométrica. Esta origem, enquanto reflexo do grande ARCHAEUS universal, é dotada de movimento próprio e difunde-se a partir do centro sobre cada corpo do microcosmos.

A figura geométrica fundamental da Cabala - essa figura que a tradição e as doutrinas esotéricas nos dizem ter sido dada pela própria Divindade a Moisés no Monte Sinais (Êxodo, xxv, 40 - "Cuida para que se execute este trabalho segundo o modelo que te mostrei no monte") - contém em sua grandiosa, porque simples, combinação a chave do problema universal. Essa figura contém em si todas as outras. Para aqueles que são capazes de dominá-la, não há necessidade de exercitar a imaginação. Nenhum microscópio pode ser comparado à intensidade de percepção espiritual.

Das doutrinas do espiritualismo

As doutrinas fundamentais do Espiritualismo, diz Huxley, "estão fora dos limites da investigação filosófica". Seremos bastantes audazes para contradizer tal asserção, e dizemos que elas estão muito mais dentro desses limites do que o protoplasma de Huxley. Ainda mais que elas oferecem fatos palpáveis e evidentes da existência do espírito, e as células protoplasmáticas, uma vez mortas, não apresentam absolutamente nada das origens ou das bases da vida, como este autor, um dos poucos "pensadores de proa do presente", nos quer fazer acreditar. Os antigos cabalistas não se demoravam numa hipótese, se a base desta não estivesse estabelecida sobre a rocha sólida das experiências comprovadas. Mas a exagerada subordinação aos fatos físicos ocasiona a pujança do materialismo e a decadência da espiritualidade e da fé. Ao tempo de Aristóteles, era essa a tendência de pensamento dominante. E embora o preceito delfico ainda não tivesse sido completamente eliminado do pensamento grego, e alguns filósofos ainda sustentassem que "para saber o que o homem é, devemos saber o que o homem foi, o materialismo já tinha começado a corroer a fé pela raiz. Os próprios mistérios haviam se degenerado ao extremo em meras especulações sacerdotais e fraudes religiosas. Poucos eram os verdadeiros adeptos e iniciados, os herdeiros e os descendentes daqueles que foram dispersados pelas espadas conquistadoras de vários invasores do Antigo Egito.

O tempo predito pelo Hermes em seu diálogo com Esculápio tinha deveras chegado; o tempo em que estrangeiros ímpios iriam acusar o Egito de adorar monstros, em que nada iria sobreviver de suas instituições, a não ser as inscrições gravadas na pedra sobre os monumentos - enigmas incríveis para a posteridade. Seus escribas e seus hierofantes erravam sobre a Terra. Obrigados pelo medo da profanação dos santos mistérios a procurar refúgio entre as confrarias herméticas - conhecidas mais tarde sob o nome de essênios, seus conhecimentos esotéricos foram então mais do que nunca sepultados profundamente. A espada triunfante do discípulo de Aristóteles removera de sua trilha de conquista todo vestígio de uma outrora pura religião, e o próprio Aristóteles, tipo e protótipo de sua época, embora instruído na ciência secreta dos egípcios, pouco conheceu desses soberano redundados de milênios esotéricos.

Nossa ciência moderna reconhece um Poder Supremo, de um Deus pessoal. Logicamente, pode-se contestar que existe uma diferença entre as duas idéias, pois, no presente caso, o Poder e o Ser são idênticos. A razão humana imagina com dificuldade um Poder Supremo inteligente, se não o associa à idéia de um Ser Inteligente. Não esperamos que as massas ignorantes tenham uma clara concepção da onipotência e da onipresença de um Deus Supremo sem dotar tais atributos de uma gigantesca projeção

de sua própria personalidade. Mas os cabalistas jamais consideraram o invisível UNSOPH EN-SOPH, O infinito ou ilimitado. senão como um Poder.

A magia vista sempre como uma Ciência Divina

Maimônides, o grande teólogo e historiador judeu que, numa certa época, foi quase deificado por seus concidadãos e, mais tarde, tratado como herético assinala que quanto mais o Talmud parece absurdo e vazio de sentido, mais sublime é o seu significado secreto. Este homem sábio demonstrou vitoriosamente que a Magia Caldaica, a ciência de Moisés e de outros sábios taumaturgos, baseava-se totalmente num extenso conhecimento dos diversos e hoje esquecidos ramos da ciência natural. Perfeitamente a par dos recursos dos reinos vegetal, animal e mineral, versados na Química e na Física ocultas, psicólogos e fisiólogos, por que ficarmos espantados se os iniciados e os adeptos instruídos nos santuários misteriosos dos templos podiam operar maravilhas que, mesmo em nossos dias esclarecidos, parecem sobrenaturais? É um insulto à natureza humana difamar a Magia e as ciências ocultas tratando-as como imposturas. Acreditar que durante tantos milhares de anos uma metade do gênero humano praticou o embuste e a fraude com a outra metade equivalente a dizer que a raça humana é composta quase exclusivamente de malfetores e de idiotas incuráveis.

Nos mais antigos documentos que hoje possuímos - os Vedas e as Leis de Manu, mais antigas ainda -, encontramos muitos ritos mágicos praticados e permitidos pelos brâmanes. O Tibete, o Japão e China ensinam até hoje o que ensinavam os antigos caldeus. O clero desses respectivos países prova, além disso, o que eles ensinam, ou seja: que a prática da pureza moral e física, e de algumas austeridade, desenvolve o poder total da alma para a auto-iluminação. Concedendo ao homem o controle sobre o seu próprio espírito mortal, tais práticas lhe dão verdadeiro poder sobre os espíritos elementares que lhe são inferiores. No Ocidente, descobriremos que a Magia remonta a uma época tão recuada como a do Oriente. Os druidas da Grã-Bretanha a praticavam nas criptas silenciosas de suas grutas profundas; e Plínio consagrava mais de um capítulo à "sabedoria" dos líderes celtas. Os semoteus - os druidas gálicos - professavam tanto as ciências espirituais como as ciências físicas. Eles ensinavam os segredos do universos, a marcha harmoniosa dos corpos celestes, a formação da Terra e, sobretudo, a imortalidade da alma. Em seus bosques sagrados - academias naturais construídas pela mão do Arquitecto Invisível - os iniciados se reuniam, na hora tranqüila da meia-noite, para aprender o que o homem foi e o que será. Não precisavam de iluminação artificial, nem de gás malsão, para alumiar os seus templos, pois a casta deusa da noite projetava os raios mais prateados sobre as suas cabeças coroadas de folhas de carvalho; e os bardos sagrados vestidos de branco sabiam como conversar com a rainha solitária da voluta estrelada.

A Magia é tão antiga quanto a Humanidade. É tão impossível indicar a época de seus início como fixar o dia em que o primeiro homem nasceu. Consideraram alguns que Odin, o sacerdote e monarca escandinavo, teria dado início à prática da Magia por volta de setenta anos antes da era cristã. Mas demonstrou-se facilmente que os ritos misteriosos das sacerdotisa chamadas voliers, valas, eram muito anteriores a essa época. Alguns autores modernos procuraram provar que Zoroastro foi o fundador da Magia, porquanto foi ele o fundador da religião dos magos. Amiano Marcelino, Arnóbio, Plínio e outros historiadores antigos demonstraram conclusivamente que ele foi apenas um reformador da arte mágica tal como era praticada pelos caldeus e pelos egípcios.

A linguagem simbólica usada nos livros antigos. Os fenômenos mediúnicos

Os maiores professores de Teologia concordam em reconhecer que todos os livros antigos foram escritos simbolicamente e numa linguagem inteligível apenas aos iniciados. O esboço biográfico de Apolônio de Tiana é um exemplo disso. Como qualquer cabalista o sabe, tal esboço enfeixa toda a Filosofia Hermética e forma, em muitos aspectos, a contrapartida das tradições que nos foram deixadas pelo rei Salomão. Ele se assemelha a um conto de fadas, mas, como no caso deste, às vezes os fatos e os acontecimentos históricos são apresentado ao mundo sob as cores da ficção. A viagem à Índia representa alegoricamente as provas de um neófito. Seus longos diálogos com os brâmanes, os sábios conselhos destes e os diálogos com o corinto Menipo, se interpretados, reproduziriam o catecismo esotérico. Sua visita ao império dos sábios, sua entrevista com o rei Hiarchas, o oráculo de Anfiarau, explicam de maneira simbólica muitos dos dogmas secretos de Hermes. Bem compreendidos, eles nos abririam alguns dos segredos mais importantes da natureza. Éliphas Lévi assinala a grande semelhança que existe entre o rei Hiarchas e o fabuloso Hiram, de quem Salomão obteve os cedros do Líbano e o ouro de Ofir. Assim, os babilônios determinaram a duração do ano tropical com um erro de 25 segundos; seu cálculo do ano sideral acusa a diferença de apenas dois segundos a mais. Eles descobriram a precessão dos

equinócios. Conheciam as causas dos eclipses e, com a ajuda de seu ciclo, chamado saros, podiam predizê-los. Seus cálculos do valor desse ciclo, que compreendia mais de 6.585 dias, tinha um erro de dezenove minutos e trinta segundos".

"Tais fatos fornecem a prova irrefutável da paciência e da habilidade com as quais a Astronomia foi cultivada na mesopotâmia e de que, apesar dos instrumentos inadequados, esta ciência atingiu um perfeição que não se deve desprezar. Esses antigos observadores fizeram um catálogo das estrelas, dividiram o zodíaco em doze signos; separaram o dia e a noite em doze horas. Devotaram-se, por longo tempo, como diz Aristóteles, à observação das ocultações das estrelas pela Lua. Corrigiram as idéias a respeito da estrutura do sistema solar, e conheceram a ordem de localização dos planetas. Construíram relógios solares, clepsidras, astrolábios, gnomos."

Falando do mundo das verdades eternas que se ocultam "no mundo das ilusões transitórias e das não-realidades", diz o Prof. Draper: "Esse mundo não será descoberto graças às vãs tradições que nos transmitiram a opinião dos homens que viveram nos albores da civilização, nem no sonhos dos místicos que se acreditavam inspirados. Ele será descoberto através das investigações da Geometria, e das interrogações práticas à Natureza. Exatamente. A conclusão não poderia estar mais bem expressa. Esse eloqüente escritor fala-nos uma verdade profunda. Contudo, ele não nos fala toda a verdade, pois não a conhece. Ele não descreveu a natureza e a extensão dos conhecimentos ensinados nos mistérios. Nenhum povo posterior foi tão proficiente na Geometria quanto os construtores das pirâmides e de outros monumentos gigantescos antediluvianos e pós-diluvianos. Por outro lado, ninguém jamais os igualou na interrogação prática à Natureza. Uma prova inegável disso é o significado de seus incontáveis símbolos. Cada um desses símbolos é uma idéia concretizada - que combina a concepção do Divino Invisível com o terreno e o visível. Um deriva do outro, por analogia, de acordo com a fórmula hermética - "como embaixo, assim é em cima". Seus símbolos mostram grande conhecimento das ciências naturais e um estudo prático do poder cósmico.

Schweigger prova que os símbolos de todas as mitologias têm base e essência científicas. Foi apenas através das recentes descobertas das forças físicas eletromagnéticas da Natureza que alguns entendidos em Mesmerismo, como Ennemoser, Schweigger e Bart, na Alemanha, o Barão Du Potet e Regazzoni, na França e na Itália, conseguiram estabelecer, com rigorosa precisão, a verdadeira correlação que existe entre cada Theomýthos e uma dessas forças. O dedo idéico, que tanta importância teve na arte mágica de curar, consiste num dedo de ferro que é alternativamente atraído e repellido por forças magnéticas naturais. Na Samotrácia, ele produziu prodígios de cura, devolvendo os órgãos afetados ao seu estado normal.

Bart vai mais longe do que Schweigger, ele trata extensamente dos dáctilos frígios, esses "mágicos e exorcistas das doenças", e dos teurgistas cabírios. E diz: "Enquanto tratamos da íntima união dos dáctilos com as forças magnéticas, não nos limitamos necessariamente à pedra magnética e nossas idéias a respeito da Natureza não fazem mais do que uma vista d'olhos sobre o magnetismo em conjunto. Assim se compreende, então, como os iniciados, que a si próprios se chamavam dáctilo, despertam o assombro das gestantes com as suas artes mágicas, operando, como fizeram, milagres de natureza curativa. A isto eles próprios acrescentaram muitos outros conhecimentos que o clero da Antigüidade tinha o hábito de praticar: o cultivo da terra e da moralidade, o progresso da arte e da ciência, os mistérios e as consagrações secretas. Tudo isso foi feito pelos sacerdotes cabírios, " e por que não guiados e ajudados pelos misteriosos espíritos da Natureza?" Schweigger é da mesma opinião, e demonstra que os fenômenos da antiga teurgia eram produzidos por poderes magnéticos "sob a orientação dos espíritos".

Apesar do seu aparente politeísmo, os antigos - pelo menos os das classes esclarecidas - eram totalmente monoteístas; e isso, séculos e séculos antes dos dias de Moisés. Nos Papiros de Ebers esse fato é mostrado de maneira definitiva nas seguintes palavras, traduzidas das primeiras quatro linhas da Lâmina I: "Eu vim de Heliópolis com os grandes seres de Het-aat, os Senhores da Proteção, os mestres da eternidade e da salvação. Eu vim de Sais com as Deusas-Mães, que me protegeram. O Senhor do Universo disse-me como libertar os deuses de todas as doenças mortais". Os homens eminentes eram chamados de deuses pelos antigos.

Ninguém contesta o mérito de Champollion como egiptólogo. Ele declara que tudo faz crer que os antigos egípcios eram profundamente monoteístas. E confirma em seus mínimos detalhes a exatidão das obras do misterioso Hermes Trimegistro, cuja antigüidade se perde na noite dos tempos. Ennemoser diz também: "Heródoto, Tales, Parmênides, Empédocres, Orfeu e Pitágoras foram ao Egito e

ao Oriente a fim de se instruírem na Filosofia Natural e na Teologia". Foi lá também que Moisés adquiriu seus conhecimentos, e Jesus passou os primeiros anos de sua vida. Lá se reuniam os estudantes de todas as nações antes da fundação de Alexandria. "Por que razão", acrescenta Ennemoser, "se veio o conhecer tão pouco dos mistérios? A resposta está no silêncio universalmente rigoroso do iniciado. Outra causa se acha na destruição e perda completa de todos os relatos escritos do conhecimento secreto da mais remota Antigüidade."

Os livros de Numa, descritos por Tito Lívio, que consistiam de tratados sobre a Filosofia Natural, foram encontrados em seu túmulo; não se permitiu divulgá-los, por receio de que revelassem os mais secretos mistérios da religião do Estado. O senado e os tribunos do povo determinaram que esses livros fossem queimados e tal decisão foi publicamente executada.

A Magia era considerada uma ciência divina que permitia a participação nos atributos da própria Divindade. "Ela desvenda as operações da Natureza", diz Filon, o Judeu, "e conduz à contemplação dos poderes celestiais". Mais tarde, o abuso e a sua degeneração em feitiçaria a transformaram num objeto de abominação geral. Devemos, por isso, considerá-la apenas como era no passado remoto, quando toda religião verdadeira se baseava no conhecimento das forças ocultas da Natureza. Não foi a classe sacerdotal da Pérsia antiga que instituiu a Magia, como se acreditava comumente, mas sim os magi, que dela derivam o nome. Os mobeds, sacerdotes dos pãrsis - os antigos ghebers -, chamam-se, ainda hoje, magoï, no dialeto dos pehlvis. A Magia surgiu no mundo com as primeiras raças de homens. Cassino menciona um tratado, muito conhecido nos séculos IV e V, que se atribuía a Cam, o filho de Noé, que por sua vez o teria recebido de Jared, a quarta geração após Seth, o filho de Adão.

Moisés devia seus conhecimentos à mãe da princesa egípcia Termutis, que o salvou das águas do Nilo. A mulher do Faraó, Batria, era ela própria uma iniciada e os judeus lhe deram a guarda de seu profeta, "educado em toda a ciência dos egípcios e poderoso em palavras e ações". Justino, o Mártire, baseando-se na autoridade de Trogo Pompeu, apresenta José como alguém que adquiriu um grande conhecimento das artes mágicas entre os sacerdotes do Egito.

Origines, que pertenceu à escola platônica de Alexandria, declara que Moisés, além dos ensinamentos da aliança, divulgou alguns importantíssimos segredos "provindos das profundezas mais ocultas da lei" aos setenta anciãos. Ele lhes ordenou que transmitissem tais segredos apenas àqueles que julgassem dignos. O clero das três principais igrejas cristã, a grega, a romana e a protestante, confunde-se com todos os fenômenos espirituais que se manifestam através dos chamados "médiuns". E de fato há não muito tempo as duas últimas igrejas queimaram, enforcaram e de muitas maneiras assassinaram todas as vítimas indefesas através de cujos corpos os espíritos - e às vezes as forças cegas ainda inexplicadas da Natureza - se manifestavam. À testa das três igrejas, sobressai a Igreja de Roma. Ela está pronta e ansiosa para recomençar. Mas os seus pés e mãos estão atados pelo espírito de progresso e de liberdade religiosa do século XIX que ela condena e amaldiçoa diariamente. A Igreja grego-russa é a mais doce e a mais cristã em sua simples e primitiva, ainda que cega, fé. Os fenômenos mediúnicos ocorreram em todos os tempos, na Rússia como em outros países. Essa força ignora diferenças religiosas, ri-se das nacionalidades e invade, sem convite, qualquer individualidade, seja esta a de uma cabeça coroada ou a de um pobre mendigo.

O Príncipe de Hohenlohe, tão célebre durante o primeiro quarto deste século por seus poderes de cura, era um grande médium. De fato, esses fenômenos e poderes não pertencem a nenhum país em particular. Fazem parte dos atributos psicológicos do homem - o microcosmo.

A divisão da história da humanidade em ciclos

Para demonstrar que as nações sustentadas pelos antigos a respeito da divisão da História humana em ciclos não careciam inteiramente de bases filosóficas, apresentaremos ao leitor uma das mais antigas tradições da Antigüidade concernentes à evolução de nosso planeta. Ao término de cada "grande ano", que Aristóteles - de acordo com Densorino - chamava o maior, e que consiste de seus sars (BERROSO, Astrólogo CALDEU, FIXA A DURAÇÃO DE UM SAR, EM 3.600 ANOS.), nosso planeta está sujeito a uma completa revolução física. Os climas polares e equatoriais mudam gradualmente de lugar. Os primeiros avançam lentamente para a linha equatorial, e a zona equatorial (com sua vegetação exuberante e seus enxames de vida animal) toma o lugar dos desertos gelados dos pólos. Essa mudança de clima é necessariamente acompanhada por cataclismos, tremores de terra e outras convulsões cósmicas. (Antes de rejeitarmos essa teoria por mais tradicional que seja -, os Cientistas deveriam explicar por que, ao fim do

Período Terciário, o hemisfério norte sofreu uma redução de temperatura de tal ordem que transformou completamente a zona tórrida num clima siberiano. Tenhamos em mente que o sistema Heliocêntrico nos vem da Índia setentrional; e que os germes de todas as grandes verdades astronômicas foram trazidos de lá por Pitágoras. Como não temos uma demonstração matemática correta, uma Hipótese é tão boa quanto a outra.)

Visto que os leitos dos oceanos se deslocam, ao final de cada decamilênio e por volta de um Neros, ocorre um dilúvio semi-universal como o dilúvio legendário de Noé. Os gregos chamavam esse ano de heliaco, mas ninguém, fora do santuário, tinha com detalhes uma idéia exata de sua duração. O inverno desse ano chamava-se cataclismo ou dilúvio - o verão, ecpyrosus. As tradições populares ensinam que durante essas estações o mundo é alternativamente queimado e depois inundado. Isso é pelo menos o que ensinam os Fragmentos astronômicos de Censorino e Sêneca. A incerteza dos comentadores a respeito da duração desse ano era tanta que nenhum deles exceto Heráclito e Lino, que lhe atribuíram, o primeiro 10.800 anos e o segundo 13.984 anos, se aproximou da verdade. De acordo com a opinião dos sacerdotes babilônicos, corroborada por Eupolemo, "a cidade de Babilônia foi fundada pelos que se salvaram da catástrofe do dilúvio; eram os gigantes, e construíram a torre de que se fala na História". Esses gigantes, que eram grandes astrólogos e receberam de seus pais, "os filhos de Deus", uma completa instrução nas coisas secretas, instruíram por sua vez, os sacerdotes a deixarem nos templos todos os registros do cataclismo periódico de que eles próprios eram testemunhas. Foi assim que os altos sacerdotes chegaram ao conhecimento dos grandes anos. Quando lembramos, além disso, que Platão no Timeu fala de um velho sacerdote egípcio que representa a Sólon por ignorar o fato de que houve vários desses dilúvios, como o grande dilúvio de Ogyges, podemos facilmente compreender que essa fé no heliakos era uma doutrina sustentada pelos sacerdotes iniciados de todo o mundo.

Os Neros, o Brihaspati ou os períodos chamados yugas (A milésima parte de um Kalpa. Uma das quatro idades do Mundo e cuja série continua em sucessão durante o ciclo o ciclo Manvantárico. [Ou kalpas Noite de período de uma revolução do mundo, geralmente um ciclo de tempo, porém comumente representa um "Dia e uma Noite" de Brahma, um Período de 4.320 milhões de anos.], são problemas vitais a resolver. O Satya-yuga e os ciclos budistas de cronologia se traduzem por números que fariam arrepiar um matemático. O Mahâ-kalpa ("Grande era". "Ou "GRANDE CICLO".) abarca um número incontável de período que remontam a muito antes das eras antediluvianas. Como nosso planeta gira todos os anos uma vez em redor do Sol e ao mesmo tempo uma vez a cada vinte e quatro horas sobre o seu próprio eixo, atravessando assim círculos menores dentro de outro maior, a obra dos períodos cíclicos menores se cumpre e se reinicia nos limites do Grande Saros (GRANDE CICLO). A revolução do mundo físico, segundo a antiga doutrina, é acompanhada de uma revolução análoga no mundo do intelecto - uma vez que tanto o mundo espiritual como o físico caminham por ciclos.

Vemos, dessarte, na História, uma sucessão alternada de fluxos e de refluxo na maré do progresso humano. Os grandes reinos e impérios do mundo, depois de atingirem o ponto culminante de sua grandeza, declinam, de acordo com a mesma lei que os faz acenderem; até que, ao atingir o ponto mais baixo, a Humanidade se reafirma e sobe novamente, e a altura de seu esforço, devido a essa lei de progresso ascendente por ciclos, é um pouco mais elevada do que o ponto do qual ela tinha antes descido. A divisão da História da Humanidade em Idades do Ouro, da Prata, do Cobre e do Ferro não é uma ficção. Vemos o mesmo fenômeno reproduzir-se na literatura dos povos. Uma idade de grande inspiração e de produção inconsciente é invariavelmente seguida de uma idade de crítica e de consciência. Uma fornece os materiais para o intelecto analítico e crítico da outra.

Assim, todas as grandes personalidades que se erguem como gigantes na história do gênero humano, como Buddha-Siddharta, e Jesus, no reino das conquistas espirituais, bom como Alexandre, o Macedônio, e Napoleão, o Grande, no reino das conquistas físicas, são apenas imagens refletidas de tipos humanos que viveram há dez mil anos, no decemilênio precedente, reproduzidas pelos misteriosos poderes que controlam os destinos de nosso mundo. Não existe uma única personalidade proeminente nos anais da história sagrada ou profana cujo protótipo não se possa encontrar nas tradições, metade fictícias, metade reais, das religiões e das mitologias de outrora. Tal como a estrela que, brilhando a uma distância incomensurável acima de nossas cabeças, na imensidade sem limites do céu, se reflete nas águas límpidas de um lago, assim a imagem dos homens antediluvianos se reflete nos períodos que podemos enfeixar num retrospecto histórico. " Como em cima, assim é embaixo. O que foi retornará novamente. Como no céu, assim na terra." É pois, sem dúvida, apenas à Antiguidade que devemos nos dirigir para conhecer a origem de todas as coisas.

O anseio do homem pela imortalidade

A natureza humana é como a Natureza universal em seu horror ao vácuo. Ela sente uma aspiração intuitiva pelo Poder Supremo. Sem um Deus, o cosmo lhe pareceria semelhante a um mero cadáver sem alma. Proibido de buscá-lo onde apenas os Seus vestígios seriam encontrados, o homem preencheu o penoso vazio com o Deus pessoal que os seus mestres lhe edificaram com as ruínas esparsas dos mitos pagãos e com as filosofias encanecidas da Antigüidade. A Humanidade tem uma necessidade inata e irrefreável que deve ser satisfeita em qualquer religião que suplante a teologia dogmática indemonstrada e indemostrável de nossos séculos cristãos. Trata-se do anseio pelas provas da imortalidade.

Muitos sacerdotes cristão foram forçados a reconhecer que não existe uma fonte autêntica da qual a certeza numa existência futura possa ser extraída pelo homem. Como poderia, então, ter-se mantido essa crença, durante séculos incontáveis, senão porque, entre todas as nações, civilizadas ou bárbaras, homens forneceram as provas demonstrativas? Os maiores pensadores da Grécia e de Roma consideravam tais "aparições espectrais" como fatos demonstrados. Eles distinguiram as aparições pelos nomes de manes, anima e umbra: os manes descem, após a morte do indivíduo, ao mundo inferior; a anima, ou espírito puro, sobe ao céu; e a umbra (o espírito ligado a Terra), sem repouso, vaga ao redor de seu túmulo, já que a atração da matéria e a afeição pelo seu corpo nele predominam e lhe impedem a ascensão às regiões superiores. Mas todas essas definições devem ser submetidas à cuidadosa análise da Filosofia. Muitos de nossos pensadores não consideram que as numerosas modificações na linguagem, a fraseologia alegórica e a evidente discrição dos antigos escritores místicos, que eram obrigados a jamais divulgar os segredos solenes do santuário, puderam infelizmente iludir os tradutores e comentadores.

O esquecimento e a recusa dessas provas conduziram algumas mentes elevadas como Hare e Wallace, e outros homens de poder, para o rebanho do moderno espiritualismo. Ao mesmo tempo, compeliram outros, congenitamente desprovidos de intuições espirituais, para um materialismo grosseiro que figura sob vários nomes. O momento é mais oportuno do que nunca para revisar as filosofias antigas. Arqueólogos, filósofos, astrônomos, químicos e físicos estão cada vez mais se aproximando do ponto em que serão forçados a levá-las em consideração. A ciência física já atingiu os seus limites de exploração; a teologia dogmática vê secarem as suas fontes de inspiração. A menos que os sinais nos enganem, aproxima-se o dia em que o mundo receberá as provas de que apenas as religiões antigas estavam em harmonia com a Natureza, e de que a ciência abarcava tudo o que pode ser conhecido. Segredos longamente mantidos poderão ser revelados, livros longamente esquecidos e artes, durante muito tempo perdidas, poderão ser novamente trazidos à luz; papiros e pergaminhos de importância inestimável surgirão nas mãos de homens que pretenderão tê-los desenrolado das múmias, ou tê-los encontrado nas criptas soterradas; tábuas e colunas, cujas revelações esculpidas desconcertarão os teólogos e confundirão os cientistas, poderão ser desterradas e interpretadas. Quem conhece as possibilidades do futuro? Uma era de desilusão e de reconstrução vai começar - não, já começou. O ciclo quase cumpriu o seu curso; um novo ciclo está prestes a começar, e as futuras páginas da história do homem não só conterão a plena evidência, como também conduzirão à plena prova de que: "Se devemos acreditar em algo dos ancestrais É que os espíritos desceram para conversar com o homem, e lhes revelaram segredos do mundo desconhecido."

Ísis Sem Véu - Capítulo II

Capítulo II

Fenômenos e forças: o homem e as influências dominantes

Basta ao homem saber que ele existe? Basta que se forme um ser humano para que mereça o nome de HOMEM? É nossa firme opinião e convicção de que para ser uma genuína entidade espiritual, na verdadeira acepção da palavra, o homem deve inicialmente, por assim dizer, criar-se de novo - isto é, eliminar por completo de sua mente e de seu espírito não só a influência dominante do egoísmo e de outras impurezas, mas também a infecção da superstição e do preconceito. O preconceito difere bastante do que comumente chamamos antipatia. No princípio, somo irresistível e energicamente arrastados à sua roda negra pela influência peculiar, pela poderosa corrente de magnetismo que emana tanto das idéias como dos corpos físicos. Somos cercados por ela, e finalmente impedidos pela covardia moral - pelo medo da opinião pública - de escapar-lhe. É raro os homens considerarem uma coisa sob o seu verdadeiro

ou falso aspecto, aceitando a conclusão por um ato livre do seu próprio julgamento. Muito ao contrário. Por via de regra, a conclusão procede da cega adoção do modo de ver que predomina momentaneamente entre aqueles com quem se associam.

A ciência está diária e rapidamente avançando rumo às grandes descobertas na Química e na Física, na Organologia e na Antropologia. Os homens esclarecidos deveriam estar livres de preconceitos e superstições de toda espécie; entretanto, embora o pensamento e a opinião sejam agora livres, os cientistas ainda são os mesmos homens de outrora.

O moderno espiritismo

Durante muitos anos, vigiamos o desenvolvimento e o crescimento desse pomo de discórdia - O MODERNO ESPIRITISMO. Familiarizados com a sua literatura na Europa e na América, testemunhas estreitas e ansiosamente as suas intermináveis controvérsias comparamos as suas hipóteses contraditórias. Muitos homens e mulheres instruídos - espiritualmente heterodoxos, naturalmente - tentaram compreender o fenômeno profético. Como único, resultado, eles chegaram à seguinte conclusão: qualquer que seja a razão desses fracassos constantes - atribuam-nos quer à inexperiência dos próprios investigadores, quer à Força secreta em ação -, ficou ao final provado que, à medida que as manifestações psicológicas crescem em frequência e em variedades, a escuridão que cerca a sua origem torna-se mais e mais impenetrável. Que os fenômenos são efetivamente testemunhados, misteriosos em sua natureza - geralmente e talvez erradamente chamados de espiritistas - é inútil agora negar.

Concedendo um grande desconto à fraude inteligente, o que resta é muito sério para exigir o cuidadoso exame da ciência. Precisamos agora da coragem de Galileu para lançá-la ao rosto da Academia. Os fenômenos psicológicos já estão na ofensiva. A posição assumida pelo cientistas modernos é a de que, sendo embora um fato a ocorrência de fenômenos misteriosos na presença de médiuns, não há provas de que eles não são devidos a algum estado nervoso anormal desses indivíduos. A possibilidade de que eles sejam produzidos por espíritos humanos que retornam não deve ser considerada antes de se dedicar a outra questão. Uma outra exceção se pode registrar quanto a esse posicionamento.

Inquestionavelmente, o ônus da prova incumbe àqueles que afirmam a intervenção dos espíritos. Na verdade, a grande maioria das comunicações "espirituais" é de natureza a indignar até mesmo os investigadores de inteligência média. Mesmo quando autênticas, elas são triviais, convencionais e amiúde vulgares. Durante os últimos vinte anos recebemos por intermédio de vários médiuns mensagens diversas que passam por ser de Shakespeare, Byron, Benjamim Franklin, Pedro, o Grande, Napoleão e Josefina, e até de Voltaire. A impressão geral que nos fica é a de que o conquistador francês e a sua consorte parecem ter esquecido a maneira de grafar corretamente as palavras; que Shakespeare e Byron se tornaram bêbados contumazes; e Voltaire se tornou um imbecil. O tráfico de nomes célebres vinculados a comunicações idiotas causou no estômago dos cientistas uma tal indigestão que este não pode assimilar nem mesmo a grande verdade que repousa nos plateaux telegráficos desde oceano de fenômenos psicológicos. Mas poderiam, com igual propriedade, negar que existe uma água clara nas profundezas do mar quando o limo do óleo flutua na superfície. Por conseguinte, se por um lado não podemos em verdade censurá-los por recuarem ao primeiro sinal do que parece realmente repulsivo, nós o fazemos, e temos direito de censurá-los por sua má vontade em explorar mais fundo.

Numa recente obra filosófica, *The Unseen World*, ao mostrar que a partir da definição mesma dos termos matéria e espírito a existência do espírito não pode ser demonstrada aos sentidos, e que por isso nenhuma teoria está sujeita aos testes científicos, ele desfere, nas seguintes linhas, um severo golpe em seus colegas:

"A prova num caso assim", diz ele, "será, de acordo com as condições da presente vida, para sempre inacessíveis. Ela está completamente fora do âmbito da experiência. Por abundante que seja, não podemos esperar encontrá-la. E, por conseguinte, nosso fracasso em produzi-la não deve suscitar a menor presunção contra a nossa teoria. Assim concebida, a crença na vida futura não tem base científica, mas ao mesmo tempo ela está situada além da necessidade da base científica e do âmbito da crítica científica.

Nenhuma exigência é proposta para uma audição das opiniões contidas na presente obra, a não ser a de que elas se baseiam no estudo de muitos anos da antiga Magia e da sua forma moderna, o Espiritismo. A primeira, mesmo agora, quando os fenômenos da mesma natureza se tornaram tão familiares a

todos, é comumente descrita como uma hábil prestidigitação. A última, quando a evidência esmagadora exclui a possibilidade de sinceramente declará-la charlatanesca, é designada como uma alucinação universal. Anos e anos de peregrinação entre mágicos, ocultistas, mesmerizadores "pagãos" e "cristãos" e o *tutti quanti* das artes brancas e negras, foram suficientes, acreditamos, para autorizar-nos a praticamente considerar esta questão duvidosa e muito complicada. Nós nos juntamos aos faquires, os homens santos da Índia, e os vimos quando em comunicação com os Pitris (Antepassados). Vigiamos os procedimentos e *modus operandi* dos dervixes rodopiantes e dançantes; entretivemos relações amistosas com os marabuts da Turquia européia e asiática; e os encantadores de serpente de Damasco e Benares têm pouquíssimos segredos que não tivemos a sorte de estudar. Por isso, quando os cientistas que jamais tiveram uma oportunidade de viver entre prestidigitadores orientais que jamais tiveram uma oportunidade de viver entre estes prestidigitadores orientais e que, além disso, só podem julgar superficialmente nos dizem que nada há em suas ações a não ser meros truques de prestidigitação, não podemos deixar de sentir uma profunda tristeza por tais conclusões apressadas. Exigir pretensiosamente uma análise profunda dos poderes da Natureza, e ao mesmo tempo exibir uma negligência imperdível para com as questões de caráter puramente fisiológico e psicológico, e rejeitar sem exame ou apelação fenômenos surpreendentes é fazer mostra de inconseqüência, fortemente tingida de timidez, se não obliquidade moral.

Teoria do Sr. Crookes sobre os fenômenos observados

Os Cientistas deveriam ter aprendido, por sua vez, na escola da amarga experiência, que podem confiar na auto-suficiência das ciências positivas apenas até um certo ponto; e que, enquanto um único mistério inexplicado existir na Natureza, lhes é perigoso pronunciar a palavra impossível. Nas *Researches on the Phenomena of spiritualism*, o Sr. Crookes submete à opinião do leitor oito teorias "para explicar os fenômenos observados". São as seguintes:

" Primeira teoria. - Todos os fenômenos são o resultado de truques, hábeis arranjos mecânicos ou prestidigitação; os médiuns são impostores, e os demais observadores, tolos (...)

" Segunda Teoria. - As pessoas numa sessão são vítimas de uma espécie de obsessão ou ilusão, e imaginam que ocorrem fenômenos que não têm qualquer existência objetiva.

" Terceira Teoria. - Tudo é o resultado de uma ação cerebral consciente ou inconsciente.

" Quarta Teoria. - O resultado do espírito do médium, talvez em associação com os espíritos de alguns ou de todas as pessoas presentes.

" Quinta Teoria. - As ações de espíritos maus, ou de demônios, que personificam as pessoas ou as coisas que lhes agradam, a fim de minar a cristandade, e de perder as almas dos homens. [Teoria de nossos teólogos.]

" Sexta Teoria. - As ações de uma ordem distinta de seres que vivem nesta Terra mas são invisíveis e imateriais para nós. Capazes, contudo, ocasionalmente, de manifestar a sua presença. Conhecidos em quase todos os países e épocas como demônios (não necessariamente maus), gnomos, fadas, kobolds, elfos, duendes, Puch, etc. [Uma das opiniões dos cabalistas.]

" Sétima Teoria. - As ações de seres humanos mortos - a teoria espiritual par excellence.

" Oitava Teoria. - (A Teoria da Força Psíquica)... um auxiliar da quarta, quinta, sexta e sétima teorias.

Como a primeira dessas teorias só se mostrou válida em casos excepcionais, embora infelizmente muito freqüentes, ela deve ser rejeitada por não ter nenhuma influência material sobre os fenômenos em si. A segunda e a terceira teorias são as últimas esboreantes trincheiras da guerrilha dos cépticos e materialistas, e permanecem, como dizem os advogados, *adhuc sub iudice lis est*. Portanto, podemos nos ocupar nesta obra apenas com as quatro teorias restantes, já que a última, a oitava, é, segundo a opinião do Sr. Crookes, apenas "um auxiliar necessário" das outras. Podemos ver quão sujeita está a erros mesmo um opinião científica, apenas se compararmos os vários artigos sobre os fenômenos espirituais, oriundos da hábil pena de certo cavalheiro, que apareceram de 1870 a 1875. Lemos um dos primeiros: "(...) o emprego contínuo de métodos científicos promoverá observações exatas e um respeito maior pela Verdade entre os pesquisadores, e produzirá uma raça de observadores que lançarão desprezível resíduo

do espiritismo no limbo desconhecido da Magia e da necromancia". E em 1875, nós lemos, acima de sua própria assinatura, minúcias e muito interessantes descrições de um espírito materializado - Katie King!

É difícil imaginar que o Sr. Crookes tenha estado sob influência eletrobiológica ou sob alucinação durante dois ou três anos consecutivos. O "espírito" apareceu em sua própria casa, em sua biblioteca, sob os mais severos testes, e foi visto, apalpado e ouvido por centenas de pessoas. Mas o Sr. Crookes nega jamais ter tomado Katie King por um espírito desencarnado. O que era ela então? Se não era a Srta. Florence Cook, e a sua palavra é uma garantia suficiente para nós - então era o espírito de alguém que viveu na Terra ou de um daqueles que se classificam diretamente na sexta teoria das oito que o eminente cientista oferece à escola do público. Seria um dos seres classificados sob os nomes de: fadas, kobolds, gnomos, duendes, ou um puck.

Fenômeno psíquico provado pelo Sr. Crookes

Sim; Keite King deve ter sido um fada - uma titânia. Pois só a uma fada poderia aplicar-se com propriedade a seguinte efusão poética que o Sr. Crookes cita para descrever este maravilhoso espírito: "Ao seu redor ela criou uma atmosfera de vida; O próprio ar parecia mais brilhante nos seus olhos, Eles eram doces, belos e cheios de tudo que podemos imaginar dos céus; Sua presença irresistível nos faz sentir; que não seria idolatria ficar de joelhos !"

Assim, após ter escrito, em 1870, a sua severa sentença contra o Espiritismo e a Magia, após ter mesmo dito então que ele acreditava "que tudo não passa de superstição, ou, pelo menos, de um truque inexplicado - uma ilusão dos sentidos", o Sr. Crookes, em 1875, fecha sua carta com as seguintes memoráveis palavras: - "Imaginar, digo, que a Katie King dos três últimos anos possa ser o resultado de uma impostura constitui uma violência maior para a razão e o senso comum do que acreditar que ela é o que pretende ser". Esta última observação, por outro lado, prova conclusivamente que:

1º) Apesar da firme convicção do Sr. Crookes de que o alguém que se chamava Katie King não era nem um médium nem algum cúmplice, mas, ao contrário, uma força desconhecida da Natureza, que - como o amor - "ri-se dos obstáculos";

2º) Que era uma espécie de Força ainda não identificada, embora para ele se tenha tornado "não uma questão de opinião, mas de conhecimento absoluto". O eminente investigador não abandonou até o fim a sua atitude céptica a respeito da questão. Em suma, ele acreditava firmemente no fenômeno, mas não podia aceitar a idéia de que se tratava do espírito humano de alguém morto. Parece-nos que, até onde vai o preconceito público, o Sr. Crookes soluciona um Mistério para citar um outro ainda mais profundo: o obscurum per obscurius. Em outras palavras, rejeitando "o indigno resíduo do Espiritismo", o corajoso cientista arroja-se intrepidamente no seu próprio "limbo desconhecido da Magia e da necromancia!".

As artes perdidas

As leis reconhecidas da ciência física explicam apenas alguns dos mais objetivos dos chamados fenômenos espiritistas. Embora provem a realidade de alguns efeitos visíveis de uma força desconhecida, elas não permitem aos cientistas controlarem livremente sequer esta parte dos fenômenos. A verdade é que os professores ainda não descobriram as condições necessárias para a sua ocorrência. Cumpre-lhes estudar profundamente a natureza tripla do homem - fisiólogos, psicólogos e divina - como o fizeram os seus predecessores, os magos, os teurgistas e os taumaturgos da Antigüidade. Até o presente, mesmo aqueles que investigaram os fenômenos completa e imparcialmente, como o Sr. Crookes, deixaram de lado a causa, como se nada houvesse para ser descoberto agora, ou sempre. Eles se incomodam tanto com isso quanto com a causa primeira dos fenômenos cósmicos da correlação de forças, a observação e classificação de cujos efeitos lhes custam tanto esforço.

Se os cientistas estudassem os chamados "milagres" em lugar de negá-los, muitas leis secretas da Natureza - que os antigos compreendiam - seriam novamente descobertos. "A certeza", diz Bacon, "não provém dos argumentos, mas das experiências".

A fabricação de uma taça de vidro que foi trazida a Roma por um exilado no reino de Tibério - uma taça "que ele atirou no passeio de mármore e não trincou nem quebrou com a queda", e que, por ter ficado "um pouco amolgada", foi facilmente restaurada com um martelo - é um fato histórico. Paracelso e Van Helmont sustentam ser este agente algum fluído da Natureza, "capaz de reduzir todos os corpos

sublunares, homogêneos ou mistos, ao se ens primun, ou à matéria original de que são compostos; ou ao seu licor uniforme, estável e potável, que unirá com a água, e os sucos de todos os corpos, sem perder as suas virtudes radicais; e, se misturando novamente com ele mesmo, será assim convertido em água elementar". Mas pode-se facilmente conceber, sem qualquer grande esforço de imaginação, que todos os corpos devem ter sido originalmente formados de alguma matéria primeira, e que esta matéria, segundo as lições da Astronomia, da Geologia e da Física, deve ter sido um fluído. Por que o ouro - cujo gênese os nossos cientistas conhecem tão pouco - não teria sido originalmente uma matéria de ouro primitiva ou básica, um fluído ponderoso que, como diz Van Helmont, "devido à sua própria natureza, ou a uma forte coesão entre as suas partículas, adquiriu mais tarde uma forma sólida?"

Van Helmont chama-o "o maior e o mais eficaz de todos os sais, o qual, tendo obtido o grau supremo de simplicidade, pureza e sutileza, goza sozinho da faculdade de permanecer inalterado e ileso no contato com as substâncias sobre as quais age, e de dissolver os corpos mais duros e mais refratários, como pedras, gemas, vidros, terra, enxofre, metais, etc., num sal vermelho, de peso igual ao da matéria dissolvida; e isso tão facilmente como a água quente derrete a neve". É nesse fluído que os fabricantes do vidro maleável pretenderam, e ainda hoje pretendem, ter emergido o vidro comum durante horas, para adquirir a propriedade da maleabilidade.

Esta "terra adâmica" é vizinha próxima do alkahest, e um dos segredos mais importantes dos alquimistas. Nenhum cabalista revela-lo-á ao mundo, pois, como ele o diz no bem-conhecido adágio: "seria explicar as águias dos alquimistas, e como as asas das águias são aparadas", um segredo que Thomas Vaughan (Eugênio Filaletes) levou vinte anos para aprender. O mundo caminha em círculos. As raças vindouras serão apenas a reprodução de raças há muito tempo desaparecidas; como nós, talvez, somos as imagens que viveram há séculos. Tempo virá em que aqueles que agora caluniam publicamente os hermetistas, mas estudam em segredo os seus volumes cobertos de pó; que plagiam suas idéias, assimilando-as e dando-as como suas próprias - receberão a sua paga. Paracelso foi o intrépido criador dos remédios químicos; o fundador de grupos corajosos; controversista vitorioso, que pertence àqueles espíritos que criaram entre nós um novo modo de pensar na existência natural das coisas. O que dissemos através de seus escritos sobre a pedra filosofal, sobre os pigmeus e os espíritos das minas, sobre os símbolos, sobre os homúnculos, e sobre o elixir da vida, que são empregados por muitos para baixar sua estima, não pode extinguir a nossa recordação agraciada de suas obras gerais, nem a nossa admiração por seus intrépidos e livres esforços, e sua vida nobre e intelectual."

Mas nossas modernas luzes pretendem saber mais, e as idéias dos Rosa-cruzes sobre os espíritos elementares, os duendes e os elfos, afundaram no "limbo da Magia" e dos contos de fada para a infância. Concedemos de bom grado aos cépticos que metade, ou talvez mais, desses supostos fenômenos não passam de fraudes mais ou menos hábeis. As recentes revelações, especialmente dos médiuns "materializados", apenas comprovam este fato.

O que pensariam os espiritistas sensíveis do caráter dos guias angélicos, que, depois de monopolizar, às vezes por anos, o tempo, a saúde e os recursos de um pobre médium, o abandonam de repente quando ele mais precisa de sua ajuda? Somente as criaturas sem alma ou consciência poderiam ser culpadas de tamanha injustiça. As condições? - Mero sofisma. Que espíritos são esses que não convocariam, se necessário, um exército de espíritos amigos (se é que existem) para arrancar o inocente médium do abismo aberto aos seus pés? Tais coisas aconteceram nos tempos antigos, e podem acontecer agora. Houve aparições antes do Espiritismo moderno e fenômenos como os nossos em todos os séculos passados. Se as manifestações modernas são uma realidade e fatos palpáveis, então também devem tê-lo sido os pretensos "milagres" e as façanhas palpáveis de outrora; e se estas não passam de ficções supersticiosas, então também o são aquelas, pois não repousam sobre provas melhores.

Mas, nesta torrente diariamente crescente dos fenômenos ocultos que se precipitam de um lado a outro do globo, embora dois terços das manifestações se tenham revelado espúrios, o que dizer daqueles que são comprovadamente autênticos, acima de dúvidas ou de sofismas? Entre estes é possível encontrar comunicações que chegam através de médiuns profissionais ou não, as quais são sublimes e divinamente elevadas. Às vezes, através de crianças e de indivíduos ignorantes e simples, recebemos ensinamentos filosóficos e preceitos, orações poéticas e inspiradas, músicas e pinturas que são totalmente dignas das reputações de seus alegados autores. As suas profecias realizam-se com frequência e as suas explicações morais são benfazejas, embora estas últimas ocorram mais raramente. Quem são esses espíritos, o que são esses poderes ou inteligências que são evidentemente exteriores ao próprio médium e que são entidades per se? Essas inteligências merecem o nome; e diferem tão completamente da

generalidade de fantasmas e duendes que erram em redor dos gabinetes das manifestações físicas como o dia da noite.

Devemos confessar que a situação parece ser muito séria. O controle de médiuns por tais "espíritos" inescrupulosos e falazes está se generalizando cada vez mais; e os efeitos perniciosos de semelhante diabolismo multiplica-se constantemente. Alguns dos melhores médiuns estão abandonando as sessões públicas e se afastando dessa influência; e o movimento espírita tem cariz de igreja. Arriscamo-nos a predizer que a menos que os espíritas se disponham ao estudo da filosofia antiga de modo a aprender a discernir os espíritos e a proteger-se dos da mais baixa espécie, dentro de vinte e cinco anos eles terão que voar para a comunidade romana a fim de escapar a esses "guias" e "diretores" que animaram durante tanto tempo.

Diz Henry More, o respeitado platônico inglês, em sua resposta a um ataque contra os que acreditam nos fenômenos espíritas e mágicos feito por um céptico dessa época, chamado Webster. "Quando àquela outra opinião, segundo a qual a maior parte dos Ministros reformistas sustenta que foi o demônio que apareceu sob a forma de Samuel, [ela está abaixo da crítica]; pois embora eu não duvide que em muitas dessas aparições necromânticas sejam os espíritos burlescos, não as almas dos mortos, que aparecem, não obstante estou convencido da aparição da alma de Samuel, como estou convencido de que em outras necromancias devem ser o demônio ou tais espécies de espíritos, como acima descreve Porfírio, que se transformam em formas e figuras oniformes, desempenhando uma a parte dos demônios, outro a dos anjos ou desses, e outro ainda a das almas dos mortos: E eu reconheço que um desses espíritos poderia nesse caso personificar Samuel, pois Webster nada alegou em contrário. Pois seus argumentos são verdadeiras extraordinariamente frágeis e canhestros..."

Quando um metafísico e filósofo como Henry More dá um testemunho como este, podemos dizer que a nossa opinião está bem fundamentada

O universo criado pela vontade divina

Anos atrás o velho filósofo alemão Schopenhauer tratou simultaneamente dessa força e dessa matéria; e desde a conversão do Sr. Wallace o grande antropólogo adotou evidentemente as duas idéias. A doutrina de Schopenhauer é a de que o universo é apenas a manifestação da vontade. Toda força da Natureza é também um efeito da vontade, que representa um grau maior ou menor de sua objetividade. É o que ensinava Platão, que afirmou claramente que tudo que é visível foi criado ou desenvolvido pela VONTADE invisível e eterna, e à sua maneira. Nosso Céu - diz ele - foi produzido de acordo com o padrão eterno do "Mundo Ideal", contido, como tudo o mais, no dodecaedro, o modelo geométrico utilizado pela Divindade. Para Platão, o Ser Primordial é uma emanção do Espírito Demiúrgico (Nous), que contém em si, desde a eternidade, a "idéia" do "mundo a criar", a qual idéia ele retira de si mesmo. As leis da Natureza são as relações estabelecidas desta idéia com as formas de suas manifestações; "estas formas", diz Schopenhauer, "são o tempo, o espaço e a causalidade. Através do tempo e do espaço, a idéia varia em suas inumeráveis manifestações".

Esta idéias estão longe de ser novas, e mesmo para Platão elas não eram originais. Eis o que lemos nos Oráculos Caldeus: "As obras da Natureza coexistem com a Luz espiritual e intelectual do Pai. Pois ela é a alma que adornou o grande céu e que o adorna depois do Pai". "O mundo incorpóreo, portanto, já estava terminado, tendo sua sede na Razão Divina", diz Fílon, que é erradamente acusado de derivar sua filosofia da de Platão.

Na Teogonia de Mochus temos em primeiro lugar o éter, e depois o ar; os dois primeiros dos quais Olam, o Deus intangível (o universo visível da matéria), nasceu.

Nos hinos órficos, o Eros-Phanes origina-se do Ovo Espiritual, que os ventos etéreos fecundam, o Vento sendo "o espírito de Deus", que, segundo se diz se move no éter, "planando sobre o caos" - a "Idéia" Divina. "Na Kathakopanishad hindu, Purusha, O Espírito Divino, precede a matéria original, de cuja união brota a grande alma do mundo Mahan-âtma, o Espírito da Vida"; estas últimas denominações são idênticas às da alma universal, ou anima mundi, e da luz astral dos teurgistas e cabalistas. Pitágoras tomou as suas doutrinas dos santuários orientais, e Platão as reproduziu numa forma mais inteligível que a dos números misteriosos do sábio - cujas doutrinas ele adotou integralmente - para os espíritos não iniciados. Assim, para Platão, o Cosmos é "o Filho" tendo como pai e mãe o Pensamento Divino e a Matéria.

"Os egípcios", diz Dunlap, "fazem uma distinção entre um velho e um jovem Horus, o primeiro sendo o irmão de Osíris e o segundo o filho de Ísis e de Osíris," O primeiro é a Idéia do mundo que permanece no Espírito Demiurgo, "nascido nas trevas antes da criação do mundo". O segundo Horus é esta "Idéia" que emana do Logos, revestindo-se de matéria e assumindo uma existência real.

"O Deus mundano, eterno, ilimitado, jovem e velho, de forma sinuosa", dizem os Oráculos caldeus.

O poder da vontade

A "Forma sinuosa" é uma figura para expressar o movimento vibratório da luz astral, que os antigos sacerdotes conheciam perfeitamente bem, embora elas tenham divergido dos modernos cientistas na sua concepção do éter; pois no éter colocaram a Idéia Eterna que impregna o universo, ou o desejo que se torna força e cria ou organiza a matéria. "A vontade", diz Van Helmont, "é o primeiro de todos os poderes. Pois, através da vontade do Criador, todas as coisas foram feitas e postas em movimento (...). A vontade é a propriedade de todos os seres espirituais, e revela-se neles tanto mais ativamente quanto mais eles se libertam da matéria".

E Paracelso, "o divino", como era chamado, acrescenta no mesmo tom: "A fé deve confirmar a imaginação, pois pela fé estabelece-se a vontade. (...) Determinada imaginação é um começo de todas as operações mágicas (...). Porque os homens não imaginam perfeitamente, nem crêem, o resultado é que as artes são inexatas, ao passo que poderiam ser perfeitamente exatas". Somente o poder oposto da incredulidade e do ceticismo, se projetando numa corrente de força igual, pode refrear o outro, e às vezes neutralizá-lo completamente. Por que se espantariam os espiritistas com o fato de a presença de alguns cépticos enérgicos, ou daqueles que, mostrando-se asperamente contrários ao fenômeno, exercem inconscientemente a sua força de vontade em sentido inverso, impedir e amiúde deter por completo as manifestações? Se não existe nenhum poder consciente na Terra que não encontre às vezes um outro para nele interferir ou mesmo para contrabalança-lo, o que há de surpreendente quanto o poder inconsciente, passivo de um médium é de repente paralisado em seus efeitos por um outro inverso, embora também exercido inconscientemente? Os Profs. Faraday e Tyndall orgulham-se de que a sua presença num círculo impediria imediatamente qualquer manifestação. Somente este fato bastaria para provar os eminentes cientistas que havia alguma força neste fenômeno capaz de prender a sua atenção. Como cientista, o Prof. Tyndall era talvez a pessoa mais importante no círculo daqueles que estavam presente à séance; como observador arguto, alguém não facilmente iludido por um médium ardiloso, ele talvez não foi melhor, ou então mais sagaz, do que os outros na sala, e se as manifestações foram apenas uma fraude tão engenhosa para enganar os outros, elas não teriam parado, mesmo com a sua importância.

Que médium pode vangloriar-se de fenômenos como os que foram produzidos por Jesus e depois dele pelo apóstolo Paulo? No entanto, mesmo Jesus se deparou com casos em que a força inconsciente da resistência sobrepujou até mesmo a sua tão bem dirigida corrente de vontade. "E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles."

Existe um reflexo de cada uma destas idéias na filosofia de Schopenhauer. Nossos cientistas "investigadores" poderiam consultar suas obras com proveito. Eles encontrariam nelas muitas hipóteses baseadas em idéias antigas, especulações sobre os "novos" fenômenos, que podem revelar-se tão razoáveis como qualquer outra, e poupar o inútil trabalho de investigar novas teorias. As forças psíquicas e ectênicas, o "ideomotor" e os "poderes eletrobiológicos"; as teorias do "pensamento latente" e mesmo a da "celebração inconsciente" podem ser condensadas em duas palavras: a LUZ ASTRAL cabalista.

As corajosas teorias e opiniões expressas nas obras de Schopenhauer diferem completamente das da maioria de nossos ortodoxos. "Na realidade", assinala este audacioso especulador, "não existe nem matéria nem espírito.

A tendência para a gravitação numa pedra é tão inexplicável quanto o pensamento num cérebro humano. (...) Se a matéria pode - ninguém sabe por quê - cair no chão, então ela pode também - ninguém sabe por quê - pensar. (...) Assim que, mesmo na mecânica, ultrapassamos o que é puramente mecânico, assim que atingimos o inescrutável, a adesão, a gravitação, etc., estaremos em presença de fenômenos que são tão misteriosos para os nossos sentidos quanto a VONTADE e o PENSAMENTO no homem - nós nos veremos defrontando o incompreensível, pois assim é toda a Natureza. Onde está portanto essa matéria que todos vós pretendeis conhecer tão bem; da qual - estando tão familiarizados

com ela - retirais todas as vossas conclusões e explicações, e à qual atribuíis todas as coisas? (...) Isso, que pode ser totalmente compreendido por nossa razão e pelos sentidos, é apenas o superficial: eles jamais podem atingir a verdadeira substância interior das coisas. Tal era a opinião de Kant. Se considerais que existe, numa cabeça humana, alguma espécie de espírito, então sereis obrigado a conceder o mesmo para uma pedra. Se a vossa matéria morta e completamente passiva pode manifestar uma tendência para a gravitação, ou, como a eletricidade, atrair e repelir, e lançar chispas - então, como o cérebro, ela também pode pensar. Em suma, toda partícula do chamado espírito pode ser substituída por um equivalente de matéria, e toda partícula de matéria pode ser substituída pelo espírito. (...) Portanto, não é a divisão cartesiana de todos os seres em matéria e espírito que se deve considerar filosoficamente exata; mas apenas se os dividirmos em vontade e manifestação, uma forma de divisão que nada tem a ver com a primeira, pois ela espiritualiza todas as coisas: tudo aquilo que no primeiro caso é real e objetivo - corpo e matéria -, ela transforma numa representação, e toda manifestação em vontade".

Essas idéias corroboram o que dissemos a respeito dos vários nomes dados à mesma coisa. Os adversários batem-se apenas por palavras. Chamai o fenômeno de força, energia, eletricidade ou magnetismo, vontade, ou poder do espírito, ele será sempre a manifestação parcial da alma, desencarnada ou aprisionada por um tempo em seu corpo - de uma porção daquela VONTADE inteligente, onipotente e individual que penetra toda a natureza, e conhecida, devido à insuficiência da linguagem humana para expressar corretamente imagens psicológicas, como - DEUS. As idéias de alguns de nossos sábios a respeito da matéria são, do ponto de vista cabalístico, de muitas maneiras errôneas.

Fenômenos mediúnicos: a que atribuí-los?

Ninguém pode tratar este assunto com mais competência do que o fez Schopenhauer no seu Parerga. Nesta obra, ele discute extensamente o Magnetismo animal, a clarividência, a terapêutica simpatética, a profecia, a Magia, os presságios, as visões de fantasmas e outros fenômenos psíquicos. "Todas essas manifestações", diz ele, "são ramos de uma mesma árvore", e fornecem-nos as provas irrefutáveis de existência de uma cadeia de seres pertencentes a uma ordem de natureza muito distinta daquela que se baseia nas leis de espaço, tempo e adaptabilidade. Esta outra ordem de coisa é muito mais profunda, pois é a ordem original e direta; na sua presença, as leis comuns da Natureza, que são meramente formais, são inúteis; por conseguinte, sob a sua ação imediata, nem o tempo nem o espaço podem separar os indivíduos, e a separação determinada por aquelas formas não apresenta quaisquer barreiras intransponíveis para a relação entre os pensamentos e a ação imediata da vontade. Dessa maneira, as mudanças podem ser produzidas por um procedimento completamente diferente da causalidade física, isto é, através de uma ação da manifestação da vontade exibida num caminho peculiar e externo ao próprio indivíduo.

Portanto, o caráter peculiar de todas as manifestações mencionadas é a visio in distans et acotio in distans (visão e ação à distância), tanto em sua relação com o tempo como em sua relação com o espaço. Uma tal ação à distância é justamente o que constitui o caráter fundamental do que se chama mágico; pois tal é a ação imediata de nossa vontade, uma ação liberada das condições causais da ação física, ou seja, do contato material".

"Além disso", continua Schopenhauer, "tais manifestações nos apresentam uma oposição substancial e perfeitamente lógica ao materialismo, e mesmo ao naturalismo (...) porque à luz de tais manifestações aquela ordem de coisas da Natureza que estas duas filosofias procuram apresentar como absoluta e como a única genuína surge diante de nós ao contrário como simplesmente fenomênica e superficial, contendo, no fundo, um conjunto de coisas à parte e perfeitamente independente de suas próprias leis. Eis por que aquelas manifestações - pelo menos de um ponto de vista puramente filosófico -, entre todos os fatos que nos são apresentados do domínio da experiência, são, sem qualquer comparação, as mais importantes. Portanto, é dever de todo cientista familiarizar-se com elas". Sabemos que toda aplicação da vontade resulta em força, e, as manifestações das forças atômicas são ações individuais da vontade, que têm como resultado a aglomeração inconsciente de átomos numa imagem concreta já criada subjetivamente pela vontade. Demócrito ensinou, seguindo seu mestre Leucipo, que os primeiros princípios de todas as coisas no universo são os átomos e um vácuo. No seu sentido cabalístico, o vácuo significa neste caso a Divindade latente, ou força latente, que em sua primeira manifestação se tornou VONTADE, e assim comunicou o primeiro impulso àqueles átomos - cuja aglomeração é a matéria. Este vácuo é apenas um outro nome para o caos, e pouco satisfatório, pois, de acordo com os peripatéticos, "a natureza tem horror ao vácuo".

Que antes de Demócrito os antigos estavam familiarizados com a idéia da indestrutibilidade da matéria prova-se por suas alegorias outros fatos. Movers dá uma definição da idéia fenícia da luz solar ideal como uma influência espiritual provida do DEUS superior, IAÔ, "a luz que só o intelecto pode conceber - o Princípio físico e espiritual de todas as coisas; do qual a alma emana". Era a Essência masculina, ou Sabedoria, ao passo que a matéria primitiva ou Caos era a feminina. Assim, os dois primeiros - coeternos e infinitos - eram, já para os fenícios primitivos, espírito e matéria. conseqüentemente, a teoria é tão velha quanto o mundo; pois Demócrito não foi o primeiro filósofo a professá-la; e a intuição existiu no homem antes do desenvolvimento final de sua razão. Mas é na negação da Entidade infinita e eterna, possuidora da Vontade invisível, que nós por falta de um termo melhor chamamos DEUS, que reside a impotência de toda ciência materialista para explicar os fenômenos ocultos. É na sua rejeição a priori de tudo que poderia forçá-los a cruzar a fronteira da ciência exata e entrar no domínio da fisiologia psicológica, ou, se preferirmos, metafísica, que encontramos a causa secreta de sua confusão em face das manifestações, e das suas teorias absurdas para explicá-las. A filosofia antiga afirmou que é em consequência da manifestação daquela Vontade - designada por Platão como a Idéia Divina - que todas as coisas visíveis e invisíveis vieram à existência. Da mesma maneira que essa Idéia Inteligente, que, dirigindo apenas a sua força de vontade para o centro das forças concentradas, chamou as forças objetivas à existência, assim pode o homem, o microcosmo do grande macrocosmo, fazer o mesmo na proporção do desenvolvimento da sua força de vontade. Os átomos imaginários - uma figura de linguagem empregada por Demócrito, e que os materialistas adotaram reconhecidamente - são como operários automáticos movidos interiormente pelo influxo daquela Vontade Universal dirigida sobre eles, e que, por se manifestar como força, os coloca em movimento. O plano da estrutura a ser erigida está no cérebro do Arquiteto, e reflete a sua vontade; ainda abstrato, desde o instante da concepção ele se torna concreto graças àqueles átomos que seguem fielmente toda linha, ponto e figura traçados na imaginação do Geômetro Divino.

O poder de criação do homem. A magia e suas manifestações

Assim como Deus cria, também o homem pode criar. Dando-se uma certa intensidade de vontade, as formas criadas pela mente tornam-se subjetivas. Alucinações, elas são chamadas, embora para o seu criador elas sejam tão reais como qualquer outro objeto visível o é para os demais. Dando-se uma concentração mais intensa e mais inteligente dessa vontade, a forma se torna concreta, visível, objetiva; o homem aprendeu o segredo dos segredos; ele é um mago.

Uma força, cujos poderes secretos eram totalmente familiares aos antigos teurgistas, é negada pelos cépticos modernos. As crianças antediluvianas - que talvez brincaram com ela, utilizando-a como os meninos do The Coming Race de Bulwer-Lytton, utilizam o terrível "vril" - chamavam-na "Água de Ptah"; seus descendentes designaram-na como anima mundi, a alma do universo; e mais tarde os hermetistas medievais denominaram-na luz sideral, ou leite da Virgem Celeste, ou magnés, e muitos outros nomes. Mas os nossos modernos homens eruditos não aceitarão nem a reconhecerão sob tais designações; pois ela pertence à Magia, e a Magia é, na sua concepção, uma vergonhosa superstição. Apolônio e Jâmblico sustentaram que não é "no conhecimento das coisas exteriores, mas na perfeição da alma interior, que repousa o império do homem que aspira a ser mais do que homem". Eles chegaram assim ao perfeito conhecimento de suas almas divinas, cujo poder utilizaram com sabedoria, fruto de estudo esotérico da tradição hermética, herdada por eles de seus ancestrais. Mas nosso filósofos, fechando-se compactamente em suas conchas de carne, não podem ou não ousam dirigir seus tímidos olhares além do compreensível.

Diz um provérbio persa: "Quanto mais escuro estiver o céu, mais as estrelas brilharão". Assim, no negro firmamento da época medieval começaram a surgir os misteriosos Irmãos da Rosa-cruz. Eles não formaram associações, nem construíram colégios; pois, caçados e encurralados como feras selvagens, quando a Igreja Católica os apanhou, eles foram queimados sem cerimônia.

Muitos desses místicos, seguindo os ensinamentos de alguns tratados, preservados secretamente de uma geração a outra, fizeram descobertas que não seriam desprezíveis mesmo em nossos dias das ciências exatas. Roger Bacon, o monge, foi ridicularizado como um charlatão, e é hoje incluído entre os "pretendentes" à arte mágica; mas suas descobertas foram não obstante aceitas, e são hoje utilizadas por aqueles que mais o ridicularizaram. Roger Bacon pertencia, de fato senão de direito, àquela Irmandade que inclui todos os que estudam as ciências ocultas. Vivendo no século XIII, quase como um contemporâneo, portanto, de Alberto Magno e Tomás de Aquino, suas descobertas - como a pólvora de canhão e os vidros ópticos, e seus trabalhos mecânicos - forma considerados por todos como milagres.

Ele foi acusado de ter feito um pacto com o diabo. Na história legendaria do monge Bacon, conta-se que, convocado pelo rei, o monge foi convidado a mostrar algumas de suas habilidades diante de sua majestade, a rainha. Ele então agitou sua mão (seu bastão, diz o texto), e "rapidamente ouviu-se uma belíssima música, que eles afirmaram jamais ter ouvido igual". Ouviu-se em seguida uma música ainda mais alta e quatro aparições de repente apresentaram e dançaram até se dissiparem e desaparecerem no ar. Então ele agitou novamente o bastão, e de repente um odor "como se todos os ricos perfumes do mundo tivessem sido preparados no local da melhor maneira que a arte pudesse fazê-lo". Então Roger Bacon, após ter prometido mostrar a um dos cortesãos a sua amada, apanhou um enfeite do apartamento real vizinho e todos na sala viram "uma criada da cozinha com uma concha nas mãos". O orgulhoso cavaleiro, embora reconhecesse a criada que desapareceu tão rapidamente quanto surgiu, irritou-se com o espetáculo humilhante, e ameaçou o monge com a sua vingança. Que fez o mágico? Ele simplesmente respondeu: "Não me ameaceis, para que eu não vos envergonhe mais; e guardai-vos de desmentir novamente os eruditos!".

Como um comentário a esse respeito, um historiador moderno assinala: "Isto deve ser visto como uma espécie de exemplificação do gênero de exhibições que eram provavelmente o resultado de um conhecimento superior das ciências naturais". Ninguém jamais duvidou de que isto foi o resultado de um tal conhecimento, e os hermetistas, os mágicos, os astrólogos e os alquimistas jamais pretenderam outra coisa. Os seus próprios escritos provam que eles sustentavam passivos, por meio da qual muitos efeitos extraordinariamente surpreendentes, mas no entanto naturais, foram produzidos".

Os fenômenos dos odores místicos e da música, exibidos por Roger Bacon, foram freqüentemente observados em nossa própria época. Para não falar de nossa experiência pessoal, fomos informados por correspondentes ingleses da Sociedade Teosófica que eles ouviram acordes da música mais extasiante não originados de qualquer instrumento visível, e inalaram uma sucessão de odores deliciosos produzidos, como acreditam, pela intervenção dos espíritos. Um correspondente relata-nos que um desses odores familiares - o de sândalo - era tão poderoso que a casa teria sido impregnada com ele por semanas após a sessão. O médium neste caso era membro de uma família fechada, e as experiências foram todas feitas com o círculo doméstico.

Outro descreve o que ele chama de uma "pancada musical". As potências que são agora capazes de produzir estes fenômenos devem ter existido e ter sido igualmente eficazes nos dias de Roger Bacon. Quando às aparições, basta dizer que elas são agora evocadas nos círculos espiritistas, e abonadas por cientistas, e a sua evocação por Roger Bacon se torna, portanto, mais provável do que nunca.

Baptista Porta, no seu tratado sobre Magia Natural, enumera todo um catálogo de fórmulas secretas para produzir efeitos extraordinários mediante o emprego dos poderes da Natureza. Embora os "magos" acreditassem tão firmemente quanto os nossos espiritistas num mundo de espíritos invisíveis, nenhum deles pretendeu produzir seus efeitos sob o controle deles ou apenas com o seu concurso. Sabiam muito bem quão difícil é manter à distância as criaturas elementares assim que elas descobrem uma porta aberta. Mesmo a magia dos antigos caldeus era apenas um profundo conhecimento dos poderes das plantas medicinais e dos minerais. Foi apenas quando o teurgista desejou a ajuda divina nos assuntos espirituais e terrestres que ele procurou a comunicação direta, através dos ritos religiosos, com os seres espirituais. Mesmo para eles, aqueles espíritos que permanecem invisíveis e se comunicam com os mortais através dos seus sentidos internos despertados, como na clarividência, na clariaudiência e no transe, só podiam ser evocados subjetivamente e como resultado da pureza de vida e da oração. Mas todos os fenômenos físicos foram produzidos simplesmente pela aplicação de um conhecimento das forças naturais, embora certamente não pelo método da prestidigitação, praticado em nossos dias pelos ilusionistas.

Se os espiritistas estão ansiosos por se manter rigorosamente dogmáticos em suas noções do "mundo dos espíritos", eles não devem convidar os cientistas a investigar os seus fenômenos como verdadeiro espírito experimental. A tentativa conduziria seguramente a uma redescoberta parcial da Magia antiga - a de Moisés e de Paracelso. Sob a decepcionante beleza de algumas dessas aparições, eles poderiam encontrar, um dia, os silfos e as belas ondinas dos Rosa-cruzes brincando nas correntes da força psíquica e ódica.

Os elementais e os elementares

Estamos longe de acreditar que todos os espíritos que se comunicam nas sessões são das classes "Elementais" e "Elementares". Muitos especialmente entre aqueles que controlam o médium subjetivamente para falar, escrever e agir de diferentes maneiras - são espíritos humanos desencarnados. Se a maioria de tais espíritos é boa ou má, depende largamente da moralidade privada do médium, bastante do círculo presente, e muito da intensidade e objetivo de seu propósito. Se este objeto é meramente satisfazer a curiosidade e passar o tempo, é inútil esperar qualquer coisa de sério.

Mas, seja como for, os espíritos humanos jamais se podem materializar in própria persona. Eles jamais podem aparecer ao investigador vestido com uma carne sólida e quente, com mãos e faces suarentas e corpos grosseiramente materiais. O mais que eles podem fazer é projetar seu reflexo etéreo na onda atmosférica, e se o toque de suas mãos e vestes em algumas raras ocasiões pode tornar-se objetivo aos sentidos de um mortal vivo, ele será sentido como uma brisa que passa acariciando gentilmente pelo ponto tocado, não como uma mão humana ou um corpo material. É inútil alegar que os "espíritos materializados" que se exibem com coração pulsante e vozes fortes (com ou sem trombetas) são espíritos humanos. Uma vez ouvidas as vozes - se tais podem ser designados como vozes - de uma aparição espiritual, dificilmente se consegue esquecê-las. A de um espírito puro é como um murmúrio trêmulo da harpa eólica ecoando à distância; a voz de um espírito sofredor, portanto impuro, se não totalmente mau, pode ser assimilada à voz humana produzida dentro de um tonel vazio.

Essa não é a nossa filosofia, mas a de numerosas gerações de teurgistas e de mágicos, e baseada em sua experiência prática. O testemunho da antiguidade é positivo a este respeito. As vozes dos espíritos não são articuladas. A voz do espírito consiste numa série de sons que produz a impressão de uma coluna de ar comprimido subindo de baixo para cima, e espalhando-se ao redor do interlocutor vivo. Por enquanto repetiremos apenas que nenhum espírito que os espiritistas afirmam ser humano conseguiu prová-lo com testemunhos suficientes. A influência dos espíritos desencarnados pode ser sentida e comunicada subjetivamente por eles aos sensitivos. Eles podem produzir manifestações objetivas, mas não podem manifestar-se senão da maneira acima descrita. Podem controlar o corpo de um médium, e expressar seus desejos e idéias por meio das diversas maneiras bem conhecidas pelos espiritistas; mas não materializar o que é imaterial e puramente espiritual - a sua essência divina. Assim, toda pertença "materialização" - quando genuína - é produzida (talvez) pela vontade daquele espírito que a "aparição" procura ser mas que no máximo pode apenas personificar, ou pelos próprios duendes elementares, que são geralmente demasiado embotados para merecer a honra de serem chamados de demônios. Em raras ocasiões, os espíritos são capazes de subjugar e controlar estes seres sem alma, que estão sempre prestes a assumir nomes pomposos quando deixados à vontade, casos em que o espírito turbulento "do ar", figurando na imagem real do espírito humano, será movido pelo último como uma marionete, incapaz de agir ou pronunciar outras palavras que não as impostas a ele pela "alma imortal". Mas isto requer muitas condições geralmente desconhecidas até mesmo dos círculos espiritistas mais habituais a freqüentar as sessões. Nem todos são capazes de atrair os espíritos humanos que desejam. Uma das mais poderosas atrações de nossos finados é a sua forte afeição por aqueles que deixaram na Terra, e que os impele irresistivelmente, pouco a pouco, para a corrente da luz astral que vibra entre as pessoas simpáticas a eles e a alma universal. Outra condição muito importante é a harmonia e a pureza magnética das pessoas presentes.

As forças materializadas

Se esta filosofia é errada, se todas as formas "materializadas" que emergem nos quartos escurecidos de gabinetes ainda mais escuros são os espíritos de homens que uma vez viveram nesta Terra, por que uma tal diferença entre eles e os fantasmas que aparecem inopinadamente - ex abrupto - sem gabinete ou médium? Quem nunca ouviu falar das aparições, "almas" sem descanso, que erram em torno dos locais em que foram assassinadas, ou que retornaram, por outras misteriosas razões próprias, com as "mãos tão quentes" que parecem carne viva, e que embora se saiba que morreram e foram enterradas, não se distinguem dos mortais vivos? Temos fatos bem atestados dessas aparições que se fazem freqüentemente visíveis, mas nunca, desde o começo da era das "materializações", vimos algo que se lhes assemelhasse. A autora certificou publicamente ter visto essas formas materializadas. Reconhecemos tais formas como as representações visíveis dos conhecidos, amigos e mesmo parentes. Em companhia de muitos outros espectadores, ouvimo-las pronunciar palavras em língua desconhecidas não apenas do médium e de todos na sala, exceto nós, mas, em alguns casos, de quase todos senão todos os médium da América e da Europa, pois eram os idiomas de tribos e povos orientais. Não obstante, essas figuras não eram as formas das pessoas que elas pretendiam ser. Elas eram simplesmente os seus retratos-estátuas, construídas, animados e operados pelos elementares. Se não elucidamos anteriormente este ponto, foi

porque a massa espiritista não estava preparada então para dar ouvidos à proposição fundamental de que existem espíritos Elementais e elementares.

Pausânias escreve que quatrocentos anos após a batalha de Maratona ainda era possível ouvir no lugar em que ela foi travada o relinchar dos cavalos e os gritos dos soldados espectrais. Os fantasmas dos cachorros, gatos e muitos outros animais foram vistos repetidamente, e o testemunho universal é tão exato sobre este ponto quanto o referente a aparições humanas. Quem ou o que personifica, se assim podemos nos exprimir, os fantasmas dos animais mortos? Tratar-se-ia novamente de espíritos humanos? Assim proposta, a questão não dá margem a dúvidas; devemos admitir que os animais têm espíritos e almas como o homem ou sustentar, com Porfírio, que há no mundo invisível uma classe de demônios velhacos e maliciosos, seres intermediários entre os homens vivos e os "deuses", espíritos que se deleitam em aparecer sob todas as formas imagináveis, começando com a forma humana e terminando com a dos animais multifálcos.

Antes de nos arriscarmos a decidir se as formas animais espectrais vistas e atestadas com frequência são os espíritos retornados das feras mortas, devemos considerar cuidadosamente o seu comportamento descrito. Agem esses espectros de acordo com os hábitos e revelam os mesmos instintos animais vivos? As feras de rapina permanecem à cata de vítimas, e os animais tímidos fogem na presença do homem; ou estes últimos mostram uma malignidade e um disposição para atormentar, completamente estranhas às suas naturezas? Muitas vítimas dessas obsessões - notadamente as pessoas atormentadas de Salem e outras feiticeiras históricas - testemunham ter visto cachorros, gatos, porcos e outros animais invadindo os seus quartos, modelando-os, andando sobre seus corpos adormecidos, e falando-lhes; às vezes incitando-os ao suicídio e outros crimes. E a menos que desacreditemos do testemunho de milhares de espectadores, em todas as partes do mundo e em todas as épocas, e concedemos o monopólio da vidência aos médiuns modernos, animais espectrais aparecem e manifestam todos os traços mais característicos da natureza humana depravada, sem serem eles próprios humanos. O que então, podem eles ser, se não Elementais?

Ísis Sem Véu - Capítulo III

Capítulo III

Fenômenos e forças: o homem e as influências dominantes. O moderno espiritismo. O papel da psicologia

Acreditamos que apenas alguns dos fenômenos físicos genuínos são produzidos por espíritos humanos desencarnados. Entretanto, mesmo aqueles que são causados por forças ocultas da Natureza, tal como se manifestam através de poucos médiuns genuínos e são conseqüentemente empregados pelos chamados "prestidigitadores" da Índia e do Egito, merecem uma investigação cuidadosa e séria por parte da ciência, especialmente agora que muitas autoridades respeitáveis comprovaram em muitos casos a impossibilidade de fraudes. Sem dúvida alguma, existem "conjuradores" profissionais que podem executar façanhas mais incríveis do que todos os "John King" ingleses e americanos juntos: Robert-Hodin podia fazê-lo, incontestavelmente, mas isso não evitou que ele, sem rodeios, risse na cara dos acadêmicos quando estes lhe exigiram que declarasse nos jornais que podia fazer uma mesa se mover, ou fazê-la dar respostas a perguntas por meio de pequenas batidas, sem contato de mãos, a menos que a mesa tivesse sido preparada anteriormente. Só o fato de uma célebre prestidigitador de Londres ter recusado uma aposta de mil libras esterlinas oferecidas pelo Sr. Algernon Joy para que ele produzisse as mesmas manifestações obtidas usualmente através de médiuns - tendo ele estipulado que ficaria solto e livre das mãos de uma comissão -, só este fato desmente o seu expósé dos fenômenos ocultos.

Afirmamos novamente, com toda segurança, que não existe feiticeiro profissional - do Norte, do Sul ou do Ocidente - que possa rivalizar nem mesmo em termos de êxito aproximado com esses filhos ignorantes e nus do Oriente. Estes não necessitam de preparativos ou ensaios; mas estão sempre prontos, feita uma comunicação, a evocar em seu socorro os poderes ocultos da Natureza, que, tanto para os prestidigitadores quanto para os cientistas da Europa, são um livro fechado. Na verdade, como diz Eliú, "não são os sábios de muita idade, nem os anciãos os que julgam o que é justo". O desenvolvimento da ciência psicológica foi retardado mais pelo ridículo dessa classe de pretensiosos do que pelas dificuldades inerentes a esse estudo. O riso de mofa dos cientistas iniciados ou dos tolos do modismo têm contribuído para manter o homem na ignorância de seus poderes psíquicos soberanos do que as

obscuridades, os obstáculos e os perigos que se acumulam sobre o assunto. Isto é válido sobretudo para os fenômenos espiritistas.

Assim, passo a passo, a Humanidade move-se no círculo restrito do conhecimento, reparando a ciência constantemente os seus erros e reajustes no dia seguinte as suas teorias errôneas da véspera. Esse foi o caso, não somente para as questões relativas à Psicologia, tais como o Mesmerismo no seu duplo sentido de fenômeno ao mesmo tempo físico e espiritual, mas também para as descobertas diretamente relacionadas com as ciências exatas - e elas têm sido fáceis de demonstrar. Um dos escritos mais hábeis que devemos ao punho do Prof. Tyndall é o seu cáustico ensaio sobre o "Materialismo científico". Consideramos o que ele tem a dizer sobre o fenômeno da consciência. Ele cita a seguinte pergunta feita por Martineau: "Um homem pode (...) dizer 'eu sinto, eu penso, eu amo'; mas como é que a consciência se imiscui no problema?". E logo responde: "A passagem da parte física do cérebro aos fatos correspondentes da consciência é inconcebível. Dado que um pensamento definido e uma ação molecular definida ocorrem simultaneamente no cérebro, não possuímos o órgão intelectual nem aparentemente nenhum rudimento desse órgão que os permitiria passar, por um processo de raciocínio, de um a outro. Eles surgem juntos, mas não sabemos por quê. Se as nossas mentes e os nossos sentidos fossem muito extensos, fortificados e esclarecidos de maneira que pudéssemos ver e sentir as mínimas moléculas do cérebro; fôssemos nós capazes de seguir todos os seus movimentos, todos os seus agrupamentos, todas as suas descargas elétricas, se tais coisas existirem; e estivéssemos nós intimamente familiarizados com os estados correspondentes do pensamento e do sentimento, nós nos encontraríamos ainda mais longe do que nunca da solução do problema 'Como estão esses processos físicos ligados aos fatos da consciência?'. O abismo entre as duas classes de fenômenos ainda continua a ser intelectualmente intransponível".

Esse abismo, tão intransponível para Tyndall quanto o nevoeiro de fogo em que o cientista se defronta com sua causa desconhecida, é uma barreira apenas para os homens desprovidos de intuições espirituais. O livro *Outlines of Lectures on the Neurological System of Antropology*, do Prof. Buchanan, obra que remonta a 1854, contém sugestões que, se os saberetes as considerassem, mostrariam como se pode construir uma ponte sobre este abismo apavorante.

Mas o edifício do materialismo foi todo ele baseado sobre este alicerce grosseiro - a razão. Quando eles estirarem até os seus limites externos, os seus mestres podem, quando muito, nos revelar um universo de moléculas animadas por um impulso oculto. Que melhor diagnóstico da enfermidade de nossos cientistas pode ser deduzido da análise do Prof. Tyndall do estado mental do clero transmontano por meio de uma ligeira modificação de nomes? Em vez de "guias espirituais", leia-se "presente materialista"; leia-se "espírito" em vez de "ciência" e, no parágrafo seguinte, temos o retrato vívido do moderno homem de ciência desenhado pela mão de um mestre: "(...) os seus guias espirituais vivem tão exclusivamente no passado pré-científico, que mesmo os intelectos verdadeiramente forte entre eles estão reduzidos à atrofia no que diz respeito à verdade científica. Eles têm olhos, e não vêem; têm ouvidos, e não ouvem; com efeito, os seus olhos e os seus ouvidos são prisioneiros das visões e dos sons de uma outra era. Em relação à ciência, o cérebro dos transmontanos, por falta de exercício, é virtualmente o cérebro infantil não-desenvolvido. É assim que são como crianças em termos de conhecimento científico, mas, como detentores poderosos de uma poder espiritual entre os ignorantes, eles encorajam e impõem práticas tais que o vermelho da vergonha sobre às faces dos mais inteligentes dentre eles". O ocultista estende esse espelho à ciência para que nele ela se reconheça a si mesma.

Desde que a História registrou as primeiras leis estabelecidas pelo homem, não existiu até agora um único povo cujo código não faça depender a vida e a morte dos seus cidadãos do depoimento de duas ou três testemunhas dignas de fé. "Sobre o depoimento de duas ou três testemunhas. morrerá aquele que houver de ser castigado de morte", diz o legislador do povo hebreu. "As leis que enviam um homem à morte pela declaração de uma única testemunha são fatais à liberdade" - diz Montesquieu. "A razão exige que existam duas testemunhas."

Assim, o valor da prova testemunhal foi tacitamente reconhecida e aceito em todos os países. Mas os cientistas não aceitam a prova baseada no testemunho de um milhão de homens que se pronunciaram contra apenas um. É em vão que centenas de milhares de homens testemunhem fatos. Óculos habent et no vident! Eles estão determinados a continuar sendo cegos e surdos. Trinta anos de demonstração prática e o testemunho de alguns milhões de crentes da América e da Europa certamente merecem, até certo ponto, o respeito e a atenção.

"A ciência é a compreensão da verdade ou dos fatos", diz Webster; ela é "uma investigação da verdade por si mesma; a busca do conhecimento puro". Se a definição está correta, então a maioria dos nossos modernos eruditos mostraram-se infiéis à sua deusa. "A verdade por si mesma!" E onde procurar, na Natureza, as chaves de cada uma das verdades se não nos mistérios ainda inexplorados da Psicologia? A Psicologia não tem inimigos piores do que a escola médica denominada alopata. É perder tempo lembrar-lhes que, de todas as ciências supostamente exatas, é a Medicina, reconhecidamente, a que menos direitos tem a esse nome. Embora dentre todos os ramos do conhecimento médico a psicologia devesse mais do que qualquer outro ser estudada pelos médicos, dado que sem a ajuda desta a sua prática degenera em meras conjecturas e intuições fortuitas, eles, a desprezam. A mínima discordância de suas doutrinas promulgadas é repudiada como uma heresia, e embora um método curativo impopular e não-reconhecido possa salvar milhares de vidas, eles parecem, em bloco, dispostos a se agarrar a hipótese e a prescrições tradicionais para condenar o inovador e a inovação até que estes obtenham o timbre oficial. Milhares de pacientes desafortunados podem morrer enquanto isso, defendida a honra profissional, o resto é de importância secundária.

Oriente, a terra do conhecimento

Teoricamente a mais benigna, nenhuma outra escola da Ciência, entretanto, exhibe tantos exemplos de preconceito mesquinho, de materialismo, de ateísmo e de obstinação malévola quanto a Medicina. As predileções e a tutela dos principais médicos são raramente medidas pela utilidade de uma descoberta. A sangria por sanguessugas e por ventosas e a lanceta tiveram a sua epidemia de popularidade, mas finalmente caíram em desgraça merecida; a água livremente administrada aos pacientes febris, foi-lhes, durante muito tempo, negada; os banhos quentes foram suplantados pela água fria e, durante um período de vários anos, a hidroterapia se tornou uma mania. A quina. A quina - que um paladino moderno da autoridade bíblica se esforça seriamente em identificar à paradisíaca "Árvore da Vida", e que foi trazida à Espanha em 1632 - foi desprezada durante muito tempo.

Admite-se desde tempos imemoriais que o distante Oriente era a terra do conhecimento. Nem mesmo no Egito foram a Botânica e a Mineralogia tão profundamente estudadas quanto pelos sábios da Ásia Central arcaica. No entanto, todas as vezes em que se discute o assunto Magia, a Índia raramente se insinua a alguém, pois que a sua prática geral nesse país é menos conhecida que a de qualquer outro povo da Antiguidade. Entre os hindus, ela foi e é mais esotérica, se possível, do que foi mesmo para os próprios sacerdotes egípcios. Era considerada tão sagrada que a sua existência só era admitida pela metade e era praticada apenas em casos de emergência públicas. Ela era mais do que uma matéria religiosa, pois era considerada divina. Os hierofantes egípcios, apesar da prática de uma moralidade rígida e pura, não podiam ser comparados aos ascetas ginosofistas, nem pela santidade de sua vida nem pelos poderes miraculosos desenvolvidos neles pela abjuração sobrenatural de coisas terrenas. Todos os que conheciam bem os tinham em reverência maior do que aos feiticeiros da Caldéia. "Recusando os confortos mais simples da vida, eles habitavam em florestas e aí levavam a vida dos eremitas mais isolados", ao passo que os seus irmãos egípcios ao menos formavam comunidades. A despeito da censura feita pela História a todos os que praticaram a magia e a adivinhação, foram eles proclamados possuidores dos maiores segredos do conhecimento médico e de habilidade insuperada em sua prática.

Inúmeras são as obras conservadas nos mosteiros hindus em que estão registradas as provas da sua erudição. Tentar dizer se esses ginosofistas foram os verdadeiros fundadores da magia na Índia, ou se eles apenas praticavam o que fora transmitido por herança dos Rishis (os sete sábios primordiais) seria considerado como uma mera especulação pelos eruditos exatos. "O cuidado que eles tinham em instruir a juventude, em familiarizá-la com os sentimentos generosos em virtuosos, concedeu-lhes uma honra peculiar, e suas máximas e os seus discursos, tal como registrados pelos historiadores, provam que eles eram peritos em assuntos de Filosofia, Metafísica, Astronomia, Moral e Religião", diz um autor moderno. Eles preservaram a sua dignidade sob o domínio dos príncipes mais poderosos, que eles não condescenderam em visitar, ou que eles não perturbaram para obter deles o mínimo favor. Se estes últimos desejassem o conselho ou as preces desses homens santos eram obrigados a ir até eles, ou a lhes enviar mensageiros. Para esses homens não havia poder secreto das plantas ou dos minerais que lhes fosse desconhecido. Eles haviam sondado a Natureza até as suas profundezas, ao passo que a Psicologia e a Fisiologia eram para eles livros abertos, e o resultado foi aquela ciência ou machagiotia que agora é denominada, desdenhosamente, de Magia.

Enquanto os milagres registrados pela Bíblia - dos quais desacreditar é visto como infidelidade - tornaram-se fatos aceitos pelos cristãos, as narrativas de maravilhas e de prodígios no Atharva-Veda - (O

QUARTO VEDA) ora provocam o seu desprezo, ora são vistas como provas de diabolismo. E entretanto, em mais de um aspeto, e apenas da relutância de certos eruditos sânscritos, podemos provar a identidade das duas tradições. Além disso, como foi provado pelos eruditos que os Vedas antecedem de muitos séculos a Bíblia judaica, é fácil inferir que, se um dos dois livros fez empréstimos ao outro, não são os livros sagrados hindus que devem ser acusados de plágio.

Emanação do universo objetivo a partir do subjetivo

Em primeiro lugar, a sua cosmogonia prova até que ponto foi errônea a opinião que prevaleceu nas nações civilizadas de que Brahmâ foi sempre considerado pelos hindus como o seu chefe ou seu Deus Supremo. Brahmâ é um divindade secundária e, como Jeová, é "um ser que move as águas". Ele é o deus criador e, nas suas representações alegóricas possui quatro cabeças, correspondentes aos quatro pontos cardeais. Ele é o demiurgo, o arquiteto do mundo. "No estado primordial da criação", diz Polier, em sua *Mythologie des Indous*, "o universo rudimentar, submerso na água, repousava no seio Eterno. Emanado desse caos e dessas trevas. Brahmâ, o arquiteto do mundo, repousava sobre uma folha de lótus, flutuava [movia-se?] sobre as águas, incapaz de nada discernir entre águas e trevas". Isto é idêntico quanto possível à cosmogonia egípcia, que mostra, nas suas frases de abertura, Hathor ou a Mãe Noite (que representa as trevas incomensuráveis) como o elemento primordial, que recobria o abismo infinito, animado pela água e pelo espírito universal do Eterno, que habitava sozinho no caos. Como nas escrituras judaicas, a história da criação abre-se com o espírito de Deus e sua emanção criadora - uma outra divindade. Percebendo um estado de coisas tão lúgubre, Brahmâ, consternado, assim se exprime: "Quem sou? Onde vim?". Ouve então uma voz: "Dirige tua voz a Bhagavat - O Eterno, conhecido também como Parabrahman", Brahmâ, abandonando a sua posição natatória, senta-se sobre o lótus numa atitude de contemplação e medita sobre o Eterno, que, satisfeito com essa prova de piedade, dispersa as trevas primordiais e abre o seu entendimento. "Depois disso, Brahmâ sai do ovo universal [o caos infinito] sob a forma de luz, pois o seu entendimento agora está aberto, e se põe a trabalhar, move-se sobre as águas eternas, com o espírito de Deus nele; em sua capacidade de ser que move as águas eternas, com o espírito de Deus nele; em sua capacidade de ser que move as águas ele é Nârâyana (*)e, por serem elas o primeiro lugar do movimento (ayana) de Nara, este foi denominado de Nârâyana (o que se move sobre as águas). (* Na simbologia esotérica, representa a primeira manifestação do princípio vital, difundindo-se no Espaço Infinito. ["As águas foram chamadas de nârâs porque foram produzidas por Nara (o Espírito Divino, o Espírito nascido de si mesmo).

Para os hindus, o lótus é o emblema do poder produtivo da Natureza, pela ação do fogo e da água (o espírito e a matéria). "Eterno", diz uma estrofe da Bhagavad-Gîtâ [cap. XI], "eu vejo Brahmâ, o criador, entronizado em ti sobre o lôgus!" e Sir W. Jones nos diz que as sementes do lótus contêm - mesmo antes de germinarem - folhas perfeitamente formadas, formas miniaturas daquilo em que, como plantas perfeitas, elas se transformarão um dia; ou, como diz o autor de *The Hearthen Religion* - "a Natureza nos dá assim um espécime da pré-formação das suas produções"; acrescentando que "a semente de todas as plantas fanerógamas que trazem flores propriamente ditas contêm um embrião de plantas já formado".

Para os budistas, ele tem a mesma significação. Mahâ-Mâyâ, ou Mahâ-Devi, a mãe de Gautama Buddha, deu à luz o seu filho anunciado pelo Boddhisattva (o espírito de Buddha), que apareceu ao pé do seu leito com um lótus em sua mão. Assim, também Osíris e Hórus são representados pelos egípcios constantemente em associação com a flor de lótus. Todos estes fatos tendem a provar o parentesco comum deste símbolo nos três sistemas religiosos - hindu, egípcio e judaico-cristão. Em qualquer lugar em que o lírio da água mística (lótus) seja representado, ele significa a emanção do objetivo para fora do oculto ou do subjetivo - o pensamento eterno da Divindade sempre invisível que passa do abstrato ao concreto ou forma visível. Assim, logo que as trevas foram dissipadas e que "havia luz", o entendimento de Brahmâ foi aberto, e ele viu no mundo ideal (até então eternamente oculto no pensamento Divino) as formas arquetípicas de todas as coisas infinitas futuras que devem ser chamadas à existência e, assim tornadas visíveis. Nesse primeiro estágio da ação, Brahmâ ainda se tornou o arquiteto, o construtor do universo, pois lhe será preciso, como um arquiteto, familiarizar-se primeiramente com o plano e compreender as formas ideais que repousavam no seio do Uno Eterno, tal como as folhas futuras do lótus estão ocultadas na semente dessa planta. E é nessa idéia que devemos procurar a origem e explicação do versículo da cosmogonia judaica em que se lê: "E Deus disse: Produza a terra (...) árvores frutíferas que dêem fruto, segundo a sua espécie, e que contenham a sua semente em si mesma".

Em todas as religiões primitivas, o "Filho do Pai" é o Deus Criador - isto é, Seu pensamento tornado visível; e antes da era cristã, desde a Trimûrti dos hindus até as tríades das escrituras judaicas, segundo a

interpretação cabalística, todas as nações velaram simbolicamente a trina natureza de sua Divindade suprema. No credo cristão vemos apenas o enxerto artificial de um ramo novo num tronco velho; e a adoção pelas Igrejas grega e romana do símbolo do lírio, que o arcanjo segura no momento da Anunciação, mostra um pensamento que possui precisamente a mesma significação simbólica. O lótus é o produto do fogo (calor) e da água, daí um símbolo dual do espírito e matéria. O Deus Brahmâ é a primeira pessoa da trindade, assim como Jeová (Adão-Cadmo) e Osíris, ou antes Poemandro, ou o Poder do Divino Pensamento, de Hermes; pois é Poemandro quem representa a raiz de todos os deuses solares egípcios. O Eterno é o Espírito de Fogo, que desperta e frutifica e desenvolve numa forma concreta tudo o que nasce da água ou da terra primordial, que evolui de Brahmâ; mas o universo é o próprio Brahmâ, e este é o universo. Esta é a filosofia de Spinoza, extraída por ele da de Pitágoras; e é a mesma pela qual Bruno morreu como mártir. Este fato histórico demonstra quanto a Teologia cristã se afastou do seu ponto de partida. Bruno foi massacrado pela exegese de um símbolo que fora adotado pelos primitivos cristãos e interpretado pelos apóstolos! O ramo de lírio do Boddhisattva, e mais tarde de Gabriel, que representa o fogo e a água, ou a idéia de criação e de geração, se põe de manifesto no primeiro sacramento batismal.

As doutrinas de Bruno e de Spinoza são quase idênticas. Bruno, que reconhece que Pitágoras é a fonte de sua informação, e Spinoza, que, sem com ela concordar tão francamente, permite que a sua filosofia traia o segredo, encerram a Causa primária do mesmo ponto de vista. Para eles, Deus é uma Entidade plenamente per se, um Espírito Infinito, e o único Ser inteiramente livre e independente dos efeitos e de outras causas; que, por essa mesma Vontade que engendrou todas as coisas e deu o primeiro impulso a toda lei cósmica, mantém perpetuamente em existência e em ordem todas as coisas do universo. Assim como os svâbhâvikas hindus - A mais antiga escola de budismo existente. Seus partidários atribuíram a manifestação do Universo e os fenômenos da vida ao Svabhâva ou natureza respectiva das coisas -, chamados erroneamente de ateus, que pretendem que todas as coisas, tanto os homens quanto os deuses e os espíritos, tenham nascidos de Svabhâva ou de sua própria natureza, Spinoza e Bruno foram ambos levados à conclusão de que Deus deve ser procurado na Natureza e não fora dela. Com efeito, sendo a criação proporcional ao poder do Criador, tanto o Universo quanto o Criador devem ser infinitos e eternos, uma forma que emana da sua própria essência e que, por sua vez, cria uma outra forma.

O prof.. Domênico Berti, em sua LIFE OF BRUNO, e compilada de documentos originais recentemente publicados, provam, sem que dúvida alguma possa subsistir, quais foram as suas verdadeiras filosofia, crença e doutrinas. Em comum com os platônicos de Alexandria, e com os cabalistas de época mais recente, ele estima que Jesus fosse um mago no sentido atribuído a essa palavra por Porfírio e por Cícero, que a chama de divina sapiência (conhecimento divino), e por Fílon, o Judeu, que descreveu os magos como os investigadores mais assombrosos dos mistérios ocultos da Natureza, não no sentido aviltado dado à palavra magia em nosso século. Na sua nobre concepção, os magos eram homens santos que, isolando-se de qualquer outra preocupação terrestre, contemplaram as virtudes divinas e compreenderam mais claramente a natureza divina dos deuses e dos espíritos; e então iniciaram outros nos mesmos mistérios, que consistem numa conservação de um intercâmbio ininterrupto com os seres invisíveis durante a vida.

Ísis Sem Véu - Capítulo IV

Capítulo IV

Teorias a respeito dos fenômenos psíquicos

O Conde de Gasperin é um protestante devotado. A sua batalha contra dês Mousseaux, de Mirville e outros fanáticos, que atribuem todos os fenômenos espiritistas a Satã, foi longa e feroz. As afirmações seguintes, relativas aos fenômenos psíquicos de que ele próprio foi testemunha, bem como o Prof. Thury, podem ser encontradas na volumosa obra de Gasparin.

"Os experimentadores viram freqüentemente os pés da mesa colados, por assim dizer, ao assoalho e, apesar da excitação das pessoas presentes, recusarem-se a mudar de lugar,. Em outras ocasiões, eles viram as mesas levitarem de uma maneira bastante enérgica. Ouviram, com os seus próprios ouvidos, algumas batidas fortes e outras muito suaves; as primeiras ameaçavam, por sua violência, fazer a mesma em pedaços; as outras eram ligeiras, a ponto de mal serem percebidas. (...) Quanto a LEVITAÇÃO SEM CONTATO, encontramos um meio de produzi-la facilmente com sucesso. (...) E essas levitações não são

resultados isolados. Nós as produzimos mas de TRINTA vezes. (...) Um dia a mesa se moverá e erguerá sucessivamente os seus pés, mesmo que o seu peso seja acrescentado o de um homem sentado sobre ela, que pesasse 88 quilos; num outro dia, ela ficará imóvel e imovível, embora a pessoa colocada sobre ela pese somente 60 quilos. Numa determinada ocasião, queríamos que ela se virasse de pernas para o ar e ela se virou, com as pernas para cima, embora nossos dedos não a tivessem tocado sequer uma única vez.

A partir de 1850, dês Mousseaux e de Miville, católicos romanos intransigentes, publicaram vários volumes cujos títulos foram habilmente escolhidos para chamar a atenção pública. Eles denunciavam, da parte dos seus autores, uma inquietude muito séria que, além disso, não se preocupam em ocultar. Se fosse possível considerar os fenômenos como espúrios, a Igreja de Roma não se esforçaria tanto em reprimi-los. Estando as duas partes de acordo em relação aos fatos, ficando os cépticos fora do problema, o público dividiu-se em dois partidos: os que acreditam na ação direta do diabo e os que acreditam nos espíritos desencarnados e em outros. A Igreja de Roma nunca foi crédula nem covarde, como o prova abundantemente o maquiavelismo que caracteriza a sua política. Além disso, ela nunca se preocupou muito com os incríveis prestidigitadores que ela sabia serem apenas adeptos da trapaça. Robert-Houdin, Comte, Hamilton e Bosco puderam dormir seguros nos seus leitos enquanto ela perseguia homens como Paracelso, Cagliostro e Mesmer, os filósofos herméticos e os místicos - e fazia cessar efetivamente toda manifestação genuína da natureza oculta pela morte, da parte dos médiuns.

Mas o melhor testemunho em favor da realidade dessa força foi fornecido pelo próprio Robert-Houdin, o rei dos prestidigitadores, que, tendo como perito sido chamado pela Academia para ser testemunha dos poderes maravilhosos de clarividentes e de erros ocasionais de uma mesa, disse: "Nós, prestidigitadores, jamais cometemos erros e minha segunda visão jamais me falhou". "O problema do sobrenatural", diz de Gasparin, "tal como foi apresentado na Idade Média, e tal como se apresenta hoje, não está no conjunto daqueles de que podemos desdenhar; a sua extensão e a sua grandeza não escapam a ninguém(...) Nele, tudo é profundamente sério, tanto o mal quanto o remédio, a recrudescência supersticiosas e o fato físico que deve finalmente levar vantagem sobre ela."

Entre a multidão de livros publicados contra o Espiritismo, proveniente de fontes católicas e protestantes, nenhum produziu uma sensação mais aterradora do que as obras de Mirville e de dês Mousseaux: *La magie au XIX siècle*; *Moeus et pratiques dês démons*; *Les hauts phénomènes de la magie*; *Les Médiateur et les moyens de la magie*; *Pneumatologie. De Esprits et de leur manifestations diverses*, foi um. Elas constituem a biografia mais enciclopédica do diabo e dos seus diabretes que apareceu para o deleite secreto dos bons católicos desde a Idade Média. Negando que a Igreja tivesse algo a ver com seus livros, dês Mousseaux gratificou a Academia, em acréscimo ao seu *Mémoire*, com os seguintes pensamentos interessantes e profundamente filosóficos sobre Satã: "O Diabo é coluna fundamental da Fé. É uma das grandes personagens cuja vida está intimamente ligada à Igreja; e sem a sua fala, que saiu tão triunfante da boca da Serpente, o seu médium, a queda do homem não teria ocorrido. Assim, se não fosse por ele, o Salvador, o Crucificado, o Redentor seria apenas um ente ridículo e a Cruz, um insulto ao bom senso!" Este escritor, lembrai-vos, é apenas o eco fiel da Igreja, que anatematiza ao mesmo tempo aquele que nega Deus e aquele que duvida da existência objetiva de Satã.

Esta guerrilha entre os campeões do clero e a materialista Academia de Ciências prova abundantemente quão pouco esta última fizera para desarraigar o fanatismo cego das mentes mesmo das pessoas mais instruídas. Evidentemente a ciência não venceu, nem sequer refreou a Teologia. Babinet, Rayer e Jobert de Lamballe - todos membros do Instituto - distinguiram-se particularmente na sua batalha entre o ceticismo e o sobrenaturalismo e muito seguramente não colheram louros. Babinet começou por aceitar a priori a rotação e os movimentos das mesas, fato que declarou estar "hors de doute". "Esta rotação", disse ele, "pode manifestar-se com uma energia considerável, seja por uma velocidade muito grande, seja por uma forte resistência quando se deseja que ela se interrompa."

Agora temos a explicação do eminente cientista: "Suavemente empurrada por pequenas impulsões concordantes das mãos colocadas sobre ela, a mesa começa a oscilar da direita para a esquerda. (...) No momento em que, após um intervalo mais ou menos longo, uma trepidação nervosa se estabelece nas mãos e as pequenas impulsões individuais de todos os experimentadores se harmonizam, a mesa se põe em movimento". Babinet considera isso fácil, pois "todos os movimentos musculares são determinados nos corpos por alavancas de terceira ordem, para as quais o ponto de apoio está próximo do ponto em que a força age. Este, em consequência, comunica uma grande velocidade às partes móveis em busca da pequena distância que a força motriz tem de percorrer. (...) Algumas pessoas se espantam ao ver uma mesa sujeita à ação de muitos indivíduos bem-dispostos e em conjunto, a vencer obstáculos

poderosos e mesmo a quebrar as pernas das pequenas ações concordantes. (...) Uma vez mais, a explicação física não oferece dificuldades".

Nessa exposição, dois resultados são claramente mostrados: a realidade dos fenômenos é provada e a explicação científica se torna ridícula. Mas Babinet permite que se ria um pouco às suas custas; ele sabe, em sua qualidade de astrônomo, que se pode encontrar manchas escuras até no Sol. O Sr. Crookes, no seu artigo publicado no *Quarterly Journal of Science* a 1º de outubro de 1871, menciona de Gasparin e a sua obra *Science versus Spiritualism*. Ele observa que "o autor finalmente chegou à conclusão de que todos esses fenômenos devem ser creditados à ação de causas naturais e não exigem a suposição de milagres, nem a intervenção de espíritos e de influências diabólicas. [De Gasparin] Considera, como um fato plenamente estabelecido pelos seus experimentos, que a vontade, em certos estados do organismo, pode agir à distância sobre a matéria inerte, e muito da sua obra é consagrada à verificação das leis e das condições sob as quais essa ação se manifesta".

Mas o Sr. Crookes mencionou outro eminente erudito, Thury, de Genebra, professor de História Natural, que foi colaborador de Gasparin nos fenômenos de Valleyres. Este professor contradiz sem rodeios as asserções do seu colega. "A condição primeira e mais necessária", diz Gasparin, "é a vontade do experimentador; sem a vontade, nada se obterá, podeis formar a cadeia (o círculo) por 24 horas consecutivas, sem obter o mínimo movimento."

Isto prova apenas que de Gasparin não faz diferença entre fenômenos puramente magnéticos, produzidos pela vontade perseverante dos assistentes entre os quais não deve haver um único médium, desenvolvido ou não-desenvolvido, e os chamados psíquicos. Ao passo que os primeiros podem ser produzidos conscientemente por quase todas as pessoas que tenham uma vontade firme e determinada, os outros dominam o sensitivo muito freqüentemente contra o seu próprio consentimento e sempre agem independentemente dele. O mesmerizador deseja uma coisa e, se ele for suficientemente poderoso, essa coisa se produzirá. O médium, mesmo que ele tenha um propósito honesto a cumprir, pode não conseguir nenhuma manifestação; quanto menos ele exercita a sua vontade, melhor será o fenômeno; quanto mais ele se mostra ansioso, tanto menos provável é que consiga alguma coisa; mesmerizar requer uma natureza positiva; para ser um médium é preciso ter uma natureza absolutamente passiva. Este é o Alfabeto do Espiritismo, e nenhum médium o ignora.

Mas podem os cientistas afirmar que têm em suas mãos as chaves dessa lei?

De Gasparin acredita que sim. Vejamos. "Não me arrisco a explicar; não é da minha conta [?]. Constatar a autenticidade de simples fatos e sustentar uma verdade que a ciência deseja sufocar é tudo o que pretendo fazer. Entretanto, não posso resistir à tentação de mostrar àqueles que nos tratariam como um entre tantos illuminati ou feiticeiros que a manifestação em questão comporta uma interpretação que concorda com as leis comuns da ciência. Suponhamos um fluído, que emana dos experimentadores, e, sobretudo, de alguns deles; suponhamos que a vontade determinasse a direção tomada pelo fluído - e compreendereis facilmente a rotação e a levitação daquela perna de mesa para a qual foi emitida, com mais ação da vontade, um excesso de fluído. Suponhamos que um vidro permitisse que o fluído se escapasse - e compreendereis como um copo colocado sobre a mesa pode interromper a rotação e que o copo, colocado em um dos lados, causa a acumulação do fluído no lado oposto, que, em conseqüência, é levantado!"

Se cada um dos experimentadores fosse um mesmerizador hábil, a explicação, minus alguns detalhes importantes, poderia ser aceitável. Isso basta para o poder da vontade humana sobre a matéria inanimada, de acordo com o ilustre ministro de Luís Filipe. Mas, e quando à inteligência demonstrada pela mesa? Que explicação dá ele às respostas obtidas pela ação dessa mesa? Respostas que possivelmente não seriam os "reflexos do cérebro" das pessoas presentes (uma das teorias favoritas de Gasparin), pois que as idéias destas pessoas eram absolutamente o contrario da filosofia muito liberal professada por essa mesa maravilhosa? Ele se cala a esse respeito. Tudo, menos espíritos - humanos, satânicos ou Elementais. Assim, a "concentração simultânea de pensamento" e a "acumulação de fluído" não são melhores do que a "celebração inconsciente" e a "força psíquica" dos outros cientistas. Devemos tentar novamente; e podemos prever, de antemão, que as mil e uma teorias da ciência de nada servirão até que eles confessem que esta força, longe de ser uma projeção das vontades acumuladas do círculo, é, ao contrário, uma força anormal, estranha a eles e supra-inteligente.

Como nos relata o Sr. Crookes, o Prof. Thury refuta "todas essas explicações e acha que os efeitos devidos a uma substância particular, fluído ou agente, penetram, de maneira similar ao éter luminífero do cientista, toda a matéria nervosa, orgânica ou inorgânica - que ele denomina psicode. Discute a fundo as propriedades desse estado ou forma da matéria e propõe o termo força ectênica (...) para o poder exercido quando a mente age à distância através da influência da psicode".

O Sr. Crookes observa ainda qual a força ectênica do Professor Thury e a sua própria "força psíquica" são evidentemente termos equivalentes. Nós poderíamos, com certeza, demonstra facilmente que as duas forças são idênticas, além disso, [à] luz astral ou sideral, tal como a definem os alquimistas e Éliphas Lévi no seu Dogme et rituel de la haute magie; e que, com o nome de ÂKÂSA (Ver início capítulo V), ou princípio da vida, esta força que tudo penetra era conhecida dos ginosophistas, dos mágicos hindus e dos adeptos de todos os países há milhares de anos; e que era conhecida também, e ainda hoje usada por eles, dos lamas tibetanos, dos faquires, dos taumaturgos de todas as nacionalidades e até de muitos dos "prestidigitadores" hindus. Em muitos casos de transe, induzidos artificialmente por mesmerização, é bastante possível, e até mesmo provável, que se trate do "espírito" do paciente que age sob a orientação da vontade do operador. Mas, se o médium permanece consciente e se os fenômenos psicofísicos ocorrem de maneira a indicar uma inteligência diretora, então, a menos que não se tratasse de uma "mágico" e que ele fosse capaz de projetar o seu duplo, a exaustão física significa apenas uma prostração nervosa. A prova de que ele é o instrumento passivo de entidades invisíveis que controlam potências ocultas parece ser conclusiva.

Assim, vemos que nem Thury, que investigou essas manifestações com de Gasparin em 1854, nem o Sr. Crookes, que admitiu a sua autenticidade inegável em 1874, chegaram a algo definido. Ambos são químicos, físicos e homens muito cultos. Ambos dedicaram toda a sua atenção a essa questão enigmática; e além desses dois cientistas houve muitos outros que, tendo chegado à mesma conclusão, foram também incapazes de fornecer ao mundo uma solução final. Segue-se que, em vinte anos, nenhum cientista avançou um passo no desvendamento do mistério, que continua impassível e inexpugnável como as paredes de um castelo de fadas.

Seria por demais impertinente insinuar que talvez os nossos cientistas modernos tivessem caído naquilo que os franceses chamam de un cercle vicieux? Tolhidos pelo peso de seus materialismo e pela insuficiência das ciências ditas exatas em demonstrar palpavelmente a eles que a existência de um universo espiritual, mais povoado e mais habitado ainda do que o nosso universo visível - estão eles condenados para sempre se arrastarem dentro desse círculo, mais por falta de vontade do que por incapacidade de penetrar no que está para além desse anel e de explorá-lo em sua extensão e largura? É só o preconceito que os impede de um compromisso com os fatos já bem-estabelecidos e de firmar aliança com especialistas magnetistas e mesmerizadores como Du Potet e Regazzoni.

"O que, então, se produz a partir da morte?" pergunta Sócrates a Cebes. "A Vida", foi a resposta. (...) "Pode a alma, dado que é imortal, ser algo mais do que imperecível?" A "semente não, se desenvolve a menos que seja consumida em parte", diz o Prof. Le Conte; "o que semeias não se vivifica, se primeiro não morre", diz São Paulo. Uma flor desabrocha; depois murcha e fenece. Deixa atrás de si um perfume que resiste no ar até muito tempo depois de as suas pétalas delicadas se transformarem em pó. Nossos sentidos materiais podem não mais percebê-lo, mas ele ainda existe. Vibrai uma nota qualquer num instrumento e o som mais frágil produz um eco eterno. Uma perturbação se produz nas ondas invisíveis do oceano sem praias do espaço e a vibração nunca se extingue. A sua energia, transporta do mundo de matéria para o mundo imaterial, pendente e racional, a divindade que habita a obra-prima suprema da nossa natureza, abandonará o seu envoltório e não mais existirá. O princípio de continuidade que existe mesmo naquilo que se chama de matéria inorgânica, num átomo perdido, seria negado ao espírito, cujos atributos são a consciência, a memória, a mente e o AMOR! Realmente, esta idéia é absurda.

Quanto mais pensamos e quanto mais aprendemos, tanto mais difícil se nos torna compreendermos o ateísmo do cientista. Podemos entender facilmente que um homem ignorante das leis da Natureza, que não aprendeu nada de Química ou de Física, possa ser fatalmente lançado no materialismo por sua própria ignorância, por sua incapacidade de compreender a filosofia das ciências exatas ou de fazer uma indicação qualquer pela analogia entre o visível e o invisível. Um metafísico nato, um sonhador ignorante, pode despertar abruptamente e dizer para si mesmo: "Sonhei; não tenho nenhuma prova palpável do que imaginei; é tudo ilusão", etc. Mas para um cientista, familiarizado com as características da energia universal, sustentar a opinião de que a vida é apenas um fenômeno de matéria, uma

espécie de energia, é confessar simplesmente a sua incapacidade de analisar e de compreender apropriadamente o alfa e o ômega mesmo daquela - matéria.

O ceticismo sincero em relação à imortalidade da alma do homem é uma doença, uma má-formação do cérebro físico, que tem existido em todas as épocas. Da mesma maneira que existem crianças que nascem com uma coifa em suas cabeças, assim também há homens incapazes de, até a sua última hora, livrar-se desta espécie de coifa que, evidentemente, recobre os seus órgãos de espiritualidade. Mas é um sentimento bastante diferente o que os faz rejeitar a possibilidade de fenômenos espirituais e mágicos. O verdadeiro nome desse sentimento é - vaidade. "Nós não podemos produzi-los nem explicá-los; portanto, eles não existem e, além disso, nunca existiram." Este é o argumento irrefutável dos nossos filósofos atuais. Há cerca de trinta anos. E. Salverte surpreendeu o mundo dos "crédulos" com a sua obra, *The Philosophy of Magic*. O livro pretende desvendar todos os milagres da Bíblia e os dos santuários pagãos. Seu resumé: longos séculos de observação; um grande conhecimento (para aqueles dias de ignorância) das ciências naturais e da Filosofia; impostura; trapaça; ilusões de ótica; fantasmagoria; exagero. Conclusão final e lógica: taumaturgos, profetas, mágicos, velhacos e desonestos; o resto do mundo, loucos.

Dentre muitas outras provas conclusivas, o leitor pode vê-lo oferecendo a seguinte: "Os discípulos entusiásticos de Jâmblico afirmavam, a despeito das asserções contrárias do seu Mestre, que, quando orava, ele era elevado a uma altura de dez côvados do solo; e, iludidos pela mesma metáfora, embora cristãos, tiveram a simplicidade de atribuir um milagre similar a Santa Clara e a São Francisco de Assis". Centenas de viajantes contam terem visto faquires a produzir os mesmos fenômenos e os tomaram a todos por mentirosos ou alucinados. Mas faz pouco tempo que o mesmo fenômeno foi testemunhado e referendado por um cientista muito conhecido; foi produzido sob condições de teste; declarado pelo Sr. Crookes como sendo autêntico e estar além da possibilidade de uma ilusão ou truque.

Por que deveria parecer tão impossível que o espírito, uma vez separado do seu corpo, possa ter o poder de animar uma forma evanescente, criada por essa forma mágica "psíquica", "ectênica" ou "etérea" com a ajuda das entidades elementares que lhe fornecem a matéria sublimada de seus próprios corpos? A única dificuldade consiste em compreender o fato de que o espaço circundante não é um vácuo, mas um reservatório, cheio até a borda, de modelos de todas as coisas que foram, que são e que serão; e de seres de raças incontáveis, diferentes da nossa. Aparentemente, fatos sobrenaturais - sobrenatural no sentido de que contradizem flagrantemente as leis naturais demonstradas da gravitação, como nos casos acima mencionados de levitação - são reconhecidos por muitos cientistas. Quem quer que tenha ousado investigar com minúcia, viu-se compelido a admitir a sua existência; só nos seus esforços inúteis de explicar dos fenômenos segundo teorias baseadas nas leis já conhecidas de tais forças, alguns dos mais altos representantes da Ciência envolveram-se com dificuldades inextricáveis!

No seu *Résumé*, de Mirville reproduz a argumentação desses adversários do Espiritismo por meio de cinco paradoxos, que ele chama confusões. Primeira confusão: a de Faraday, que explica o fenômeno da mesa pela que vos empurra, "em consequência da resistência que a empurra para trás". Segunda confusão: a de Babinet, ao explicar todas as comunicações (por batidas) que são produzidas, como ele diz - "de boa fé e em perfeita consequência, correta em toda maneira e em todo o sentido -, por ventriloquia", cujo uso implica necessariamente - má fé. Terceira confusão: a do Dr. Chevreul, ao explicar a faculdade de o móvel se movimentar sem contato pela aquisição preliminar dessa faculdade. Quarta confusão: a do Instituto da França e dos membros, que consentem em aceitar os milagres com a condição de que não contradigam de maneira alguma as leis naturais com que eles estão familiarizados. Quinta confusão: a de Gasparin, ao apresentar como fenômeno muito simples e absolutamente elementar aquilo que todo o mundo rejeita, exatamente porque ninguém viu algo que se assemelhasse a ele.

Não é a primeira vez na história do mundo que o mundo invisível tem de lutar contra o ceticismo materialista dos saduceus cegos de alma. Platão deplora tal incredulidade e se refere a essa tendência perniciosa mais de uma vez em suas obras. Desde Kapila - o filósofo hindu que muitos séculos antes de Cristo, duvidava já de que os iogues em êxtase pudessem ver a Deus face a face e conversar com os seres "mais elevados" - até os voltairianos do século XVIII, que riram de tudo o que fosse considerado sagrado por outras pessoas, cada época teve os seus Tomés descrentes. Chegaram eles alguma vez a impedir o progresso da Verdade? Não mais do que os beatos ignorantes que julgaram Galileu impediram o progresso da rotação da Terra. Nenhuma revelação é capaz de afetar virtualmente a estabilidade ou a instabilidade de uma crença que a Humanidade herdou das primeiras raças de homens, aqueles que - se podemos acreditar na evolução do homem espiritual tanto quanto na do homem físico - receberam a

grande verdade dos lábios de seus ancestrais, os deuses dos seus pais, "que estavam no outro lado da inundação". A identidade entre a Bíblia e as lendas dos livros sagrados hindus e as cosmogonias de outras nações deve ser demonstrada qualquer dia. Das fábulas das épocas mitopoéticas dir-se-á que elas transformaram em alegoria as maiores verdades da Geologia e da Antropologia. A essas fábulas de tão ridícula expressão terá de recorrer a Ciência para encontrar "os elos perdidos".

De outra maneira, de onde provinham essa "coincidências" estranhas nas respectivas histórias de nações e povos tão distantes entre si? De onde essa identidades de concepções primitivas que, chamadas agora fábulas e lendas, contêm em si, entretanto, o germe dos fatos históricos, de uma verdade amplamente com as cascas dos embelezamentos populares, mas ainda assim a Verdade? Comparai apenas estes versículos do Gênesis VI, 1-4: "Como os homens tivessem começado a multiplicar-se, e tivessem gerado suas filhas; vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por mulheres as que de entre elas escolheram. (...) Ora, naquele tempo havia gigantes sobre a Terra", etc. - com esta parte da cosmogonia hindu, nos Vedas, que fala da origem dos brâmanes. O primeiro brâmane lamenta estar sozinho entre todos os seus irmãos sem esposa. A despeito de o Eterno aconselhá-lo a dedicar os seus dias apenas ao estudo do Conhecimento Sagrado (Veda), o primogênito da Humanidade insiste. Irritado com tal ingratidão, o Eterno deu ao brâmane uma esposa da raça dos daityas, ou gigantes, de que todos os brâmanes descendem em linha materna. Assim, todo o sacerdócio hindu descende, por um lado, dos espíritos superiores (os filhos de Deus) e de daiteyí, uma filha dos gigantes terrestres, os homens primitivos. E elas pariram filhos para eles; os filhos tornaram-se homens poderosos que na velhice foram homens de renome."

A mesma indicação encontra-se no fragmento cosmogônico escandinavo. No Edda ocorre a descrição, feita a Gangler por Har, um dos três informantes (Har, Jafnhar e Thridi), do primeiro homem, chamado Buri, "o pai de Bor, que tomou por esposa Beila, uma filha do gigante Bolthorn, da raça dos gigantes primitivos". A narração completa e muito interessante encontra-se no Prose Edda, seções 4-8, das Northern Antiquities de Mallet. O mesmo fundamento tem as fábulas gregas sobre os Titãs e pode ser encontrado na lenda dos mexicanos - as quatro raças sucessivas do Popol-Vuh. Ele se constitui numa das muitas conclusões encontráveis no novelo emaranhado e aparentemente inextricável da Humanidade considerada como fenômeno psicológico. A crença no sobrenaturalismo seria inexplicável de outra maneira. Dizer que ela nasceu, cresceu e se desenvolveu através das incontáveis eras, sem causa ou pelo menos sem uma base firme ou sólida sobre a qual repousar, mas apenas com uma fantasia oca, seria considerá-la um absurdo tão grande quanto a doutrina teológica segundo a qual o mundo foi criado a partir do nada.

Não foram fatos que faltaram à Psicologia, desde muito tempo, para que ela tornasse as suas leis misteriosas mais bem-compreendidas e aplicadas às ocorrências tanto ordinárias quanto extraordinárias da vida. Ela os teve em abundância. O que eles exigem é registro e classificação - observadores treinados e analistas competentes. O corpo científico deveria fornecer tais homens. Se o erro prevaleceu e a superstição correu desenfreada durante estes séculos por toda a cristandade, essa é a infelicidade das pessoas comuns, a repreensão da Ciência. Gerações nasceram e desapareceram, cada uma delas fornecendo a sua quota de mártires para a consciência e para a coragem moral, e a Psicologia é pouco mais bem-compreendida em nossos dias do que quando a mão pesada do Vaticano arremessou aqueles bravos desafortunados a um fim intempestivo e ferreteou a sua memória com o estigma de heresia e feitiçaria.

Ísis Sem Véu - Capítulo V

Capítulo V

O éter ou "luz astral"

Definição de ÉTER - (conforme o livro Glossário Teosófico)

Éter ou Ether

Os estudantes são muito propensos a confundir o Éter com o Akâza e com a Luz Astral. O Éter é um agente material, embora nenhum aparelho físico o tenha, até agora, descoberto, o Akâsa é um agente distintamente espiritual, idêntico em certo sentido a Anima Mundi, e a Luz Astral é apenas o sétimo e

mais elevado princípio da atmosfera terrestre, tão impossível de descobrir como o Akâsa Cósmica e o verdadeiro Éter, por ser algo que se encontra completamente em outro plano. O sétimo princípio da atmosfera terrestre, ou seja a Luz Astral, é apenas o segundo da escala cósmica. A Escala de Forças, Princípios, e Planos cósmicos, de Emanações (no plano metafísico) e Evoluções (no físico), é a Serpente Cósmica que morde sua própria cauda, a Serpente que reflete a Serpente superior e que é refletida, por sua vez, pela inferior. O Caduceu explica este mistério e o quádruplo dodecaedro sobre cujo modelo, diz Platão, o Universo foi construído pelo Logos manifestado - sintetizado pelo Primeiro-Nascido não-manifestado -, dá geometricamente, a chave da Cosmogonia e seu reflexo microcósmico, ou seja, a nossa Terra. [O Éter, verdadeiro Proteu hipotético, uma das "ficções representativas" da ciência moderna, é um dos princípios inferiores do que chamamos "Substância Primordial" (Akâza em sânscrito), um dos sonhos da Antiguidade e que agora tornou a ser o sonho da ciência de nossos dias. Segundo o Dicionário de Webster, o Éter "é um meio hipotético de grande elasticidade e extrema sutileza, que se supõe preencha todo o espaço, sem executar o interior dos corpos sólidos, e seja o meio de transmissão da luz e do calor".

Para os ocultistas, contudo, tanto o Éter como a Substância Primordial não são coisas hipotéticas, mas verdadeiras realidades. Acredita-se geralmente que o Akâza, da mesma forma que a Luz Astral dos cabalistas, são o Éter, confundindo-se este com o Éter hipotético da ciência. Grave erro. O Akâza é a síntese do Éter, é o Éter Superior. O Éter é o "revestimento" ou um dos aspectos do Akâza; é sua forma ou seu corpo mais grosseiro; ocupa toda a vacuidade do Espaço (ou melhor, todo o conteúdo do Espaço) e sua propriedade é o som (a Palavra). É o quinto dos sete Princípios ou Elementos cósmicos, que por sua vez tem sete estados, aspectos ou princípios. Este elemento semimaterial será visível no ar no final da quarta Ronda e se manifestará plenamente na quinta. E Éter, como o Akâza, tem por origem o Elemento único. O Éter dos físicos, o Éter inferior, é apenas uma de suas subdivisões em nosso plano, a Luz Astral dos cabalistas, com todos os seus efeitos, tanto bons quanto maus. O Éter positivo, fenomenal, sempre ativo, é uma força-substância, enquanto o onipresente e onipenetrante Æther é o número do primeiro, ou seja o Akâza. (Glossário Teosófico).

A força primordial e suas correlações

Tem havido uma infinita confusão de nomes para expressar uma única e mesma coisa. O caos dos antigos; o sagrado fogo zoroastrino, ou o Âtas-Behrâm dos pârsis o fogo de Hermes; o fogo de Elmes dos antigos alemães; o relâmpago de Cibele; a tocha ardente de Apolo; a chama sobre o altar de Pan; o fogo inextinguível do tempo de Acrópolis, e do de Vesta; a chama ígnea do elmo de Plutão; as chispas brilhantes sobre os capacetes dos Dióscuros, sobre a cabeça de Górgona, o elmo de Palas, e o caduceu de Mercúrio; o Ptah egípcio, ou Râ; o Zeus Kataibates (o que desce); as línguas de fogo pentecostais; a sarça ardente de Moisés; a coluna de fogo do Êxodo, e a "lâmpada ardente" de Abrão; o fogo eterno do "poço sem fundo"; os vapores do oráculo de Delfos; a luz sideral dos Rosa-cruzes; o ÂKÂSA dos adeptos hindus; a luz astral de Éliphas Lévi; a aura nervosa e o fluído dos magnetizadores; o od de Reichenbach; o globo ígneo, ou o gato meteoro de Babinet; o Psicode e a força ectênica de Thuri; a força psíquica de Sergeant E.W. Cox e do Sr. Crookes; o magnetismo atmosférico de alguns naturalistas; galvanismo; e, finalmente, eletricidade, são apenas nomes diversos para inúmeras manifestações diferentes, ou efeitos da mesma misteriosa causa que a tudo penetra - o grego Archaeus.

Sir E. Bulwer-Lytton, em seu coming Race [cap. VII], descreve-a como o VRIL; utilizada pelas populações subterrâneas, e permitiu aos seus leitores entendê-la como ficção. "Esse povo", diz ele, "considerava que no vril eles chegaram à unidade dos agentes naturais da energia"; e prossegue para mostrar que Faraday os designou "sob o nome mais cauteloso de correlação", pois: "Sustentei durante muito tempo a opinião, quase a convicção, partilhada, acredito, por muitos outros amantes do conhecimento da Natureza, de que as várias formas sob as quais as forças da matéria se manifestam TÊM UMA ORIGEM COMUM; ou, em outras palavras, têm uma correlação tão direta, dependem tão naturalmente uma das outras, que são intercambiáveis e possuem, em sua ação, poderes equivalentes".

Absurda e acientífica como possa parecer a nossa comparação do vril inventado pelo grande romancista, e da força primordial do igualmente grande empirista, com a luz astral cabalística, ela é, não obstante, a verdadeira definição dessa força. Desde que começamos a escrever esta parte de nosso livro, numerosos jornais têm anunciado a suposta descoberta pelo Sr. Edson, o eletricitista de Newark, Nova Jersey, de uma força, a qual parece ser pouco em comum com a eletricidade, ou o galvanismo, exceto o princípio da condutividade. Se demonstrada, ela permanecerá por longo tempo sob alguns nomes científicos pseudônimos; mas, não obstante, ela será apenas das numerosas famílias de crianças paridas,

desde o começo dos tempos, por nossa mãe cabalística, a Virgem Astral. De fato, o descobridor diz que "ela é tão diferente e tem regras tão regulares quanto o calor, o magnetismo ou a eletricidade". O jornal que contém o primeiro relato da descoberta acrescenta que "o Sr. Édison pensa que ela existe em conexão com o calor, e que ela pode ser gerada por meios independentes mas ainda ignorados".

A possibilidade de suprimir a distância entre as vozes humanas por meio do telefone (falar a distância), um instrumento inventado pelo Prof. A. Graham Bell - é outra das mais recentes e surpreendentes descobertas. Em relação a essas descobertas podemos, talvez, lembrar utilmente aos nossos leitores as numerosas alusões que se podem encontrar nas antigas histórias a respeito de certo segredo detido pelo clero egípcio, que podia comunicar-se instantaneamente, durante a celebração dos mistérios, de um templo a outro, mesmo se o primeiro estivesse em Tebas e o segundo em outra extremidade do país; as lendas atribuem-no, naturalmente, às "tribos invisíveis" do ar, que levam mensagens aos mortais. O autor de Pre-Adamite Man cita uma passagem que, dada simplesmente por sua própria autoridade, e ele parece não saber ao certo se a história provém de Macrino ou de qualquer outro escritor, deve ser tomada pelo que vale. Ele encontrou boas evidências, segundo diz, durante sua estada no Egito, de que "uma das Cleópatras [?] enviou notícias por um fio a toda as cidades, de Heliópolis a Elefantina, no Alto Nilo".

O éter universal e a natureza da substância primordial

Aqueles que não prestaram atenção ao assunto podem surpreender-se ao ver quanto já se sabia, nos tempos antigos, a respeito do princípio sutil que a tudo penetra e que foi recentemente batizado de ÉTER UNIVERSAL. Antes de prosseguir, desejamos uma vez mais enumerar em duas proposições categóricas o que foi sugerido até aqui. Estas proposições eram leis demonstradas para os antigos teurgistas.

1. Os chamados milagres, a começar de Moisés e finalizando em Cagliostro, quando genuínos, estavam, como de Gasparin insinua muito corretamente em sua obra sobre os fenômenos, "perfeitamente de acordo com a lei natural"; portanto - nada de milagres. Eletricidade e magnetismo foram inquestionavelmente utilizados na produção de alguns prodígios, mas agora, como então, eles eram requisitados por todos os sensitivos que se servem inconscientemente desses poderes pela natureza peculiar de sua organização, a qual funciona como um condutor para alguns desses fluidos imponderáveis, ainda tão ignorados pelos físicos modernos.
2. Os fenômenos de magia natural testemunhados em Sião, Índia, Egito e outros países orientais não têm qualquer relação com a prestidigitação; aquela é um efeito físico absoluto, devido à ação das forças naturais ocultas, esta um resultado ilusório obtido por hábeis manipulações suplementares por comparsas. Os taumaturgos de todos os períodos, escolas e países operavam suas maravilhas porque estavam perfeitamente familiarizados com as imponderáveis - em seus efeitos - mas outro lado perfeitamente tangíveis ondas da luz astral. Eles controlavam as correntes guiando-as com a sua força de vontade. As maravilhas eram de caráter físico e psicológico; as primeiras enfeixavam os efeitos produzidos sobre objetos materiais; as últimas, os fenômenos mentais de Mesmer e seus sucessores. O Mesmerismo é o ramo mais importante da Magia; e seus fenômenos são os efeitos do agente universal que sustenta toda a magia e que produziu em todos os tempos os chamados milagres.

Os antigos chamaram-no Caos; Platão e os pitagóricos designaram-no como a Alma do Mundo. De acordo com os hindus, a Divindade em forma de éter invade todas as coisas. É o fluido invisível, mas, como dissemos antes, tangível. Entre outros nomes, Proteu universal - ou "o nebuloso Onipotente", como o chama sarcasticamente De Mirville - foi designado pelos teurgistas como "o fogo vivo", o "Espírito de Luz", e Magnés. Este último nome indica as suas propriedades magnéticas e revela sua natureza mágica. Pois, como acertadamente disse um de seus inimigos - μάγος e μάγυνς são dois ramos que crescem do mesmo tronco, e que produzem os mesmos resultados.

Magnetismo é uma palavra cuja origem cumpre remontar a uma época incrivelmente antiga. A pedra chamada magnete derivaria seu nome, como muitos acreditam, de Magnésia, uma cidade ou distrito da Tessália, onde essas pedras eram encontradas em abundância. Acreditamos, contudo, que a opinião dos hermetistas é correta. A palavra magh, magus, deriva do sânscrito mahat, o grande ou o sábio (o ungido pela sabedoria divina).

"Eumolpo é o fundador mítico dos eumolpidae (sacerdotes); os sacerdotes remontavam sua própria sabedoria à Inteligência Divina". As várias cosmogonias mostravam que a Alma Universal era considerada por todas as nações como a "mente" do Criador Demiurgo, a Sophia dos gnósticos, ou o Espírito Santo como um princípio feminino. Como os magi derivaram seu nome daí, a pedra magnética, ou imã, foi assim chamada em sua honra, pois eles foram os primeiros a descobrir as suas maravilhosas propriedades. Seus templos espalhavam-se pelo país em todas as direções, e entre eles havia alguns templos de Hércules - daí a pedra, quando se divulgou que os sacerdotes a utilizavam para seus propósitos curativos e mágicos, ter recebido o nome de pedra magnética ou hercúlea. Sócrates, falando a seu respeito, assinala: "Eurípedes chama-a pedra magnética, mas o povo comum, pedra hercúlea." A terra e a pedra é que foram designadas de acordo com os magi, não os magi de acordo com ambos. Plínio informa-nos que o anel nupcial dos romanos era magnetizado pelos sacerdotes antes da cerimônia.

Os antigos historiadores pagãos mantiveram cuidadosamente o silêncio sobre certos mistérios do "sábio" (magi), e Pausânias foi advertido por um sonho, diz ele, a não revelar os ritos sagrados do tempo de Deméter e Perséfone em Atenas.

A ciência moderna, depois de ter inutilmente negado o magnetismo animal, viu-se obrigada a aceitá-lo como um fato. Hoje ele é uma propriedade reconhecida da organização humana ou animal; quanto à sua influencia oculta, psicológica, as Academias lutam contra ela, em nosso século, mais ferozmente do que nunca. Isto é mais lamentável do que surpreendente, pois os representantes da "ciência exata" são incapazes de nos explicar, ou mesmo de nos oferecer algo como um hipótese razoável para a inegável potência misteriosa contida num simples imã. Começamos a ter diariamente provas de que estas potências sustentam os mistérios teúrgicos e, portanto, poderiam talvez explicar as faculdades ocultas que os antigos e os modernos teurgistas possuíam como um de seus mais extraordinários efeitos. Tais foram os dons transmitidos por Jesus a alguns de seus discípulos. No momento de suas curas miraculosas, o Nazareno sentia que um poder saía de si. Sócrates, em seu diálogo com Theages, falando-lhe de seu deus familiar (demônio), e de seu poder de comunicar a sua (de Sócrates) sabedoria aos discípulos ou de impedi-lo de reparti-la com as pessoas com quem se associava, aduz a seguinte passagem em corroboração às suas palavras: "Eu te contarei, Sócrates", diz Aristides, "uma coisa incrível, mas, pelos deuses, uma verdade. Beneficiei-me quando me associei a ti, mesmo se eu apenas estava na mesma casa, embora não na mesma sala; porém mais ainda, quando eu estava na mesma sala (...) e muito mais quando eu te olhava (...). Mas eu me beneficiei muito mais quando eu me sentava próximo de ti e te tocava".

Tal é o Magnetismo e o Mesmerismo moderno de Du Potet e outros mestres, que, quando submetem uma pessoa à sua influência fluídica, podem comunicar-lhe todos os seus pensamentos, ainda que à distância, e com um poder irresistível forçar seus pacientes a obedecerem suas ordens mentais. Mas como essa força psíquica era mais bem conhecida entre os antigos filósofos! Podemos vislumbrar alguma informação sobre esse assunto desde as mais antigas fontes. Pitágoras ensinava a seus discípulos que Deus é a mente Universal difundida através de todas as coisas, e que esta mente, apenas pela virtude de sua identidade universal, poderia comunicar-se de um objeto a outro e criar as coisas apenas pela força de vontade do homem. Para os antigos gregos, Kurios era a Mente de Deus (Nous). "Ora, Koros [Kurios] significa a natureza pura e imaculada do intelecto - a sabedoria", diz Platão. Kurios é Mercúrio, a Sabedoria Divina, e "Mercúrio é o Sol", do qual Thor-Hermes recebeu esta sabedoria divina, a qual, por sua vez, ele comunicou ao mundo em seus livros. Hércules é também o Sol - o celeiro celestial do magnetismo universal: ou antes, Hércules é a luz magnética que, tendo feito seu caminho através do "olho aberto do céu", penetra as regiões do nosso planeta e assim se torna o Criador. Hércules executa os doze trabalhos, valente Titã! Chamam-no "Pai de Tudo" e "autonascido" (autophuês). Hércules, o Sol, é morto pelo Demônio. Tífon como Osíris, que é o pai e o irmão de Hórus, e ao mesmo tempo é idêntico a ele; e não devemos esquecer que o imã chamava-se o "osso de Hórus", e o ferro, o "osso de Tífon". Chamam-no "Hércules Invictus apenas quando ele desce ao Hades (o jardim subterrâneo), e, colhendo as "maças douradas" da "árvore da vida", mata o dragão. O poder titânico bruto, o "revestimento" de todo deus solar, opõe a força da matéria cega ao espírito divino, que tenta harmonizar todas as coisas da Natureza.

O sol oculto

Todos os deuses solares, com seu símbolo, o Sol Visível, são os criadores da natureza física, apenas. A espiritual é obra do Deus Superior - o SOL Oculto, Central e Espiritual, e de seu Demiurgo - a Mente Divina de Platão, e a Sabedoria Divina de Hermes Trimegistro - a sabedoria emanada de Olam ou Cronos.

"Após a distribuição do fogo puro, nos mistérios samotrácios, uma nova vida começava". Era esse o "novo nascimento" a que alude Jesus em seu diálogo noturno com Nicodemos. "Iniciados nos mais sagrados de todos os mistérios, purificando-nos (...) tornamo-nos justos e santos com sabedoria." "Soprou sobre eles e lhes disse: 'Recebi o Santo Pneuma' (Alento; vento; ar, alma, espírito; voz; a síntese dos sete sentidos.) E este simples ato de força de vontade era suficiente para comunicar o dom da profecia em sua forma mais nobre e mais perfeita se o instrutor e o iniciado fossem dignos dele. Ridicularizar este dom, mesmo em seu atual aspeto, "como a oferta corrupta e os restos prolongados de uma antiga época de superstição, e apressadamente condená-lo como indigno de uma sóbria investigação, seria tão errado quanto poucos filosófico", assinala o Rev. J.B. Gross. "Remover o véu que oculta nossa visão do futuro, sempre se tentou em todas as idades do mundo; e daí a propensão para investigar os arcanos do tempo, considerada como uma faculdade da mente humana, vir recomendada até nós sob a sanção de Deus. (...) Zuínglio, o reformado suíço, atribuía compreensão de sua fé na providência de um Ser Supremo à doutrina cosmopolita de que o Espírito Santo não foi inteiramente excluído da parte mais digna do mundo pagão. Admitindo que isso seja verdade, não podemos conceber facilmente uma razão válida para que um pagão, uma vez favorecido, não fosse capaz da verdadeira profecia."

A substância primordial que tudo contém

Pois bem, o que é essa substância mística, primordial? No livro Gênese, no começo do primeiro capítulo, ela é designada como a "face das águas", sobre a qual, se fiz, flutuava o "Espírito de Deus". Jó menciona, no cap. XXVI, 5, que "a alma dos mortos tremem debaixo das águas com seus habitantes". No texto original, em lugar de "almas mortas", está escrito Rephaim (gigantes, ou homens primitivos poderosos) mortos, de cuja "Evolução" se poderá um dia traçar a nossa presente raça. Na mitologia egípcia, Kneph, o Deus Eterno não-revelado, é representado por um emblema serpentino da eternidade que circunda uma urna aquática, com sua cabeça que plana sobre as águas, que ele incuba com o seu hábito. Neste caso, a serpente é o Agathodaemôn, o espírito bom; em seu caráter oposto é Kakodaimôn - o espírito mau. No Eddas escandinavo, o maná - o alimento dos deuses e das ativas e criativas Yggdrasill (abelhas) - corre durante as horas da noite, quando a atmosfera está impregnada de umidade; e nas mitologias do Norte, como o princípio passivo da criação, ela simboliza a criação do universo a partir da água; este maná é a luz astral em uma de suas combinações e possui propriedades tanto criativas como destrutivas. Na lenda caldaica de Berosus, Oannes ou Dagon, o homem-peixe, ao instruir o povo, mostra o mundo incipiente criado das águas e todos os seres que se originaram dessa prima matéria. Moisés ensina que apenas a terra e a água podem produzir uma alma viva; e lemos nas Escrituras que as ervas não podiam crescer antes que o Eterno fizesse chover sobre a Terra. No Popol-Vuh quíçhua, o homem é criado do mud, argila (terra glaise), retirado de sob as águas. Brahmâ cria Lomasa, o grande muni (ou primeiro homem), sentado sobre lótus, apenas depois de ter chamado à vida os espíritos, que estão gozando entre os mortais de uma prioridade de existência, e ele o cria da água, do ar e da terra. Os alquimistas afirmam que a Terra primordial ou pré-adâmica, quando reduzida à sua substância primeira, é em seu segundo estágio de transformação como a água límpida, sendo o primeiro degrau o alkahest propriamente dito. Afirma-se que esta substância primordial contém em si a essência de tudo o que contribui para a formação do homem; ela tem não apenas todos os elementos de seu ser físico, mas também o próprio "sopro de vida" num estado latente, pronto para ser despertado. Isto ela recebe da "incubação" do Espírito de Deus sobre a face das águas - o caos; de fato, esta substância é o próprio caos. Paracelso afirmou ser capaz de com ela criar os seus homunculi; e eis por que Tales, o grande filósofo natural, sustentava que a água era o princípio de todas as coisas da Natureza. O que é esse caos primordial senão o éter. O moderno éter; não tal como é conhecido por nossos cientistas, mas tal como era conhecido pelos antigos filósofos, muito tempo antes de Moisés; éter, como todas as suas propriedades misteriosas e ocultas, que contém em si os germes da criação universal; Éter, a virgem celeste, a mãe espiritual de toda forma e ser existentes, de cujo seio, assim que são "incubadas" pelo Espírito Divino, nascem a matéria e a vida, a força e a ação. Eletricidade, magnetismo, calor, luz e ação química são tão pouco conhecidos, mesmo agora que fatos recentes estão constantemente alargando o círculo de nosso conhecimento! Quem sabe onde termina o poder desse gigante protético - éter; ou onde está a sua misteriosa origem? Quem, queremos saber, nega o espírito que age nele e dele extrai todas as formas visíveis?

É uma tarefa fácil mostrar que as lendas cosmogônicas espalhadas por todo o mundo baseiam-se nos conhecimentos que os antigos possuíam a respeito das ciências que hoje se aliaram para apoiar a doutrina da evolução; e que pesquisas posteriores poderão demonstrar que eles estavam mais familiarizados com o fato da própria evolução, nos seus dois aspectos, físico e espiritual, do que nós hoje. Para os filósofos antigos, a evolução era um teorema universal, uma doutrina que abrangia o todo, e um princípio

estabelecido; enquanto os nossos modernos evolucionistas são capazes de apresentar apenas teorias especulativas; teoremas particulares, senão totalmente negativos.

A uniformidade da alegoria da água e do espírito

Um fato, pelo menos, está provado: não existe um único fragmento cosmogônico, pertença à nação que for, que não sustente por sua alegoria universal da água e do espírito que plana sobre ela, do mesmo modo que os nossos físicos modernos que o universo se originou do nada; pois todas as suas lendas começam com aquele período em que os vapores nascentes e a obscuridade cimeriana planavam sobre a massa fluida preste a começar a sua jornada de atividade ao primeiro sopor DELE, que é o PRINCÍPIO NÃO REVELADO. Elas O sentem, se não O vêem. Suas intuições espirituais ainda estavam tão obscurecidas por sutis sofismas dos séculos precedentes como o está o nosso próprio agora. Se elas falavam menos da época siluriana que se desenvolveu lentamente no mamaliano, e se o tempo cenozóico foi lembrado apenas pelas várias alegorias do homem primitivo - o Adão de nossa raça -, isso é apenas uma prova negativa de que esses "sábios" e mestres não conheciam tão bem quanto nós esses períodos sucessivos. Nos dias de Demócrito e Aristóteles o ciclo já tinha começado a entrar em seu caminho descendente de progresso. E se esses dois filósofos pudessem discutir tão bem a teoria atômica e remontar o átomo ao ponto material ou físico, seus ancestrais devem ter ido mais longe.

Não é apenas dos livros mosaicos que pretendemos retirar as provas para os nossos argumentos ulteriores. Os antigos judeus tiraram todo o seu conhecimento - tanto religiosos quanto profano - das nações com as quais se tinham mesclado nos períodos mais remotos. Mesmo a mais antiga de todas as ciências, a sua "doutrina secreta" cabalística, pode ser acompanhada em todos os detalhes até a sua fonte primeira, a Índia Superior, ou o Turquestão, muito antes da época da separação distinta entre as nações arianas e semitas. O rei Salomão, tão celebrado pela posteridade, como diz Josefo, o historiador, por suas habilidades mágicas, recolheu o seu conhecimento secreto da Índia, através de Hirão, o rei de Ofir, e talvez de Sabá. Seu anel, conhecido comumente como o "selo de Salomão", tão celebrado pelo poder de sua influência sobre as várias espécies de gênios e demônios, é igualmente de origem hindu. Escrevendo sobre as pretensas e abomináveis habilidades dos "adoradores de demônios" de Travancore, o Rev. Samuel Mateer, da Sociedade das Missões de Londres, afirma, ao mesmo tempo, estar de posse de um antiquíssimo volume manuscrito de encantamentos mágicos e de sortilégios em língua malayâlam, que dá instruções para realizar uma grande variedade de fenômenos. Ele acrescenta, naturalmente, que "muitos deles são terríveis em sua malignidade e obscuridade", e dá em sua obra o fac-símile de alguns amuletos que trazem figuras e desenhos mágicos. Encontramos entre eles um com a seguinte legenda: "Para remover o tremor resultante da possessão demoníaca - desenhe esta figura sobre uma planta que tem seiva leitosa, e atravesse um prego nela; o tremor cessará". A figura é o próprio selo de Salomão, ou o duplo triângulo dos cabalistas.

Considerações sobre a vontade

Éliphas Lévi, o mago moderno, descreve a luz astral na seguinte frase: "Dissemos que para adquirir o poder mágico duas coisas são necessárias: libertar a vontade de toda servidão, e pratica-la sob controle". "A vontade soberana é representada em nossos símbolos pela mulher que esmaga a cabeça da serpente, e pelo anjo resplandecente que domina o dragão, e o mantém sob os seus pés e sob a lança; o grande agente mágico, a corrente dual de luz, o fogo vivo e astral da Terra, foi representado nas teogonias antigas pela serpente com a cabeça de um touro, de um carneiro ou de um cão. É a serpente dupla do caduceu, é a antiga serpente do Gênese, mas é também a serpente bronzada de Moisés enrolada em torno do tau, vale dizer, do lingam gerador. É também o bode do sabá das feiticeiras, e o Baphomet dos Templários; é o Hylé dos Gnósticos; é a cauda dupla da serpente que forma as pernas do galo solar de Abraxas; finalmente, é o Demônio de Eudes de Mirville. Mas na verdade é a força cega que as almas devem vencer para libertar a si mesma dos limites da Terra, pois se a sua vontade não as liberta "de sua fatal atração, elas serão absolvidas na corrente pela força que as produziu, e retornarão ao fogo central e eterno."

Esta figura de linguagem cabalista, não obstante a sua estranha fraseologia, é precisamente a mesma que Jesus utilizava; e em sua mente ela não poderia ter outro significado que não aquele atribuído pelo gnósticos e pelos cabalistas. Mais tarde os teólogos cristãos interpretaram-nas de modo diferente, e para eles ela se tornou a doutrina do inferno. Literalmente, contudo, ela significa simplesmente o que diz - a luz astral, ou o gerador e o destruidor de todas as formas. "Todas as operações mágicas", prossegue Lévi, "consistem em libertar-se dos laços da antiga serpente; portanto, em colocar o pé sobre sua cabeça e conduzi-la de acordo com a vontade do operador. 'Eu te direi', diz a serpente, no mito evangélico, 'todo os

reinos da Terra, se te prosternares e me adorares.' O iniciado deveria replicar-lhe: 'Eu não me prosternarei, mas tu cairás aos meus pés; tu nada me darás, mas eu te usarei e obterei tudo que desejar. Pois eu sou o Senhor e Mestre!'. Este é o sentido verdadeiro da resposta ambígua dada por Jesus ao tentador. (...) Portanto, o Demônio não é uma entidade. É uma força errante, como o próprio nome indica. Uma corrente ódica ou magnética formada por uma cadeia (um círculo) de desejos perniciosos, criadora deste espírito demoníaco que o Evangelho chama de legião, e que força uma horda de porcos a se jogar no mar - outra alegoria evangélica mostrando como as naturezas baixas podem ser conduzidas temerariamente pelas forças cegas postas em movimento pelo erro e pelo pecado."

Experiências dos faquires

Em sua extensa obra sobre as manifestações místicas da natureza humana, o naturalista e filósofo Maximilian Perty dedicou todo um capítulo às Formas modernas de magia. "As manifestações da vida mágica", diz ele no Prefácio, "repousam em parte numa ordem de coisas diferente da natureza com a qual estamos familiarizados, com tempo, espaço e causalidade; estas manifestações só escassamente são experimentadas; elas podem ser evocadas a nosso convite, mas devem ser observadas e cuidadosamente seguidas sempre que ocorrem em nossa presença; podemos apenas agrupá-la analogicamente sob certas divisões, e deduzi-las dos princípios e leis gerais." Portanto, para o Prof. Perty, que pertence evidentemente à escola de Schopenhauer, a possibilidade e a naturalidade dos fenômenos que tiveram lugar na presença de Govinda Svâmin, o faquir, e que foram descritos por Louis Jaccoliot, o orientalista, são totalmente demonstrados de acordo com esse princípio. O faquir era um homem que, através da completa sujeição da matéria de seu sistema corporal, atingia o estado de purificação no qual o espírito se torna quase inteiramente livre de sua prisão, e pode produzir maravilhas. Sua vontade, não, um simples desejo seu torna-se uma força criadora, e ele pode comandar os elementos e os poderes da Natureza. Seu corpo não é mais um entrave; por isso ele pode conversar "espírito a espírito, sopro a sopro". Sob suas palmas estendidas, uma semente, desconhecida para ele (pois Jaccoliot a recolheu ao acaso, entre uma variedades de sementes, de um saco, e a plantou ele próprio, depois marcá-la, num vaso de flores), germinará instantaneamente, e abrirá seu caminho através do solo. Desenvolvendo em menos de duas horas um tamanho e um peso que, talvez, sob circunstâncias comuns, requereriam vários dias ou semanas, ela cresce miraculosamente sob os próprios olhos do experimentador perplexo, e confundindo todas as fórmulas aceita da Botânica. Trata-se de um milagre? De modo algum; pode sê-lo, talvez, se tornarmos a definição de Webster, segundo a qual o milagre é "todo evento contrário à constituição estabelecida e ao curso das coisas - um desvio das leis conhecidas da Natureza". Mas estarão os nossos naturalistas preparados para defender a afirmação de que o que eles estabeleceram uma vez pela observação é infalível? Ou que todas as leis da Natureza lhes são conhecidas? Neste caso, o "milagre" é de uma ordem um pouco mais elevada que as atuais experiências bem conhecidas do Gen. Pleasantom, da Filadélfia. Enquanto a vegetação e os frutos de suas vinhas foram estimulados a uma incrível atividade pela luz violeta, o fluído magnético que emanava das mãos do faquir efetuava mudanças mais intensas e rápidas na função vital das plantas indianas. Ele atraiu e concentrou o Âkasa, ou princípio vital, no germe. Seu magnetismo, obedecendo à sua vontade, dirigiu o Âkasa numa corrente concentrada através da planta em direção às suas mãos, e, mantendo um fluxo ininterrupto pelo espaço de tempo necessário, o princípio vital da planta construiu célula após célula, camada após camada, com extraordinária atividade, até que a obra se completasse. O princípio vital é apenas uma força cega que obedece a uma influência controladora. No curso ordinário da Natureza, o protoplasma da planta a teria concentrado e dirigido numa certa velocidade estabelecida. Esta velocidade poderia ter sido controlada pelas condições atmosféricas predominantes, sendo o seu crescimento rápido ou lento, e, na haste e na ponta, na proporção do grau de luz, calor e umidade da estação. Mas o faquir, vindo em auxílio da Natureza com sua vontade poderosa e o espírito purificado do contato com a matéria, condensada, por assim dizer, a essência da vida da planta em seus germes, e força-a a amadurecer antes do tempo. Ao ser totalmente submetida à sua vontade, esta força cega obedece-a servilmente. Se ele escolhe imaginar a planta como um monstro, ela seguramente se tornara um, como cresceria ordinariamente em sua forma natural, pois a imagem concreta - escrava do modelo subjetivo desenhado na imaginação do faquir - é forçada a seguir o original em seus mínimos detalhes, como a mão e o pincel do pintor seguem a imagem que copiam de sua mente. A vontade do faquir mágico forma uma invisível mas, para ele perfeitamente objetiva matriz, na qual a matéria vegetal é forçada a se depositar e a assumir a forma fixada. A vontade cria, pois a vontade em movimento é força, e a força produz matéria.

Se algumas pessoas objetarem à explicação alegando que o faquir não poderia, de modo algum, criar o modelo em sua imaginação, uma vez que Jaccoliot não o informou sobre a espécie de semente que havia selecionado para a experiência, a elas respondemos que o espírito do homem é como o do seu Criador -

onisciente em sua essência. Enquanto em seu estado natural o faquir não conhecia e não poderia conhecer se era a semente de um melão ou de qualquer outra planta, uma vez em transe, consequentemente, morto corporalmente a toda percepção exterior, o espírito, para o qual não existem distância, obstáculos materiais, nem espaço ou tempo, não experimentou dificuldade alguma para perceber a semente de melão, estivesse ela profundamente enterrada na terra do vaso ou refletida na mente de Jacolliot. Nossas visões, presságios e outros fenômenos psicológicos, todos os quais existem na Natureza, corroboram o fato acima mencionado.

Fariamos bem talvez em responder agora a uma outra objeção pendente. Os prestidigitadores indianos, dir-nos-ão, fazem o mesmo, e tão bem quanto o faquir, se podemos acrescentar nos jornais e nas narrativas dos viajantes. Sem dúvida; no entanto, esses prestidigitadores ambulantes não são nem puros em seus modos de vida nem considerados santos por ninguém; nem pelos estrangeiros nem pelo seu próprio povo, pois são feiticeiros; homens que praticam a arte negra. Enquanto um homem santo como Govinda Svâmin requer apenas a ajuda de sua própria alma divina, estritamente unida ao espírito astral, e a ajuda de alguns poucos pitris familiares - seres puros, etéreos, que se agrupam em trono de seu irmão eleito em carne -, o feiticeiro só pode invocar para a sua ajuda aquela espécie de espíritos que conhecemos como elementais. Os semelhantes se atraem; e a ambição por dinheiro, propósitos impuros e desígnios egoístas não podem atrair outros espíritos senão os espíritos que os cabalistas judeus conhecem com klippoth, habitantes de Asiah, o quarto mundo, e os mágicos orientais como afrits, ou espíritos elementais do erro, ou daêvas (Ou Devas, Demônio ou mau gênio dotado de grande poder).

O que é a vontade?

O que é a VONTADE? A "ciência exata" pode dizê-lo? Qual é a natureza desse algo inteligente, intangível e poderoso que reina soberanamente sobre toda matéria inerte? A grande Idéia Universal desejou, e o Cosmo veio à existência. Eu quero, e meus membros obedecem. Eu quero, e meu pensamento, ao atravessar o espaço, que não existe para ele, abarca o corpo de um outro indivíduo que não é uma parte de mim, penetra por seus poros, e substituindo suas próprias faculdades, se são mais fracas, força-o a uma ação predeterminada. Age como o fluído de uma bateria galvânica sobre os membros de um cadáver. Os misteriosos efeitos de atração e repulsão são os agentes inconscientes dessa vontade; a fascinação, tal como a que vemos exercida por alguns animais, tal qual as serpentes sobre pássaros, é uma ação consciente dela, e o resultado do pensamento. Cera, vidro, âmbar, quando esfregado, e, quando o calor latente que existe em toda substância é despertado, atraem corpos luminosos; eles exercem inconscientemente a vontade pois a matéria inorgânica, assim como a orgânica, possui uma partícula da essência divina em si, por mais infinitesimalmente pequena que seja. E como poderia sê-lo de outro modo? Ainda que no curso de sua evolução tenha passado do princípio ao fim por milhões de formas diversas, ela deve sempre reter o germe inicial da matéria preexistente, que é a primeira manifestação e emanção da própria Divindade. O que é então esse poder inexplicável da atração, a não ser uma porção atômica daquela essência que os cientistas e os cabalistas reconhecem igualmente como o "princípio da vida" - o Âkasa. Admite-se que a atração exercida por tais corpos seja cega; mas, se acendermos mais e mais na escala dos seres orgânicos da Natureza, encontramos este princípio de vida desenvolvendo atributos e faculdades que se tornam mais determinados e mais característicos a cada degrau dessa escala sem fim. O homem, o mais perfeito dos seres organizados sobre a Terra, em quem a matéria e o espírito - a vontade - são mais desenvolvidos e poderosos, é o único ao qual se concedeu um impulso consciente para aquele princípio que emana dele. Apenas ele pode comunicar ao fluído magnético impulsos opostos e diversos em limites quanto à direção. "Ele quer", diz Du Petet, "e a matéria organizada obedece. Ela não tem pólos."

Diz Cabanis, a razão se desenvolve exclusivamente às expensas do instinto natural, tornando-se uma espécie de muralha chinesa que se ergue lentamente no solo dos sofismas e, finalmente, exclui as percepções espirituais do homem, de que o instinto é um dos mais importantes exemplos. Chegando a certos estágios de prostração física, quando a mente e as faculdades raciocinantes parecem paralisadas pela fraqueza e pela exaustão física, o instinto - a unidade espiritual dos cinco sentidos - vê, ouve, toca e cheira, inalterado pelo tempo ou pelo espaço. Que sabemos dos limites exatos da ação mental? Como pode um médico pretender distinguir os sentidos reais dos imaginários em um homem cujo corpo, já exaurido de sua vitalidade habitual, deseja viver espiritualmente e se sente verdadeiramente incapaz de impedir a alma de evoluir-se de sua prisão?

A luz divina

A luz divina através da qual, desimpedida pela matéria, a lama percebe coisas passadas, presentes e futuras, como se os seus raios se refletissem num espelho; o golpe mortal desferido num instante de violenta raiva ou clímax de um ódio longamente inflamado; a bênção enviada por um coração reconhecido ou benévolo; e a maldição lançada contra um objeto - ofensor ou vítima -, tudo deve passar através desse agente universal, que, sob um impulso, é o sopro de Deus, e sob outro - o veneno do demônio. Ele foi descoberto (?) pelo Barão Reichenbach e chamado de OD, não podemos dizer se intencionalmente ou não, mas é singular que se tenha escolhido um nome que é mencionado nos livros mais antigos da Cabala. Emepht o Princípio Primeiro e Supremo, engendrou o Ovo e depois de incutir-lo impregnando-o de sua própria essência, desenvolveu-se o germe do qual nasceu Ptah o ativo e criador princípio que iniciou sua obra. Da expansão infinita da matéria cósmica, que se formara sob seu alento, ou de sua vontade, esta matéria cósmica, luz astral, éter, bruma ígnea, princípio de vida - pouco importa o nome que lhe dermos -, este princípio criador, ou, como a nossa moderna filosofia o designa, lei da evolução, colocando em movimento as potências nele latentes, formou sóis e estrelas, e satélites; controlou sua localização pela lei imutável da harmonia, e povoou-os "com todas as formas e qualidades de vida". Nas antigas mitologias orientais, o mito cosmogônico diz que não havia senão água (O Pai) e o Limo Prolífero (A Mãe, Ilus ou Hylê), do qual proveio a serpente cósmica - a matéria. Era o deus Phanes, o deus revelado, a Palavra ou Logos. A boa vontade com que este mito foi aceito, até mesmo pelos cristãos que compilaram o Novo Testamento, pode ser inferida pelo seguinte fato: Phanes, o deus revelado, é representado neste símbolo da serpente como um Protogonos, um ser provido das cabeças respectivas de um homem, um falcão ou águia, um touro - taurus - e um leão, com asas em ambos os lados. As cabeças referem-se ao zodíaco, e representam as quatro estações do ano, pois a serpente Cósmica é o ano Cósmico, ao passo que a própria serpente é o símbolo de Kneph, o Deus imanifestado, o Pai. O tempo é alado, por isso a serpente é representada com asas. Se lembrarmos que cada um dos quatro evangelistas é representado tendo próximo de si um dos animais mencionados - agrupados em conjunto ao selo de Salomão e no pentagrama de Ezequiel, e reencontrados nos quatro querubins ou esfinges da Arca da Aliança -, compreenderemos talvez o significado secreto assim como a razão por que os primeiros cristãos dotaram este símbolo; e por que os atuais católicos romanos e os gregos da Igreja oriental costumam representar os quatro evangelistas com os respectivos animais simbólicos. Compreenderemos também por Irineu, bispo de Lyon, insistia tanto na necessidade de haver um quarto evangelho, explicando que quatro são as zonas do mundo, e quatro os ventos principais provindos dos quatro pontos cardinais, etc.

Segundo um dos mitos egípcios, a forma-fantasma da ilha de Chemmis (Chemi, Antigo Egito), que flutua sobre as ondas etéreas da esfera empírea, foi chamada à vida por Hórus-Apolo, o deus do Sol, que a fez evoluir do ovo cósmico.

No poema cosmológico do Voluspâ (a canção da profetiza), que contém as lendas escandinavas sobre a aurora mesma das idades, o germe-fantasma do universo é representado a repousar no Ginnugagap - ou a taça da ilusão, um abismo sem fim e vazio. Nessa matriz do mundo, inicialmente uma região de noite e desolação, Nifelheim (a região das nuvens), cai um raio de luz (éter), que se derramou sobre a taça e nela se congelou. Então, o Invisível assoprou um vento abrasador que dissolveu as águas congeladas e dissipou as nuvens. Estas águas, chamadas de correntes de Elivâgar, destiladas em gotas vivificantes, criaram, ao cair, a terra e o gigante Ymir, que tinha apenas "a aparência humana" (o princípio masculino). Com ele foi criada a vaca, Aydhumla (princípio feminino), de cujo úbere fluíram quatro correntes de leite, que se difundiram pelo espaço (a luz astral é a sua emanção mais pura). A vaca Audhumla produz um ser superior, chamado Buri, belo e poderoso, lambendo as pedras que estavam cobertas de sal mineral. Ora, se levarmos em consideração que este mineral era universalmente considerado pelos antigos filósofos como um dos princípios formativos essenciais da criação orgânica; pelos alquimistas como o dissolvente universal, que, dizem eles, devia ser retirado da água; e por todo mundo, mesmo como é visto atualmente tanto pela ciência como pelas idéias populares, como um ingrediente indispensável para o homem e os animais - podemos compreender facilmente a sabedoria oculta desta alegoria sobre a criação do homem. Paracelso chama o sal "o centro da água, em que os metais devem morrer", etc.; e Van Helmont chama o alkahest, "summum et felicissimum ommium salium", o mais bem logrado de todos os sais.

No Evangelho segundo São Mateus, diz Jesus: "Vós sois o sal da terra: mas se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos?" e, prosseguindo a parábola, acrescenta: "Vós sois a luz do mundo" (V, 14). Isto é mais do que uma alegoria; essas palavras chamam a atenção para um sentido direto e inequívoco relativamente aos organismos espirituais e físicos do homem em sua natureza dupla, e mostram, ademais, um conhecimento da "doutrina secreta", de que encontramos traços diretos igualmente nas mais antigas e

comuns tradições populares do Antigo e do Novo Testamento, e nos escritos dos místicos e dos filósofos antigos e medievais.

Interpretações de certos mitos antigos

Mas voltemos à nossa lenda do Edda. Ymir, o gigante, adormece, e transpira abundantemente. Essa transpiração força a axila de seu braço esquerdo a gerar desse lugar um homem e uma mulher, enquanto o seu pé produz um filho para eles. Assim, enquanto a "vaca" mítica dá o ser a uma raça de homens espirituais superiores, o gigante Ymir engendra uma raça de homens maus e depravados, os Hrimthussar, ou gigantes de gelo. Comparando esta notas com os Vedas hindus, encontramos, com ligeiras modificações, a mesma lenda cosmogônica em substância e detalhes. Brahmâ, assim que Bhagavat, o Deus Supremo, lhe concede poderes criativos, produz seres animados, inteiramente espirituais no princípio. Os Devatâs, habitantes da região do Svarga (celestial), são incapazes de viver na Terra; então Brahmâ cria os Daityas (gigantes, que se tornaram os habitantes do Pâtâla, as regiões inferiores do espaço), que também são capazes de habitar Mrityuloka (a Terra). Para remediar o mal, o poder criativo faz sair de sua boca o primeiro Brahman, que então se torna o progenitor de nossa raça; de seu braço direito, Brahmâ cria Kshatriya, o guerreiro, e do esquerdo, Kshatriyâni, a consorte de Kshatriya. O filho de ambos, Vaisya, emana do pé direito do criador, e a sua esposa, Vaisya, do esquerdo. Enquanto na lenda escandinava Burr (o neto da Vaca Audhumla), um ser superior, desposa Beisla, uma filha da raça depravada de gigantes, na tradição hindu o primeiro Brahman desposa Daiteyi, filha também da raça de gigantes; e no Gênese vemos os filhos de Deus tomando por esposas as filhas dos homens, e produzindo igualmente os poderosos homens da Antiguidade; todo o conjunto estabelece uma inquestionável identidade de origem entre o livro inspirado dos cristãos, e as "fábulas" pagãs da Escandinávia e do Hindustão. As tradições de qualquer outra nação vizinha, se examinadas, apresentariam um resultado semelhante.

Qual o moderno cosmogonista que poderia condenar, num símbolo tão simples como o da serpente egípcia um círculo, um tal mundo de significados? Aqui temos, nesta criatura, toda a filosofia do universo: a matéria vivificada pelo espírito, e os dois produzindo conjuntamente do caos (Força) todas as coisas existentes. Para indicar que os elementos estão firmemente unidos nesta matéria cósmica, que a serpente simboliza, os egípcios dão um nó à sua causa.

Há um outro emblema, mais importante, relacionado à mudança de pele da serpente, que, se não nos enganamos, jamais foi anteriormente mencionado pelos nossos simbologistas. Como o réptil, depois de deixar sua pele, se torna livre do invólucro de matéria grosseira que o estorvava com um corpo grande demais, e retorna a sua existência com uma atividade renovada, assim o homem, rejeitando o corpo material grosseiro, entra no próximo estágio de sua existência com poderes maiores e com vitalidade mais intensa. Inversamente, os cabalistas caldeus relatam-nos que o homem primordial - que, ao contrário da teoria darwiniana, era mais puro, mais sábio e muito mais espiritual, como o mostram os mitos do Buri escandinavo, os Devatâs hindus, e os "filhos de Deus" mosaicos, numa palavra, de uma natureza muito superior à do homem da presente raça adâmica - tornou-se desespiritualizado ou contaminou-se com a matéria e, assim, pela primeira vez, recebeu o corpo carnal, que é caracterizado no Gênese no versículo profundamente significativo: "O Senhor Deus fez para o homem e sua mulher túnicas de pele, e os vestiu". A menos que os comentadores quisessem fazer da Causa Primeira um alfaiate celestial, o que poderiam estas palavras aparentemente absurdas significar, a não ser que o homem espiritual atingiu, através do progresso da involução, aquele ponto em que a matéria, predominando sobre o espírito e conquistando-o, transformou tal homem no homem físico, ou no segundo Adão, do segundo capítulo do Gênese?

Essa doutrina cabalística é elaborada mais amplamente no Livro de Jasher No cap. VII, estas vestes de pelo são colocadas por Noé na arca, depois de tê-las obtido por herança de Matusalém e Henoc, que as receberam de Adão e de sua mulher. Cam rouba-as de Noé, seu pai; dá-as "em segredo" a Cuch, que as esconde de seus filhos e irmãos e as passa a Nemrod. Embora alguns cabalistas e mesmo alguns arqueólogos digam que "Adão, Henoc e Noé poderiam ser, na aparência externa, homens diferentes, eles eram na verdade a mesmíssima pessoa divina". Outros explicam que entre Adão e Noé intervieram muitos ciclos. Isto quer dizer que cada um dos patriarcas antediluvianos figurava como representante de uma raça que teve seu lugar numa sucessão de ciclos; e que cada uma dessas raças era menos espiritual do que a precedente. Assim, Noé embora um homem bom, não poderia sustentar a comparação com seu ancestral, Henoc, que "caminhou com Deus e não morreu". Daí a interpretação alegórica que faz Noé receber sua túnica de pele por herança do segundo Adão e de Henoc, mas não vesti-la ele próprio, pois, de outro

modo, Cam não poderia roubá-la. Mas Noé e seus filhos atravessaram o dilúvio; e enquanto o primeiro pertencia à antiga e ainda espiritual geração antediluviana, já que ele foi selecionado entre toda a Humanidade por sua pureza, os seus filhos eram pós-diluvianos. A túnica de pele recebida "em segredo" - , quando a sua natureza espiritual começou a ser maculada pela matéria - por Cuch passou a Nemrod o mais poderoso e forte dos homens físicos posteriores ao dilúvio - o último remanescente dos gigantes antediluvianos.

Na lenda escandinava, Ymir, o gigante, é morto pelos filhos de Burr, e as correntes de sangue que fluíram de suas feridas eram tão copiosas que afogaram toda a raça de gigantes de gelo e neblina, e só Bergelmir que pertencia a esta raça, se salvou com sua mulher, refugiando-se num barco, o que lhes permitiu perpetuar um novo ramo de gigantes do velho tronco. Mas todos os filhos de Burr escaparam ilesos da inundação.

Quando se decifra o simbologismo dessa lenda diluviana, percebe-se imediatamente o verdadeiro sentido da alegoria. O gigante Ymir simboliza a primitiva matéria orgânica bruta, as forças cósmicas cegas, em seu estado caótico, antes de receberem o impulso inteligente do Espírito Divino que as pôs em movimento regular e dependente das leis imutáveis. A progênie de Buri são os "filhos de Deus", ou os deuses menores mencionados por Platão no Timeu, que foram incumbidos, como diz, da criação dos homens, pois vemo-los tomando os restos dilacerados de Ymir do Ginnungagap, o abismo caótico, e empregando-os na criação de nosso mundo. Seu sangue vai formar os oceanos e os rios; seus ossos, as montanhas; seus dentes, as rochas e os penhascos; seus cabelos, as árvores, etc., ao passo que seu crânio forma a abóbada celeste, mantida por quatro colunas que representam os quatro pontos cardiais. Das sobranceiras de Ymir originou-se a futura morada do homem - Midgard. Esta morada (a Terra), diz o Edda, deve, para ser corretamente descrita em todas as menores particularidades, ser concebida redonda como um anel, ou um disco, flutuando no meio do Oceano Celestial (Éter). É circundada por Jörmungandr, a gigante Midgard - ou a Serpente da Terra, que mantém a cauda em sua boca. É a serpente cósmica, matéria e espírito produto combinado e emanção de Ymir, a grosseira matéria rudimentar, e do espírito dos "filhos de Deus", que moldou e criou todas as formas. Esta emanção é a luz astral dos cabalistas, e o ainda problemático e pouco conhecido éter, ou o "agente hipotético de grande elasticidade" de nosso físico.

Graças à mesma lenda escandinava da criação da Humanidade, pode-se inferir o quanto estavam os antigos seguros da doutrina da trina natureza humana. Segundo o Voluspá, Odin, Honer e Lodur, que são os progenitores de nossa raça, encontraram em um de seus passeios nas praias do oceano dois bastões flutuando sobre as ondas, "impotentes e sem destino". Odin soprou-lhes o alento da vida; Honer concedeu-lhes alma e movimento; e Lodur, beleza, linguagem, inteligência e audição. Deram ao homem o nome de Ask - o freixo - e à mulher o de Embla - o amieiro. Estes primeiros homens foram colocados em midgard (jardim do meio, ou Éden) e herdaram, de seus criadores, a matéria ou vida inorgânica; a mente, ou a alma; e o espírito puro; a primeira correspondendo àquela parte de seu organismo que nasceu dos restos de Ymir, o gigante-matéria; a segunda, de Aesir, ou deuses, descendentes de Buri; de o terceiro, de Vaner, ou representante do espírito puro.

Quem é capaz de estudar cuidadosamente as religiões antigas e os mitos cosmogônicos sem perceber que esta semelhança marcante de concepções, em sua forma exotérica e espírito esotérico, não resulta de uma simples coincidência, mas manifesta um propósito convergente? Isto mostra que já naquelas épocas, que foram excluídas de nossos olhos pela névoa impenetrável da tradição, o pensamento religioso se desenvolveu com uma simpatia uniforme em todas as porções do globo. Os cristãos chamam essa adoração da natureza em suas verdades mais ocultas de Panteísmo. Mas se este, que reverência e nos revela Deus no espaço em sua única forma objetiva possível - a da natureza visível -, lembra perfeitamente a Humanidade daquele que a criou, e uma religião de dogmatismo religioso apenas serve para ocultá-lo mais e mais de nossos olhos, qual dentre ambos está mais bem-adaptado às necessidades da Humanidade?

A ciência moderna insiste na doutrina da evolução; a razão e a "doutrina secreta" fazem o mesmo, e a idéia é corroborada pelas lendas e mitos antigos, e mesmo pela própria Bíblia que se lê nas entrelinhas. Vemos uma flor desenvolver-se lentamente de um bastão e o bastão da sua semente. Mas de onde provém esta, com todo o seu programa predeterminado de transformação física, e suas forças invisíveis, portanto espirituais, que desenvolvem gradualmente sua forma, cor e odor? A palavra evolução fala por si. O germe da atual raça humana deve ter preexistido na origem desta raça, como a semente, na qual repousa oculta a flor do próprio verão, desenvolveu-se na cápsula de sua flor-mãe; a mãe pode não diferir senão

ligeiramente, mas eles ainda difere de sua futura progênie. Os ancestrais antediluvianos dos elefantes e dos lagartos atuais foram, o mamute e o plesiossáurio; por que os progenitores de nossa raça humana não poderiam ter sido os "gigantes" dos Vedas, do Voluspê e do livro Gênese? Se é positivamente absurdo acreditar que a "transformação das espécies" tenha ocorrido de acordo com alguns dos pontos de vista mais materialista dos evolucionistas, é simplesmente natural pensar que cada gênero, a começar dos moluscos e terminando com o homem-macaco, se modificou a partir de sua própria forma primordial e distinta. Supondo-se que concordemos em que "os animais descenderam no máximo de apenas quatro ou cinco progenitores"; e que mesmo à la rigueur "todos os seres orgânicos que já viveram sobre esta Terra descenderam de alguma forma primordial única"; ainda assim, somente um materialista cego com uma pedra, ou completamente desprovido de intuição, pode seriamente esperar ver "no distante futuro (...) a psicologia estabelecida sobre uma nova base, a da aquisição necessária e por degraus de todos os poderes e capacidades mentais". O homem físico, enquanto produto da evolução, pode ser deixado nas mãos do homem da ciência exata. Ninguém, não ser ele, pode esclarecer a origem física da raça. Mas devemos positivamente negar ao materialista o mesmo privilégio no que respeita à evolução psíquica e espiritual do homem, pois nenhuma evidência conclusiva pode demonstrar que ele e suas faculdades superiores são "produtos da evolução, tal como a planta mais humilde e o verme mais ínfimo".

A evolução da teoria hindu

Isto posto, mostraremos agora a hipótese da evolução dos antigos brâmanes, tal como eles lhe deram corpo na alegoria da árvore cósmica. Os hindus representam a sua árvore mítica, que chamam Asvattha, de uma forma que difere da dos escandinavos. Figura extraída do Livro O Homem, Deus e o Universo.

Os hindus a descrevem crescendo ao contrário, os ramos estendendo-se para baixo e as raízes para cima; aqueles caracterizam o mundo externo dos sentidos, o universo cósmico visível, e estas, o mundo invisível do espírito, porque as raízes têm sua gênese nas regiões celestes, onde a Humanidade, desde a criação do mundo, colocou a sua divindade invisível. Como a energia criativa se originou nesse ponto primordial, os símbolos religiosos de todos os povos são igualmente ilustrações dessa hipótese metafísica exposta por Pitágoras, Platão e outros filósofos. "Estes caldeus," diz Filon, "opinavam que o Cosmos, entre as coisas que existem, é um simples ponto, que é ele próprio ou Deus (Theos) ou o que nele é Deus, e compreende a alma de toda as coisas."

A Pirâmide egípcia também representa simbolicamente esta idéia da árvore cósmica. Seu ápice é o elo místico entre o céu e a terra, e sustenta a raiz, ao passo que a base representa os ramos espalhados que se estendem pelos quatro pontos cardiais do universo da matéria. Ela comporta a idéia de que todas as coisas tiveram origem no espírito - pois a evolução começou originalmente por cima e prosseguiu para baixo, e não ao contrário, como ensina a teoria darwiniana. Em outras palavras, houve uma materialização gradual de formas até que se atingisse o derradeiro rebaixamento fixo. Este ponto é aquele no qual a doutrina da evolução moderna adentra a área das hipóteses especulativas. Chegando a este período, acharemos mais fácil de entender a Antropogênese de Haeckel, que traça a genealogia do homem "desde a sua raiz protoplasmática, fermentada no vaso dos mares que existiram antes que as mais antigas rochas fossilíferas fossem depositadas", de acordo com a exposição do Professor Huxley. Poderemos acreditar que o homem evoluiu "pela evolução gradual de um mamífero semelhante organicamente ao macaco", e é mais fácil ainda fazê-lo quando lembramos que (embora numa fraseologia mais condensada e menos elegante, mais ainda compreensível) a mesma teoria foi ensinada, segundo Berosus, muitos milhares de anos antes de seu século, pelo Homem-peixe Oannes, ou Dragão, o semidemonio da Babilônia. Podemos acrescentar, como um fato de interesse, que esta antiga teoria da evolução foi conservada em alegoria e lenda, mas também retratada nos muros de certos templos da Índia, e, numa forma fragmentária, foi encontrada nos do Egito e nas lousas de Nemrod e Nineve, escavadas por Layard. Mas o que está no fundo da teoria darwiniana sobre a origem das espécies? No que lhe concerne, nada senão "hipóteses inverificáveis". Pois, como assinala, ele considerava todos os seres "como os descendentes direto de alguns poucos seres que viveram muito antes que a primeira camada do sistema siluriano fosse depositada". Ele não procurava mostrar-nos quem eram esses "poucos seres". Mas isto responde completamente ao nosso propósito, pois, na admissão de sua existência, recorre aos antigos para corroborar a idéia e recebe o selo da aprovação científica. Com todas as modificações por que passou o nosso globo no que respeita a temperatura, clima, solo e - se merecermos perdão, em face dos progressos recentes - a sua condição eletromagnética, seria muito temerário afirmar que qualquer coisa da ciência atual contradiz a antiga hipótese do homem ante-siluriano. Os machados de sílex encontrados inicialmente por Baucher e Perthes, no vale do Somme, provam que homens devem ter existido numa época tão antiga que desafia os cálculos. Se acreditarmos em Buchner, o homem deve ter existido mesmo

durante e antes da época glacial, uma subdivisão do período quaternário ou diluviano que provavelmente se estendeu muito além daquela. Mas quem pode dizer-nos qual a próxima descoberta que nos aguarda?

Ora, se temos provas irrefutáveis de que o homem existiu há tanto tempo assim, devem ter ocorrido modificações extraordinárias em seu sistema físico, correspondentes às modificações de clima e atmosfera. Isto não parece provar, por analogia, que remontando para trás, deve ter havido outras modificações que indicam que os progenitores mais remotos dos "gelados gigantes" foram coevos dos peixes devonianos ou dos moluscos silurianos? É verdade que eles não deixaram machadinhas de sílex atrás de si, nem ossos ou depósitos nas cavernas; mas, se os antigos estão certos, as raças daquele tempo eram compostas não apenas de gigantes, ou "poderosos homens de renome", mas também de "filhos de Deus". Se aqueles que acreditam na evolução do espírito tão firmemente como os materialistas acreditam na da matéria são acusados de ensinar "hipóteses inverificáveis", como podem eles facilmente retorquir aos seus acusadores dizendo que, por sua própria confusão, a evolução física é ainda "uma hipótese inverificada, senão realmente inverificável"! Os primeiros têm aos mesmos a prova indutiva dos mitos legendários, cuja imensa antiguidade é admitida por filósofos e arqueólogos; ao passo que os seus antagonistas nada têm de semelhante, a menos que eles se socorram de uma parte dos antigos hieróglifos e suprimam o resto.

Podemos agora retornar ainda mais uma vez à simbologia dos tempos antigos, e aos seus mitos psico-religiosos. Sob as figuras emblemáticas e da fraseologia peculiar do clero da Antiguidade repousam indicações ainda não descobertas no ciclo atual.

Mas há mitos que falam por si. Podemos incluir nesta classe os primeiros criadores de ambos os sexos de todas as cosmogonias. Os gregos Zeus-Zen (éter), e Ctônia (a terra caótica) e Métis (a água), suas esposas; Osíris e Ísis-latona - o primeiro representando também o éter -, a primeira emanção da Divindade Suprema, Amun, a fonte primordial de luz; a deusa terra e água também; Mithras, o deus nascido da rocha, símbolo do fogo cósmico masculino, ou a luz primordial personificada, e Mithra, a deusa do fogo, simultaneamente sua mãe e esposa; o elemento puro do fogo (o princípio ativo ou masculino) visto como luz e calor, em conjunção com, a terra e a água, ou como matéria (elementos femininos ou passivos da geração cósmica). Mithras é o filho de Bordj, a montanha cósmica persa, da qual ele reluz como um raio brilhante. Brahmâ, o deus do fogo, e sua prolífica consorte; e o Agni hindu, a divindade refulgente, de cujo corpo saem milhares de correntes de glória e sete línguas de fogo, e em cuja honra os brâmanes Sangika preservam até hoje o fogo perpétuo; Sivã, personificado pela montanha cósmica dos hindus - o Meru (Himalaia). Este terrível deus do fogo, que, segundo consta a lenda, desceu do céu, como o Jehovah judeu, numa coluna de fogo, e uma dúzia de outras divindades arcaicas de ambos os sexos, todos proclamam o seu significado oculto. E o que podem estes mitos duais significar senão o princípio psicoquímico da criação primordial? A primeira revelação da Causa Suprema em sua tripla manifestação de espírito, força e matéria; a correlação divina, no seu ponto de partida de evolução, alegorizado como casamento do fogo e da água, produtos do espírito eletrizante, união do princípio masculino ativo com o elemento feminino passivo, que se tornam os pais de sua criança telúrica, a matéria cósmica, a prima matéria, cujo espírito é o éter [e cuja sombra é] a LUZ ASTRAL!

Assim, todas as montanhas mundiais e ovos cósmicos, as árvores cósmicas e as serpentes e colunas cósmicas podem ser consideradas como incorporação de verdades da Filosofia Natural, cientificamente demonstradas. Todas essas montanhas contêm, com suas variações insignificantes, a descrição alegoricamente expressa da cosmogonia primordial; a árvore cósmica, a da evolução posterior do espírito e da matéria; as serpentes e colunas cósmicas, exposições simbólicas dos vários atributos dessa dupla evolução em sua correlação infindável de forças cósmicas. Nos misteriosos recessos da montanha - a matriz do universo -, os deuses (poderes) preparam os Vermes atômicos da vida orgânica, e ao mesmo tempo a bebida da vida, que, quando ingerida, desperta no homem-matéria o homem-espírito. O soma, a bebida sacrificial dos hindus, é essa bebida sagrada. Pois, quando da criação da prima matéria, enquanto as suas porções grosseiras eram utilizadas para o mundo físico embrionário, a sua essência mais divina penetra o universo, permanecendo invisivelmente e encerrando nas suas ondas a criança recém-nascida, desenvolvendo e estimulando a sua atividade à medida que ela lentamente saía do caos eterno.

Da poesia de concepção abstrata, estes mitos cósmicos passaram gradualmente às imagens concretas dos símbolos cósmicos, como a arqueologia agora os tem encontrado. A serpente, que exerce um papel proeminente nas imagens dos antigos, foi degradada por uma absurda interpretação da serpente do livro Gênese num sinônimo de Satã, o Príncipe das Trevas, quando ela é o mais engenhoso de todos os mitos em seus diversos simbolismos. Num deles, como agathodaimon, é o emblema da arte de curar e de

imortalidade do homem. Ela enfeita as imagens da maior parte dos deuses sanitários e higiênicos. A taça da saúde, nos mistérios egípcios, era enlaçada por serpentes. Como o mal só pode originar-se de um extremo do bem, a serpente, em outros aspetos, torna-se símbolo da matéria; que, quanto mais se distancia de sua fonte espiritual primeira, mais se torna sujeita ao mal. Nas mais antigas imagens do Egito, assim como nas alegorias cosmogônicas de Kneph, a serpente cósmica, quando simboliza a matéria, é usualmente representada encerrada num círculo; ela repousa estendida ao longo do equador, indicando assim que o universo da luz astral, a partir do qual o mundo físico proveio, enquanto limita este último, é ele próprio limitado por Emepht, ou a Causa primeira Suprema.

Ptah, que produz Râ, e as miríades de formas às quais dá vida, são reapresentados deslizando para fora do ovo cósmico, porque esta é a forma mais familiar daquilo em que se deposita e se desenvolve o germe de todo o ser vivo. Quando a serpente representa a eternidade e a imortalidade, ela abarca o mundo, mordendo a cauda, não oferecendo assim nenhuma solução de continuidade. Ela se torna então a luz astral. Os discípulos de escola de Feredides ensinavam que o éter (Zeus ou Zen) é o céu empíreo superior, que encerra o mundo superno e sua luz (a astral) é o elemento primordial concentrado.

Tal é a origem da serpente, metamorfoseada nos séculos cristãos em Satã. Ela é o Od, o Ob e o Or de Moisés e dos cabalistas. Quando em seu estado passivo, quando age naqueles que são inadvertidamente arremessados em sua corrente, a luz astral é Ob, ou Python. Moisés estava determinado a exterminar todos os que, sensíveis à sua influência, se deixavam cair sob o fácil controle dos seres vivos que se movem nas ondas astrais na água; seres que nos cercam e que Bulwe-Lytton chama no Zanoní de "os guardiões do limiar". Ela se torna o Od assim que é vivificada pelo efluxo consciente de uma alma imortal, pois então as correntes astrais estão agindo sob a tutela seja de um adepto, um espírito puro, seja de um hábil mesmerizador, que é ele próprio puro e sabe como dirigir as forças cegas.

Em tais casos, mesmo um espírito planetário superior, um da classe de seres que nunca se encarnaram (embora existam muitos entre estas hierarquias que viveram em nossa terra), desce ocasionalmente à nossa esfera, e purificando a atmosfera circundante torna o paciente capaz de ver e abre nele as fontes da genuína profecia divina. Quanto ao termo Or, a palavra é utilizada para designar certas propriedades ocultas do agente universal. Pertence mais diretamente ao domínio do alquimista, e não oferece nenhum interesse ao público geral. O autor do sistema filosófico Homoiomeriano, Anaxágoras de Clezemenae, acreditava firmemente que os protótipos espirituais de todas as coisas, assim como os seus elementos, podiam ser encontrados no Éter infinito, onde eram geradas, de onde provinham e para onde retornavam oriundos da Terra. Como os hindus, que personificam seu Âkasa (céu ou éter) e dele fizeram uma entidade deífica, os gregos e os latinos deificaram o Éter. Virgílio chama Zeus de pater omnipotens aether, Magnus, o grande deus Éter.

Uma vez admitida a existência de um tal Universo Invisível - como parece ser igualmente o fato se as especulações dos autores do Unseen Universe forem aceitas pelos seus colegas -, muitos fenômenos, até aqui misteriosos e inexplicáveis, tornar-se-ão claros. Ele age sobre o organismo dos médiuns magnetizados, penetra-os e satura-os de lado a lado, dirigido pela vontade poderosa de um mesmerizador ou pelos seres invisíveis que produzem o mesmo resultado. Assim que a operação silenciosa é realizada, o fantasmas astral ou sideral do paciente mesmerizado deixa paralisada sua envoltura de carne, e, depois de ter vagado pelo espaço infinito, se detém no limiar da misteriosa "fronteira". Para ele, a entrada do portal que marca o acesso à "terra do silêncio" está agora apenas parcialmente entreaberta; ela só escancarará à frente do sonâmbulo em transe no dia em que, unido com a sua essência imortal superior, ele tiver abandonado para sempre o seu corpo mortal. Até então, o vidente só pode ver através de uma fenda; dependerá de sua agudeza perceptiva a extensão do campo visual. A trindade na unidade é uma idéia que todas as nações antigas sustentaram em conjunto. As Três Devatâs, a Trimúrti hindu, as Três Cabeças da Cabala judia. "Três cabeças foram esculpidas, uma na outra e esta sobre outra". A trindade dos egípcios e a da mitologia grega eram igualmente representações da primeira emanção tripla que contém dois princípios: o masculino e o feminino. É a união do Logos masculino, ou sabedoria, a Divindade revelada, com a Aura ou Anima Mundi feminina - "o Pneuma sagrado", a Sephira dos cabalistas e a Sophia dos gnósticos refinados - que produziu todas as coisas visíveis e invisíveis. Enquanto a verdadeira interpretação metafísica desse dogma universal permaneceu nos santuários, os gregos, com seus instintos poéticos, a personificação em inúmeros mitos encantados. Nas Dionisiacas de Nono, o deus Baco, entre outras alegorias, é representado como um amante da brisa suave e benigna (o Pneuma Sagrado), sob o nome de Aura Plácida.

Ísis Sem Véu - Capítulo VI

Capítulo VI

Fenômenos psicofísicos

Definições necessárias:

MAGNETISMO - Uma força que existe na Natureza e no homem. No primeiro caso é um agente que dá origem aos diversos fenômenos de atração, polaridade etc. No segundo caso, converte-se em magnetismo "animal", em contraposição ao magnetismo cósmico e terrestre. [O magnetismo, bem como a eletricidade, nada mais é que manifestação do Kundalini Shakti, (*) que inclui as duas grandes forças de atração e repulsão.]

KUNDALINÎ-SAKITI (ou shakti) (Sânc.) - O poder de vida; uma das Forças da Natureza; o poder que engendra certa luz naqueles que se dispõem ao desenvolvimento espiritual e clarividente. É um poder conhecido por aqueles que praticam a concentração e o Yoga. O poder serpentino ou em espiral, poder divino latente em todos os seres. (Svâni Vivenkânanda) O poder ou força que se move fazendo curvas. É o princípio universal de vida, que se manifesta em todas as partes da Natureza. Esta força inclui as duas forças de atração e repulsão. A eletricidade e o magnetismo são apenas manifestações suas. Este é o poder que produz o "ajuste contínuo das relações internas com as relações externas", que é a essência da vida, segundo Herbert Spencer, e o "ajuste contínuo das relações externas com as internas", que é a base da transmigração das almas (renascimento), segundo as doutrinas dos antigos filósofos hindus. (Doutrina Secreta, I, 312) Esta força, também chamada de "Poder ígneo", é um dos poderes místicos do yogî e é o Buddhi considerado como princípio ativo; é uma força criadora que, um vez desperta, pode matar tão facilmente quanto criar. (A Voz do Silêncio, I.).

MAGNETISMO ANIMAL - Enquanto a ciência oficial qualifica-o de "suposto" agente e afasta por completo sua realidade, os numerosos milhões de pessoas dos tempos antigos e as nações asiáticas que vivem atualmente, ocultistas teósofos, espíritas e místicos de toda a espécie proclamam-no como um fato bem comprovado. O magnetismo animal é um fluido, uma emanção. Algumas pessoas emitem-no para fins curativos pelos olhos e pelas pontas dos dedos, enquanto todas as demais criaturas, homens, animais e ainda todo objeto inanimado, emanam-no seja como uma aura, seja como um luz variável, de um modo consciente ou não. Quando aplicado a um paciente por contato ou pela vontade de um operador humano, recebe o nome de "Mesmerismo".

MESMERISMOS - Termo derivado de Mesmer, que redescobriu a força magnética e suas aplicações práticas. É uma corrente vital, que pode ser transmitida de uma pessoa para outra e através da qual se produz um estado anormal no sistema nervoso, que permite exercer uma influência direta sobre a mente e a vontade do indivíduo ou pessoa mesmerizada. (Glossário da Chave da Teosofia) A referida corrente de Prana é a energia vital, que, especializada pelo duplo etérico, o mesmerizador emite para restaurar uma pessoa débil e para curar as doenças. (Sabedoria Antiga, 64) O mesmerismo, que em outros tempos foi objeto de grossa zombaria, é aceito modernamente pela ciência oficial sob o nome de Hipnotismo. - Glossário Teosófico. Editora Ground.

A dívida que temos com Paracelso

A revolução pela qual a Química passou recentemente foi calculada apenas para concentrar a atenção dos químicos sobre este fato; e não deve parecer estranho se, em menos tempo do que fosse necessário para efetuar-la, as reivindicações dos alquimistas fossem examinadas com imparcialidade e estudadas de um ponto de vista racional. Transpor o estreito precipício que agora separa a nova Química da velha Alquimia é pouco, se comparado ao difícil esforço deles em passar da teoria dualista à unitária. Assim como Ampère serviu para apresentar Avogadro aos nossos químicos contemporâneos, também Reichenbach talvez tenha um dia o mérito de ter preparado com o seu OD o terreno para a justa apreciação de Paracelso. Isso aconteceu mais de cinquenta anos antes que as moléculas fossem aceitas como unidade dos cálculos químicos; será preciso esperar menos da metade desse tempo para que os eminentes méritos do místico suíço sejam reconhecidos. O parágrafo abaixo, admoestador dos médiuns curandeiros, que se encontram por toda parte, deve ter sido escrito por alguém que leu as suas obras. "deveis compreender", diz ele, "que o imã é aquele espírito de vida, do homem, que o doente procura,

pois ambos se unem com o caos exterior. E assim os homens sadios são infectados pelos doentes através da atração magnética.

Mesmerismo: sua origem, acolhimentos e potencialidades

Uma obra sobre filosofia mágico-espiritual e ciência oculta estaria incompleta sem uma notícia particular da história do Magnetismo Animal, tal como a conhecemos depois que, com ela, Paracelso desconcertou todos os professores da segunda metade do século XVI. Examinaremos brevemente o seu aparecimento em Paris por ocasião da sua importação da Alemanha por Antônio Mesmer. Leiamos com cuidado e atenção os velhos papéis que agora se desfazem em pó na Academia de Ciência daquela capital, pois neles perceberemos que, depois de terem rejeitado uma a uma cada descoberta feita desde Galileu, os Imortais chegaram ao cúmulo de voltar as costas ao Magnetismo e ao Mesmerismo. Fecharam voluntariamente as portas diante de si mesmos, as portas que levam aos maiores mistérios da Natureza, que jazem nas regiões escuras tanto do mundo psíquico quanto do físico. O grande solvente universal, o alkahest, estava ao seu alcance - e eles o deixaram passar despercebido; e agora, depois que quase cem anos se pausaram, lemos a seguinte confissão: "Ainda é verdade que, além dos limites da observação direta, a nossa ciência [Química] não é infalível e que as nossas teorias e os nossos sistemas, embora todos possam conter um germe de verdade, estão submetidos a mudanças freqüentes e são amiúde revolucionados."

À doutrina de Paracelso. Seu estilo incompreensível, embora vívido, deve ser lido com os rolos de Ezequiel, "por dentro e por fora". O perigo de propor teorias heterodoxas era grande naqueles dias; a Igreja era poderosa e os feiticeiros eram queimados às dúzias. É por esta razão que Paracelso, Agripa e Eugênio Filaletes foram notáveis por suas declarações piedosas quanto famosos por suas descobertas de Alquimia e Magia. As opiniões completas de Paracelso sobre as propriedades ocultas do imã estão parcialmente explicadas no seu famoso livro, o Archidoxa, em que descreve a tintura maravilhosa, um medicamento extraído do imã e chamado Magisterium magnetis, e parcialmente em De ente Dei e De ente astrorum, livro I. Mas as explicações são todas dadas numa linguagem ininteligível para o profano: "Todo camponês", diz ele, "vê que um imã atrairá o ferro, mas um homem sábio deve questionar-se.(...) Descobri que o imã, além deste poder visível, o de atrair o ferro, possui um outro poder, que é oculto".

Ele demonstra, a seguir, que no homem reside escondida uma "força sideral", que é uma emanção dos astros e dos corpos celestiais de que se compõe a forma espiritual do homem - o espírito astral. Esta identidade de essência, que podemos denominar de o espírito da matéria cometária, está sempre em relação direta com os astros de onde foi extraída e, assim, existe uma atração mútua entre os dois, pois ambos são imãs. A composição da Terra e de todos os outros corpos planetários e do corpo terrestre do homem constituía a idéia fundamental de sua filosofia. "O corpo provem dos elementos; e o espírito [astral], dos astros. (...) O homem come e bebe dos elementos, para o sustento do seu sangue e da sua carne, mas dos astros vêm o sustento do intelecto e os pensamentos de sua alma." Vemos corroboradas as afirmações de Paracelso, porquanto o espectroscópio demonstrou a verdade da sua teoria relativa à composição idêntica do homem e dos astros; os físicos agora dissertam para as suas classes sobre as atrações magnéticas do Sol e dos planetas. Dos elementos conhecidos que compõem o corpo do homem, já foram descobertos no Sol o hidrogênio, o sódio, o cálcio, o magnésio e o ferro, e nas centenas de astros observados, encontrou-se hidrogênio, exceto em dois.

E eis que uma questão se apresenta muito naturalmente. Como chegou Paracelso a apresentar algo da composição dos astros quando, até um período recente - até a descoberta do espectroscópio -, os constituintes dos corpos celestiais eram completamente desconhecidos dos nossos cultos acadêmicos? E mesmo hoje, apesar do telespectroscópio (Ou telescópio, instrumento óptico destinado a observar objetos muito distante) e de outros aperfeiçoamentos modernos muito importantes, tudo - exceto um pequeno número de elementos e uma cromosfera hipotética - ainda é um mistério nos astros. Podia Paracelso estar certo da natureza da hoste estelar, a menos que tivesse meios dos quais a Ciência nada sabe? Todavia, nada sabendo, ela nem mesmo pronunciou os nomes desses meios, que são - a Filosofia Hermética e a Alquimia. Devemos ter em mente, além disso, que Paracelso foi o descobridor do hidrogênio e que ele conhecia todas as suas propriedades e a sua composição muito tempo antes que quaisquer um dos acadêmicos ortodoxos suspeitasse de sua existência; ele estudara Astrologia e Astronomia, como todos os filósofos do fogo; e, se ele afirmou que o homem está em afinidade direta com os astros, é porque sabia muito bem do que estava falando.

A alimentação do corpo físico e sua relação com a energia magnética

O ponto seguinte que os fisiologistas devem verificar é a sua proposição de que a alimentação do corpo se faz não só pelo estômago, "mas também, imperceptivelmente, pela força magnética, que reside em toda a Natureza e da qual todo indivíduo colhe para si o seu alimento específico." O homem, diz ele a seguir, colhe não só a saúde dos elementos, mas também a doença dos elementos perturbados. Os corpos vivos estão sujeitos às leis da afinidade química, como admite a Ciência; a propriedade física mais notável dos tecidos orgânicos, de acordo com os fisiologistas, é a propriedade de absorção. O que há de mais natural, então, do que essa teoria de Paracelso, segundo a qual o nosso corpo absorvente, atrativo e químico acumula em si mesmo as influências astrais ou siderais? "O Sol e as estrelas nos atraem para eles, e nós atraímos para nós". Que objeção oferece a Ciência contra esse fato? O que exalamos foi mostrado através da descoberta do Barão Reichenbach das emanções ódicas do homem, que são idênticas às chamas que provem dos imãs, dos cristais e de todos os organismos vegetais.

A unidade do universo foi afirmada por Paracelso, que diz que "o corpo humano está possuído de matéria primordial" (ou matéria cósmica); o espectroscópio provou esta asserção ao mostrar que "os mesmos elementos químicos que existem sobre a Terra e no Sol também podem ser encontrados em todas as estrelas". O espectroscópio faz mais ainda: mostra que todas as estrelas "são sóis, similares em constituição ao nosso"; e o Prof. Mayer acrescenta: as condições magnéticas da Terra dependem das variações que sofre a superfície solar, a cujas emanções ela está sujeita, pelo que, se as estrelas são sóis, também têm de influir proporcionalmente na Terra.

"Nos nossos sonhos", diz Paracelso, "somos como as plantas, que também possuem o corpo elementar e vital, mas não o espírito. No nosso sono, o corpo astral é livre e pode, pela elasticidade da sua natureza, pairar ao redor do seu veículo adormecido ou erguer-se mais alto, para conversar com os pais estelares ou mesmo comunicar-se com os seus irmãos a grandes distâncias. Os sonhos de caráter profético, a presciência e as necessidades atuais são as faculdades do espírito astral. Esses dons não são concedidos ao nosso corpo elementar e grosseiro, pois com a morte ele desce ao seio da Terra e se reúne aos elementos físicos, ao passo que muitos espíritos retornam às estrelas. Os animais", acrescenta, "têm também os seus pressentimentos, pois também têm um corpo astral". Van Helmont, que foi discípulo de Paracelso, diz a mesma coisa, embora suas teorias sobre o Magnetismo sejam mais amplamente desenvolvidas e ainda mais cuidadosamente elaboradas. Omagnale magnum, o meio pelo qual a propriedade magnética secreta permite que uma pessoa afete uma outra, é atribuído por ele a essa simpatia universal que existe entre todas as coisas e a Natureza. A causa produz o efeito, o efeito remonta à causa e ambos são recíprocos. "O Magnetismo", afirma ele, "é uma propriedade desconhecida de natureza celestial; muito semelhante às estrelas e nunca impedida por quaisquer fronteiras de tempo ou de espaço. (...) Toda criatura possui o seu próprio poder celestial e está estreitamente ligada ao céu. Este poder mágico do homem permanece latente no seu interior até que se atualiza no exterior. (...) Esta sabedoria e poder mágico estão adormecidos, mas a sugestão os põe em atividade aumenta à medida que se reprimem as tenebrosas paixões da carne. (...) Isto o consegue a arte cabalística, que devolve à alma aquela força mágica, mas natural, e a desperta do sono em que se achava sumida."

Van Helmont e Paracelso reconhecem o grande poder da vontade durante os êxtases. Dizem que "o espírito está difundido por toda parte; é o agente do Magnetismo"; que a pura magia primordial não consiste em práticas supersticiosas e cerimônias vãs, mas na imperiosa vontade do homem. "Não são os espíritos do céu e do inferno que dominam a natureza física, mas, sim, a alma e o espírito que se ocultam no homem como o fogo na pederneira."

A teoria da influência sideral sobre o homem foi enunciada por todos os filósofos medievais. "Os astros consistem igualmente dos elementos dos corpos terrestres", diz Cornélio Agripa, "e, por isso, as idéias se atraem reciprocamente. (...) As influências só se exercem com o concurso do espírito, mas este espírito está difundido por todo o universo e está em concordância plena com os espíritos humanos. Quem quiser adquirir poderes sobrenaturais deve possuir fé, amor e esperança. (...) Em todas as coisas há um poder secreto ocultado e daí provêm os poderes miraculosos da Magia".

A doutrina de Mesmer

A doutrina de Mesmer era simplesmente uma reafirmação das doutrinas de Paracelso, Van Helmont, Santanelli e Maxwell, o escocês. Ele foi acusado de haver plagiado textos da obra de Bertrand e de enunciá-los como princípios seus. Em sua obra, o Prof. Stewart considera que nosso universo está composto de átomos conectados entre si como os órgãos de uma máquina acionada pelas leis da energia.

O Prof. Youmans chama a isto "uma doutrina moderna", mas encontramos entre as 27 proporções expressas por Mesmer, em 1775, justamente um século antes, em sua Letter to a Foreign Physician, as seguintes:

1. Existe uma influência mútua entre os corpos celestiais, a terra e os corpos vivos.
2. Um fluído, universalmente disperso e contínuo, de maneira a não admitir vácuo, cuja sutileza está aquém de toda comparação e que, por sua própria natureza, é capaz de receber, propagar e comunicar todas as impressões de movimento, é o agente dessa influência. Parece, de acordo com essas afirmações, que a teoria não é tão nova. O Prof. Balfour Stewart diz: "Devemos considerar o universo à luz de uma vasta máquina física". E Mesmer:
3. Esta ação recíproca está sujeita a leis mecânicas, não conhecidas até a presente data.

O Prof. Mayer, reafirmando a doutrina de Gilbert segundo a qual a Terra é uma grande imã, observa que as variações misteriosas da intensidade da sua força parecem estar sujeitas às emanações do Sol, "modificando-se com as aparentes revoluções diurnas e anuais daquele orbe e pulsando em simpatia com as imensas ondas de fogo que se agitam na sua superfície". Ele fala da "flutuação constante, do fluxo e do refluxo da influência diretiva da Terra". E Mesmer:

4. Desta ação resultam efeitos alternativos que podem ser considerados como um fluxo e um refluxo.
5. É por esta operação (a mais universal das que a Natureza nos apresenta) que as relações de atividade ocorrem entre os corpos celestiais, a Terra e as suas partes constituintes. Há ainda duas outras cuja leitura interessaria aos nossos cientistas modernos:
6. As propriedades da matéria e do corpo organizado dependem desta operação.
7. O corpo animal experimenta os efeitos alternados desse agente; e é insinuando-se, na substância dos nervos que ele os afeta imediatamente. Os experimentos de Mesmer foram bastante aperfeiçoados pelo Marquês de Puységur, que dispensou completamente os aparelhos e efetuou curas notáveis entre os arrendatários da sua propriedade de Busancy. Dados a público, estes fatos fizeram com que muitos outros homens cultos experimentassem com semelhante êxito, e em 1825 Foissac propôs à Academia de Medicina a instituição de um nova pesquisa.

O que dizem a respeito do Magnetismo como um remédio secreto foi dito muitas vezes pelos mais respeitáveis escritores sobre o moderno spiritismo, a saber: "É tarefa da Academia estudá-lo, submetê-lo a provas; finalmente, retirar o seu uso e a sua prática das pessoas estranhas à arte, que abusam dos meios que ele fornece e fazem dele um objeto de lucro e especulação". O relatório inclui uma grande quantidade de fenômenos classificados em 3 parágrafos diferentes; todavia, como esta obra não se dedica especialmente à ciência do mesmerismo, nos contentamos apenas com alguns breves extratos. Eles afirmam que nem o contato das mãos, as fricções, nem os passos são absolutamente necessários, pois que, em muitas ocasiões, a vontade e a fixidez do olhar foram suficientes para produzir fenômenos magnéticos, mesmo sem o conhecimento do magnetizado. Os fenômenos terapêuticos atestados" dependem apenas do Magnetismo e não são reproduzidos sem ele. O estado de sonambulismo existe e ocasiona o desenvolvimento de novas faculdades, que têm recebido o nome de clarividência, intuição e previsão interna". O sono (magnético) foi provocado sob circunstâncias em que os magnetizados não podiam ver e ignoravam completamente os meios empregados para produzi-lo. O magnetizador, tendo controlado o seu paciente, pode pô-lo completamente em estado de sonambulismo, tirá-lo dele sem o seu conhecimento, para fora das suas vistas, a uma certa distância e por portas fechadas". Os sentidos externos da pessoa adormecida parecem completamente paralisados e uma segunda entidade pode ser posta em ação. "Na maior parte do tempo os paciente são totalmente estranhos aos ruídos externos e inesperados produzidos perto dos seus ouvidos, tais como o som de vasilhas de cobre batidas com violência, a queda de qualquer objeto pesado, etc. (...) Pode-se fazê-los respirar ácido hidroclorídrico ou amoníaco sem dano algum ou sem que se preocupem com eles". A comissão podia "fazer cócegas nos seus pés e nas suas narinas, passar uma pena nos cantos dos olhos, beliscar a sua pele até produzir equimoses, picá-los sob as unhas com alfinetes enterrados a uma profundidade considerável, sem o menor sinal de dor ou de consciência do fato. Em resumo, vimos uma pessoa insensível a uma das mais

dolorosas cirurgias e cuja fisionomia, assim com o pulso e a respiração, não manifestou a mínima emoção."

Já chega para os sentidos externos; vejamos agora o que eles têm a dizer sobre os internos, que podem ser considerados capazes de demonstrar uma diferença notável entre o homem e o protoplasma de carneiro. "Enquanto estão em estado de sonambulismo diz a comissão, "as pessoas magnetizadas que observamos conservam o exercício das faculdades que possuem quando estão despertas. A sua memória parece até ser mais fiel e mais extensa. (...) Vimos dois sonâmbulos distinguirem, de olhos fechados, objetos colocados à sua frente; disseram, sem as tocar, a cor e o valor de cartas; leram palavras traçadas com a mão, ou algumas linhas de livros abertos ao acaso. Este Fenômeno ocorreu mesmo quando as suas pálpebras foram cuidadosamente fechadas com os dedos. Encontramos em dois sonâmbulos o poder de antever atos mais ou menos complicados do organismo. Um deles anunciou com antecipação de muitos dias, não, de muitos meses, o dia, a hora e o minuto em que ataques epilépticos ocorreriam e reincidiriam; outro declarou o momento da cura. As suas previsões realizaram-se com exatidão notável".

Psicometria, "a luz astral e "a memória de Deus"

Há cientistas e cientistas; e se as ciências ocultas sofrem, na instância do Espiritismo moderno, da malignidade de uma classe, elas tiveram, não obstante, os seus defensores em todos os tempos entre os homens cujos nomes derramaram luzes sobre a própria ciência. No primeiro posta está Isaac Newton, "a luz da Ciência", que acreditava plenamente no Magnetismo tal como fora ensinado por Paracelso, Van Helmont e os filósofos do fogo em geral. Ninguém ousará negar que a sua doutrina do espaço e da atração universal é tão-só uma Teoria do Magnetismo. Se as suas próprias palavras significam alguma coisa, elas querem dizer que ele baseou todas as suas especulações na "alma do mundo", o grande agente universal e magnético que ele chamava de divine sensorium. "Aqui", diz ele, "trata-se de um espírito muito sutil que penetra tudo, mesmo os corpos mais duros, e que está oculto na sua substância. Pela força e pela atividade desse espírito, os corpos se atraem uns aos outros e se mantêm juntos quando colocados em contato. Através dele, os corpos elétricos operam à distância mais remota, tanto quanto se estivessem próximos, atraindo-se e repelindo-se; por este espírito a luz também flui e é refratada e refletida, e aquece os corpos. Todos os sentidos por esse espírito e por ele os animais movem os seus membros. (...) Mas estas coisas não podem ser explicadas com poucas palavras e não temos experiência suficiente para determinar plenamente as leis pelas quais opera esse espírito universal".

Há duas espécies de magnetização; a primeira é puramente animal, a outra é transcendente e depende da vontade e do conhecimento do mesmerizador, assim como do grau de espiritualidade do paciente e da sua capacidade de receber as impressões da luz astral. Deve-se observar aqui a clarividência depende muito mais da primeira-animal do que da segunda - transcendente. O paciente mais positivo se submeterá ao poder de um adepto, como Du Potet. Se a sua opinião estiver convenientemente dirigida pelo mesmerizador, pelo mago ou pelo espírito, a Luz Astral deverá liberar ao nosso escrutínio os registros mais secretos; pois, se ela é um livro que sempre está fechado àqueles "que vêem e nada percebem", por outro lado está sempre aberto àquele que quer vê-lo aberto. Ele guarda um registro inalterado de tudo que foi, que é ou que será. Os mínimos atos de nossas vidas estão impressos nele e mesmo os nossos pensamentos estão fotografados em suas páginas eternas. É o livro que vemos aberto pelo anjo do Apocalipse, "que é o Livro da vida e é por ele que os mortos são julgados de acordo com as suas obras". Ele é, em suma, a MEMÓRIA de DEUS!

"Os oráculos afirmam que a impressão dos caracteres e de outras visões divinas aparecem no Éter. (...) Nele, as coisas sem figura estão figuradas", diz um fragmento antigo dos Oráculos de Zoroastro. Assim, tanto a antiga quanto a moderna sabedoria, vaticínio e ciência, concordam na corroboração das asserções cabalísticas. É nas páginas indeléveis da luz astral que são estampadas as impressões de todo pensamento que pensamos e de todo ato que realizamos; e os eventos futuros - efeitos de causas há muito esquecidas - já estão ali delineados como uma pintura vívida que o olho do vidente e do profeta podem ver. A memória - o despertar do materialista, o enigma do psicólogo, a esfinge da Ciência - é, para o estudioso das filosofias antigas, apenas um nome que designa o poder que o homem exerce inconscientemente e que partilha com muitos dos animais inferiores, de olhar com a visão interior para a luz astral e de ver aí as imagens das sensações e dos incidentes do passado. Em vez de procurar os gânglios cerebrais para "as micrografias dos vivos e dos mortos e de lugares que já visitamos, de incidentes de que já participamos", eles se dirigiram ao vasto repositório em que os registros da vida de todo homem, assim como de toda pulsação do cosmo visível, estão armazenadas para toda a eternidade!

O clarão da memória, que se supõe tradicionalmente mostrar ao homem submerso todas as cenas há muito esquecidas da sua vida mortal - como a paisagem é revelada ao viajante por intermitentes clarões de relâmpagos -, é apenas um vislumbre repentino que a alma combatente lança nas galerias silenciosas em que a sua história está pintada em cores imperecíveis. O fato bastante conhecido - corroborado pela experiência pessoal de nove entre dez pessoas - de que freqüentemente reconhecemos como familiares cenas e paisagens e conversas que vemos ou ouvimos pela primeira vez, e às vezes em lugares aos quais nunca fomos antes, é um resultado das mesmas causas. Os que acreditam na reencarnação invocam esse fato como uma prova adicional de nossa existência anterior em outros corpos. Este reconhecimento de homens, lugares e coisas que nunca vimos é atribuído por eles a clarões da memória anímica de experiências anteriores. Mas os homens de antanho, como os filósofos medievais, difundiram energeticamente uma opinião contrária.

Eles afirmaram que - embora este fenômeno psicológico fosse um dos maiores argumentos a favor da imortalidade e também da preexistência da alma, sendo esta última dotada de uma memória individual separada do nosso corpo físico - ele não se constitui em prova da reencarnação. Como Éliphas Lévi expressa muito bem, "a Natureza fecha a porta depois que cada coisa passa e leva a vida à frente" em formas mais perfeitas. A crisálida transforma-se em borboleta; esta nunca se transforma novamente numa larva. Na calma das horas noturnas, quando os nossos sentidos corporais estão tolhidos pelo sono e o nosso físico repousa, a forma astral torna-se livre. Ela então se esvai para fora de sua prisão terrena e, segundo a expressão de Paracelso, "confabula com o mundo exterior" e viaja pelos mundos visíveis e invisíveis. "No sono", diz ele, "o corpo astral (alma) está liberto dos seus movimentos; então ele voa para os seus pais e conversa com as estrelas". Os sonhos, os presságios, a presciência, os prognósticos e os pressentimentos são impressões deixadas por nosso corpo astral em nosso cérebro, que os recebe mais ou menos distintamente, de acordo com a intensidade de sangue que lhe é fornecido durante as horas de sono. Quanto mais débil esteja o corpo físico, mais vívida será a memória anímica e maior liberdade gozará o espírito. Depois de profundo e repousado sono sem sonhos, o homem retorna ao estado de vigília, não conserva nenhuma recordação de sua existência noturna e, contudo, em seu cérebro, estão gravadas, embora latentes sob a pressão da matéria, as cenas e paisagens durante sua peregrinação no corpo astral. Estas imagens latentes podem ser reveladas pelos relâmpagos da memória anímica que estabelecem momentos intercâmbios de energia entre o universo visível e o invisível, isto é entre os gânglios micrográficos cerebrais e as moléculas cenográficas da luz astral. E um homem que sabe que nunca visitou em corpo, nem viu a paisagem e a pessoa que ele reconhece, pode afirmar que os viu e os conhece, pois esse conhecimento foi travado durante uma dessas viagens em "espírito". A isso os filósofos fazem apenas uma objeção. Responderão que no sono natural - perfeito e profundo - "a metade da nossa natureza, que é volitiva, está em condição de inércia"; em consequência, é incapaz de viajar; tanto mais a existência de um tal corpo ou alma astral individual é considerada por eles um pouco menos do que um mito poético.

Ninguém, por grosseiro e material que seja, pode evitar o fato de levar uma existência dupla; uma no universo visível, outra no invisível. O princípio vital que anima a sua constituição física está principalmente no corpo astral; e enquanto suas partículas densas ficam inertes, as mais sutis não conhecem limites nem obstáculos. Estamos perfeitamente conscientes de que muitos eruditos, e também ignorantes, se erguerão contra essa teoria da distribuição do princípio vital. Eles prefeririam continuar na ignorância bem-aventurada e confessar que ninguém sabe nem pode pretender dizer de onde vem esse agente misterioso e para onde ele vai ao invés de conceder um momento de atenção àquilo que consideram como teorias antigas e desacreditadas. Alguns, colocando-se no terreno da Teologia, podem objetar que os brutos cegos não possuem almas imortais e, em consequência, não têm espíritos astrais; pois os teólogos, como os leigos, vivem sob a errônea impressão de que alma e espírito são uma e a mesma coisa. Mas se estudarmos Platão e outros filósofos da Antigüidade, poderemos perceber perfeitamente que, enquanto a "alma irracional", com que Platão designa o nosso corpo astral, ou a representação mais etérea do nosso ser, pode ter no melhor dos casos apenas uma continuidade de existência mais ou menos prolongada além-túmulo - o espírito divino, erroneamente chamado de alma pela Igreja, é imortal por sua própria essência. (Qualquer erudito hebraico apreciará prontamente a distinção que existe entre as palavras, *rûah*, e, *nephesh*.) Se o princípio vital é algo isolado do espírito astral e não está de maneira alguma ligado a ele, como é que pode dizer que a intensidade dos poderes clarividentes depende tanto da prostração corporal do paciente? Quanto mais profundo é o sonho hipnótico e menos sinais de vida se notem no corpo físico, mais claras se tornam as percepções espirituais e mais penetrantes as visões da alma, que, desprendida dos sentidos corporais, atua com muito mais potência do que quando ele serve de veículo num corpo forte e sadio. Brierre de Boismonte fornece exemplos repetidos desse fato. Os órgãos da visão, do olfato, do paladar, do tato e da audição provaram

tornar-se mais perfeitos num paciente mesmerizado privado da possibilidade de exercê-los corporalmente do que quando os utiliza em seu estado normal.

Estes fenômenos provam incontestavelmente a continuidade da vida, pelo menos por um certo período depois de morto o corpo físico. Mas, embora durante a sua breve permanência na Terra a nossa alma possa ser comparada a uma luz ocultada num alqueire, ela não deixa de brilhar por isso e de receber a influência de espíritos afins, de modo que todo pensamento bom ou mau atrai vibrações da mesma natureza tão irresistivelmente quanto o imã atrai as limalhas de ferro. Esta atração é proporcional também à intensidade com que o impulso do pensamento se faz sentir no éter. Assim se pode compreender como alguém se imponha com tanta força em sua época, que sua influência pode ser transmitida - através de correntes de energia que estão sempre em intercâmbio entre os dois mundos, o visível e o invisível - de era em era, até chegar a afetar porção da Humanidade. Um dos descobrimentos mais interessantes dos tempos modernos é a faculdade que permite a uma certa classe de sensitivos receber, de qualquer objeto colocado em suas mãos ou aplicado sobre sua testa, impressões do caráter ou da aparência do indivíduo ou de qualquer objeto com que ele esteve anteriormente em contato. Assim, um manuscrito, um quadro, uma vestimenta ou uma jóia - seja qual for a sua antigüidade - transmite ao sensitivo uma pintura vívida do escritor, pintor ou usuário, mesmo que ele tenha vivido nos dias de Ptolomeu ou Enoc. Não mais: um fragmento de um antigo edifício recordará a sua história e até cenas que transpiram do seu interior ou das suas cercanias. Um pedaço de minério levará a visão da alma de volta à época em que ele estava em processo de formação. Esta faculdade é denominada pelo seu descobridor - Prof. J.R. Buchanan, de Louisville, no Kentucky - de *psicometria*. É a ele que o mundo está em débito por este acréscimo tão importante à ciência psicológica; e é a ele, talvez, quando o ceticismo for derrubado pelo acúmulo de fatos, que a posteridade erigirá uma estátua. Anunciando ao público a sua grande descoberta, o Prof. Buchanan, limitou-se ao poder da *psicometria* para delinear o caráter humano, diz: "A influência mental e fisiológica atribuída à escrita parece ser indestrutível, pois os espécimes mais antigos que investiguei forneceram as suas impressões com uma nitidez e uma força pouco, senão nada, prejudicadas pelo tempo. Velhos manuscritos, que exigiam um antiquário para se decifrar a sua estranha caligrafia antiga, foram facilmente interpretados pelo poder psicológico. (...). A propriedade de conservar a impressão da mente não está limitada à escrita. Desenhos, quadros - tudo aquilo em que o contato, o pensamento e a volição humana têm sido consumidos - podem encadear-se a esse pensamento e a essa vida, de maneira que eles re-ocorram à mente de uma pessoa quando há contato".

Sem, talvez, conhecer realmente, nas primeiras horas da sua descoberta, a significação de suas próprias palavras acrescenta: "Esta descoberta, na sua aplicação às artes e à História, abrirá uma mina de informações interessantes".

A existência desta faculdade foi demonstrada experimentalmente, pela primeira vez, em 1841. Desde então, foi verificada por milhares de *psicômetras* em diferentes parte do mundo. Ela prova que tudo o que ocorre na Natureza - por mínimo ou insignificante que seja - deixa a sua impressão indelével sobre a natureza física; e, como não resulta daí nenhuma perturbação molecular apreciável, a única inferência possível é a que essas imagens foram produzidas por aquela força invisível, universal - o éter, ou luz astral.

No livro, *The Soul of Things*, o Prof. Denton, geólogo, entra em grande profundidade numa discussão sobre este assunto. Fornece uma enorme quantidade de exemplos do poder *psicométrico*, que a Sra. Denton possui em grau bastante acentuado. Um fragmento da casa de Cícero, em Túsculo, permitiu-lhe descrever, sem a mínima informação sobre a natureza do objeto colocado a sua frente, não só a vizinhança do grande orador, mas também o morador anterior do edifício, Cornelius Sulla Félix, ou, como era usualmente chamado, Sulla, o Ditador. Um fragmento de mármore da antiga Igreja Cristã de Esmirna fez surgir diante dela a sua congregação e os sacerdotes oficiantes. Espécimes de Nínive, da China, de Jerusalém, da Grécia, do Ararat e de outros lugares do mundo trouxeram à baila cenas da vida de várias personagens cujas cinzas desapareceram a milhares de anos. Em muitos casos o Prof. Denton verificou as afirmações com o auxílio de registros históricos. Mais que isso: um pedaço do esqueleto ou um fragmento do dente de um animal antediluviano induziu a vidente a perceber a criatura tal como era quando estava viva, e até a viver a sua vida por alguns breves momentos e a experimentar as suas sensações. Diante da busca ansiosa do *psicômetra*, os recessos mais ocultos do domínio da Natureza revelam os seus segredos e os eventos das épocas mais remotas rivalizam em vividez de impressão com as circunstâncias fugazes de ontem.

Diz o autor, na mesma obra: "Nenhuma folha tremula, nenhum inseto rasteja, nenhuma ondulação se põe em mancha - porém cada movimento está gravado por mil escribas fieis em escrita infalível e indelével. Isto é válido para todas as épocas, da primeira aurora de luz sobre este globo infantil, quando uma cortina de vapores flutuava ao redor do seu berço, até este momento. A Natureza esteve sempre ocupada em fotografar cada instante. Que galeria de quadros é ela!"

Parece-nos impossível imaginar que cenas da antiga Tebas ou de algum templo pré-histórico pudessem ser fotografadas sobre a simples substância de certos átomos. As imagens dos eventos estão incrustadas naquele agente universal, que tudo penetra, que tudo conserva e que os filósofos chamam de "a alma do mundo", e o Sr. Denton, de "a alma das coisas". O psicômetra, aplicando o fragmento de uma substância à sua frente, coloca o seu eu interior em relação com a alma interior do objeto que ele toca. Admite-se agora que o éter universal penetra todas as coisas na Natureza, mesmo a mais sólida. Começa-se a admitir que ele preserva as imagens de todas as coisas que dele transpiram. Quando o psicômetra examina o seu espécime, ele é colocado em contato com a corrente da Luz Astral, que está em relação com aquela espécie e que conserva quadros dos eventos associados à história. Estas cenas, de acordo com Denton desfilam diante dos seus olhos com a velocidade da luz; as cenas sucedem tão rapidamente umas às outras, que só pelo exercício supremo da vontade é ele capaz de reter uma delas no campo de sua visão durante um tempo suficiente para a descrever.

O psicômetra é clarividente; isto é, ele vê com o olho interior. A menos que o poder da sua vontade seja muito forte, a menos que ele tenha sido treinado plenamente para esse fenômeno particular e que o seu conhecimento das capacidades da sua visão sejam profundos, as suas percepções de lugares, de pessoas e de eventos devem ser necessariamente muito confusas. Mas no caso da mesmerização, em que esta mesma faculdade clarividente se desenvolveu, o operador, cuja vontade mantém a do paciente sob controle, pode força-la a concentrar a sua atração sobre um determinado quadro durante o tempo suficiente para observar todos os seus detalhes minuciosos. Além disso, sob a direção de um mesmerizador experimentado, o vidente ultrapassaria o psicômetra natural na previsão de eventos futuros, mais distintos e mais claros do que para este último. E àqueles que poderiam objetar contra a possibilidade de se perceber aquilo que "ainda não é", podemos fazer a seguinte pergunta: Por que é mais impossível ver aquilo que será do que trazer de volta à visão aquilo que se foi e não existe mais? Segundo a doutrina cabalística, o futuro existe na luz astral em embrião, como o presente existiu em embrião no passado. Ao passo que o homem é livre para agir como lhe agrada, a maneira pela qual ele deseja agir foi prevista há muito tempo; não no terreno do fatalismo ou do destino, mas simplesmente no princípio da harmonia universal, imutável; e, da mesma maneira, pode-se saber de antemão que, quando uma nota é tângida, as suas vibrações não serão e não poderão ser modificadas para as vibrações de uma outra nota. Além disso, a eternidade não pode ter passado nem futuro, mas apenas presente; como o espaço infinito, no seu estrito literal, não pode ter lugar distante nem próximos. As nossas concepções, limitadas à estrita área de nossa experiência, tendem determinar se não um fim, pelo menos um princípio para o tempo e para o espaço; mas nada disso existe na realidade - pois nesse caso o tempo não seria eterno, nem o espaço infinito. O passado não existe mais do que o futuro, como dissemos, só as nossas memórias sobrevivem; e as nossas memórias são apenas relances que apanhamos dos reflexos desse passado nas corrente da luz astral, da mesma maneira que o psicômetra os apanha das emanções astrais do objeto que ele tem em mãos.

Transferência de energia do universo visível para o invisível

Por conseguinte, quando Van Helmont nos conta que, "embora uma parte homogênea da terra elementar possa ser artificialmente convertida em água", ainda que ele negue "que a mesma coisa possa ser feita pela Natureza, pois nenhum agente natural é capaz de transmutar um elemento em outro", fornecendo como razão o fato de os elementos permanecerem sempre os mesmos - devemos acreditar que ele é, senão um ignorante, pelo menos um aluno atrasado da embolorada "filosofia grega antiga". Vivendo e morrendo em bem-aventurada ignorância das futuras 63 substâncias, o que é que ele ou o seu amigo mestre Paracelso poderiam ter feito? Nada, naturalmente, a não ser especulações metafísicas e malucas, vestidas num jargão ininteligível comum a todos os alquimistas medievais e antigos. Não obstante, comparando-se as notas, encontramos a seguinte na mais recente de todas as obras sobre Química moderna: "O estudo de Química revelou uma notável classe de substâncias, de algumas das quais não se pôde extrair por um processo químico uma segunda substância qualquer que pese menos do que a substância original (...) por nenhum processo químico podemos obter do ferro uma substância que pese menos do que o metal usado na sua produção. Numa palavra, nada podemos extrair do ferro a não ser ferro".

Além disso, parece, de acordo com o Prof. Cooke, que "há setenta e cinco anos atrás os homens não sabiam que havia alguma diferença" entre substâncias elementares e compostas, pois nos tempos antigos os alquimistas nunca haviam compreendido "que o peso é a medida do material e que, depois de medido, todo material fica ao alcance da compreensão"; mas, ao contrário, imaginaram que, em experimentos como esses, "as substâncias envolvidas sofressem uma transformação misteriosa (...) séculos", em suma, "foram gastos em vãs tentativas de transformar em ouro os metais mais vis".

Aprendemos, com as suas próprias indicações, que o alkahest induz as seguintes modificações:

"(1) O alkahest nunca destrói as virtudes seminais dos corpos dissolvidos; por exemplo, o ouro, por sua ação, é reduzido a sal de ouro, o antimônio em sal de antimônio, etc., das mesmas virtudes seminais ou caracteres da matéria concreta original.

(2) A substância exposta à sua operação é convertida em seus três princípios - sal, enxofre e mercúrio - e, depois transformada em água clara.

(3) Tudo o que ele dissolve pode tornar-se volátil por um banho de areia quente; e, se depois de o solvente se volatilizar, for submetido à destilação, o corpo permanece puro, sob a forma de água insípida, mas sempre igual em quantidade ao original". Mais adiante, constatamos que Van Helmont, o velho, diz que este sal dissolve os corpos mais indóceis em substâncias das mesmas virtudes seminais, "iguais em peso à matéria dissolvida" e, ele acrescenta, "este sal - que Paracelso indicou muitas vezes com a expressão sal circulatum - perde toda a sua fixidez e, a longo prazo, torna-se uma água insípida, igual em quantidade ao sal de que foi feita".

O Prof. T. Sterry Hunt diz em uma de suas conferências: "Os alquimistas procuram em vão um solvente universal, mas sabemos agora que a água, auxiliada em alguns casos pelo calor, pela pressão e pela presença de certas substâncias largamente difundidas, tais como o ácido carbônico e os carbonos de sulfatos alcalinos, dissolverá os corpos mais insolúveis de maneira que ela poderia, afinal, ser considerada como alkahest ou o mênstruo universal tão procurado."

Isto se lê como uma paráfrase de Van Helmont ou do próprio Paracelso! Eles conheciam as propriedades da água como solvente tanto quanto os químicos modernos e nem por isso ocultavam o fato; o que mostra que não era este o seu solvente universal.

"Uma coisa que talvez contribua para salvar luzes sobre a questão (...) é observar que Van Helmont, assim como Paracelso, consideraram a água como o instrumento [agente?] universal da Química e da Filosofia Natural; e a Terra, como a base imutável de todas as coisas - que o fogo foi considerado como a causa suficiente de todas as coisas - que as impressões seminais foram alojadas no mecanismo da Terra - que a água, por dissolver essa terra e fermentar com essa terra, como faz por meio do calor, produz todas as coisas; daí provieram originalmente os reinos animal, vegetal e mineral".

Os alquimistas conheciam perfeitamente essa potência universal da água. Nas obras de Paracelso, Van Helmont, Filaletes, Taquênio e até de Boyle "a grande característica do alkahest, a de "dissolver e modificar todas os corpos sublunares - dos quais se excetua apenas a água", é afirmada explicitamente. E é possível acreditar que Van Helmont, cujo caráter privado era inatacável e seu grande saber era reconhecido universalmente, tivesse solenemente declarado que estava de posse do segredo, se este não fosse apenas uma gabolice inútil!

As experiências de Crookes

No *Researches in the Phenomena of Spiritualism* do Sr. Crookes, à p. 101, este cavalheiro cita Sergeant Cox que, após ter dado a esta força o qualificativo de psíquica, explica-a nos seguintes termos: "Como o organismo é movido e dirigido em sua estrutura por uma força que é ou não é dirigida pela alma, pelo espírito ou pela mente (...) que constitui o ser individual que chamamos de 'Homem', é igualmente razoável a conclusão de que a força que causa os movimentos que estão fora dos limites dos corpos é a mesma força que produz o movimento dentro dos limites do corpo. E da mesma maneira que a força externa é freqüentemente dirigida pela inteligência, é igualmente razoável a conclusão de que a inteligência diretora da força externa seja a mesma inteligência que dirige internamente a força".

A fim de compreender melhor essa teoria, poderíamos dividi-la em quatro proposições e mostrar que Sergeant Cox acredita:

1. Que a força que produz os fenômenos físicos precede do médium (conseqüentemente, é gerada nele).
2. Que a inteligência que dirige a força para a produção dos fenômenos (a) pode às vezes ser outra que não a inteligência do médium; mas a "prova" desse fato é "insuficiente"; portanto, (b) a inteligência diretora é provavelmente a do próprio médium. A isto o Sr. Cox chama de "conclusão razoável".
3. Que a força que move a mesa é idêntica à força que move o próprio corpo do médium.
4. Ele combate energicamente a teoria, ou antes a asserção, espiritista de que "os espíritos dos mortos são os únicos agentes na produção de todos os fenômenos".

Antes de continuarmos nossa análise dessas opiniões, devemos lembrar ao leitor que nos achamos entre dois opostos extremos representados por duas facções - os crentes e os descrentes nessa ação dos espíritos humanos. Nenhuma delas parece ser capaz de decidir a questão levantada pelo Sr. Cox; pois enquanto os espiritistas são tão onívoros em sua credulidade, chegando a acreditar que todo som e todo movimento num círculo deve ser produzido por seres humanos desencarnados, os seus antagonistas negam dogmaticamente que algo possa ser produzido por "espíritos", pois eles não existem. Em conseqüência, nenhuma facção está em posição de examinar este assunto com a serenidade que sua importância requer. Se eles consideram que a força que "produz movimento dentro do corpo" e aquela que "causa o movimento fora dos limites do corpo" têm a mesma essência, eles podem estar certos. Mas a identidade dessas duas forças acaba aí. O princípio vital que anima o corpo do Sr. Cox é da mesma natureza que o do seu médium; não obstante, ele não é o médium, nem este é o Sr. Cox.

Essa força, que, para agradarmos tanto ao Sr. Cox quanto ao Sr. Crookes, podemos chamar de psíquica ou de qualquer outra coisa, procede por meio do médium individual, e não a partir dele. Se procedesse dele, esta força seria gerada no médium e podemos mostrar que não é isso o que acontece; nem nos exemplos de levitação de corpos humanos, de movimentação de moveis e de outros objetos sem contato, nem naqueles casos em que a força apresenta razão e inteligência. É bastante conhecido dos médiuns e dos espíritas o fato de que quando mais passivo forem os primeiros, melhores serão as manifestações; e de que cada um dos fenômenos mencionados acima requer uma vontade consciente predeterminada. Em casos de levitação, deveríamos acreditar que essa força autogerada elevaria do solo a massa inerte, dirigi-la-ia pelo ar e a recolocaria no solo, evitando obstáculos e, em conseqüência, apresentando inteligência, agindo automaticamente, permanecendo o médium passivo durante todo o tempo. Se as coisas se passassem dessa maneira, o médium seria um mago consciente e toda pretensão de ser um instrumento passivo nas mãos de inteligências invisíveis seria inútil. Da mesma maneira, seria um absurdo mecânico considerar que uma quantidade de vapor suficiente para encher, sem estourar, uma chaleira, ergueria a chaleira - ou um jarro de Leyden, cheio de eletricidade, seria movido de lugar. Todas as analogias parecem indicar que a força que opera na presença de um médium sobre objetos externos procede de uma fonte estranha ao próprio médium. Poderíamos compará-la ao hidrogênio que triunfa da inércia do balão. O gás, sob o controle de uma inteligência, é acumulável no recipiente em volume suficiente para ultrapassar a atração de sua massa combinada. Analogamente produz a força psíquica os fenômenos de levitação, e embora seja de natureza idêntica à matéria astral do médium, não é a sua mesma matéria astral, pois este permanece durante todo o tempo numa espécie de torpor cataléptico, se é um autêntico médium. Portanto, o primeiro extremo da hipótese de Cox é errado, porque se baseia numa hipótese mecanicamente indefensável.

Naturalmente o nosso argumento procede da suposição de que a levitação é um caso observado. A teoria da força psíquica, para ser perfeita, deve explicar todos os "movimentos visíveis (...) em substância sólidas" e entre estes está a levitação. Quanto ao seu segundo extremo, negamos que não haja prova suficiente de que a força que produz os fenômenos seja às vezes dirigida por inteligências outras que não a do médium. Ao contrário, há uma tal abundância de testemunhos para mostrar que, na maioria dos casos, nenhuma influência exerce a mente do médium nos fenômenos, pelo qual não pode passar sem reparos a temerária afirmação de Cox neste ponto. Consideramos igualmente ilógica a sua terceira proposição; pois se o corpo do médium não for o gerador mas apenas o canal da força que produz o fenômeno - uma questão sobre a qual as pesquisas do Sr. Cox não lançam nenhuma luz -, então não

decorre que, porque "a alma, o espírito ou a mente" do médium dirige o organismo do médium, é "alma, o espírito ou a mente" que levanta uma cadeira ou dá golpes correspondentes às letras do alfabeto.

Quando à quarta proporção, isto é, a de que "os espíritos dos mortos são os únicos agentes na produção de todos os fenômenos", não sentimos necessidade de nos ocuparmos dela neste momento, pois a natureza dos espíritos que produzem manifestações mediúnicas é tratada externamente em outros capítulos.

A alma astral: um centro de força

Os filósofos, especialmente os iniciados nos mistérios, sustentavam que a alma astral é o incoercível duplicado do corpo denso, o perispírito dos espíritos kardecista, ou a forma-espírito dos não-reencarnacionistas. Sobre esse duplicado ou molde interno, iluminando-a tal como o cáldo raio do Sol ilumina a Terra, frutificando o germe e trazendo-o para a visualização espiritual das qualidades latentes que nele dormem, paira o espírito divino. O perispírito astral está contido no corpo físico e nele confinado, como o éter numa garrafa ou o magnetismo no ferro magnetizado.

É um centro e um engenho de força, alimentado pelo suprimento universal de força e movido pelas mesmas leis gerais que regem toda a Natureza e produzem todos os fenômenos cósmicos. A sua atividade inerente causa as operações físicas incessantes do organismo animal e, em última instância, resulta na destruição da força por abuso ou pela própria perda. É o prisioneiro do corpo, não o ocupante voluntário. Exerce uma atração tão poderosa sobre a força universal externa, que, depois de ter consumido o seu invólucro, termina por escapar dele. Quanto mais forte, mais grosseiro e mais material for o corpo que o envolve, mais longo é o seu aprisionamento. Algumas pessoas nascem com organismos tão excepcionais, que a porta que impede toda comunicação com o mundo da luz astral pode ser facilmente destrancada e aberta e as suas almas podem ver aquele mundo, ou mesmo passar para ele e voltar. Aqueles que o fazem conscientemente, e à - vontade, são chamados magos, hierofantes, videntes, adeptos; aqueles que são preparados para fazê-lo, seja pelo fluído do mesmerizador ou dos "espíritos", são "médiuns". A alma astral, uma vez aberta as barreiras, é tão poderosamente atraída pelo imã astral universal, que ela às vezes ergue consigo o seu invólucro e o mantém suspenso no ar até que a gravidade da matéria recupere a sua supremacia e o corpo desça novamente à terra.

Toda manifestação objetiva - seja o movimento dum membro vivo, seja o movimento de um corpo inorgânico - exige duas condições: vontade e força - mais matéria, ou aquilo que torna o objeto assim movimentado visível ao nossos olhos; e estas três forças conversíveis, ou a correlação de forças dos cientistas. Por seu turno, elas são dirigidas, ou antes obscurecidas, pela inteligência Divina que esses homens deixam tão cuidadosamente de lado, mas sem a qual mesmo o rastejar da menor minhoca não pode ocorrer. Tanto o mais simples quanto o mais comum de todos os fenômenos naturais - o farfalhar das folhas que tremem ao ligeiro contato da brisa - exige um exercício constante dessas faculdades. Os cientistas poderiam chamá-las de leis cósmicas, imputáveis e permanentes. Por trás dessas leis devemos procurar a causa inteligente, que uma vez criada e tendo posto estas leis em movimento, infundiu nelas a essência da sua própria consciência. Quer a chamemos de primeira causa, vontade universal ou Deus, sempre implica inteligência.

A manifestação da vontade e as forças psíquicas

E agora podemos perguntar: como se manifesta a vontade a um tempo consciente ou inconscientemente, isto é, com inteligência ou sem ela? A mente não pode estar separada da consciência, entendendo-se por tal a consciência física, senão uma quantidade do princípio senciante da alma, que pode atuar mesmo quando o corpo físico esteja adormecido ou paralisado. Se, por exemplo, levantamos maquinalmente o braço, cremos que o movimento é inconsciente porque os sentidos corporais não apreciam o intervalo entre o propósito e a execução. No entanto, a vigilante vontade gerou força e pôs o braço em movimento. Nada há, nem ao menos nos mais vulgares fenômenos Mediúnicos, nada que confirme a hipótese de Cox, pois se a inteligência denotada pela força não prova que o seja de um espírito desencarnado, menos ainda poderia sê-lo do médium inconsciente. O próprio Sr. Crookes nos fala de casos em que a inteligência não poderia ter emanado de nenhuma pessoa da sala; como no exemplo em que a palavra "however" ["todavia"], coberta por seu dedo e desconhecida dele próprio, foi escrita corretamente na prancheta. Nenhuma explicação justificaria este caso; a única hipótese admissível - se excluirmos a intervenção de um poder-espírito - é a de que as faculdades clarividentes foram postas em jogo. Mas os cientistas negam a clarividência; e se, para escapar da alternativa importuna de atribuir os

fenômenos a uma fonte espiritual, eles admitirem o fato da clarividência, então ela os obriga a aceitar a explicação cabalística do que seja esta faculdade, ou então a cumprir a tarefa até agora impraticável de elaborar uma nova teoria que se adapte aos fatos.

Como dissemos anteriormente, a força psíquica moderna e os fluidos oraculares antigos, terrestres ou siderais, são idênticos em essência - simplesmente uma força cega. Assim é o ar. E, ao passo que num diálogo as ondas sonoras produzidas por uma conversação de interlocutores afetam o mesmo corpo de ar, isto não implica dúvida alguma sobre o fato de que há duas pessoas conversando uma com a outra. É mais razoável dizer que, quando um agente comum é empregado pelo médium e pelo "espírito" para se comunicarem, não deve necessariamente se manifestar senão uma inteligência? Como o ar é necessário para a troca mútua de sons audíveis, assim também certas correntes de luz astral, ou de éter dirigido por uma inteligência, são necessária para a produção dos fenômenos psíquicos.

Colocai dois interlocutores no recipiente desprovido de ar de um compressor e, se eles viverem, as suas palavras serão pensamentos inarticulados, pois não haveria ar para vibração e, em consequência, para produção de som que chegasse aos seus ouvidos. Colocai o médium mais forte numa atmosfera isolada como a que um mesmerizador poderoso, familiarizado com as propriedades do agente mágico, pode criar ao seu redor, e nenhuma manifestação ocorrerá até que uma inteligência oposta, mais patente do que o poder de vontade do mesmerizador, vença esta última e faça cessar a inércia astral.

Os antigos distinguiram perfeitamente entre uma força cega que age espontaneamente e a mesma força dirigida por uma inteligência. Plutarco, sacerdote de Apolo, ao falar dos vapores oraculares, que não eram senão gases subterrâneos impregnados de propriedades magnéticas intoxicantes, mostra que a sua natureza é dual quando se dirige a ele com, estas palavras: "E quem és tu? sem um Deus que te crie e te aprimore; sem um demônio [espírito] que, agindo sob as ordens de Deus, te dirige e te governe - tu não podes nada, tu és nada mais do que um sopro inútil". Assim, sem alma ou inteligência que a habite, a força psíquica seria apenas um "sopro inútil".

Aristóteles afirma que esse gás, ou emanção astral, que escapa de dentro da Terra, é a única causa suficiente, que age de dentro para fora a vivificação de todo ser e planta que vivem na crosta exterior. Em resposta aos negadores cépticos do seu século, Cícero, movido por uma ira justificada, exclama: "E o que pode ser mais divino do que as exalações da Terra, que afetam a alma humana de maneira a torná-la capaz de predizer o futuro? E poderia a mão do tempo evaporar essa virtude? Supões que falas de uma espécie de vinho ou de carne salgada?". Podem os experimentalistas modernos pretender ser mais sábios do que Cícero e dizer que essa força evaporou-se e que as fontes de profecia estão secas? Diz-se que todos os profetas da Antigüidade - sensitivos inspirados - emitiam as suas profecias nas mesmas condições, por eflúvio externo direto

da emanção astral ou por uma espécie de fluxo úmido proveniente da Terra. É esta matéria astral que serve como revestimento temporário das almas que se formam nessa luz. Cornélio Agripa expressa as mesmas opiniões quanto à natureza desses fantasmas quando os descreve como úmidos ou aquosos: "in spiritu túbido humidoque". As profecias são pronunciadas de duas maneiras - conscientemente, por magos capazes de ler na luz astral; e inconscientemente, por aqueles que agem sob a influencia daquilo que se chama inspiração. A esta última classe pertencem os profetas bíblicos e os videntes estáticos modernos. Tão familiarizado estava Platão com este fato, que ele assim se expressa a respeito desses profetas: "Nenhum homem obtém a verdade profética e a inspiração quando está em posse dos seus sentidos, (...) mas é necessário para isso que sua mente se ache possuída por algum espírito (...) Há quem o chame de profeta, mas ele não é mais que um repetidor, porque de nenhum modo se deve chamá-lo profeta, senão transmissor de visões e profecias".

Eis alguns desses fatos de "evidência esmagadora": 1º) O movimento de corpos pesados com contato, mas sem esforço mecânico. 2º) Os fenômenos de sons de percussão e outros. 3º) A alteração do peso de corpos. 4º) Movimentos de substâncias pesadas a uma certa distância do médium. 6º) A LEVITAÇÃO DE SERES VIVOS. 7º) "Aparições luminosas". Diz o Sr. Crookes: "Sob as condições mais estritas de teste, vi um corpo sólido autoluminoso, do tamanho e quase da mesma forma de um ovo de peru, flutuar silenciosamente pela sala, às vezes a uma altura a que nenhum dos presentes poderia chegar mesmo na ponta dos pés, e depois descer suavemente para o chão. Foi visível por mais de dez minutos e, antes que desaparecesse, golpeou a mesa por três vezes com um som que faz um corpo sólido e duro". (Devemos inferir que o ovo tivesse a mesma natureza do gato-meteoro de Babinet, que está classificado com outros fenômenos naturais nas obras de Arago.) 8º) O aparecimento de mãos,

autoluminosos ou visíveis em luz comum. 9º) "Escrita direta" por essas mesmas mãos luminosas, separadas de um corpo, e evidentemente dotadas de inteligência (força psíquica?). 10º) "Formas e faces de fantasmas". Neste exemplo, a força psíquica provém "do canto da sala" como uma "forma de fantasma", pega um acordeão com as mãos e desliza pela sala tocando o instrumento; Home, o médium, estava à vista de todos durante todo o tempo. O Sr. Crookes testemunhou e testou tudo isso em sua própria casa e, assegurando-se cientificamente da autenticidade do fenômeno, relatou-o à Royal Society. Foi ele bem recebido como o descobridor de fenômenos naturais de um caráter novo e importante? Que o leitor consulte a sua obra para a resposta.

Além dos fenômenos enumerados, o Sr. Crookes apresenta uma outra classe de fenômenos, que ele denomina "exemplos especiais, que lhe parecem advertir a ação de uma inteligência exterior". "Eu estava", diz o Sr. Crookes, "com a Srta. Fox quando ela escrevia uma mensagem automaticamente para uma pessoa presente, enquanto uma mensagem para outra pessoa, sobre outro assunto, estava sendo dada alfabeticamente por meio de 'batidas' e, durante todo o tempo, ela conversava tranquilamente com uma terceira pessoa sobre um assunto totalmente diferente dos dois outros. (...) Durante uma sessão em que o médium era Home, uma pequena régua (...) se moveu em minha direção, em plena luz, e me transmitiu uma mensagem por meio de batidas na minha mão; eu repetindo o alfabeto, e a régua tocando a minha mão quando eu enunciava a letra correta (...) a uma certa distância das mãos do Sr. Home." A mesma régua, a pedido do Sr. Crookes, transmitiu-lhe "uma mensagem telegráfica através do código Morse, por meio de batidas na minha mão" (o código Morse era totalmente desconhecido dos presentes e apenas parcialmente conhecido pelo Sr. Crookes), "e ela, acrescenta o Sr. Crookes, "me convenceu de que havia um bom operador Morse do outro lado da linha, SEJA LÁ ONDE FOR ISSO".

Seria impertinente neste caso sugerir que o Sr. procurasse o seu operador no seu domínio privado - a Terra Psíquica? Mas a mesma ripa fez mais e melhor. Em plena luz, na sala do Sr. Crookes, foi solicitada a ela uma mensagem, "(...) um lápis e algumas folhas de papel foram colocados no centro da mesa: um instante depois, o lápis ficou em pé e, depois de ter avançado com movimentos hesitantes para o papel, caiu. Ergue-se e tombou novamente (...) após três tentativas infrutíferas, uma pequena régua" (o operador Morse) "que estava repousando sobre a mesa deslizou para perto do lápis e ergueu-se a alguns centímetros da mesa; o lápis ergueu-se novamente e, apoiando-se à régua, tentaram os dois juntos escrever sobre o papel. Ele caiu e uma nova tentativa foi feita. Na terceira vez, a régua levantou-se e voltou para o seu lugar, o lápis permaneceu como havia caído sobre o papel e uma mensagem alfabética nos disse: 'Tentamos fazer o que foi solicitado, mas o nosso poder se esgotou!'. A palavra nosso, que indica os esforços inteligentes da amistosa régua e lápis, fez-nos pensar que havia duas forças psíquicas presentes.

Em tudo isso, há alguma prova de que o agente diretor fosse "a inteligência do médium"? Não há, ao contrário, uma indicação de que os movimentos da régua e do lápis eram dirigidos por espíritos "dos mortos", ou pelo menos pelos espíritos de alguma outra entidades inteligentes inobservadas? Com certeza, a palavra Magnetismo explica neste caso tão pouco quanto a expressão força psíquica; entretanto, é mais razoável utilizar a primeira e não a segunda, quando mais não fosse pelo simples fato de que o magnetismo ou mesmerismo transcendente produz, fenômenos idênticos, quanto aos efeitos, àqueles produzidos pelo Espiritismo. O fenômeno do círculo encantado do Barão Du Potet e Regazzoni é tão contrário às leis aceitas da Fisiologia quanto a elevação de uma mesa sem contato o é às leis da Fisiologia Natural. Assim como homens fortes freqüentemente consideram impossível levantar uma pequena mesa que pesava alguns quilos e a reduziram a pedaços nas suas tentativas de erguê-la, assim também uma dúzia de experimentadores, entre os quais às vezes figuravam acadêmicos, foram absolutamente incapazes de atravessar uma linha traçada com giz no chão por Du Potet. Numa ocasião, um general russo, bastante conhecido pelo seu ceticismo, insistiu, até cair no chão com convulsões violentas. Neste caso, o fluído magnético que se opôs a tal resistência foi a força psíquica do Sr. Cox, que dotou as mesas de um peso extraordinário e sobrenatural. Se produzem os mesmo efeitos psicológicos e fisiológicos, existem boas razões para se acreditar que eles sejam mais ou menos idênticos. Não achamos que nossa dedução possa dar margem a alguma objeção. Além disso, mesmo que os fatos fossem negados, não há razão para que não existissem. Numa certa época, todas as Academias da Cristandade concordaram em negar que havia montanhas na Lua; e houve uma certa época em que, se alguém tivesse a temeridade de afirmar que havia vida tanto nas regiões superiores da atmosfera quanto nas profundezas insondáveis do oceano, ele seria tratado como louco ou ignorante.

"O diabo afirma, então, deve ser mentira!" - costuma dizer o piedoso abade Almignana, numa discussão com uma "mesa espiritualizada". Logo poderemos parafraseá-lo e dizer: "Os cientistas negam, então deve ser verdade".

Ísis Sem Véu - Capítulo VII

Capítulo VII

Os elementos, os elementais e os elementares. Atração e repulsão universal

Os eruditos antigos e medievais acreditavam nas doutrinas arcanas da sabedoria. Esta incluíam a Alquimia, a Cabala caldaico-judia, os sistemas esotéricos de Pitágoras e dos antigos magos, e os dos últimos filósofos e teurgista platônicos. Não devemos esquecer de mostrar as grandes verdades que jazem sob as religiões mal compreendidas do passado. Os quatro elementos de nossos pais, terra, ar, água e fogo, contêm para o estudante da Alquimia e da antiga Psicologia - ou, como agora é chamada, magia - muitas coisas com que nossa filosofia jamais sonhou. Não devemos esquecer que o que é agora chamado de Necromancia pela Igreja, e Espiritismo pelos crentes modernos, e que inclui a evocação de espíritos mortos, é uma ciência que, desde a remota Antigüidade, se difundiu quase universalmente pela superfície de nosso globo.

Embora não sendo nem alquimista nem astrólogo, mas simplesmente um grande filósofo, Henry More, da Universidade de Cambridge, um homem de renome universal, pode ser considerado um arguto lógico, cientista e metafísico. Durante toda a vida ele acreditou fortemente na feitiçaria. Sua fé na imortalidade e os hábeis argumentos na demonstração da sobrevivência do espírito do homem após a morte baseiam-se no sistema pitagórico, adotado por Cardan, Van Helmont, e outros místicos. O espírito infinito e incriado que chamamos comumente de DEUS, substância da mais elevada virtude e excelência, produziu todas as coisas pela causalidade emanativa. Deus, portanto, é a substância primária, e tudo o mais, a secundária; se Deus criou a matéria com o poder de mover-se a si própria, ele, a Substância Primária, é ainda a causa desse movimento, tanto quanto da matéria, e podemos dizer acertadamente que é a matéria que se move a si própria. "Podemos definir esta espécie de espírito de que falamos como uma substância indiscernível, que pode mover-se, que pode penetrar-se, contrair-se e dilatar-se, e que também pode penetrar, mover e alterar a matéria", que é a terceira emanção. Ele acredita firmemente nas aparições, e defendia intransigentemente a teoria da individualidade de toda alma, em que "personalidade, memória e consciência continuarão seguramente num estado futuro". Ele dividia o corpo astral do homem, após a sua saída do corpo, em dois veículos distintos: e "aéreo" e o "etéreo".

Durante o tempo em que o homem desencarnado se move em suas vestes aéreas, está sujeito ao Destino, ao mal e à tentação, vinculado aos seus interesses terrestres, e por isso não é totalmente puro; é apenas quando abandona esta roupagem das primeiras esferas e se torna etéreo que ele se apresenta seguro de sua imortalidade. "Pois que sombra pode esse corpo projetar que seja luz pura e transparente, tal como o é o veículo etéreo? E é assim que se cumpriu o oráculo, quando a alma ascendeu àquela condição de que já falamos, na qual só ela fora do alcance do destino e da mortalidade". Ele concluiu sua obra declarando que esta condição transcendente e divinamente pura era o único objeto do pitagóricos.

Descartes, embora um cultor da matéria, era um dos mais devotados mestres da doutrina magnética e, num certo sentido, até mesmo da Alquimia. Seu sistema filosófico assemelha-se bastante ao de outros grandes filósofos. O espaço, que é infinito, é composto, ou antes preenchido, por uma matéria fluida e elementar, e é a única fonte de toda a vida, que enfeixa todos os globos celestiais e os mantém em perpétuo movimento. As correntes magnéticas de Mesmer são por ele disfarçadas nos vórtices cartesianos, e ambos repousam no mesmo princípio. Ennemoser não hesita em afirmar que ambos têm mais em comum "do que as pessoas imaginam, pois não examinaram cuidadosamente o assunto".

O bem-conhecido Dr. Hufeland escreveu uma obra sobre Magia, em que propõe a teoria magnética universal entre homens, animais, plantas e mesmo minerais. Ele confirma o testemunho de Campanella, Van Helmont e Sérvio, no que se refere à simpatia existente tanto entre as diferentes parte do corpo quanto entre as partes de todas os corpos orgânicos e inorgânicos.

Os fenômenos psíquicos dependem do meio físico

Kepler - precursor de Newton em muitas grandes verdades, inclusive na da "gravitação" universal, que ele corretissimamente atribui à atração magnética, embora chame a Astrologia de "a filha insana de uma mãe muito sábia", a Astronomia - partilha da crença cabalística de que os espíritos dos astros não passaram de "inteligências". Ele acredita firmemente em que cada planeta é a sede de um princípio inteligente e que todos são habitados por seres espirituais, que exercem influência sobre outros seres que habitam esferas mais grosseiras e materiais do que a sua própria e especialmente sobre a nossa Terra. Como as influências estelares espirituais de Kepler foram suplantadas pelos vórtices do materialista Descartes, cujas tendências atéistas não o impediram de acreditar que havia descoberto um regime que prolongaria sua vida por mais de quinhentos anos, os vórtices deste último e as suas doutrinas astronômicas poderão algum dia dar lugar às correntes magnéticas inteligentes que são dirigidas pela Anima Mundi.

Batista Porta, o sábio filósofo italiano, não obstante seus esforços para mostrar ao mundo a fala de fundamento das acusações de que a Magia é superstição e feitiçaria, tem sido tratado pelos críticos modernos com a mesma injustiça que os seus colegas. Este célebre alquimista deixou uma obra sobre Magia Natural, em que baseia todos os fenômenos ocultos possíveis ao homem na alma do mundo que une todas as coisas entre si. Ele mostra que a luz astral (* Capítulo V) age em harmonia e simpatia com toda a Natureza; que ela é a essência da qual os nossos espíritos são formados; e que, agindo em uníssono com a sua fonte-mãe, nossos corpos siderais se tornaram capazes de produzir maravilhas mágicas. Todo o segredo depende de nosso conhecimento dos elementos afins. Ele acreditava na pedra filosofal, "da qual o mundo tinha uma tão alta opinião que foi alardeada durante tantos séculos e afortunadamente alcançada por alguns. Finalmente, ele emite muitas sugestões valiosas a respeito de seu "significado espiritual". Em 1643, surgiu entre os místicos um monge, Padre Kirche, que ensinou uma filosofia completa do Magnetismo universal. Suas numerosas obras abrangem muitos dos assuntos apenas sugeridos por Paracelso. Sua definição do Magnetismo é muito original, pois ele contradisse a teoria de Gilbert, segundo a qual a Terra é um grande imã. Ele afirmava que, embora toda partícula de matéria, e mesmo os "poderes" invisíveis, sejam magnéticos, não constituem em si mesmo um imã. Existe apenas um ÍMÃ no Universo, e dele procede a magnetização de tudo. Este imã é naturalmente o que os cabalistas chamam de Sol Espiritual Central, ou DEUS. Ele afirma que o Sol, a Lua, os Planetas e as estrelas são altamente magnéticos; mas eles se tornaram assim por indução vivendo no fluído magnético universal. Ele demonstra a simpatia misteriosa existente entre os corpos dos três principais reinos da Natureza, e reforça o seu argumento com um catálogo estupendo de exemplos. Muitos destes foram verificados pelos naturalistas, mas ainda muitos cuja autenticidade não foi reconhecida; assim, de acordo com a política tradicional e com a lógica equivocada de nossos cientistas, foram negados. Por exemplo, ele mostra uma diferença entre o magnetismo mineral e o zoomagnetismo, ou magnetismo animal. Ele o demonstra pelo fato de que, exceto no caso da magnetita, todos os minerais são magnetizados pela potência superior, o magnetismo animal, ao passo que este o possui como emanção direta da primeira causa - o Criador. Uma agulha pode ser magnetizada sendo simplesmente segura pela mão dotada de uma vontade poderosa, e o âmbar desenvolve seus poderes mais pela fricção da mão humana do que por qualquer outro objeto; assim, o homem pode transmitir a sua própria vida, e, em certa medida, animar objetos inorgânicos. Isso, "aos olhos dos tolos, é feitiçaria". "O Sol é o mais magnético de todos os corpos", diz ele, antecipando, assim, a teoria do Gen. Pleasonton em mais de dois séculos. "Os filósofos antigos jamais negaram o fato", acrescenta ele, "mas perceberam que o Sol prende todas as coisas a si, e também comunica este poder unificante e outras coisas."

Kirches explica todos os sentimentos humanos como resultado das modificações de nossa condição magnética. Raiva, ciúme, amizade amor e ódio, tudo são modificações da atmosfera que se desenvolve em nós e que emana continuamente de nós. O amor é uma das variáveis, e por isso as suas manifestações são incontáveis. O amor espiritual, o de uma mãe por seu filho, o de um artista por uma arte particular, o amor como pura amizade são manifestações simplesmente magnéticas de sistemas em natureza congênicas. O magnetismo do amor puro é a origem de toda coisa criada. Em seu sentido ordinário, o amor entre os sexos é eletricidade, e ele o chama amor febris species, a febre das espécies. Há duas espécies de atração magnética: simpatia e fascinação; uma é santa e natural, e a outra, má e não natural. À última, a fascinação, devemos atribuir o poder do sapo venenoso que, simplesmente abrindo a boca, atrai o réptil ou o inseto que se precipita nela para a sua destruição. O veado, assim como outros animais menores, são atraídos pelo hálito da jibóia, e são irresistivelmente compelidos a vir ao seu alcance. O peixe torpedo entorpece o braço do pescador por algum tempo, com suas descargas. Para exercer um tal poder com fins benéficos, o homem requer três condições: 1º) nobreza de alma; 2º) vontade poderosa e capacidade imaginativa; 3º) um paciente mais fraco que o magnetizador, senão ele

resistirá. Um homem livre dos estímulos e da sensualidade mundanos pode curar dessa maneira as doenças mais "incuráveis", e a sua visão pode tornar-se lúcida e profética.

A alma do mundo e suas potencialidades

Especialmente nos países que não foram abençoados com a civilização que deveríamos buscar uma explicação da Natureza, e observar os efeitos daquele poder sutil, que os antigos filósofos chamavam de a "alma do mundo". Apenas no Oriente, e nas imensas regiões da África inexplorada, encontrará o estudante de Psicologia alimento abundante para a sua alma sedenta de verdade. A razão é óbvia. A atmosfera nas regiões populosas está nocivamente viciada pela fumaça e pelas emanções de fábricas, máquinas a vapor, estradas de ferro e barcos a vapor, e especialmente pelas exalações miasmáticas dos vivos. A Natureza depende, tanto quanto o ser humano, das condições antes de poder agir, e sua poderosa respiração pode, por assim dizer, ser facilmente estorvada, impedida e interrompida, e a correlação de suas forças ser destruída num dado ponto, como se ela fosse um homem. Não apenas o clima mas também influências ocultas tendem diariamente não só a modificar a natureza físico-psicológica do homem, mas também a alterar a constituição da chamada matéria inorgânica num grau não facilmente compreendido pela ciência européia.

Vejamos, "Três espíritos vivem no homem e o animam", ensina Paracelso; "três mundos projetam seus raios sobre ele; mas todos os três apenas como a imagem e o eco de um único e mesmo princípio de produção que constrói e une todas as coisas. O Primeiro é o Espírito dos Elementos [corpo terrestre e força vital em seu estado bruto]; e Segundo, o Espírito dos Astros [corpo sideral ou Astral]; o Terceiro é o Espírito Divino [Augoeides]. Estando nosso corpo humano de posse da "matéria terrestre primeva", como Paracelso a chama, podemos aceitar facilmente a tendência da moderna pesquisa científica "para encarar os processos da vida animal e vegetal como meramente físicos e químicos". Essa teoria corrobora ainda mais as afirmações dos filósofos antigos e a Bíblia mosaica, segundo as quais os nossos corpos foram feitos de pó e para o pó voltarão. Mas devemos lembrar que: "'És pó e ao pó voltarás', não é da alma que se falou"

O homem é um pequeno mundo - um microcosmo dentro do grande macrocosmo. Como um feto, ele está suspenso, por três espíritos, na matriz do macrocosmo; e enquanto seu corpo terrestre está em simpatia constante com a terra, sua mãe, a sua alma astral, vive em uníssono com a anima mundi sideral. Ele está nela, como ela está nele, pois o elemento que impregna o universo enche todo o espaço, e é o próprio espaço, só que sem bordas e infinito. Quanto ao seu terceiro espírito, o divino, o que é ele senão um raio infinitesimal, uma das incontáveis radiações que procedem da Causa Superior - a Luz Espiritual do Mundo? Tal é a trindade na natureza orgânica e inorgânica - a Espiritual e a Física, que são Três em Um, e a respeito da qual diz Proclus que "A Primeira Mônada é o Deus Eterno; e Segunda, a Eternidade; a Terceira, o Paradigma, ou o padrão do Universo"; constituindo as três a Tríada Inteligível. Tudo neste universo visível é Emanação dessa Tríada, e uma Tríada microcósmica em si. E assim elas se movem em majestosa procissão nos campos da Eternidade, em torno do Sol Espiritual, do mesmo modo como no sistema heliocêntrico os corpos celestiais se movem em redor dos Sóis visíveis. A Mônada pitagórica, que vive "na solidão e nas trevas", pode permanecer sobre esta terra para sempre invisível, impalpável e indemonstrada pela ciência experimental.

Contudo, todo o universo estará gravitando ao seu redor, como o fez desde o "começo do tempo", e a cada segundo o homem e o átomo aproximam-se desse solene momento na eternidade, em que a Presença Invisível se revelará à sua visão espiritual. Quando cada partícula de matéria, mesmo a mais sublimada, for rejeitada da última forma que constitui o derradeiro elo daquela cadeia de dupla evolução, que, através de milhares de séculos e sucessivas transformações, impulsionou o ser para a frente; e quando ela for revestida pela essência primordial, idêntica à de seu Criador, então esse átomo orgânico impalpável terá terminado sua marcha, e os filhos de Deus "regozijar-se-ão" uma vez mais com a volta do peregrino.

"O homem", diz Van Helmont, "é o espelho do universo, e a sua tripla natureza está em relação com todas as coisas". A vontade do Criador, por cujo intermédio todas as coisas foram e receberam seu primeiro impulso, é a propriedade de todo ser vivente. O homem, dotado de uma espiritualidade adicional, tem a parte maior dela sobre este planeta. Depende da proporção de matéria nele existente a capacidade de exercer a sua faculdade mágica com maior ou menor sucesso. Dividindo essa potência divina em comum com todo átomo inorgânico, ele a exerce durante toda a vida, conscientemente ou não. No primeiro caso, quando em plena posse de seus poderes, ele se tornará o seu mestre, e o magnale

magnum (a Alma Universal) será controlado e guiado por ele. No caso dos animais, plantas e minerais, e mesmo da média Humanidade, esse fluído etéreo que impregna todas as coisas quando não encontra nenhuma resistência, e é abandonado a si mesmo, os move seguindo seus impulsos diretos. Todo ser criado nesta esfera sublunar foi formado deste magnale magnum (ou Alma Universal), e relaciona-se a ele. O homem possui um poder celestial duplo, e está unido ao céu. Este poder existe "não apenas no homem exterior, mas, num certo grau, também nos animais, e às vezes em todas as outras coisas, pois as coisas no universo estão em relação umas com as outras; ou, pelo menos, Deus está em todas as coisas, como os antigos já observaram com uma correção admirável. É necessário que a força mágica seja despertada tanto no homem exterior quanto no interior. (...) E se o chamamos de poder mágico, só os ignorantes podem se assustar com essa expressão. Mas, se preferis, podeis chamá-lo de poder espiritual - spirituale robus vocitaveris. Existe um tal poder no homem interior. Mas, como existe uma certa relação entre o homem interior e o exterior, essa força deve ser difundida por todo o homem".

O poder da imaginação

O célebre escocês Maxwell oferecia-se para provar às várias faculdades de Medicina que com certos meios magnéticos à sua disposição ele poderia curar qualquer uma das doenças abandonadas por elas como incuráveis, tais como epilepsia, insanidade, coxeadura, hidropisia e as febres obstinadas ou intermitentes. A história familiar do exorcismo do "espírito mau procedente de Deus" que obsediava Saul, ocorrerá a todos a este propósito. Ela é assim relatada: "E sucedeu que, quando o espírito maligno da parte de Deus vinha sobre Saul, tomava a harpa, e a dedilhava; então Saul sentia alívio, e se achava melhor, e o espírito maligno se retirava dele".

Maxwell, em sua De Medicina Magnetica, expõe as seguintes proposições, que não são outras senão as mesmas doutrinas dos alquimistas e dos cabalistas: "O que os homens chamam de alma do mundo é uma vida, como o fogo, espiritual, ligeira, luminosa e etérea como a própria luz. É um espírito de vida que existe em toda parte, e que é em toda parte o mesmo. (...) Toda matéria é desprovida de ação, exceto quando é animada pelo espírito. Esse espírito mantém todas as coisas em seu estado peculiar. Encontra-se na natureza livre de todos os grilhões; e aquele que sabe como uni-lo a um corpo harmônico possui um tesouro que ultrapassa todas as riquezas".

"O espírito é o vínculo comum de todos os quadrantes da Terra, e vive em tudo e por tudo."

"Aquele que conhece este espírito da vida universal e as suas aplicações pode prevenir todas as injúrias".

"Se sabes utilizar este espírito e fixá-lo sobre algum corpo particular, realizará o mistério da Magia".

"Aquele que sabe como agir sobre o homem por meio desse espírito universal pode curar, e à distância que lhe aprouver".

"Aquele que pode fortificar o espírito próprio com este espírito universal continuará a viver até a eternidade".

"Existe um vínculo que une os espíritos ou as emanções, mesmo quando eles estão separados uns dos outros. E qual é esse vínculo? É um fluxo eterno e incessante dos raios de um corpo em outro".

"Entrementes", diz Maxwell, "não é sem perigo ocupar-se dele. Muitos abusos abomináveis podem ocorrer".

Vemos agora quais são esses abusos dos poderes mesméricos e magnético sem alguns médiuns curadores.

Curar, para merecer tal nome, requer a fé do paciente ou uma saúde robusta unida a uma vontade poderosa do operador. Com paciência suplementada pela fé, pode o homem curar-se de quase todos os estados morbíficos. O túmulo de um santo; uma relíquia sagrada; um talismã; um pedaço de papel ou de tecido que foi manuseado pelo suposto curador; uma panacéia; uma penitência ou uma cerimônia; a imposição das mãos, ou algumas palavras pronunciadas de modo emocionante - um ou outro o fará. É uma questão de temperamento, imaginação, auto-sugestão. Em milhares de casos, o médico, o sacerdote ou a relíquia obtiveram o crédito por curas que eram devidas única e simplesmente à vontade

inconsciente do paciente. À mulher com perda de sangue que se espremia pela turba a fim de tocar a túnica de Jesus, assegurou-se-lhe que foi a "fé" que a curou. A influência da mente sobre o corpo é tão poderosa que ela realizou milagres em todos os tempos. "Quantas curas inesperadas, súbitas e prodigiosas foram realizadas pela imaginação", diz Salvete. "Nossos livros de Medicina estão repletos de fatos dessa natureza, que passariam facilmente por milagres."

Mas, se o paciente não tem fé, o que acontece? Se ele é fisicamente negativo e receptivo, e o curador forte, saudável, positivo, determinado, a doença pode ser extirpada pela vontade imperativa do operador que, consciente ou inconscientemente, chama a si e se fortalece com o espírito da natureza universal, e restaura o equilíbrio perturbado da aura do paciente. Ele pode empregar como um auxiliar um crucifixo - como fazia Gassner; ou impor as mãos e a "vontade", como o zuavo francês Jacob, como o nosso célebre americano Newton, que curou muitos milhares de sofrendores, como muitos outros; ou como Jesus, e alguns apóstolos, ele pode curar com uma palavra de comando. O processo em cada caso é o mesmo.

Em todos estes casos a cura é radical e real, e sem efeitos danosos secundários. Mas quando alguém que está fisicamente doente tenta curar, ele não apenas falha como também comunica muitas vezes a sua doença ao paciente, e lhe rouba o pouco de força que tenha. O decrepito rei Davi reforçava o seu vigor combinado com o magnetismo sadio da jovem Abisague; e as obras de Medicina falam-nos de uma senhora idosa de Bath, Inglaterra, que arruinou sucessivamente, da mesma maneira, a constituição de duas criadas. Os velhos sábios, e também Paracelso, removiam as doenças aplicando um organismo sadio à parte afligida, e nas obras do filósofo do fogo acima mencionado sua teoria é clara e categoricamente exposta. Se uma pessoa doente - médium ou não - tenta curar, sua força pode ser suficientemente robusta para deslocar o mal, fazê-lo sair do presente lugar, e fazê-lo mudar-se para outro, onde brevemente reaparecerá; o paciente, entretanto, acredita-se curado.

Mas, que acontece se o curador está moralmente doente? As conseqüências podem ser infinitamente mais nocivas; pois é mais fácil curar uma doença física do que purificar uma compleição infeccionada pela torpeza moral. O mistério de Morzine, Cévennes e dos jansenistas ainda o é para os filósofos e os psicólogos. Se o dom da profecia, assim como a histeria e as convulsões, podem ser transmitidos pelo "contágio", por que não todos os outros vícios? O curador, neste caso, comunica ao seu paciente - que é agora sua vítima - o veneno moral que infecta sua própria mente e coração. Seu toque magnético é contaminação; seu olhar, profanação. Contra sua tara não existe proteção para o paciente passivamente receptivo. O curador o mantém sob seu poder, enfeitiçado e impotente, como, a serpente mantém um pobre e frágil pássaro. O mal que um desses "médiuns curadores" pode causar é incalculavelmente grande; e tais curadores se contam às centenas. Mas, para fechar uma lista de testemunhas que se poderia prolongar indefinidamente, bastará dizer que, da primeira à última, de Pitágoras a Éliphas Lévi, da mais ilustre mais humilde, todas ensinam que o poder mágico jamais foi possuído por aqueles inclinados a prazeres viciosos. Apenas o puro de coração "vê Deus" ou exerce dons divinos - apenas ele pode curar as doenças do corpo e deixar-se guiar com relativa segurança pelos "poderes invisíveis". Apenas ele pode dar paz aos espíritos perturbados de seus irmãos e irmãs, pois as águas curativas não provêm de uma fonte envenenada; uva não cresce em espinheiros, e cardos não produzem figos. Mas, apesar disso, "a Magia nada tem de supremo"; ela é uma ciência, e mesmo o poder de "expulsar demônios" era um ramo seu, de que os iniciados fizeram um estado especial. "A arte que expulsa demônios dos corpos humanos é uma ciência útil e salutar aos homens", diz Josefo.

As origens das manifestações mediúnicas

Indubitavelmente, os que acreditam nos fenômenos modernos podem reclamar para si uma grande variedade de vantagens, mas o "discernir espíritos" está evidentemente ausente desse catálogo de dons "espirituais". Falando do "diakka", que uma bela manhã ele tinha descoberto num recanto sombrio da "Summer Land", A.J. Davis, o grande vidente americano, assinala: "Um diakka é um ser que experimenta um prazer insano em pregar peças, em fazer sortes com truques, em personificar caracteres opostos; para quem as orações e as palavras profanas têm o mesmo valor; dominado pela paixão por narrativas líricas (...) moralmente diferente, ele não tem nenhum sentimento de justiça, de filosofia ou de terna afeição. Ele nada sabe daquilo que os homens chamam de sentimento de gratidão; os objetivos do ódio e do amor são os mesmos para ele; seu lema é muitas vezes medonho e terrível aos outros - o EU é tudo na vida particular, e a aniquilação é exaltada com o fim de toda a vida particular. Ontem mesmo um deles, assinando-se como Swedemborg, disse a uma senhora médium o seguinte: "Tudo que é, foi e será, ou pode ser, SOU EU; e a vida particular não passa de fantasmas agregados de palpitações pensantes, correndo em sua elevação para o coração central da morte eterna!"

Porfírio, cujas obras - para emprestar a expressão de um fenomenalista irritado - "emboloram como qualquer outro refugio antiquado nos armários do esquecimento", fala assim desse diakka - se tal é seu nome - redescoberto no século XIX: "É com a ajuda direta desses maus demônios que se realizam todos os atos de feitiçaria (...) é o resultado de suas operações, e os homens que injuriam seus semelhantes pagam freqüentemente grande tributo a esses demônios maus, e especialmente a seu chefe. Estes espíritos passam o tempo enganando-nos, com um grande aparato de prodígios vulgares e ilusões; sua ambição é a de serem tomados por deuses, e seu chefe reclama ser reconhecido como o deus supremo".

O espírito que se assina Swedemborg - citado do Diakka de Davis, e que sugere ser o EU SOU - assemelha-se singularmente a este chefe dos demônios maus de Porfírio. Nada mais natural do que esse aviltamento dos teurgistas antigos e experiente por certos médiuns, quando encontramos Jâmblico, o expositor da teurgia espiritualista, proibindo estritamente todo esforço para produzir tais manifestações fenomênicas; a não ser depois de um longa preparação de purificação moral e física, e sob a orientação de teurgistas experientes. Quando, além disso, ele declara que, com pouquíssimas exceções, o fato de uma pessoa "surgir alongada ou mais espessa, ou elevar-se no ar" é uma marca segura de obsessão por demônios maus.

A experiências do Sr. Crookes é uma boa evidência de que muitos espíritos "materializados" falam com uma voz audível. Ora, nós demonstramos, com base no testemunho dos antigos, que a voz dos espíritos humanos não é e não pode ser articulada, pois é, como declara Emanuel Swedenborg, "um profundo suspiro". Em qual dessas duas classes de testemunhos se deve acreditar sem medo de errar? É a dos antigos que tiveram a experiência de tantos séculos de prática teúrgicas, ou a dos espíritas modernos, que não têm nenhuma, e que não têm fatos em que basear qualquer opinião, exceto os que foram comunicados pelos "espíritos", cuja identidade não têm meios de provar? Existem médiuns cujos organismos foram utilizados às vezes por centenas dessas pseudoformas "humanas". No entanto, não lembramos de ter visto ou ouvido um só que tenha expresso outras coisas que não as idéias mais ordinárias. Este fato deveria certamente chamar a atenção dos espiritista menos crítico. Se um espírito pode falar, e se o caminho está aberto tanto aos seres inteligentes quanto aos não inteligentes, por que não nos dão eles comunicações que se aproximem em qualidade em algum grau remoto das comunicações que recebemos através da "escrita direta"? Se a mesma espécie de "espíritos" se materializa e produz a escrita direta, e ambas se manifestam através dos médiuns, e uma fala absurdos, ao passo que a outra nos dá com freqüência ensinamentos filosóficos sublimes, por que deveriam as suas operações mentais ser limitadas "pelo horizonte intelectual do médium" num caso mais do que no outro? Os médiuns materialistas - pelo menos até onde se estende a nossa observação - não são menos educados do que muitos camponeses e operários que em tempos diferentes deram, sob influência suprema, idéias profanas e sublimes ao mundo. Quando os espíritos se vêem dotados de órgãos vocais para falar, não lhes é muito difícil exprimir-se de um modo condizente com a hipotética educação, inteligência e posição social que tiveram em vida, em lugar de cair invariavelmente no diapasão monótono de lugares-comuns e, não muito raramente, de banalidades. Quanto à observação esperançosa do Sr. Sargent, de que "pelo fato de a ciência do Espiritismo esta ainda na infância, podermos esperar por mais luz a esse respeito", tememos dever replicar que não é através desses "gabinetes escuros" que a luz algum dia recairá.

A lâmpada inextinguível, são obras da alquimia

É fácil compreender que um fato ocorrido em 1731, que testificar um outro fato que aconteceu durante o papado de Paulo III, por exemplo, seja desacreditado em 1876. E quando os cientistas são informados de que os romanos mantinham luzes em seu sepulcro por anos incontáveis graças à oleosidade de ouro; e que uma dessas lâmpadas perpétuas foi descoberta queimando brilhantemente na tumba de Túlia, a filha de Cícero, não obstante a tumba ter estado fechada durante mil e quinhentos e cinquenta anos - eles têm um certo direito de duvidar, e mesmo de descrer da afirmação, até se assegurarem, pela evidência de seus próprios sentidos, de que tal coisa é possível. Neste caso, eles podem rejeitar o testamento de todos os filósofos antigos e medievais. O enterro dos faquires vivos e a sua ressurreição subsequente, após trinta dias de inumação, pode parecer-lhes suspeito. Assim também a auto-infligência de feridas mortais, e a exibição de suas próprias entranhas às pessoas presentes por vários lamas, que curam tais feridas quase instantaneamente. Os faquires continuarão a ser enterrados e a ressuscitar, satisfazendo a curiosidade dos viajantes europeus; e os lamas e os ascetas hindus ferir-se-ão, mutilar-se-ão eviscerar-se-ão e achar-se-ão ainda melhores por isso; e as negações de todo o mundo não soprarão o suficiente para extinguir as lâmpadas perpétuas de algumas criptas subterrâneas da Índia, do Tibete e do Japão. Uma de tais lâmpadas é mencionada pelo Reverendo S. Mateer, da Missão

Londrina. No tempo de Trivandrum, no reino de Travancore, sul da Índia, "há um profundo poço no interior do templo, no qual imensas riquezas são lançadas ano após ano, num outro lugar, uma cova coberta por uma pedra, uma grande lâmpada de ouro, que foi acesa há mais de 120 anos, ainda continua a queimar", diz este missionário em sua descrição do lugar. Missionários católicos atribuem essas lâmpadas, como costuma acontecer, aos serviços obsequiosos do demônio. O pastor protestante, mais prudente, menciona o fato, e não faz nenhum comentário.

O abade Huc viu e examinou uma dessas lâmpadas, assim como outras pessoas que tiveram a boa sorte de conquistar a confiança e amizade dos ламas e sacerdotes orientais. Não se podem negar mais as maravilhas vistas pelo capitão Lane no Egito; as experiências de Jacolliot em Benares e as de Sir Charles Napier; as levitações de seres humanos em plena luz do dia. Entre as reivindicações da Alquimia está a das lâmpadas perpétuas. Se dissermos ao leitor que vimos muitas delas, poderão perguntar-nos - no caso de a sinceridade de nossa crença pessoal não ser questionada - como podemos dizer que as lâmpadas que observamos eram perpétuas, já que o período de nossa observação foi muito limitado? Simplesmente porque, como sabemos quais os ingredientes empregados, e a maneira de fazê-las, e a lei natural aplicável ao caso, confiamos em que nossa afirmação pode ser corroborada por investigações no local adequado. Onde se localiza este lugar e onde se pode aprender este conhecimento, nossos críticos devem descobri-lo, esforçando-se como nós o fizemos. Entrementes, citaremos alguns dos 173 autores que escreveram sobre o assunto. Nenhum deles, como lembramos, afirmou que essas lâmpadas sepulcrais queimariam perpetuamente, mas apenas por um número indefinido de anos, e exemplos se registram de sua contínua iluminação por muitos séculos. Não se negará que, se existe uma lei natural pela qual uma lâmpada pode queimar sem ser alimentada durante dez anos, não há razão por que a mesma lei não permita a combustão por cem ou mil anos.

Entre muitas personagens de renome que acreditavam firmemente e afirmaram energicamente que tais lâmpadas sepulcrais queimavam por vários centenas de anos, e que poderiam continuar a queimar talvez para sempre, se não tivessem sido extintas, ou os vasos quebrados por algum acidente, podemos incluir os seguintes nomes: Clemente de Alexandria, Hermolaus Barbarus, Apiano, Burattinus, Citésio, Célio, Foxius, Costaeus, Casalius, Cedrenus, Delrius, Ericius, Gesnerus, Jacobonus, Leander, Libavius, Lazius, Pico della Mirandola, Eugênio Filaletes, Liceto, Maiolus, Maturantius, Batista Porta, Pancirollus, Scardeonius, Ludovicus Vives, Voltarranus, Paracelso, vários alquimistas árabes e, finalmente Plínio, Solinus, Kirches e Alberto Magno.

São os egípcios, esses filhos do País da Química, que lhes reclamam a invenção. Pelo menos eles foram o povo que utilizou tais lâmpadas mais do que qualquer outra nação, por causa de suas doutrinas religiosas. Acreditava-se que a alma astral da múmia permanecia sobre o corpo pelo espaço de três mil anos do ciclo de necessidade. Presa a ele por um fio magnético, que só podia ser quebrado por seu próprio esforço, os egípcios esperavam que a lâmpada perpétua, símbolo de seu espírito incorruptível e imortal, convenceria por fim a alma mais material a abandonar o seu domicílio terrestre e unir-se para sempre com o seu EU divino. É por isso que as lâmpadas eram penduradas nos sepulcros dos ricos. Tais lâmpadas são, com frequência, encontradas nas cavernas subterrâneas dos mortos, e Liceto escreveu um grande infólio para provar que em seu tempo, sempre que um sepulcro era aberto, uma lâmpada ardente era encontrada na tumba, mas extinguia-se instantaneamente devido à profanação. Tito Lívio, Burattinus e Michael Schatta, em suas cartas a Kirches, afirmam que encontraram muitas lâmpadas nas cavernas subterrâneas da velha Mênfis. Pausânias fala da lâmpada de ouro no templo de Minerva, em Atenas, que ele afirma ser obra de Calímaco, e que queimava durante um ano inteiro. Plutarco afirma que viu uma no templo de Júpiter Amon, e que os sacerdotes lhe asseguraram que ela queimava continuamente há anos, e que, mesmo quando colocada ao ar livre, nem o vento nem a água podiam extingui-la. Santo Agostinho, a autoridade católica, também descreve uma lâmpada do templo de Vênus, da mesma natureza que as outras, inextinguível pelo vento mais violento ou pela água. Encontrou-se uma lâmpada em Edessa, diz Cedrenus, "que, oculta no topo de uma certa porta, queimou durante quinhentos anos". Mas, de todas as lâmpadas, a mencionada por Maximus Olybius de Pádua é de longe a mais extraordinária. Ela foi encontrada nas proximidades de Ateste, e Scardeonius a descreve de maneira muito viva: "Numa ampla urna de argila havia uma outra menor, e nesta uma lâmpada ardente, que assim queimava há 1.500 anos, por meio de um licor puríssimo contido em duas vasilhas, uma de ouro e outra de prata. Estas estavam confiadas à guarda de Franciscus Maturantius, que as avaliava por um valor extraordinário".

A lâmpada de Antióquia, que queimou mil e quinhentos anos, num lugar público e aberto, sobre a porta de uma igreja, foi preservada pelo "poder de Deus", "que fez um número tão infinito de estrelas para queimar com luz perpétua". Quando às lâmpadas pagãs, Santo Agostinho assegura-nos que elas eram obra

do demônio, "que nos engana de mil maneiras". Nada mais fácil para Satã do que representar um facho de luz, ou uma chama brilhante para aqueles que entraram em primeiro lugar numa tal caverna subterrânea. Isto foi sustentado por todos os bons cristãos durante o papado de Paulo III, quando, na abertura da tumba na via Ápia, em Roma, se encontrou o corpo inteiro de uma jovem nadando num licor brilhante que a preservou tão bem que a face era bela como se estivesse viva. A seus pés queimava uma lâmpada, cuja chama se apagou na abertura do sepulcro. Segundo alguns sinais gravados, descobriu-se que ela fora sepultada há mais de 1,500 anos e supôs-se que era o corpo de Tulliola, ou Tullia, filha de Cícero.

Químico e físicos negam que lâmpadas perpetuas são possíveis alegando que tudo que é transformado em vapor ou fumaça não pode ser permanente, mas deve consumir-se; e como a alimentação de óleo de uma lâmpada acesa é exalada como o vapor, o fogo, por esse motivo, não pode ser perpétuo, pois necessita de alimento. Os alquimistas, por outro lado, negam que toda a alimentação do fogo ateadado deve necessariamente converter-se em vapor. Eles dizem que há coisas na Natureza que não só resistem à ação do fogo e permanecem inconsumíveis, mas também se mostram inextinguíveis pelo vento ou pela água. Numa antiga obra química do ano de 1.705, intitulada *Nekpnoeia*, o autor dá numerosas refutações às pretensões de vários alquimistas. Mas, embora negue que se possa fazer um fogo queimar perpetuamente, ele está propenso a acreditar na possibilidade de uma lâmpada queimar por vários séculos. Além disso, temos numerosos testemunhos de alquimistas que devotaram anos a essas experiências e chegaram à conclusão de que isso era possível.

A indestrutibilidade da matéria

A descoberta da indestrutibilidade da matéria e a da correlação de forças, especialmente a última, são proclamadas como um de nossos grandes triunfos. É a "mais importante descoberta do presente século", como expressou Sir William Armstrong em sua oração como presidente da Associação Britânica. Mas esta "importante descoberta" não é em suma uma descoberta. Sua origem, deixando de lado os traços inegáveis encontrados nos filósofos antigos, perde-se nas densas trevas dos dias pré-históricos. Seus primeiros vestígio descobrem-se nas especulações sonhadoras da teologia védica, na doutrina da emanção e da absorção, do Nirvana, em suma. Scoto Erígena esboçou-a em sua audaciosa filosofia do século VIII, e convidamos o leitor a ler sua *De divisione naturae*, para convencer-se desta verdade. A Ciência diz-nos que quando a teoria da indestrutibilidade da matéria (entre parênteses, uma antiquíssima idéia de Demócrito) foi demonstrada, tornou-se necessário estendê-la à força. Nenhuma partícula material pode jamais perder-se; nenhuma parcela de força que existe na Natureza pode desaparecer; portanto, a força mostrou-se igualmente indestrutível, e suas várias manifestações ou forças, sob diversos aspectos, revelaram ser mutuamente conversíveis, e apenas modos diferentes de movimento das partículas materiais. E assim se redescobriu a correlação de forças. O Sr. Grove, já em 1824, deu a cada uma dessas forças, como calor, eletricidade, magnetismo e luz, o caráter de conversibilidade, tornando-as capazes de ser num instante uma causa e no próximo um efeito. Mas de onde vêm estas forças e para onde vão, quando as perdemos de vista? Sobre este ponto, a Ciência cala-se.

A antiguidade e a teoria das correlações de forças

À teoria da "correlação de forças", embora possa ser nas mentes de nossos contemporâneos "a maior descoberta de nosso século", não pode explicar nem o começo nem o fim de tais forças; e não pode indicar-lhes a causa. As forças podem ser conversíveis e uma pode produzir a outra, mas nenhuma ciência exata é capaz de explicar o alfa e o ômega do fenômeno. E, assim parafraseado por Jowett: "Deus conhece as qualidades originais das coisas; o homem só pode esperar chagar à probabilidade". Os antigos hindus baseavam sua doutrina da emanção e absorção precisamente nessa lei. Tò "Ov, o ponto primordial num círculo infinito, "cuja circunferência está em parte alguma, e o centro em toda parte", que emana de si todas as coisas, e que as manifesta no universo visível sob formas multifárias. As formas alternam-se, misturam-se e, depois de uma gradual transformação do espírito puro (ou o "Nada" búdico) na matéria mais grosseira, começam a se retrair e também gradualmente a reemergir em seu estado primitivo, que é a absorção no Nirvana - o que é então isso senão a correlação de forças?

A Ciência diz-nos que o calor desenvolve a eletricidade, e a eletricidade produz calor; e que o magnetismo produz eletricidade, e vice-versa. O movimento dizem-nos, resulta do próprio movimento, e assim por diante, ad infinitum. Este é o ABC do ocultismo e dos primeiros alquimistas. Descobrimos e provamos a indestrutibilidade da matéria e da força, o grande problema da eternidade está resolvido. Que necessidade temos então do espírito? Sua inutilidade está doravante cientificamente demonstrada!

Portanto, pode-se dizer que os filósofos modernos não deram um passo além do que os sacerdotes da Samotrácia, os hindus, e mesmo os gnósticos cristãos tão bem conheciam. Os últimos demonstraram-no no mito maravilhosamente ingênuo dos dioskuri, ou "os filhos do céu", os irmãos gêmeos a respeito dos quais diz Schweigger "que morrem constantemente e voltam à vida juntos, pois é absolutamente necessário "que um morra para que o outro possa viver". Eles sabiam tão bem quanto os nossos físicos que, quando uma força desaparece, ela simplesmente se converte numa outra força. Embora a Arqueologia não tenha descoberto nenhum aparelho antigo para tais conversões especiais, pode-se, não obstante, afirmar com perfeita razão e com base em deduções analógicas que quase todas as religiões antigas se fundavam em tal indestrutibilidade da matéria e da força - mais a emanção do todo a partir de um fogo etéreo, espiritual - ou o Sol Central, que é Deus ou Espírito, em cujo conhecimento se baseia potencialmente a antiga Magia Teúrgica.

No comentário manuscrito de Proclus sobre a Magia, ele dá a seguinte explicação: "Do mesmo modo que os amantes avançam gradualmente da beleza que é aparente em formas sensíveis para aquela que é divina, assim os sacerdotes antigos, quando pensavam que há uma certa aliança e simpatia entre as coisas naturais, entre as coisas visíveis e as forças ocultas, e descobriram que todas as coisas subsistem em tudo, edificaram uma ciência sagrada com base em sua simpatia e similaridade mútua. Portanto, eles reconheciam nas coisas subordinadas as coisas supremas, e, nas supremas, as secundárias; nas regiões celestes, as propriedades terrestres subsistindo de maneira causal e celestial, e na terra, as propriedades celestes, mas de acordo com a condição terrestre".

Proclus assinala certas peculiaridades misteriosas das plantas, dos minerais e dos animais, todas as quais são muito bem-conhecidas por nossos naturalistas, mas nenhuma é explicada. Tais são o movimento rotatório do girassol, do heliotrópio, do lótus - que, antes de o Sol se levantar, dobram as folhas, guardando-as consigo, por assim dizer, e as expandem então gradualmente quando o Sol se levanta, para recolhê-las novamente quando este se põe -, das pedras solares e lunares e do hélio-selene, do galo e do leão, e outros animais. "Ora, os antigos", diz ele, "tendo contemplado a mútua simpatia das coisas celestes e terrestres, aplicaram-na para propósitos ocultos, de natureza celeste e terrestre, por cujo intermédio, graças a certas semelhanças, deduziram as virtudes divinas nesta morada inferior.(...) Todas as coisas estão repletas de naturezas divinas; as naturezas terrestres recebem a plenitude das que são celestes, e as celestiais das essências supercelestiais, ao passo que cada ordem de coisas procede gradualmente de uma bela descida do mais alto ao mais baixo. Pois tudo que se reúne acima da ordem das coisas dilata-se em seguida descendo, as diversas almas distribuindo-se sob a conduta de suas diversas divindades".

Evidentemente, Proclus não advoga aqui simplesmente uma superstição, mas uma ciência ; pois não obstante ser oculta, e desconhecida de nossos eruditos, que lhe negam as possibilidades, a magia ainda é uma ciência. Ela se baseia solidamente e unicamente nas misteriosas afinidades existentes entre corpos orgânicos e inorgânicos, nas produções visíveis dos quatro reinos, e nos poderes invisíveis do Universo. O que a ciência chama de gravitação, os antigos e os hermetistas medievais chamavam de magnetismo, atração, afinidade. É a lei Universal, que foi compreendida por Platão e exposta no Timeu como a atração dos corpos menores pelos maiores, e dos corpos semelhantes pelos semelhantes, estes últimos exibindo antes um poder magnético do que a lei da gravitação. A fórmula antiaristotélica de que a gravidade força todos os corpos a caírem com igual rapidez, sem relação com o seu peso, sendo a diferença causada por alguma outra desconhecida, aplicar-se-ia ao que parece com mais adequação antes ao magnetismo do que à gravitação, pois o primeiro atrai antes em virtude da substância do que do peso. Uma completa familiaridade com as faculdades ocultas de tudo que existe na Natureza visíveis e invisíveis; suas relações, atrações e repulsões mútuas; a causa desta, remonta até o princípio espiritual que penetra e anima todas as coisas; a habilidade para fornecer as melhores condições para que este princípio se manifeste, noutras palavras, um profundo e exaustivo conhecimento da lei natural - tal foi e é a base da Magia.

A universalidade da crença na magia

A Magia era outrora uma ciência universal e estava inteiramente nas mãos do sábio sacerdote. Embora o foco fosse zelosamente guardado nos santuários, seus raios iluminavam toda a Humanidade. Como explicaríamos de outro modo a extraordinária identidade de "superstições", costumes, tradições e mesmo de adágios, repetidos nos provérbios populares tão espalhados de um pólo a outro que encontramos as mesmas idéias entre os tártaros e os lapões como entre as nações meridionais da Europa, os habitantes das estepes russas, e os aborígenes da América do Norte e do Sul? Tylor demonstra, por exemplo, que uma das antigas máximas pitagóricas, "Não ateie o fogo com uma espada", é popular entre

várias nações que não têm a menor conexão entre si. Ele cita De Plano Carpini, que descobriu que esta tradição prevalecia entre os tártaros já em 1246. Um tártaro não consentirá por preço algum em jogar uma faca ao fogo, ou tocá-lo com qualquer instrumento afiado ou pontiagudo, pois teme cortar a "cabeça de fogo". Os kamachadals do noroeste asiático consideram um grande pecado fazê-lo. Os índios Sioux da América do Norte não ousaram tocar o fogo com agulha, faca ou instrumento pontiagudo. Os kalmucks compartilham desse mesmo medo; e um abissínio preferiria colocar os braços nus até os ombros num braseiro a utilizar uma faca ou um machado perto dele. Todos os provérbios de Pitágoras, como muitos dos adágios antigos, têm um duplo significado; e, enquanto têm um significado físico oculto, expresso literalmente em suas palavras, encarnam um preceito moral, que é explicado por Jâmblico em sua Vida de Pitágoras. Este "Não revolta o fogo com uma espada" é o nono símbolo no Protréptico desse neoplatônico. "Este símbolo", diz ele, "exorta à prudência". Ele mostra "a propriedade de não opor palavras mordazes a um homem cheio de fogo e de cólera - de não lutar com ele. Pois freqüentemente por palavras impolidas agitais e irritais um homem ignorante, e sofrereis por isso. (...) Heráclito testemunha também a verdade desse símbolo. Pois, diz ele, 'É difícil lutar com cólera, pois não se pode mais fazer o que é necessário para redimir a alma'. E ele tem razão em dizê-lo. Pois muitos, deixando-se levar pela cólera, modificaram a condição de suas almas, e tornaram a morte preferível à vida. Mas governando a língua e calando-se, a amizade nasce do conflito, pois o fogo da cólera se extingue, e vós não pareceréis desprovidos de inteligência".

O grande corpo dos antigos materialistas, por mais cépticos que nos pareçam hoje, pensava de outra maneira, e Epicuro, que rejeitava a imortalidade da alma, acreditava, no entanto, num Deus, e Demócrito admitia plenamente a realidade das aparições. A maior parte dos sábios da antigüidade acreditava na preexistência e nos poderes divinos do espírito humano. A magia da Babilônia e da Pérsia baseava nisso a doutrina de seus machagistas. Os Oráculos caldeus, que Plecto e Pselo tanto comentaram, expuseram e ampliaram constantemente o testemunho daqueles. Zoroastro, Pitágoras, Epicuro, Empédocles, Cebes, Eurípedes, Platão, Euclides, Fílon, Boécio, Virgílio, Cícero, Plotino, Jâmblico, Proclus, Pselo, Sinésio, Orígenes e finalmente o próprio Aristóteles, longe de negarem a nossa imortalidade, sustentaram-na muito enfaticamente. Como Cardan e Pomponazzi, "que não eram partidários da imortalidade da alma", como diz Henry More, "Aristóteles conclui expressamente que a alma racional é um destino da alma do mundo, embora a mesma essência, e que ela preexiste antes de habitar o corpo".

Ísis Sem Véu - Capítulo VIII

Capítulo VIII

Alguns mistérios da natureza. A formação dos corpos celestes

O prefácio do último livro de Astronomia de Richard A. Proctor, intitulado *Our Placê Among Infinities*, contém estas extraordinárias palavras; "Foi a sua ignorância - do lugar da Terra no espaço infinito - que levou os antigos a considerar os corpos celestiais como se eles regessem favoravelmente ou adversamente os destinos dos homens e das nações, e a dedicar os dias, em conjuntos de sete, aos sete planetas do seu sistema astrológico". O Sr. Proctor faz duas asserções distintas nessa frase:

1º) Que os antigos ignoravam o lugar da Terra no espaço infinito; e

2º) Qual eles consideravam os corpos celestiais como se regessem, favorável ou adversamente, os destinos dos homens e das nações (Não precisamos ir tão longe para nos assegurarmos de que muitos grandes homens acreditavam na mesma coisa. Kepler, o eminente astrônomo, admitia plenamente a idéia de que as estrelas e todos os corpos celestes, até mesmo a nossa Terra, são dotados de almas viventes e pensantes.). Estamos bastante seguros de que existem pelo menos boas razões para suspeitar que os antigos estivessem familiarizados com os movimentos, a posição e as relações dos corpos celestiais. Os testemunhos de Plutarco, do Prof. Draper e de Jowett são suficientes explícitos. O Sr. Proctor esboça-nos a teoria da formação da nossa Terra e das mudanças sucessivas pelas quais ela passou antes de se ter tornado habitável pelo homem. Ele pinta com cores vívidas a condenação gradual da matéria cósmica em esferas gasosas cercadas por "uma casca líquida não-permanente"; o resfriamento lento da massa; os resultados químicos que se seguem à ação do calor intenso sobre a matéria terrestre primitiva; a formação dos solos e a sua distribuição; a mudança na constituição da atmosfera; o aparecimento da vegetação e da vida animal; e, finalmente, o advento do homem.

Ora, reportemo-nos aos registros escritos mais antigos legados pelos caldeus, o hermético Livro dos números, (Não temos conhecimento de que uma cópia desse livro antigo figure no catálogo de qualquer biblioteca européia; mas ele é um dos Livros de Hermes e é referido e citado pelas obras de grande número de autores filosóficos antigos e medievais. Entre estas autoridades está o Rosarius philosophorum, de Arnaldo de Vila Nova; o Tractat de lápide, etc., de Francisco Arnolfinio Lucense; o Tractatus de transmutatione metallorum, de Hermes Trimegistro, e, sobretudo, o tratado de Raymond Lully, De angelis opus divinum de quinta essentia.) e vejamos o que podemos encontrar na linguagem alegórica de Hermes, Cadmo ou Tehuti, os três vezes grande Trimegistro. "No começo dos tempos, o Grande Ente Invisível tinha as suas santas mãos cheias de matéria celestial que espalhou pelo infinito; e eis que ela se transformou em bolas de fogo e outras de argila; e elas se espalharam como o metal movente (Mercúrio) em muitas bolas menores e começaram a girar sem cessar; e algumas delas que eram bolas de fogo tornaram-se bolas de argila; e as bolas de argila tornaram-se bolas de fogo; e as bolas de fogo esperavam o seu momento de se tornarem bolas de argila; e as outras as invejavam e esperavam a sua vez de se tornarem bolas de puro fogo divino."

Alguém poderia exigir uma descrição mais clara das mudanças cósmicas que o Sr. Proctor tão elegantemente expõe?

Temos aqui a distribuição da matéria no espaço; depois, a sua concentração numa forma esférica; a separação de esferas menores, que se destacam das maiores; a rotação axial; a mudança gradual de orbes do estado incandescente para a consistência terrestre; e, finalmente, a perda total de calor que marca a sua entrada no estágio da morte planetária. A mudança das bolas de argila em bolas de fogo seria para os materialistas um fenômeno como a ignição de uma estrela em Cassiopéia em 1572 d.C. e em Serpentário, em 1604, que foi notada por Kepler. Mas os caldeus demonstraram nessa exposição uma filosofia mais profunda do que a de nossos dias. Esta mudança em bolas de "puro fogo divino" significa uma existência planetária contínua, correspondente à vida espiritual do homem, para além do mistério aterrador da morte. Se os mundos têm, como os astrônomos nos dizem, os seus períodos de embrião, infância, adolescência, maturidade, decadência e morte, eles podem, como o homem, ter a sua existência continua numa forma sublimada, etérea ou espiritual. Os mágicos no-lo respondem. Eles nos afirmam que a fecunda mãe Terra está sujeita às mesmas leis que submetem cada um dos seus filhos. No tempo ficado por ela, dá à luz todas as coisas criadas; na plenitude dos seus dias, desce ao túmulo dos mundos. O seu corpo grosseiro, material, desfaz-se lentamente dos seus átomos em virtude da lei inexorável que exige a sua nova arrumação em outras combinações. O seu próprio espírito vivificador aperfeiçoado obedece à eterna atração que o leva para o Sol central espiritual de que procede originalmente e que conhecemos vagamente pelo nome de DEUS.

A figura da uma idéia da interação ESPÍRITO-MATÉRIA, do Livro: O Homem Deus e o Universo; I. K. Taimni.

"E o céu era visível em sete círculos e os planetas apareceram com todos os seus signos, na forma de astros, e os astros foram divididos e numerados com os seus guias que estavam neles e o seu curso rotatório foi limitado pelo ar e mantido num curso circular pela ação do ESPÍRITO divino."

O Sr. Proctor fala-nos de uma casca líquida não-congelada que envolve um "oceano plástico viscoso" em que "há um outro globo sólido interior em rotação". Nós, por nosso turno, tomamos o Magia adâmica de Eugênio Filaletes, publicado em 1650, e à p. XII encontramos-lo citando Trimegistro nos seguintes termos: "Hermes afirma que no início a Terra era um lamaçal, ou uma espécie tremelicante de gelatina, feita de nada mais a não ser água congelada pela incubação e pelo calor do Espírito Divino; cum adhuc (diz ele) terra tremula esset, lucente sole compacta est".

Na mesma obra, Filaletes, falando em sua maneira estranha e simbólica, diz [Magia Adâmica, p. xi-xii] "(...) a Terra é invisível (...) por minha Alma, ela o é além disso, o olho do homem nunca viu a Terra, nem pode ela ser vista sem a arte. Tornar este elemento visível é o maior segredo da Magia. (...) Quanto a este corpo grosseiro, feculento, sobre o qual caminhamos, ele é um composto, e não terra, mas há terra nele. (...) Numa palavra, todos os elementos são visíveis exceto um, a saber a Terra, e quando atingirdes um grau de perfeição, como saber por que Deus colocou a Terra in abscondito, tereis um excelente meio de conhecer o próprio Deus e como Ele é visível, como é invisível".

A inquietação da matéria

A contínua atividade da matéria está indicada no dizer de Hermes: "A ação é a vida de Ptah"; e Orfeu chama a natureza de "a mãe que faz muitas coisas" - ou a mãe engenhosa, industriosa, inventiva.

O Sr. Proctor diz: "Tudo o que está sobre a Terra e dentro dela, todas as formas vegetais e todas animais, nossos corpos, nossos cérebros são formados de materiais que foram tirados dessas profundezas do espaço que nos cerca por todos os lados". Os herméticos, e posteriormente os Rosa-cruzes, afirmam que todas as coisas visíveis foram produzidas pela disputa entre a luz e a escuridão e que toda partícula de matéria contém em si mesma uma centelha da essência divina - ou luz, espírito - que, por meio da sua tendência a se libertar dos seus obstáculos e retornar à fonte central, produziu movimento nas partículas e, do movimento, forma.

A luz - (primeira criação segundo o Gênese) - é chamada pelos cabalistas de Sephirah, ou a Inteligência Divina, a mãe de todos os Sephiroth, ao passo que a Sabedoria Oculta é o pai. A luz é o primeiro elemento que nasceu e a primeira emanção do Supremo, e luz é vida, diz o evangelista. Ambos são eletricidade - o princípio vital, anima mundi, que penetra o universo, o vivificador elétrico de todas as coisas. A luz é o grande mágico Proteo; sob a ação da Vontade Divina do Arquitecto, as suas ondas multifárias, onipotente, dão origem a toda forma, bem como a todo ser vivo. Do seu seio avolumado, elétrico, procedem a matéria e o espírito. Nos seus raios repousam os começos de toda ação física e química e de todos os fenômenos cósmicos e espirituais; ela vitaliza e desorganiza; dá a vida e produz a morte, e do seu ponto primordial emergem gradualmente a existência as miríades de mundos, corpos celestiais visíveis e invisíveis. Foi no raio desta Primeira Mãe, uma em três, que Deus, segundo Platão, "acendeu um fogo, que agora chamamos Sol", e que não é a causa da luz nem do calor, mas apenas o foco, ou, como podemos dizer, a lente pela qual os raios da luz primordial se materializam e se concentram no nosso sistema solar e produzem todas as correlações de forças.

O elemento radical das religiões antigas

O elemento radical das religiões mais antigas era essencialmente sabeísta (Povo bíblico Astrólatra, que habitava o país de Sabá -S. da Arábia.); e afirmamos que os seus mitos e as suas alegorias, uma vez interpretados corretamente e completamente, concordarão perfeitamente com as mais exatas noções astronômicas dos nossos dias. Diremos mais: dificilmente haverá uma lei científica - pertencente ou à Astronomia física ou à Geografia física - que não possa ser facilmente apontada nas engenhosas combinações de suas fábulas. Eles interpretaram por meio de alegorias tanto as mais importantes quanto as mais insignificantes regras dos movimentos celestes; a natureza de todo fenômeno foi personificada; e, nas biografias míticas dos deuses e das deusas olímpicos, aqueles que estiver bastante familiarizado, com os últimos princípios da Física e da Química encontrará as suas causas, os interagentes e as relações mútuas encarnadas no comportamento e no curso das ações das divindades caprichosas. A eletricidade atmosférica, nos seus estados neutro e latente, geralmente é simbolizada em semideuses e deusas, cuja esfera de ação é mais limitada à Terra e que, em seus vôos ocasionais para regiões divinas mais elaboradas, exibem a sua têmpera elétrica sempre na proporção estrita do aumento da distância da superfície da Terra; as armas de Hércules e de Thor nunca foram mais mortais do que quando os deuses ascenderam às nuvens. Devemos ter em mente que antes da época em que o Júpiter olímpico fosse antromorfozido pelo gênio de Fídias em Deus Onipotente, o Maximus, o Deus dos deuses, e então, abandonado à adoração das multidões, na primeira e abstrata ciência do simbolismo ele encarnou em sua pessoa e em seus atributos todas as forças cósmicas. O mito era menos metafísico e complicado, porém mais verdadeiro eloquente como expressão da Filosofia Natural. Zeus, o elemento masculino da Criação, com Ctônia-Vesta (a terra) e Métis (a água), a primeira das Oceânidas (os princípios feminino), foi considerado, segundo Porfírio e Proclo, como o zôon-ek-zôon, o chefe dos seres vivos. Na teologia órfica, a mais antiga de todas, metafisicamente falando, ele representa tanto a potentia quanto o actus, a causa não-revelada e o Demiurgo, ou o criador ativo como uma emanção da potência invisível. Nesta última capacidade demiúrgica, em conjunção com os seus companheiros, encontramos nele todos os agentes mais poderosos da evolução cósmica - a afinidade química, a eletricidade atmosférica, a tração e a repulsão.

É seguindo as suas representações nesta idoneidade física que descobrimos quão familiarizados estavam os antigos com todas as doutrinas da ciência física em seu desenvolvimento moderno. Posteriormente, nas especulações pitagóricas, Zeus tornou-se a trindade metafísica; a Mônada que evolui do EU invisível, a causa ativa, o efeito, e a vontade inteligente, que, juntos, constituem a Tetraktys (O "Quatro", o primeiro de tudo é sua Unidade ou o "UM" sob quatro aspectos diferentes; significa a Triada primitiva (ou Triângulo) fundida na Mônada divina.). Mais tarde ainda encontramos os primeiros

neoplatônicos abandonando a Mônada primitiva, em razão de sua incompreensibilidade pelo intelecto humano, especulando apenas sobre a tríade demiúrgica dessa divindade tão visível e inteligível em seu efeitos; e depois a continuação metafísica por Plotino, Porfírio, Proclo e outros filósofos, que consideraram Zeus como pai, Zeus-Poseidon, ou dynamis, o filho e o poder, e o espírito ou nous. A Tríada também foi aceita em seu todo pela escola irenaica do século II; a diferença mais substancial entre as doutrinas dos neoplatônicos e dos cristãos consiste apenas na amalgamação forçada por estes últimos da Mônada incompreensível com a sua trindade criativa realizada.

Os deuses dos panteões: apenas forças naturais

As leis de Manu são as doutrinas de Platão, Filo, Zoroastro, Pitágoras e da Cabala. O esoterismo de toda religião pode ser solucionado com o auxílio desta última. A doutrina cabalista do Pai e do Filho alegóricos, ou Ilayos e Aóyos, é idêntica ao fundamento do Budismo. Moisés não podia revelar à multidão os segredos sublimes da especulação religiosa, nem a cosmogonia do Universo; tudo isto repousando sobre a Ilusão Hindu, uma máscara engenhosa a velar o Sanctum Sanctorum e tudo o que espantava muitos comentadores teológicos.

As heresias cabalísticas receberam um apoio inesperado nas teorias heterodoxas do Gen. Pleasonton. De acordo com suas opiniões (que ele apoia em fatos muito mais incontestáveis do que os cientistas ortodoxos as suas), o espaço entre o Sol e a Terra está preenchido por um agente material que, tanto quanto podemos julgar a partir de suas opiniões, corresponde à nossa Luz Astral cabalística. A passagem da Luz por meio dele deve produzir enorme fricção. A fricção gera eletricidade e são esta eletricidade e o seu magnetismo correlativo que formam aquelas extraordinárias formas da Natureza que produzem no nosso Planeta, e sobre ele e ao seu redor, as várias alterações que encontramos por toda parte. Ele prova que o calor terrestre não pode derivar diretamente do Sol, pois o calor ascendente. A força pela qual o calor é produzido é repelente, diz ele, e, como está associado à eletricidade positiva, é atraído para a atmosfera superior por sua eletricidade negativa, sempre associada ao frio, que se opõe à eletricidade positiva. Ele fortalece a sua opinião mostrando que a Terra, que quando coberta pela neve, não pode ser afetada pelos raios de Sol, é mais quente onde a neve é mais espessa. Pleasonton explica este fato pela teoria de que a radiação do calor do interior da Terra, positivamente eletrificada, encontrando-se na superfície da Terra com a neve que está em contato com ela, negativamente eletrificada, produz o calor.

Ele mostra, assim, que não é de maneira alguma ao Sol que devemos a luz e o calor; que a luz é uma criação sui generis, que passou a existir no instante em que a Divindade quis e pronunciou o seu fiat: "Faça-se a luz"; e que é este agente material independente que produz o calor por fricção, em virtude da sua velocidade enorme e constante. Em suma, é a primeira emanção cabalística que o Gen. Pleasonton nos apresenta: a Sephirah ou Inteligência Divina (o princípio feminino), que, unida ao Ain-Soph ou sabedoria divina (o princípio masculino), produziu tudo que é visível e invisível. Ele se ri da teoria corrente da incandescência do Sol e da sua substância gasosa. A reflexão da fotosfera do Sol, diz ele, passando pelos espaços planetários e estelar, deve ter então criado uma vasta soma de eletricidade e magnetismo. A eletricidade, pela união das suas polaridades opostas, emite calor e fornece magnetismo a todas as substâncias capazes de recebê-lo. O Sol, os planetas, as estrelas e as nebulosas são, todos eles, Imãs.

Se este corajoso cavalheiro chegar a provar a sua tese, as gerações futuras estarão pouco inclinadas a rir de Paracelso e da sua luz sideral ou astral e da sua doutrina da influência magnética exercida pelas estrelas e pelos planetas sobre toda criatura viva, vegetal ou mineral do nosso globo. Além disso, se a hipótese de Pleasonton for reconhecida como exata, a glória transcendente do Prof. Tyndall será grandemente obscurecida. De acordo com a opinião pública, Pleasonton efetua uma investida violenta contra o eminente físico que atribuiu ao Sol efeitos caloríficos experimentados por ele uma excursão pelos Alpes, e que era, devidos apenas à sua própria eletricidade vital.

Platão reconhece que o homem é o juguete de necessidade a que está submetido desde a sua entrada no mundo da matéria; a influência externa das causas é semelhante à do daimonion de Sócrates. Segundo Platão, feliz é o homem corporalmente puro, pois a pureza do corpo físico determina a do astral, que, embora seja suscetível de se extrair por impulsos próprios, sempre se alinhará com a razão contra as predisposições animais do corpo físico. A sensualidade e outras paixões provêm do corpo carnal; e ainda que opina que há crimes involuntários, porque procedem de causas externas, Platão faz distinção entre elas. O fatalismo que ele concede à Humanidade não exclui a possibilidade de os evitar, pois embora a dor, o temor, a cólera e outros sentimentos sejam dados aos homens por necessidades, "se

triunfa sobre eles, vive-se corretamente, e se é vencido por eles, vive-se incorretamente". O homem dual divino desapareceu deixando apenas a forma animal e o corpo astral (a alma mortal mais elevada de Platão), é abandonada apenas aos seus instintos, pois ele foi dominado por todos os males vinculados à matéria; em consequência, ele se torna um instrumento dócil nas mãos dos invisíveis - seres de matéria sublimada, que pairam em nossas atmosferas e estão sempre prontos a inspirar aqueles que foram justamente abandonados por seu conselheiro imortal, o espírito divino, chamado de "gênio" por Platão. Segundo este grande filósofo e iniciado, "quem viveu bem durante o tempo que lhe foi atribuído poderá voltar a habitar a sua estrela e daí levará uma existência abençoada e de acordo com a sua natureza. Mas se ele não a conseguir nesta segunda geração, ele passará para uma mulher [tornando-se indefeso e fraco como uma mulher], e, se não puser fim ao mal nesta condição, será transformado em algo bruto, que se parecerá com ele nos maus dias, e os seus tormentos e as suas transformações não cessarão até que, seguindo o princípio original de igualdade e de semelhança que nele existe, ultrapasse, com a ajuda da razão, as secreções últimas dos elementos turbulentos e irracionais (demônios elementares) compostos de fogo e ar, e de água e terra, e retorne à forma da sua primeira e melhor natureza".

"A ciência verdadeira não tem crenças", diz o Dr. Fenwick, em *A Strange Story*, de Bulwer-Lytton; "a verdadeira ciência (...) apenas três estados da mente: negação, convicção e o vasto intervalo entre as duas, que não é a crença, mas suspensão de juízo". Essa, talvez, fosse a ciência verdadeira na época do Dr. Fenwick, mas a ciência dos nossos tempos modernos procede de outra maneira; ou nega sem rodeios, sem qualquer investigação preliminar, ou colocar-se à distância prudente entre a negação e a afirmação e, dicionário na mão, inventa novos termos greco-latinos para espécies não-existentes de histeria!

Quão amiúde clarividentes poderosos e adeptos de Mesmerismo descrevem epidemias e manifestações físicas (embora fossem invisíveis para outros) que a ciência atribui à epilepsia, a distúrbio hematonervosos e, que sei eu, de origem somática, como a sua lúcida visão os viu na luz astral. Eles afirmam que as "ondas elétricas" estavam num estado de violenta perturbação e que eles percebiam uma relação direta entre esses distúrbios etéreos e a epidemia mental ou física que então reinava. Mas a ciência não os ouviu, e continuou o seu trabalho enciclopédico de maquinar nomes novos para coisas velhas.

As provas dos poderes mágicos de Pitágoras

Um dos poucos comentadores dos velhos autores gregos e latinos que se mostraram equivalentes aos antigos do ponto de vista do seu desenvolvimento mental é Thomas Taylor. Na sua tradução da *Vida de Pitágoras*, de Jâmblico, encontramos a seguinte observação: "Dado que Pitágoras, como Jâmblico nos informa (...) era iniciado em todos os mistérios de Biblos e de Tiro, nas operações sagradas dos sírios e nos mistérios dos fenícios, e também (...) havia passado 22 anos nos áditos dos templos do Egito, reunido com os magos da Babilônia, e que fora instruído por eles em seu venerável conhecimento - não é nada surpreendente que ele fosse muito versado em Magia ou teurgia, e fosse capaz de fazer que ultrapassam o mero poder humano e que parecem ser absolutamente incríveis ao vulgo".

O éter universal não era, aos seus olhos, simplesmente algo que se expandia, sem ocupante, pela extensão do céu; era um oceano sem limites povoado como os nossos mares por monstros e criaturas menores e que possuía em cada uma das suas moléculas os germes da vida. Como as tribos aquáticas que formigam nos nossos oceanos e nos mínimos corpos de água, cada espécie que vivia em seu hábitat curiosamente adaptada ao seu lugar, algumas amigáveis e outras inamistosas ao homem, algumas agradáveis e outras espantosas de se ver, algumas procurando o refúgio de um esconderijo tranqüilo e de enseadas abrigadas, e algumas correndo através de grandes áreas de água - as várias raças de espíritos elementais habitavam, segundo eles, as diferentes regiões do grande oceano etéreo e, para sermos exatos, adaptadas às suas respectivas condições. Se não perdemos de vista o fato de que o curso dos planetas no espaço deve criar uma perturbação tão absoluta nesse meio plástico e atenuado quanto a passagem de um tiro de canhão no ar ou de um barco a vapor na água, e isso em escala cósmica, podemos compreender que certos aspectos planetários, admitindo-se que nossas premissas sejam verdadeiras, podem produzir uma agitação muito violenta e ocasionar correntes muito fortes numa determinada direção do que outros. Aceitas essas mesmas premissas, também podemos perceber por que, dados os vários aspectos dos astros, bandos de "elementais" amigáveis ou hostis podem ser derramados em nossa atmosfera, ou algumas porção determinada dela, e aí fazer sentir a sua presença por meio dos efeitos que enseja.

Ísis Sem Véu - Helena P. Blavatsky

Ciência II - Índice Geral

CAPÍTULO IX

Fenômenos cíclicos. O sentido da expressão "túnicas de peles"
Visões clarividentes de um passado remoto - a teoria hermética da evolução do homem
Adão - um ser espiritual puro e perfeito
A rebelião de Lúcifer
A criação dos animais que precederam o homem sobre a face da Terra
No oceano sem limites brilha o Sol Central
O grande ciclo da mônada - a teoria de Darwin
A razão - uma faculdade de nosso cérebro físico
O eterno conflito entre as religiões do mundo
Os elementais descritos pormenorizadamente
As idéias dos antigos cabalistas sobre o espírito humano
A queda na geração explicada pelos antigos filósofos
Duas importantes verdades sobre o poder mágico
A produção dos fenômenos físicos
Sobre mesas girantes
A duplicidade do Universo
Os espíritos da natureza
A trindade do homem e a dualidade dos animais
As moradas das almas após a morte
A imortalidade do homem
O uso da psicometria para pesquisas e seu uso pelos antigos
Os elementares segundo os filósofos antigos

CAPÍTULO X

Fenômenos cíclicos
A existência e formação do Universo
Manifestações da alma
A antiga doutrina da transmigração da alma
A causa da reencarnação
O mundo do nirvana
A significação secreta dos ciclos e kalpas
A manifestação de Brahma
A misteriosa doutrina da reencarnação
A oitava esfera - o Hades alegórico
Significado do termo feitiçaria
A vulnerabilidade de algumas "sombras"
A preparação de oráculos
Espíritos elementares tem medo da espada
Fenômenos que podem ocorrer com a alma
A diferença entre o médium e o mágico
A filosofia hermética aponta os estados antecedentes do homem

Uma experiência psíquica

CAPÍTULO XI

Maravilhas psicológicas e físicas
As propriedades do Akasa
O misterioso fluido vital
Encantamentos de pássaros através da força de vontade
Fenômenos de animação de estátuas
A matéria - cópia de idéias abstratas
Da gestação do óvulo humano
Conceitos sobre a imaginação - o poder da mente sobre a matéria
A destruição da Biblioteca de Alexandria

CAPÍTULO XII

O abismo impenetrável
O instinto nas manifestações da natureza
A primeira causa eterna
Da dualidade da alma e suas manifestações
Instinto e a razão - explicados pelos antigos
Comparações entre a prece, o desejo e a vontade
O mesmerismo e o espiritismo moderno
Fenômenos ocorridos no Tibet
Concepções sobre as religiões
Manifestações de fenômenos entre os adeptos da Índia
A magia dos Caldeus
As superstições da Idade Média
O diabo e suas várias metamorfoses

CAPÍTULO XIII

Realidades e ilusões
Os poderes ocultos da natureza
A animação de estátuas praticadas pelos antigos
As sessões espíritas na Índia
A vontade deve dominar as forças intelectuais e materiais
Os fenômenos psíquicos e as artes mágicas
Os mistérios da vontade dirigida
Considerações sobre a morte física
Apolônio podia ver, através de um espelho, o presente e o futuro
A mediunidade ensinada na filosofia antiga
As qualidades do médium e as manifestações espíritas
Deus geometriza: diz Platão
A energia misteriosa irradiada do Ponto Zero ou Laya
Os espíritos elementais

CAPÍTULO XIV

A sabedoria egípcia
A origem dos egípcios
As punjantes obras de engenharia egípcia
A antiga nação dos faraós
O poder de Ísis para curar doenças
A doutrina de Pitágoras
A preparação da múmia pelos egípcios - eles fabricavam cerveja e vinhos
Obras musicais dos egípcios
O conhecimentos da medicina
O gênese bíblico
A identidade dos ritos antigos

Os quatro ancestrais da raça humana
O diabo é a sombra de Deus

CAPÍTULO XV

Índia - o berço de uma raça
A doutrina secreta
Os primeiros capítulos do gênese
A Índia antiga
Os registros do grande livro
A antiguidade de Manu
A Atlântida - o continente perdido
As ruínas que cobrem as duas américas
As artes mágicas antigas e modernas são idênticas
A sombra de Buddha adorada por Hiuen-Tsang
O poder da invocação da alma
A perpetuação de uma crença
Uma ciência de nome Theopoe
Análise das artes e ciências nas filosofias: egípcia, grega, caldéia e assíria

Ísis Sem Véu - Capítulo IX

Capítulo IX

Fenômenos cíclicos. O sentido da expressão "túnicas de peles"

Afirmam alguns filósofos antigos que as "túnicas de pele" que, segundo o terceiro capítulo do Gênese, foram dadas a Adão e Eva significam os corpos carnis com que os progenitores da raça humana foram vestidos na evolução dos ciclos. Sustentam eles que a forma física criada à semelhança de Deus tornou-se cada vez mais e mais grosseira, até atingir o fundo do que se pode chamar de último ciclo espiritual, e a Humanidade penetrou no arco ascendente do primeiro ciclo humano. Começou, então, uma série ininterrupta de ciclos ou yugas, permanecendo a duração precisa de cada um deles um mistério inviolável conservado nos recintos dos santuários e revelado unicamente aos iniciados. Assim a Humanidade entrou num novo ciclo, a idade da pedra, com a qual o ciclo precedente teve fim, começou gradualmente a se transformar numa idade superior. A cada sucessiva idade, ou época, os homens se refinaram mais e mais, até que o cume da perfeição possível em cada ciclo particular foi atingido. Então a onda em refluxo do tempo trouxe consigo os vestígios do progresso humano, social e intelectual. Os ciclos se sucedem aos ciclos por transição imperceptíveis; nações florescentes e altamente civilizadas cresceram em poder, atingiram o clímax do desenvolvimento, declinaram e extinguiram-se; e a Humanidade, quando o fim do arco cíclico mais baixo foi atingido, remergulhou na barbárie como no princípio. Reinos desmoronaram e as nações se sucederam às nações, do princípio até os nossos dias, as raças subindo alternadamente aos graus de desenvolvimento mais elevado e descendo até os mais baixos. Draper observa que não há nenhuma razão para supor que um ciclo se aplique a toda a raça Humana. Ao contrário, enquanto o homem numa parte do planeta está em estado de retrogressão, na outra ele pode estar progredindo em conhecimento e em civilização.

Quanto se assemelha a esta teoria a lei do movimento planetário, que força os astros a rodarem sobre seus eixos ; os diversos corpos a girarem em torno dos respectivos sóis; e todo o cortejo estelar a seguir um caminho comum em redor de um centro comum. Vida e morte, luz e trevas, dia e noite sucedem-se no planeta, enquanto este gira sobre seu eixo e percorre o círculo zodiacal, que representa os ciclos menores e maiores. Lembrai-vos do axioma hermético: "Em cima como embaixo; no céu como na terra".

Visões clarividentes de um passado remoto - a teoria hermética da evolução do homem

O Prof. Denton submeteu, ao exame de sua esposa, um fragmento de osso fossilizado sem dar à Sra. Denton qualquer indicação do que era o objeto. Este suscitou-lhe imediatamente retratos do povo e cenas que o Prof. Denton acredita pertencerem à idade da pedra. Ela viu homens extremamente semelhantes a macacos, com corpos muito peludos, e "como se o cabelo natural fizesse as vezes de roupas". "Duvido

que eles possam ficar perfeitamente eretos; as articulações do quadril parecem indicar que não", disse ela. "Vejo ocasionalmente uma parte do corpo de um desses seres que parece comparativamente lisa. Posso ver a pele, que é mais branca (...) Não sei se ele pertence ao mesmo período. (...) à distância a face parece achatada; a parte inferior é proeminente; eles têm o que suponho que se chamam mandíbulas prognatas. A região frontal da cabeça é baixa, e a parte mais baixa é muito proeminente, formando uma saliência redonda em torno da fronte, imediatamente acima das sobrancelhas. (...) Vejo agora um rosto que se parece ao de um ser humano, embora ainda tenha uma aparência simiesca. Todos parecem pertencer à mesma espécie, pois têm braços longos e corpos cabeludos".

Aceitem ou não os cientistas a teoria hermética da evolução do homem a partir de naturezas superiores e mais espirituais, eles próprios nos mostram como a raça progrediu do ponto mais baixo observado ao atual desenvolvimento. E, como toda a natureza parece ser feita de analogias, será desarrazoado afirmar que o mesmo desenvolvimento progressivo das formas individuais ocorreu entre os habitantes do universo invisível? Se esses maravilhosos efeitos foram causados pela evolução sobre o nosso pequeno planeta insignificante, produzindo homens pensantes e intuitivos a partir de tipos superiores da família dos macacos, por que supor que os ilimitados reinos do espaço são habitados apenas por duplicatas espirituais desses ancestrais cabeludos, de braços longos e semipensantes, seus predecessores, e por seus sucessores até a nossa época? Naturalmente, as partes espirituais desses membros primitivos da família humana deveriam ser tão bárbaras e tão pouco desenvolvidas quanto os seus corpos físicos. Embora não tenham feito nenhuma tentativa de calcular a duração do "grande ciclo", os filósofos herméticos sustentavam que, de acordo com a lei cíclica, a raça humana viva deve inevitável e coletivamente retornar um dia ao ponto de partida em que o homem foi vestido com "túnicas de pele"; ou, para expressá-lo mais claramente, a raça humana deverá ser finalmente, de acordo com a lei da evolução, fisicamente espiritualizada.

Adão - um ser espiritual puro e perfeito

Começando como um ser espiritual puro e perfeito, o Adão do segundo capítulo do Gênesis, não satisfeito com a posição a ele conferida pelo Demiurgo (que é o primogênito mais antigo, o Adão-Cadmo), este segundo Adão, o "homem de pó", conspira em seu orgulho para, por sua vez, tornar-se Criador. Emanado do Cadmo andrógino, este Adão é ele também andrógino, pois, de acordo com as antigas crenças apresentadas alegoricamente no Timeu de Platão, os protótipos de nossas raças foram todos encerrados na árvore microcósmica que cresceu e se desenvolveu dentro e sob a grande árvore cósmica ou macrocósmica. Por se considerar que o Espírito Divino é uma unidade, não obstante os numerosos raios do grande sol espiritual, o homem tinha sua origem, como todas as outras formas, orgânicas ou inorgânicas, nesta Fonte de Luz Eterna. Ainda que rejeitássemos a hipótese de um homem andrógino, no que concerne à evolução física, o significado da alegoria em seu sentido espiritual permaneceria inalterado. Uma vez que o primeiro homem-deus, que simboliza os dois princípios da criação, o elemento dual masculino e feminino, não tinha noção do bem e do mal, ele não podia hipostasiar "a mulher", pois ela estava nele como ele nela. Foi apenas quando, como resultado dos maus conselhos da serpente, a matéria se condensou e arrefeceu no homem espiritual em seu contato com os elementos, que os frutos da árvore humana - que é ela própria a árvore do conhecimento - se mostraram aos seus olhos. Desde esse momento, a união andrógina cessou, o homem emanou de si a mulher como uma entidade separada. Eles quebraram o elo entre o espírito puro e a matéria pura. A partir de então, eles não mais criarão espiritualmente, e apenas pelo poder de sua vontade; o homem tornou-se um criador físico, e o reino do espírito só pode ser conquistado por um longo aprisionamento na matéria. O sentido de Gogard, a árvore da vida helênica, o carvalho sagrado entre cujos ramos luxuriantes repousa uma serpente, que não pode ser desalojada, torna-se assim claro. Escapando do ilus primordial, a serpente cósmica torna-se mais material e cresce em força e poder a cada nova evolução.

O Primeiro Adão, ou Cadmo, o Logos dos místicos judeus, é idêntico ao Prometeu grego, que procura rivalizar com a sabedoria divina; e também ao Primander de Hermes, ou o PODER DO PENSAMENTO DIVINO, em seu aspecto mais espiritual, pois ele foi menos hipostasiado pelos egípcios do que pelos dois primeiros. Eles criam todos os homens, mas falham em seu objetivo final. Desejando dotar o homem de um espírito imortal, a fim de que, inserindo a trindade no um, ele pudesse gradualmente retornar ao seu primitivo estado primordial sem perder a individualidade, Prometeu falha em sua tentativa de roubar o fogo divino, e é condenado a explicar o crime no Monte Kazbeck. Prometeu é também o Logos dos antigos gregos, assim como Hércules. No Códex nazareus vemos Bahak-Zivo desertando do céu de seu pai e confessando que, embora seja o pai dos genii, é incapaz de "construir criaturas", pois ele é tão pouco versado no que concerne a Orco como no que respeita ao "fogo

consumidor desprovido de luz". E Fetahil, uma das "potestades", senta-se no "barro" (matéria) e espanta-se com o fato de o fogo vivo ter mudado tanto.

A rebelião de Lúcifer

Todos esses Logois que procuram dotar o homem de espírito imortal falham, e quase todo são representados sofrendo as mais diversas punições pela tentativa. Os primeiros padres cristãos, que, como Orígenes e Clemente de Alexandria, eram bastante versados na simbologia pagã e começaram suas carreiras como filósofos, sentiram-se muito embaraçados. Eles não podiam negar a antecipação de suas doutrinas nos mitos antiquíssimos. O último Logos, de acordo com os seus ensinamentos, também surgiu para mostrar à Humanidade o caminho da imortalidade; e em seu desejo de dotar o mundo de uma vida eterna através do fogo pentecostal, perdeu a vida de acordo com o programa tradicional. Assim se originou a desajeitadíssima explicação de que o nosso clero moderno se aproveita livremente, segundo a qual todos esses tipos míticos mostram o espírito profético que, pela graça de Deus, foi concedido até mesmo aos idólatras pagãos! Os pagãos, afirmam, representaram, em suas imagens, o grande drama do Calvário - daí a semelhança.

A alegoria da queda do homem e do fogo de Prometeu é também outra versão do mito da rebelião do orgulhoso Lúcifer, precipitado no poço sem fundo - o Orco (Inferno ou Mundo inferior). Na religião dos brâmanes, Mahâsura, o Lúcifer hindu, torna-se invejoso da luz resplandecente do Criador, e à testa de uma legião de espíritos inferiores rebela-se contra Brahmâ, e lhe declara Guerra. Como Hércules, o fiel Titã, que ajuda Júpiter e lhe devolve o trono, 'Shiva, a terceira pessoa da trindade hindu, os precipita a todos da morada celestial no Honderah, a religião das trevas eternas. Mas aqui os anjos caídos se arrependem de sua má ação, e na doutrina hindu eles obtêm a oportunidade de progredir. Na história grega, Hércules, o deus do Sol, desce ao Hades para livrar as vítimas de suas torturas; e a Igreja cristã também faz o seu deus encarnado descer às sombrias regiões plutônicas e vencer o ex-arcango rebelde. Por sua vez os cabalistas explicam a alegoria de um modo semicientífico. O segundo Adão, ou a primeira raça criada que Platão chama de deuses, e a Bíblia de Elohim, não era de natureza tríplice como o homem terrestre: ele não era composto de alma, espírito e corpo, mas era um composto de elementos astrais sublimados em que o "Pai" soprou um espírito divino imortal. Este, devido à sua essência divina, lutou sempre para livrar-se dos liames dessa frágil prisão; eis por que os "filhos de Deus", em seus imprudentes esforços, foram os primeiros a traçar um modelo futuro para a lei cíclica. Mas o homem não deve ser "como um de nós", diz a Divindade Criadora, um dos Elohim "encarregados da fabricação do animal inferior". Foi assim que, quando os homens da primeira raça atingiram o cume do primeiro ciclo, eles perderam o equilíbrio, e seu segundo invólucro, as vestes grosseiras (o corpo astral), os arrojou ao arco oposto.

A criação dos animais que precederam o homem sobre a face da Terra

Mas esta criação de seres, sem o necessário influxo do puro sopro divino sobre eles, que era conhecido entre os cabalistas como o "Fogo Vivo", produziu apenas criaturas de matéria e luz astral. (A luz astral, ou anima mundi, é dual e bissexuada. A sua parte masculina é puramente divina e espiritual: é a Sabedoria, ao passo que a porção feminina (o spiritus dos nazarenos) é maculada, em certo sentido, pela matéria, e, portanto, é maligna. É o princípio de vida de toda criatura viva, e fornece a alma astral, o perispírito fluídico, aos homens, aos animais, aos pássaros no ar e a tudo que vive. Os animais têm apenas o germe da alma imortal superior como um terceiro princípio. Este germe desenvolver-se-á somente através de uma série de inumeráveis evoluções, cuja doutrina está contida no axioma cabalístico: "Uma pedra transforma-se numa planta; a planta, num animal; o animal, num homem; o homem, num espírito; e o espírito, em um deus".) Assim foram gerados os animais que precederam o homem sobre esta Terra. Os seres espirituais, os "filhos da luz", que permaneceram fieis ao grande Ferho (a Primeira Causa de tudo) constituem a hierarquia celeste ou angélica, os Adonim, e as legiões dos homens espirituais que nunca se encarnaram. Os seguidores dos gênios rebeldes e insensatos, e os descendentes dos sete espíritos "ignorantes" criados por "Karabtanos" e o "spiritus", tornaram-se, com o correr do tempo, os "homens de nosso planeta", após terem passado por toda a "criação de cada um dos elementos. A partir dessa fase, nossas formas superiores evoluíram das inferiores. A Antropologia não ousa seguir o cabalista em seus vãos metafísicos além deste planeta, e é duvidoso que os seus mestres tenham a coragem de procurar o elo perdido nos velhos manuscritos cabalistas.

Foi assim, então, posto em movimento o primeiro ciclo, que em suas rotações descendentes troce uma parte infinitesimal das vidas criadas ao nosso planeta de barro. Chegando ao ponto mais baixo do

arco do ciclo, que precedeu diretamente a vida sobre a Terra, a pura centelha divina que ainda restava em Adão fez um esforço para se separar do espírito astral, pois "o homem caía gradualmente na geração", e a camada carnal tornava-se mais e mais densa a cada ação.

E aqui começa um mistério, um Sod citando o Latin lexicon de Freund, IV,448 [em Sod, Myst. of Adonai, p. XII].); um segredo que o rabino Simeão não comunicava senão a pouquíssimos iniciados. Ele era representado uma vez a cada sete anos durante os mistérios da Samotrácia, e os seus registros se encontram auto-impressos nas folhas da árvore sagrada tibetana, a misteriosa KOUNBOUM, na Lamaseria dos santos adeptos.

No oceano sem limites brilha o Sol Central

No oceano sem limites brilha o Sol Central, Espiritual e Invisível. O universo é seu corpo, espírito e alma; e TODAS AS COISAS são criadas de acordo com este modelo ideal. Estas três emanções são as três vidas, os três degraus do Pleroma gnóstico, as três "Fases Cabalísticas", pois o ANTIGO dos antigos, o santo dos idosos, o grande En-Soph, "tem uma forma e em seguida não tem forma alguma". O Invisível "assumiu uma forma quando chamou o universo À Vida", diz o Zohar, o Livro do Esplendor. A Primeira Luz é a Sua Alma, o Sopro Infinito, Ilimitado e Imortal, sob cujo esforço o universo ergue o seu poderoso seio, para infundir vida Inteligente à Criação. A Segunda emanção condensa matéria cometária e produz formas no círculo cósmico; põe os incontáveis mundos flutuando no espaço elétrico, e infunde o princípio de vida cego e ininteligente, em cada forma. A Terceira produz todo o universo da matéria física; e, como se afasta gradualmente da Luz Central Divina, seu fulgor se enfraquece e se transforma nas TREVAS e no MAL - a matéria pura, as "grosseiras purgações do fogo celestial" dos hermetistas.

O grande ciclo da mônada - a teoria de Darwin

Quando o Invisível Central (o Senhor Ferho) viu os esforços para libertar-se da Scintilla divina, que não desejava ser lançada na degradação da matéria, ele lhe permitiu tirar de si própria uma Mônada, pela qual, ligada a ela pelo fio mais fino, a Scintilla divina (a alma) tinha que velar durante as suas incessantes peregrinações de uma forma a outra. Assim a Mônada foi lançada na primeira forma da matéria e daí encerrada em pedra; depois, no decorrer do tempo, através dos esforços combinados do fogo vivo e da água viva, ambos os quais brilhavam seu reflexo sobre a pedra, a Mônada escapou à prisão e surgiu à luz do Sol como um líquen. De modificações em modificações ela foi mais e mais alto; a Mônada, a cada nova transformação, tomou emprestado um pouco mais da radiação de sua mãe. Scintilla, de que se aproximava a cada transmigração. Pois "a Causa Primária quis que ela procedesse desse modo"; e destinou-a a subir e mais e mais até que sua forma física se tornasse novamente o Adão de pó, formado à imagem de Adão-Cadmo. Antes de sofrer a sua última transformação terrestre, a cobertura externa da Mônada, a partir do momento de sua concepção como embrião, passa, novamente, pelas fases dos vários reinos. Em sua prisão fluídica ela conserva uma vaga semelhança com os vários períodos de gestação como planta, réptil, pássaro e animal, até se tornar um embrião humano. No nascimento do futuro homem, a Mônada, radiando com toda a glória de sua mãe imortal que a vigia da sétima esfera, torna-se sem sentido. Ela perde todas as lembranças do passado, e só retorna gradualmente à consciência quando o instinto da infância dá lugar à razão e à inteligência. E quando a separação entre o princípio de vida (espírito astral) e o corpo tem lugar, a alma liberada - a Mônada - reencontra exultantemente o espírito paterno e materno, o radiante Augoeides, e os dois, fundidos em um, formam para sempre, como uma glória proporcional à pureza espiritual da vida terrestre passada, o Adão que completou o círculo de necessidade, e está livre do último vestígio de seu envoltório físico. A partir desse momento, tornando-se mais e mais radiante a cada passo de seu progresso ascendente, ele sobe pelo caminho brilhante que termina no ponto do qual ela partirá em torno do Grande Ciclo.

Toda a teoria darwiniana da seleção natural está resumida nos primeiros seis capítulos no Gênese. O "Homem" do cap. I é radicalmente diferente do "Adão" do cap. II, pois o primeiro foi criado "macho e fêmea" - isto é, bissexuado - e à imagem de Deus; ao passo que o último, de acordo com o sétimo versículo, foi formado com o pó da terra, e tornou-se "uma alma vivente", depois que o Senhor Deus "soprou em suas narinas o sopro da vida". Contudo, este Adão era um ser masculino, e no vigésimo versículo somos informados de que "não se encontrou a auxiliar que lhe correspondesse". Os adonais, por serem puras entidades espirituais, não tinham sexo, ou melhor, tinham ambos os sexos reunidos em si, como seu Criador; e os antigos compreendiam isso tão bem que representaram muitas de suas divindades como bissexuais. O estudioso da Bíblia deve aceitar esta interpretação, sob pena de tornar as passagens dos dois capítulos mencionados absurdamente contraditórias. Não apenas estas duas raças de seres são

claramente indicadas no Gênese, mas mesmo uma terceira e uma quarta se apresentam ao leitor no cap. IV, quando se fala dos "filhos de Deus" e da raça de "gigantes".

Uma coisa, pelo menos, ficou demonstrada no texto hebraico, a saber; que houve uma raça de criaturas puramente físicas; outra, de criaturas puramente espirituais. A evolução e a "transformação das espécies" necessárias para preencher a lacuna entre as duas foram deixadas a antropólogos mais capazes. Podemos apenas repetir a filosofia dos homens da Antigüidade, a qual diz que a união dessas duas raças produziu uma terceira - a raça adamita. Partindo das naturezas de ambos os pais, ela se adaptou igualmente a uma existência nos mundos material e espiritual. Aliada da metade física da natureza do homem está a razão, que lhe permite manter a supremacia sobre os animais inferiores, e subjugar a natureza para seus fins. Aliada da sua parte espiritual está a sua consciência, que lhe serve de guia infalível, não obstante as fraquezas dos sentidos; pois a consciência é essa percepção instantânea entre certo e errado, que só pode ser exercitada pelo espírito, que, por ser uma porção da Sabedoria Divina e da Pureza, é absolutamente pura e sábia. Suas inspirações são independentes da razão, e só podem manifestar-se claramente quando desembaraçadas pelas atrações inferiores de nossa natureza dual.

A razão - uma faculdade de nosso cérebro físico

Sendo a razão uma faculdade de nosso cérebro físico, faculdade que é justamente definida como a de deduzir inferências de premissas, e sendo totalmente dependente da evidência de outros sentidos, não pode ser uma qualidade diretamente pertinente ao nosso espírito divino. Este espírito sabe - portanto, que todo raciocínio que implica discussão e argumento seria inútil. Assim, uma entidade, se deve ser considerada como uma emanção direta do eterno Espírito da Sabedoria, só pode ser dotado dos mesmos atributos que a essência ou o todo de que faz parte. Portanto, é como um certo grau de lógica que os antigos teurgistas sustentavam que a parte racional da alma do homem (espírito) nunca entra inteiramente no corpo do homem, mas apenas o cobre mais ou menos com a sua sombra através da alma irracional ou astral, que serve como um agente intermediário, ou como um médium entre espírito e corpo. O homem que conquistou a matéria o suficiente para suavizar a luz direta que emana de seu Augoeides (O Augoeides é a radiação luminosa divina do Ego, que, quando encarnado, não é mais do que sua sombra pura. E, entre os neoplatônicos parece significar o "corpo astral".) brilhante sente a Verdade intuitivamente; ele não pode errar em seu julgamento, não obstante todos os sofismas sugeridos pela fria razão, pois está ILUMINADO. Portanto, a profecia, a perfeição e a chamada inspiração Divina são simplesmente os efeitos dessa iluminação proveniente do alto e causada pelo nosso próprio espírito imortal.

Os grandes sábios da Antigüidade, os da época medieval, e os autores místicos de nossos tempos modernos também foram todos hermetistas. Quer a luz da verdade os tenha iluminado graças à sua faculdade de intuição, quer como uma correspondência do estudo e da iniciação regular, virtualmente, eles aceitaram o método e seguiram o caminho traçado para eles por homens como Moisés, Gautama Buddha e Jesus. A Verdade, simbolizada por alguns alquimistas como bálsamo do céu, desceu em seus corações, e todos a colheram nos picos das montanhas, depois de estenderem panos IMACULADOS de linho para recebê-la; e assim, num sentido, eles obtiveram, cada um para si, e em seu próprio caminho, o solvente universal. O véu, que cobria o rosto de Moisés, quando, depois de descer do Sinai, ele ensinava ao seu povo a Palavra de Deus, não pode ser recolhido apenas pela vontade do Mestre. É preciso que os discípulos também removam o véu que "está sobre seus corações". Paulo di-lo; e suas palavras dirigidas aos Coríntios (II Corínt., III,14,16.) podem aplicar-se a todo homem e mulher, e em todas as épocas da história do mundo. Se "suas mentes se tornaram obscurecidas" pelas túnicas brilhantes da verdade divina, que o véu hermético seja retirado ou não do rosto do mestre, ele não pode ser retirado de seus corações, a menos que "eles se convertam ao Senhor". Mas esta última designação não deve ser aplicada a uma ou a outra das três pessoas antropomorfizadas na Trindade, mas ao "Senhor", - o Senhor, que é Vida e HOMEM.

O eterno conflito entre as religiões do mundo

O eterno conflito entre as religiões do mundo - Cristianismo, Judaísmo, Bramanismo, Budismo - provém exclusivamente desta razão: apenas uns poucos conhecem a Verdade; os demais, não desejando retirar o véu de seus corações, imaginam que ela cega os olhos de seu vizinho. O deus de toda religião exotérica, incluindo o Cristianismo, não obstante as suas pretensões ao mistério, é um ídolo, uma ficção, e não pode ser outra coisa. Moisés, cuidadosamente velado, fala às multidões obstinadas de Jehovah, a divindade cruel, antropomórfica, como do altíssimo Deus, que oculta no fundo de seu coração a Verdade

que "não pode ser dita ou revelada". Kapila golpeia com a espada afiada de seu sarcasmo os iogues bramânicos que em suas visões místicas pretendiam ver o ALTÍSSIMO. Gautama Buddha oculta, sob um manto impenetrável de sutilezas metafísicas, a Verdade, e é visto pela posteridade como um ateu. Pitágoras, com seus misticismo alegórico e sua metempsicose, é tido como um hábil impostor, e outros filósofos têm essa mesma reputação, como Apolônio e Plotino, dos quais se diz geralmente que são visionários, senão charlatões. Platão, muito provavelmente porque diz, no que toca ao Supremo, que "um assunto dessa espécie não pode ser expresso em palavras, como as outras coisas que podem ser aprendidas"; e porque faz Protágoras exagerar o uso dos "véus". A característica mais importante deste mistério aparentemente incompreensível reside talvez no hábito inveterado da maioria dos leitores de julgar uma obra por suas palavras e pelas idéias insuficientemente expressas, deixando seu espírito fora de questão. Como os milhares de raios divergentes de nosso globo de fogo, em que cada um deles conduz, não obstante, ao ponto central, assim todo filósofo místico, seja ele um entusiasta devotadamente piedoso como Henry More; um irascível alquimista que use expressões vulgares, como seu adversário, Eugênio Filaletes; ou um ateu (?) como Spinoza, todos têm um único e mesmo objetivo em vista - o HOMEM. É Spinoza, contudo, quem talvez forneça a chave mais certa para uma porção desse segredo não revelado. Enquanto Moisés proíbe "imagens esculpidas" DELE, cujo nome não deve ser tomado em vão, Spinoza vai mais longe. Ele infere claramente que Deus não deve ser descrito. A linguagem humana é totalmente insuficiente para dar uma idéia deste "SER" que é absolutamente único. Deixamos para o leitor julgar por si se é Spinoza ou a teologia cristã o que está mais certo em suas premissas e conclusões. Toda tentativa em contrário conduz uma nação a antropomorfizar a divindade em que acredita, e o resultado é aquele indicado por Swedenborg. Em lugar de estabelecer que Deus faz o homem segundo a sua própria imagem, deveríamos em verdade dizer que "o homem imagina Deus de acordo com a sua imagem", esquecendo que ele erigiu o seu próprio reflexo para adoração.

Os elementais descritos pormenorizadamente

As criaturas inferiores na escala dos seres são as criaturas invisíveis que os cabalistas chamam de "elementares". Existem três classes distintas de tais seres. A mais elevada, em inteligência e em discernimento, é a dos chamados espíritos terrestres. Basta dizer, por enquanto, que eles são as larvas, as sombras dos que viveram sobre a Terra, recusaram toda luz espiritual, permaneceram e morreram profundamente imersos no barro da matéria, e de cujas almas pecaminosas o espírito imortal gradualmente se afastou. A segunda classe é composta dos antitipos invisíveis dos homens a nascer. Nenhuma forma pode vir à existência objetiva - da mais alta à mais baixa - antes que o ideal abstrato desta forma - ou, como Aristóteles a chamaria, a privação desta forma - seja evocado. Antes que um artista pinte um quadro, todos os traços deste já estão em sua imaginação; e para que sejam capazes de discernir um relógio, este relógio particular deve ter existido em sua forma abstrata na mente do relojoeiro. Dá-se o mesmo com os futuros homens.

Segundo a doutrina aristotélica, existem três princípios de corpos naturais; privação, matéria e forma. Estes princípios podem aplicar-se neste caso particular. A ideação da criança que vai nascer localiza-se na mente individual do grande Arquiteto do universo - pois na doutrina aristotélica não se considera a ideação como um princípio na composição dos corpos, mas como uma propriedade externa em sua produção; pois a produção é uma modificação pela qual a matéria passa da forma que não tem para aquela que assume. Embora a ideação da forma futura de um relógio ainda não construído não seja uma substância, nem uma extensão, nem uma qualidade, nem qualquer espécie de existência, mesmo assim é algo que é, embora seus contornos, para existir, devam adquirir uma forma objetiva - em suma, o abstrato deve tornar-se concreto. Assim, logo que esta ideação da matéria é transmitida pela energia ao éter universal, ela se torna uma forma material, ainda que sublimada. Se a ciência moderna ensina que o pensamento humano "afeta simultaneamente outro universo simultâneo a este", como pode aquele que acredita numa Causa Primária Inteligente negar que o pensamento divino seja igualmente transmitido, pela mesma lei da energia, ao nosso mediador comum, o éter universal - a alma do mundo? E, sendo assim, segue-se que, uma vez lá, o pensamento divino se manifesta objetivamente, com a energia reproduzindo fielmente os contornos daquilo cuja "ideação" nasceu em primeiro lugar na mente divina. Apenas não se deve entender que este pensamento cria matéria. Não; ele cria apenas o plano da forma futura, uma vez que a matéria que serve para fazer este plano sempre existiu, e foi preparado para formar um corpo humano, através de uma série de transformações progressivas, com os resultados da evolução. As formas passam; as idéias que as criaram e o material que lhe deu objetividade ficam. Estes modelos, ainda desprovidos de espíritos imortais, são "elementais" - embrião psíquicos, propriamente dito - que, quando chega seu tempo, morrem no mundo invisível, e nascem no mundo visível como crianças

humanas, recebendo in transitu o sopro Divino chamado Espírito que completa o homem perfeito. Esta classe não pode comunicar-se objetivamente com os homens.

A terceira classe são os "elementais", que jamais se transformam em seres humanos, mas ocupam um grau específico na escala de seres, e, em comparação com os outros, podem ser justamente chamados de espíritos da Natureza, ou agentes cósmicos da Natureza, uma vez que cada ser se acha confinado ao seu próprio elemento e nunca transgride os limites dos outros. São aqueles que Tertuliano chamava de "príncipes das potestades do ar".

Crê-se que esta classe possui apenas um dos três atributos do homem. Não tem espíritos imortais nem corpos tangíveis; apenas formas astrais, que participam, num grau notável, do elemento ao qual pertencem e também do éter. Eles são uma combinação da matéria sublimada e de uma mente rudimentar. Alguns são imutáveis, mas ainda não têm individualidade distinta, agindo coletivamente, por assim dizer. Outros, de alguns elementos e espécies, alteram-se sob uma lei fixa que os cabalistas explicam. O mais sólido de seus corpos é imortal o bastante para escapar à percepção de nossa visão física, mas não tão insubstancial que não possa ser perfeitamente reconhecido pela nossa visão interna ou clarividente. Eles não apenas existem e podem viver no éter, mas podem maneja-lo e dirigi-lo para a produção de efeitos físicos, tão facilmente quanto podemos comprimir o ar ou a água para o mesmo propósito com aparelhos pneumáticos e hidráulicos; e nessa ocupação eles são de bom grado ajudados pelos "elementares humanos". Mais do que isso; eles podem condensá-lo ao ponto de fazer corpos tangíveis para si, que, pelos seus poderes protéicos, podem fazer assumir a forma que desejarem, tomando como modelo os retratos que encontraram estampados na memória das pessoas presentes. Não é necessário que o circundante esteja pensando no momento na pessoa cujo retrato é apresentado. Sua imagem pode ter desaparecido muitos anos antes. A mente recebe impressões indeléveis mesmo de relações causais ou de pessoas encontradas apenas uma vez. Assim como alguns segundos de exposição de uma chapa fotográfica sensível bastam para preservar indefinidamente a imagem do circunstante, o mesmo ocorre com a mente.

De acordo com a doutrina de Proclo, as regiões superiores, do zênite do universo à Lua, pertenciam aos deuses ou aos espíritos planetários, segundo suas hierarquias e classes. Os mais elevados dentre eles eram os doze hyper-ouranioi, ou deuses celestiais, que têm legiões internas de demônios subordinados aos seu comando. Eles são seguidos em ordem e poder pelos egkasmioi, os deuses intercósmicos, cada um dos quais preside um grande número de demônios, aos quais comunicam seu poder, transformando-o de um a outro à vontade. São evidentemente as forças personificadas da Natureza em sua correlação mútua, e estas últimas são representadas pela terceira classe ou os "elementais" que descrevemos.

Mais adiante ele mostra, de acordo como o princípio do axioma hermético dos tipos e protótipos, que as esferas têm suas subdivisões e classes de seres como as esferas celestiais superiores, as primeiras estando sempre subordinadas às últimas. Ele afirma que os quatro elementos estão repletos de demônios, sustentando com Aristóteles que o universo é pleno e que não existe vácuo na Natureza. Os demônios da Terra, do ar, do fogo e da água são de uma essência fluída, etérea, semicorpórea. São estas classes que atuam como agentes intermediários entre os deuses e os homens. Embora inferiores em inteligência à sexta ordem dos demônios mais elevados, estes seres governam diretamente sobre os elementais e a vida orgânica. Eles dirigem o crescimento, o florescimento, as propriedades e as diversas transformações das plantas. Eles são as idéias ou virtudes personificadas derramadas do hylê celeste na matéria inorgânica; e, como o reino vegetal é um grau mais elevado que o reino mineral, estas emanções dos deuses celestiais tomam forma e existência na planta, e tornam-se sua alma. Isto é o que a doutrina aristotélica chama de forma nos três princípios dos corpos naturais, classificados por ele como privação, matéria e forma. Sua filosofia ensina que, além da matéria original, outro princípio é necessário para completar a natureza trina de toda partícula, e esse é a forma; um ser invisível, mas ainda, no sentido antológico da palavra, substancial, realmente distinto da matéria propriamente dita. Portanto, num animal ou numa planta, além dos ossos, a carne, os nervos, o cérebro e o sangue no primeiro, e além da matéria polposa, tecidos, fibras e seiva no segundo, sangue e seiva que, circulando pelas veias e fibras, nutrem todas as partes do animal e da planta; e além dos espíritos animais, que são os princípios de movimento; e da energia química que se transforma em força vital na folha verde, deve haver uma forma substancial, que Aristóteles chamava, no cavalo, a alma do cavalo, Proclo, o demônio de todo mineral, planta ou animal, e os filósofos medievais, os espíritos elementares dos quatro reinos.

Tudo isso é tido em nosso século como Metafísica e grosseira superstição. No entanto, segundo princípio estritamente ontológicos, há, nestas antigas hipóteses, alguma sombra de possibilidade, algum índice para os desconcertantes "elos perdidos" da ciência exata.

No Panteão hindu há nada menos do que 330.000.000 de várias espécies de espíritos, incluindo os elementais, que os brâmanes chamavam de daityas. Sabem os adeptos que estes seres são atraídos a certos quadrantes dos céus por algo dessa mesma propriedade misteriosa que faz a agulha magnética orientar-se para o norte, e certas plantas a obedecer à mesma atração. Acredita-se também que as diversas raças têm uma simpatia especial por certos temperamentos humanos, e que exercem mais facilmente o poder sobre uns do que sobre outros. Assim, uma pessoa biliosa, linfática, nervosa ou sangüínea é afetada favoravelmente ou não pelas condições da luz astral, que resulta de diferentes aspectos dos corpos planetários.

As idéias dos antigos cabalistas sobre o espírito humano

Quanto ao espírito humano, as idéias dos mais antigos filósofos e cabalistas medievais, mesmo divergindo em alguns aspetos, concordam no conjunto; de modo que a doutrina de um pode ser considerada como a doutrina de outro. A diferença mais importante consiste na localização do espírito divino ou imortal do homem. Enquanto os antigos neoplatônicos sustentavam que o Augoeides (Eu luminoso Ego Superior) jamais desce hipostaticamente até o homem vivo, mas apenas projeta mais ou menos o seu fulgor sobre o homem interno - a alma astral -, os cabalistas medievais afirmavam que o espírito, desligando-se do oceano de luz e do espírito, entrava na alma humana, onde permanecia durante a vida aprisionado na cápsula astral. Esta diferença resultou da crença maior ou menor dos cabalistas cristãos na letra morta da alegoria da queda do homem. A alma, disseram eles, devido à queda de Adão, contaminou-se com o mundo da matéria ou Satã. Antes que ela pudesse comparecer com o espírito divino aprisionado à presença do Eterno, era preciso que ela se purificasse da impureza das trevas. Eles comparavam "o espírito aprisionado na alma a uma gota d'água encerrada numa cápsula de gelatina e lançada ao oceano; enquanto a cápsula permanece intacta, a gota d'água permanece isolada; destruindo o invólucro, a gota torna-se uma parte do oceano - sua existência individual cessou. Ocorre o mesmo com o espírito. Enquanto está encerrado em seu mediador plástico, a alma, ele tem uma existência individual. Destruída a cápsula, o que pode ocorrer devido às agonias de uma consciência atormentada, ao crime e à doença moral, o espírito retorna à sua morada original. A sua individualidade cessou de existir".

A queda na geração explicada pelos antigos filósofos

Por outro lado, os filósofos que explicavam, à sua maneira, a "queda da geração", encaravam o espírito como algo totalmente distinto da alma. Eles admitiam a sua presença na cápsula astral exclusivamente no que concerne às emanções ou aos raios espirituais do "ser luminoso". O homem e a alma deviam conquistar a imortalidade acendendo à unidade como a qual, em caso de sucesso, ambos finalmente se unem, e na qual se absolvem, por assim dizer. A individualização do homem após a morte dependia do espírito e não da alma e do corpo. Embora a palavra "personalidade", no sentido que se lhe dá comumente, seja um disparate, se aplicada literalmente à nossa essência imortal, esta, no entanto, 'e uma entidade distinta, imortal e eterna per se; e, como no caso dos criminosos sem remissão, em que o fio luminoso que une o Espírito à Alma desde o instante do nascimento de uma criança é violentamente cortado, e a entidade desencarnada é condenada a partilhar do destino dos animais inferiores, a dissolver-se gradualmente no éter, e a ter a sua individualidade aniquilada - mesmo assim o espírito permanece um ser distinto. Ele se torna um espírito planetário, um anjo, pois os deuses dos pagãos ou os arcanjos dos cristãos, emanções da Causa primeira, não obstante a afirmação arriscada de Swedenborg, jamais foram ou serão homens, pelo menos em nosso planeta.

Essa questão foi, em todos os tempos, o tropeço dos metafísicos. Todo o esoterismo da Filosofia Budista baseia-se neste misterioso ensinamento, compreendido por tão poucas pessoas e deturpado, completamente, por muitos dos mais sábios eruditos. Mesmo os metafísicos estão por demais propensos a confundir o efeito com a causa. Uma pessoa pode ter conquistado a sua vida imortal, e permanecer o mesmo Eu Interior que era sobre a Terra, por toda a eternidade; mas isto não implica necessariamente que ela deve permanecer o Sr. Fulano ou Beltrano que era na Terra, ou perder a sua individualidade. Portanto, a alma e o corpo terrestre do homem podem, no sombrio Além, ser absolvidos no oceano cósmico dos elementos sublimados, e cessar de sentir o seu Ego, se este Ego não mereceu elevar-se mais alto; e o espírito divino permanecer ainda uma entidade inalterada, embora a experiência terrestre de sua emanções possa ser totalmente obliterada no instante da separação de um veículo indigno.

Se o "espírito", ou a parte divina da alma, preexiste como um ser distinto por toda a eternidade, como Orígenes, Sinésio e outros padres cristãos ensinaram, e se é idêntico à alma metafisicamente objetiva, como poderia ele não ser eterno? Assim sendo, o que importa um homem levar uma vida animal ou uma vida pura se, faça o que fizer, nunca pode perder a sua individualidade? Esta doutrina é tão perniciosa em suas conseqüências como a da expiação vicária. Tivesse este último dogma sido demonstrado ao mundo sob a sua verdadeira luz, juntamente com a falsa idéia de que somos todos imortais, e a Humanidade tornar-se-ia melhor com a sua propagação. O crime e o pecado teriam sido evitados, não por medo ao castigo da Terra, ou a um inferno ridículo, mas em consideração àquilo que está enraizado profundamente em nossa natureza interior - o desejo de uma vida individual e distinta no Além, a certeza positiva de que não podemos alcançá-la se não nos "aproximamos do reino do céu pela força", e a convicção de que nem as preces humanas nem o sangue de um outro homem nos salvarão de destruição individual após a morte, a menos que estejamos firmemente unidos durante a nossa vida terrestre com o nosso próprio espírito imortal - nosso DEUS.

Pitágoras, Platão, Timeu de Locris e toda a escola alexandrina derivavam a alma da alma do mundo, e esta era, segundo os seus próprios ensinamentos - o éter; algo de uma natureza tão pura que só podia ser percebido pela nossa visão interior. Portanto, ela não pode ser a essência da Mônada, ou a causa, pois a anima mundi é apenas o efeito, a emanção objetiva daquela. O espírito humano e a alma são ambos preexistentes. Mas, enquanto o primeiro existe como uma entidade distinta, uma individualização, a alma existe como matéria preexistente, uma parte insciente de um todo inteligente. Ambos foram formados originalmente a partir do oceano eterno de Luz; mas, como já o disseram os teósofos, há no fogo tanto um espírito visível como um invisível. Eles faziam uma distinção entre a alma bruta e a alma divina. Empédocles acreditava firmemente que todos os homens e animais possuem duas almas; e em Aristóteles descobrimos que ele chama uma de alma raciocinante, e a outra de alma animal. De acordo com esses filósofos, a alma raciocinante provém de fora da alma universal, e a outra, de dentro. Essa região divina e superior, na qual localizaram a divindade suprema e invisível, consideravam-na eles (o próprio Aristóteles, inclusive) como um quinto elemento, puramente espiritual e divino, ao passo que à anima mundi propriamente dita como composta de uma natureza pura, ígnea e etérea difundida por todo o universo, em suma - o éter. Os estóicos, os maiores materialistas da Antigüidade, excetuavam o Deus Invisível e a Alma Divina (Espírito) de uma tal natureza corpórea. Epicuro, cuja doutrina, militando diretamente contra a intervenção de um Ser Supremo e dos deuses na formação ou governo do mundo, o colocava muito acima dos estóicos no que respeita ao ateísmo e ao materialismo, ensinava, não obstante, que a alma é de essência pura e sensível, formada dos átomos mais suaves, mais refinados e mais puros, cuja descrição ainda nos conduz ao mesmo éter sublimado. Arnóbio, Tertuliano, Irineu e Orígenes, não obstante suas crenças cristã, acreditavam, com os mais modernos Spinoza e Hobbes, que a alma era corpórea, embora de uma natureza muito pura.

Essa doutrina da possibilidade de se perder a alma e, em conseqüência, a individualidade, é contrária às teorias ideais e às idéias progressivas de alguns espiritualistas, embora Swedenborg a aceite plenamente. Eles jamais aceitarão a doutrina cabalista que ensina que apenas pela observância da lei da harmonia essa vida individual futura pode ser obtida; e que quando mais o homem interior e exterior se desvia desta fonte de harmonia, cujo manancial reside em nosso espírito divino, mais difícil é para ele retomar o terreno perdido.

Mas, enquanto os spiritistas e outros partidários do Cristianismo têm pouca ou nenhuma idéia dessa possível morte e obliteração da personalidade humana, devido à separação da parte imortal da perecível, os swedenborguianos a compreendem plenamente.

Pitágoras ensinava que todo o universo é um vasto sistema de combinações matematicamente corretas. Platão mostra a divindade geometrizando. O mundo é sustentado pela mesma lei de equilíbrio e de harmonia sobre a qual foi erigido. A força centrípeta não se poderia manifestar sem a força centrífuga nas revoluções harmoniosa das esferas; todas as formas são o produto dessa força dual da Natureza. Assim, para ilustrar o nosso exemplo, podemos designar o espírito como a força centrífuga, e a alma como as energias centrípetas e espirituais. Quando em movimento centrípeto da alma terrestre que tende para o centro que a atrai; impedi-lhe a marcha bloqueando-a com uma quantidade de matéria mais pesada do que a que ela pode suportar, e a harmonia do todo, que era a sua vida, se destrói. A vida individual só pode prosseguir quando sustentada por esta força dupla. O menor desvio da harmonia a prejudica; quando ela está irremediavelmente destruída, as forças se separam e a forma gradualmente se aniquila. Após a morte do depravado e do perverso, chega o momento crítico. Se, durante a vida, o último e desesperado

esforço do eu interior para reunir-se com o raio debilmente bruxuleante de seu pai divino é negligenciado; se esse raio é mais e mais ocultado pela espessa crosta da matéria, a alma, uma vez livre do corpo, segue as suas atrações terrestres, e é magneticamente atraída e retida pelo denso nevoeiro da atmosfera material. Ela começa, então, a cair cada vez mais baixo, até se encontrar, voltando à consciência, no que os antigos chamavam de Hades (O Reino das Sombras). A aniquilação de uma tal alma nunca é instantânea; pode durar séculos, talvez, pois a Natureza nunca age aos saltos e arrancos, e, visto que a alma astral é formada de elementos, a lei da evolução deve seguir seu curso. Começa então a terrível lei da compensação, o Yin-yuan dos budistas.

Esta categoria de espíritos chama-se "elementar terrestre" ou "material", em oposição às outras classes. No Oriente, eles são conhecidos como os "Irmãos das Trevas". Velhacos, abjetos, vingativos e desejosos de desforrar os seus sofrimentos sobre a Humanidade, eles se transformam, até a aniquilação final, em vampiros, em espíritos necrófagos e em refinados atores. Eles são as "estrelas" principais no grande palco espiritual da "materialização", cujos fenômenos eles desempenham com a ajuda das criaturas genuínas "elementais" mais inteligentes, que flutuam em redor e os acolhem com prazer em suas próprias esferas. Henry Khunrath, o grande cabalista alemão, representa, numa gravura de sua rara obra *Amphitheatrum Sapientiae Aeternae*, as quatro classes desses "espíritos elementares" humanos. Uma vez transposto o limiar do santuário de iniciação, uma vez que um adepto tenha erguido o "Véu de Ísis", a deusa misteriosa ciumenta, ele nada deve temer; mas saber que estará em constante perigo.

Embora o próprio Aristóteles, antecipando os fisiólogos modernos, considerasse a mente humana como uma substância material, e ridicularizasse os hilozoístas, ele acreditava plenamente na existência de uma alma "dupla", ou espírito e alma.

Duas importantes verdades sobre o poder mágico

O que dissemos no capítulo introdutório e alhures a respeito dos médiuns e da tendência de sua Mediunidade não se baseia em conjecturas, mas em experiências e observações reais. Dificilmente haverá uma fase da Mediunidade, de qualquer outra espécie, de que não tenhamos visto exemplos durante os últimos vinte e cinco anos, em vários países. Índia, Tibete, Bornéu, Sião, Egito, Ásia Menor, América (Norte e Sul) e outras partes do mundo mostraram-nos as suas fases peculiares de fenômenos Mediúnicos e de poder mágico. Nossas variadas experiências ensinaram-nos duas importantes verdades, a saber, que para o exercício do poder mágico a pureza pessoal e o adestramento de uma força de vontade treinada e indômita são indispensáveis; e que os espiritistas jamais se podem assegurar da realidade das manifestações mediúnicas, a menos que elas se produzam à luz do dia e sob condições de controle tais que toda tentativa de fraude seja imediatamente descoberta.

A produção dos fenômenos físicos

Devido ao medo de sermos malcompreendidos, assinalaremos que enquanto, em regra, os fenômenos físicos são produzidos pelos espíritos da Natureza, por seu próprio movimento e para satisfazer a sua própria fantasia, alguns bons espíritos humanos desencarnados podem, não obstante, sob circunstâncias excepcionais, como a aspiração de um coração puro a ocorrência de alguma emergência favorável, manifestar a sua presença por qualquer um dos fenômenos, exceto a materialização pessoal. Mas é preciso que haja uma atração deveras poderosa para arrancar um espírito puro e desencarnado de sua morada radiante e arrojá-lo na atmosfera viciada de que escapou ao deixar o corpo terreno.

Os magos e os filósofos teúrgicos opunham-se energicamente à "evocação das almas". "Não a evoqueis [à alma], para que ao partir ela não retenha alguma coisa", diz Pselo.

"Cumpre -vos não olhá-lo antes que o vosso corpo iniciado, pois, sempre encantando, elas seduzem a alma do [não] iniciado", diz outro filósofo.

Eles se opunham por várias e boas razões. 1º) "É extremamente difícil distinguir um bom demônio de um mau", diz Jâmblico, 2º) Se uma alma humana consegue penetrar a densidade da atmosfera terrestre - sempre opressiva para ela e muitas vezes odiosa -, não pode ela, contudo, evitar incorrer num perigo que resulta da proximidade do mundo material; "ao partir, ela retém alguma coisa", vale dizer, contamina a sua pureza, o que a fará sofrer mais ou menos após a sua partida. Por isso, o verdadeiro teurgista evitará causar qualquer sofrimento a esse puro cidadão da esfera superior que não seja absolutamente necessário aos interesses da Humanidade. Somente o praticante da magia negra compele a presença, mediante os

poderosos encantamentos da necromancia, das almas maculadas daqueles que levaram más vidas e estão prontos a secundar-lhes os objetivos egoístas. Os teurgistas empregavam substâncias químicas e minerais para afugentar os maus espíritos.

"Quando vires um demônio terrestre aproximando-se, gritai, sacrificai a pedra Mnízourin", exclama um oráculo zoroastrino.

Sobre mesas girantes

No Journal de magnétisme do Dr. Morin, publicado há poucos anos em Paris, quando as "mesas girantes" faziam furor na França, uma curiosa carta foi publicada.

"Acreditei-me, senhor," escrevia o correspondente anônimo, "que não existem espíritos, fantasmas, anjos ou demônios encerrados numa mesa; mas todos esses podem nela se encontrar, pois isso depende de nossa própria vontade e imaginação. (...) Tal MENSAbulismo é um antigo fenômeno (...) malcompreendido por nós modernos, mas natural, e que diz respeito à Física e à Psicologia; infelizmente, ele teve que permanecer incompreensível até a descoberta da eletricidade e da heliografia, pois, para explicar um fato de natureza espiritual, somos obrigados a nos basear num fato correspondente de ordem material. (...)

"Como todos sabemos, a chapa daguerreótípa deve ser impressionada não apenas pelos objetos mas também por seus reflexos. Ora, o fenômeno em questão que se poderia chamar de fotografia mental, produz, além das realidades, os sonhos de nossa imaginação, com tal fidelidade que com muita frequência somos incapazes de distinguir uma cópia tirada de alguém presente, de um negativo obtido de uma imagem. (...)

A magnetização de uma mesa ou de uma pessoa é absolutamente idêntica em seus resultados; é a saturação de um corpo estranho pela eletricidade vital inteligente pelo pensamento do magnetizador e dos presentes."

Nada pode dar uma melhor ou mais justa idéia do que a bateria elétrica que acumula o fluído e seus condutores para obter uma força bruta que se manifesta em centelhas de luz, etc. Assim, a eletricidade acumulada num corpo isolado adquire um poder de reação igual à ação, seja para carregar, magnetizar, decompor, inflamar ou descarregar as suas vibrações a grande distância. Tais são os efeitos visíveis de eletricidade cega ou rude produzida por elementos cegos - empregando-se a palavra cega pela própria mesa, por oposição à eletricidade inteligente. Mas existe evidentemente uma eletricidade correspondente produzida pela pilha cerebral do homem; esta eletricidade da alma, este éter universal e espiritual que é a natureza ambiente, intermediária do universo metafísico, ou antes do universo incorpóreo, dever ser estudada antes de ser admitida pela ciência, que, nada sabendo sobre ela, jamais conhecerá qualquer coisa do grande fenômeno da vida antes que o faça.

"Parece que, para manifestar-se, a eletricidade cerebral requer a ajuda da eletricidade estática ordinária; quando esta última está ausente da atmosfera - quando o ar está muito úmido, por exemplo - obtém-se muito pouco ou nada, seja das mesas, seja dos médiuns. (...)

"Nós, que conhecemos bem o valor do fenômeno (...) estamos perfeitamente seguros de que, após ter carregado a mesa com o nosso efluxo magnético, chamamos à vida, ou criamos, uma inteligência análoga à nossa, que como nós é dotada de uma vontade livre, pode falar e discutir conosco, com um grau de lucidez superior, considerando-se que a resultante é mais forte que os componentes, ou antes, o todo é maior que uma de suas partes. (...) Não devemos acusar Heródoto de nos contar mentiras quando lembra os fatos mais extraordinários, pois devemos considerá-los como tão verdadeiros e corretos quanto os demais fatos históricos que se encontram em todos os escritores pagãos da Antigüidade. (...)

"O fenômeno é tão velho quanto o mundo. (...) Os sacerdotes da Índia e da China praticavam-no antes dos egípcios e gregos. Os selvagens e os esquimós conhecem-no bem. Trata-se do fenômeno da fé, a única fonte de todo prodígio. `Servos-á concedido de acordo com a vossa fé' Aquele que enunciou esta profunda doutrina era verdadeiramente o verbo encarnado da Verdade; ele não se enganava, nem procurava enganar os demais; ele expunha um axioma que hoje repetimos, sem muita esperança de vê-lo aceito.

"O homem é um microcosmos, ou um pequeno mundo: ele carrega consigo um fragmento do grande Todo, um estado caótico. A tarefa de nossos semideuses é desembaraçar dele a parte que lhes pertence por um incessante trabalho mental e material. Eles têm sua tarefa a cumprir, a invenção perpétua de novos produtos, de novas moralidades, e o arranjo conveniente do material rude e informe fornecido a eles pelo Criador, que os criou à Sua Imagem, para que eles o criassem por sua vez e assim completassem aqui a Obra da Criação; um imenso trabalho que só terminará quando o Todo estiver tão perfeito que será como o Próprio Deus, e assim capaz de sobreviver-lhe. Estamos muito longe ainda desse momento final, pois poderemos dizer que tudo ainda está por fazer, por desfazer e por aperfeiçoar em nosso globo, instituições, maquinaria e produtos.

'Mens non solum agitat sed creat molem.'

A duplicidade do Universo

Vivemos, nesta vida, num centro intelectual ambiente, que mantém entre os seres humanos e as coisas uma solidariedade necessária e perpétua; todo cérebro é um gânglio, uma estação de um telégrafo neurológico universal em constante relação com a estação central e as outras através das vibrações do pensamento.

"O Sol Espiritual brilha para as almas assim como o Sol material brilha para os corpos, pois o Universo é duplo e segue a lei dos pares. O operador ignorante interpreta erroneamente os despachos divinos, e os transmite, com frequência, de maneira falsa e ridícula. Assim, apenas o estudo e a ciência pura podem destruir as superstições e os absurdos difundidos pelos interpretes ignorantes sediados nas estações de ensino entre todos os povos deste mundo. Esses intérpretes cegos do Verbum, a PALAVRA, sempre tentaram impor aos seus pupilos a obrigação de afirmarem todas as coisas sem exame, in verba magistri.

"Ai de nós! Não desejaríamos outra coisa do que vê-los traduzir corretamente as vozes interiores, as quais nunca enganam senão aqueles que têm falsos espíritos em si. 'É nosso dever', dizem eles, 'interpretar os oráculos; somos nós que recebemos a missão exclusiva para isso, do céu, spiritus flat ubi vult, e só sobre nós ele sopra'.

"Ele sopra sobre todos, e os raios da luz espiritual iluminam todas as consciências (...) e, quando todos os corpos e todas as mentes refletirem igualmente essa luz, as pessoas verão muito mais claro do que agora."

Os espíritos da natureza

Embora os espiritistas procurem desacreditá-los tanto quanto possível, esses espíritos da Natureza são realidades. Se os gnomos, silfos, salamandras e ondinas dos Rosa-cruzes existiram em seus dias, eles devem existir agora.

Os cristãos chamam-nos "demônios", "diabinhos de Satã" e outros nomes igualmente característicos. Eles não são nada do gênero, mas simplesmente criaturas de matéria etérea, irresponsáveis, nem bons nem maus, a não ser quando influenciados por uma inteligência superior. É realmente extraordinário ouvir os devotos católicos injuriarem e desfigurarem os espíritos da Natureza, quando uma de suas maiores autoridades, Clemente de Alexandria, deles se serviu, descrevendo tais criaturas como elas realmente são. Clemente, que foi talvez tanto um teurgista quanto um neoplatônico, e que se apoiava portanto em boas autoridades, assinala que é absurdo chamá-los de demônios, pois eles não passam de anjos inferiores, "cujos poderes residem nos elementos, movem os ventos e distribuem as chuvas e como tais são os agentes e sujeitos de Deus" Origines, que antes de se tornar um cristão pertenceu também à escola platônica, é da mesma opinião. Porfírio descreve esses demônios mais cuidadosamente do que qualquer outro.

Quando a possível natureza das inteligências manifestantes, que a ciência acredita ser uma "força psíquica", e os espiritualistas acreditam ser os espíritos análogos dos mortos, for mais bem-conhecida, os acadêmicos e os crentes voltar-se-ão aos antigos filósofos em busca de informação.

A trindade do homem e a dualidade dos animais

As pessoas asseveram que não existem macacos no mundo, porque os macacos não tem "alma". Mas os macacos têm tanta inteligência, ao que parece, quanto muitos homens; por que, então, teriam estes homens - de maneira alguma superiores aos macacos, espíritos imortais - e os macacos, não? Os materialistas responderão que num um nem outro têm espírito, mas que a aniquilação alcança a todos na morte física. Mas os filósofos espiritualistas de todos os tempos concordam em que o homem ocupa um lugar um degrau acima que o animal, e possui este algo que falta a este último, seja ele o mais ignorante dos selvagens ou o mais sábio dos filósofos. Os antigos, como vimos, ensinavam que enquanto o homem é uma trindade de corpo, espírito astral e alma animal, o animal é apenas uma dualidade - um ser que tem um corpo físico astral que o anima. Os cientistas não reconhecem qualquer diferença entre os elementos que compõem os corpos dos homens e dos animais; e os cabalistas concordam com eles quando sustentam que os corpos astrais (ou, como os físicos os chamariam, "o princípio de vida") dos animais e dos homens são idênticos em essência. O homem físico é apenas o desenvolvimento mais elevado da vida animal. Se como nos dizem os cientistas, até mesmo o pensamento é matéria, e toda sensação de dor ou prazer, todo desejo transitório é acompanhado por uma perturbação do éter; e os profundos especuladores que escreveram *The Unseen Universe* acreditam que o pensamento é concebido "para agir sobre a matéria de outro universo simultaneamente a este"; por que, então, o pensamento grosseiro e brutal de um orangotango, ou um cão, imprimindo-se nas correntes etéreas da luz astral, da mesma maneira que o do homem, não asseguraria ao animal uma continuidade da vida após a morte, ou "um estado futuro"?

Os cabalistas sustentavam e ainda sustentam que não é filosófico admitir que o corpo astral do homem pode sobreviver à morte corporal, e, ao mesmo tempo, afirmar que o corpo astral do macaco se dissolve em moléculas independentes. O que sobrevive como uma personalidade após a morte do corpo é a Alma Astral, que Platão, no *Timeu* e no *Górgias*, chama de Alma mortal, pois de acordo com a doutrina hermética, ela rejeita as suas partículas mais materiais a cada modificação progressiva para uma esfera superior. Sócrates relata a Calicles que essa alma mortal conserva todas as características do corpo após a morte deste; ao ponto que um homem marcado de chicotadas terá o seu corpo astral "cheio de marcas e cicatrizes". O espírito astral é uma duplicata fiel do corpo, tanto no sentido físico como no espiritual. O Divino, o espírito mais elevado e imortal, não pode ser punido nem recompensado. Sustentar uma tal doutrina seria, ao mesmo tempo, absurdo e blasfemo, pois o espírito não é apenas uma chama alumada na fonte central e inextinguível de luz, mas, na verdade, uma parte dela, e da mesma essência. Ele assegura a imortalidade do ser astral individual na proporção do grau de interesse que este último tem em recebê-la. Desde que o homem Duplo, i.e., o homem de carne e espírito, se mantém nos limites da lei da continuidade espiritual; desde que a centelha divina nele se conserva, ainda que fragilmente, ele está no caminho de uma imortalidade num estado futuro. Mas aqueles que se resignarem a uma existência materialista, ocultando o fulgor divino irradiado por seus espíritos, no início da peregrinação terrestre, e emudecendo a voz acauteladora dessa sentinela fiel, a consciência, que serve de foco para a luz na alma - seres como esses, que abandonaram a consciência e o espírito, e cruzaram os limites da matéria, deverão naturalmente segui-lhe as leis.

As moradas das almas após a morte

A matéria é tão indestrutível e eterna quanto o próprio espírito imortal, mas apenas em suas partículas, e não em suas formas organizadas. O corpo de uma pessoa tão grosseiramente materialista, tendo sido abandonado por seu espírito antes da morte física, quando este evento ocorre, a matéria plástica, a alma astral, seguindo as leis da matéria cega, conforma-se de acordo com o molde que o vício gradualmente preparou para ela durante a vida terrena do indivíduo. Então, como diz Platão, ela assume a forma do "animal a que se assemelhou nos seus descaminhos" durante a vida. "É uma antiga máxima", dizem eles, "que as almas que deixam a Terra vivem no Hades e retornam novamente e são geradas dos mortos (...). Mas aqueles que levaram uma vida eminentemente santa, esses atingem uma morada superior e habitam as partes mais elevadas da Terra" (a região etérea). No *Fedro*, novamente, ele diz que quando os homens terminam as suas primeiras vidas (sobre a Terra), alguns vão para lugares de castigo sob a Terra. Essa região abaixo da Terra, os cabalistas não a entendem como um lugar inferior da Terra, mas sustentam que ela é uma esfera muito inferior em perfeição à Terra, e muito mais material.

De todos os especuladores que se ocuparam das aparências incongruências do Novo Testamento, apenas os autores de *The Unseen Universe* parecem ter entrevisto as suas verdades cabalistas, a respeito do Geheenna do universo. O Geheenna, que os ocultistas chamam de Oitava esfera (contando ao contrário), é apenas um planeta como o nosso, que se vincula a este e que o segue em sua penumbra; uma espécie de urna funerária, um "lugar em que todas as suas sujeiras e imundícies se consomem", para

emprestar uma expressão dos autores acima mencionados, e em que todas os refugos da matéria cósmica que pertence ao nosso planeta estão num contínuo estado de remodelagem.

A imortalidade do homem

A Doutrina secreta ensina que se o homem atinge a imortalidade, permanecerá para sempre a trindade que é em vida, e assim continuará por todas as esferas. O corpo astral, que nesta vida está recoberto por um grosseiro invólucro físico, torna-se - quando se livra dessa cobertura pelo processo da morte corporal - por sua vez o invólucro de um outro corpo mais etéreo. Este começa a se desenvolver a partir do instante da morte, e torna-se perfeito quando o corpo astral da forma terrestre finalmente se separa dele. Este processo, dizem eles, repete-se a cada nova transição de uma esfera a outra. Mas a alma imortal, "a centelha prateada", observada pelo Dr. Fenwick no cérebro de Margrave, e não encontrada por ele nos animais, jamais se modifica, mas permanece "indestrutível pelo que quer que seja que vem bater ao seu tabernáculo". As descrições que Porfírio, Jâmblico e outros fazem dos espíritos dos animais, que habitam a luz astral, são corroborada pelas de muitos dos mais fidedignos e inteligentes clarividentes. Às vezes, as formas animais se tornam menos visíveis às pessoas presentes num círculo espiritual, materializando-se. Se, após a morte corporal, existe uma outra existência no mundo espiritual, ela deve ocorrer de acordo com a lei de evolução. Ela toma o homem de seu lugar no ápice da pirâmide de matéria, e o deixa numa esfera de existência em que a mesma lei inexorável o acompanha. E se ela o acompanha, por que não o fariam todas as coisas da Natureza? Por que não os animais e plantas, que têm um princípio de vida, e cujas formas grosseiras se decompõem como a sua, quando esse princípio de vida os abandona? E se o seu corpo astral se torna mais etéreo ao chegar a outra esfera, por que não o deles? Eles, tanto quanto o homem, evoluíram da matéria cósmica condensada, e nossos físicos não vêem a menor diferença entre as moléculas dos quatro reinos da Natureza, que são assim especificado pelo Prof. Lenenhum Conte:

4. Reino Animal.
3. Reino Vegetal.
2. Reino Mineral.
1. Elementos.

O processo da matéria de cada um desses planos ao plano superior é contínuo; e, segundo Lenenhum Conte, "não há nenhuma força na Natureza capaz de elevar a matéria de um só golpe do n.º 1 ao n.º 3, ou do n.º 2 ao n.º 4, sem se deter e receber um suplemento de força, de uma espécie diferente, no plano intermediário".

Ora, arriscará alguém dizer que de um dado número de moléculas, original e constantemente homogêneas, e todas energizadas pelo mesmo princípio de evolução, uma certa parte pode ser transportada através desses quatro reinos até o resultado final de um homem imortal que evolui, e as demais partes não podem progredir além dos planos 1, 2 e 3? Por que não teriam todas essas moléculas um futuro igual de si; o mineral tornando-se planta, a planta animal, e o animal homem - se não nesta Terra, pelo menos em alguma parte dos incontáveis reinos do espaço? A harmonia que a Geometria e a Matemática - as únicas ciências exatas - demonstram ser a lei do universo, seria destruída se a lei da evolução só se exemplificasse perfeitamente no homem, e se detivesse nos reinos secundários. O que a lógica sugere, a psicometria prova; e, como dissemos antes, não é impossível que um monumento seja um dia erigido pelos cientistas a Joseph R. Buchanan, o seu descobridor moderno. Se um fragmento de mineral, uma planta fossilizada ou uma forma animal dá ao psícrômetro retratos tão vívidos e precisos de seus estados anteriores, assim como um fragmento de osso humano dá os do indivíduo a qual pertenceu, isto parece indicar que o mesmo espírito sutil penetrou por toda a Natureza e que é inseparável das substâncias orgânicas e inorgânicas. Se o antropólogo, os fisiólogos e os psicólogos estão igualmente perplexos com as causas primeiras e últimas, e por descobrirem na matéria tantas semelhanças em todas as suas formas, e no espírito, abismos tão profundos de diferenças, isto se deve, talvez, ao fato de que suas indagações se limitam ao nosso globo visível, e eles não podem, ou não ousam, ir além. O espírito de um mineral, de uma planta ou de um animal pode começar a se formar aqui, e atingir o seu desenvolvimento final milhões de séculos depois, em outros planetas, conhecidos ou desconhecidos, visíveis ou invisíveis aos astrônomos. Pois, quem é capaz de contradizer a teoria acima sugerida de que a própria Terra, como as outras criaturas vivas a que deu origem, se tornará, ao final, e depois de passar por todos os seus estágios de morte e dissolução, um planeta astral eterificado? "Em cima como embaixo"; a harmonia é a grande lei da Natureza.

A harmonia no mundo físico e matemático dos sentidos é justiça no mundo espiritual. A justiça produz harmonia, e a injustiça, discórdia; e a discórdia, na escala cósmica, significa caos - aniquilação. Se há um espírito imortal desenvolvido no homem, deve haver um em todas as coisas, pelo menos em estado latente ou germinal, e é apenas uma questão de tempo que todos esses germes se desenvolvam completamente. Não seria uma grosseira injustiça um criminoso impenitente, que perpetrara um assassinio brutal no exercício de seu livre-arbítrio, possuir um espírito imortal que, com o tempo, poderá purificar-se do pecado e gozar de uma perfeita felicidade, e um pobre cavalo, inocente de qualquer crime, trabalhar e sofrer sob as torturas impiedosas do chicote de seu dono durante toda a vida e então aniquilar-se com a morte? Uma tal crença implica uma brutal injustiça, e só é possível entre as pessoas educadas no dogma de que tudo é criado para o homem, e de que só ele é soberano do universo; um soberano tão poderoso que para salvá-lo das consequências de suas más ações o Deus do universo precisou morrer para aplacar a sua própria cólera.

O uso da psicomетria para pesquisas e seu uso pelos antigos

Diz o Prof. Denton, ao falar do futuro da psicomетria: "A Astronomia não desdenhará do concurso desse poder. Assim como novas formas de seres orgânicos se revelam, quando remontamos aos primeiros períodos geológicos, novos agrupamentos de estrelas, novas constelações serão descobertas, quando os céus desses períodos primitivos forem examinados pela visão penetrante dos futuros psicrômetros. Um mapa acurado do firmamento durante o período siluriano pode revelar-nos muitos segredos que temos sido incapazes de descobrir. (...) Por que não seríamos capazes de ler a história dos diversos corpos celestes (...) a sua história geológica, natural e, porventura, humana? (...) Tenho boas razões para crer que psicrômetros treinados serão capazes de viajar de planeta em planeta, e verificar minuciosamente a sua condição atual e a sua história passada."

Heródoto conta-nos que na oitava das torres de Belo, na Babilônia, utilizada pelos sacerdotes astrólogos, havia uma câmara superior, um santuário, em que as sacerdotisas profetizantes dormiam para receber comunicações do deus. Ao lado do leito ficava uma mesa de ouro, sobre a qual se colocavam várias pedras, que Maneto nos informa terem sido todas aerólitos. As sacerdotisas desenvolviam a visão profética pressionando uma dessas pedras sagradas contra a cabeça e os seios. O mesmo ocorria em Tebas, e em Patara, na Lícia.

Isto parece indicar que a psicomетria era conhecida e grandemente praticada pelos Antigos. Lemos em algum lugar que o profundo conhecimento que, segundo Draper, os Antigos Astrólogos Caldeus possuíam sobre os planetas e as suas relações, foi obtido mais pela adivinhação com o betylos, a pedra meteórica, do que pelos instrumentos astronômicos. Estrabão, Plínio e Helênico - todos falam do poder elétrico ou eletromagnético dos betyli. Eles eram reverenciados desde a mais remota Antiguidade no Egito e na Samotrácia, como pedras magnéticas "que continham almas que caíam do céu"; e os sacerdotes de Cibele usavam um pequeno betylos sobre seus corpos.

Os elementares segundo os filósofos antigos

Falando sobre os elementares, diz Porfírio: "Estes seres recebem honras dos homens como se fossem deuses (...) uma crença universal torna-os capazes de se tornar deveras malévolos: isto mostra que sua cólera se dirige contra aqueles que negligenciaram oferecer-lhes um culto legítimo".

Homero descreve-os nos seguintes termos: "Nossos deuses nos aparecem quando lhes oferecemos sacrifício (...) sentando-se em nossas mesas, eles partilham de nossos repastos festivos. Sempre que encontram um solitário fenício em viagem, eles lhes servem como guias, e manifestam a sua presença de outras maneiras. Podemos dizer que nossa piedade nos aproxima deles, assim como o crime e o derramamento de sangue unem os ciclopes e a feroz raça de gigantes". Isto prova que esses deuses eram afáveis e benéficos, e que fossem eles espíritos desencarnados ou seres elementares, não eram diabos.

A linguagem de Porfírio, que era um discípulo direto de Plotino, é ainda mais explícita no que toca à natureza desses espíritos. "Os demônios", diz ele, "são invisíveis; mas eles sabem como vestir-se com formas e configurações sujeitas a numerosas variações, que podem ser explicadas pelo fato de que sua natureza tem muitos elementos corporais em si. Sua morada está nas cercanias da Terra (...) e, quando escapam à vigilância dos bons demônios, não há nenhuma maldade que não ousem cometer. Um dia eles empregarão a força bruta; no outro, a astúcia". Mais adiante, ele comenta: "Para eles é um jogo infantil excitar em nós as paixões desprezíveis, inculcar doutrinas turbulentas às sociedades e às nações, provocar

guerras, sedições e outras calamidades públicas, e dizer-nos em seguida `que tudo isso é obra dos deuses'. (...) Esses espíritos passam o tempo enganando e iludindo os mortais, criando ilusões e prodígios ao seu redor; a sua maior ambição é fazer as vezes de deuses e almas [espíritos desencarnados]".

Jâmblico, o grande teurgista da escola neoplatônica, um homem versado na Magia sagrada, ensina que "os bons demônios nos aparecem realmente, ao passo que os maus demônios se manifestam apenas sob as formas ilusórias de fantasmas". Mais adiante, ele corrobora Porfírio, e afirma que "(...) os demônios bons não temem a luz, ao passo que os perversos necessitam das trevas. (...) As sensações que eles excitam em nós fazem-nos acreditar na presença e na realidade das coisas que eles mostram, embora estas coisas não existam".

Mesmo os teurgistas mais práticos encontraram, às vezes, algum perigo em suas relações com certos elementos, e Jâmblico afirma que "Os deuses, os anjos e os demônios, assim como as almas, podem ser convocados através da evocação e das preces. (...) Mas quando, durante as opressões teurgistas, um erro é cometido, cuidado! Não imagineis que estais em comunicação com divindades benéficas, que respondem à vossa fervorosa prece; não, pois eles são maus demônios, apenas sob a forma de bons! Pois os elementos freqüentemente se apresentam com a aparência de bons, e assumem uma posição muitíssimo superior àquela que realmente ocupam. Suas fanfarrônicas os traem".

Ísis Sem Véu - Capítulo X

Capítulo X

Fenômenos cíclicos. A existência e formação do Universo

O primeiro era o princípio intelectual vivificador de todas as coisas; o caos, um princípio líquido informe, sem "forma ou sentido"; da união desses dois princípios veio a existir o universo, ou antes o mundo universal, a primeira divindade andrógina - cujo corpo é formado de matéria caótica - e a alma, feita de éter. De acordo com a fraseologia de um Fragmento de Herméias, "o caos, com esta união com o espírito, dotando-se de sentido, resplandeceu com prazer, e assim produziu a luz Protogonos (que-nasceu-primeiro)". Esta é a trindade universal, baseada nas concepções metafísicas dos antigos, que, raciocinando por analogia, fizeram do homem, que é um composto de intelecto e de matéria, o microcosmo do macrocosmo, ou o grande universo.

Este universo visível de espírito e de matéria, é apenas imagem concreta da abstração ideal; foi construído com base no modelo da primeira IDÉIA divina. Assim, o nosso universo existiu desde a eternidade em estado latente. A alma que anima esse universo puramente espiritual é o Sol Central, a mais elevada Divindade em si mesma. Não foi esta Divindade que construiu a forma concreta da idéia, mas o Seu primogênito; e, assim como ela foi construída com base na figura geométrica do dodecaedro, o primogênito "agradou-se em empregar doze mil anos na sua criação". Este número está indicado na cosmogonia tirrena, que mostra que o homem foi criado no sexto milênio. Isto está de acordo com a teoria egípcia de 6.000 "anos" (O leitor compreenderá que com "anos" se pretende dizer "eras", não meros períodos de 30 meses lunares cada um), e com o cômputo hebraico. Sanchoniathon, na sua Cosmogonia, afirma que quando o vento (espírito) se torna enamorado dos seus próprios princípios (o caos), uma união íntima se estabelece, cuja conexão foi chamada Pothos, e da qual surgiu a semente de todas as coisas. E o caos não conheceu a sua própria produção, pois era desprovido de sentido; mas de seu abraço com o vento foi engendrado Môt, ou o Ilus (o lodo). É dele que procedem os esporos da criação e da geração do universo.

Os antigos, que contavam apenas quatro elementos, fizeram do éter o quinto. Em virtude de a sua essência ter-se tornado divina pela presença inobservada, foi ele considerado um intermediário entre este mundo e o próximo.

Manifestações da alma

Tudo o que há de organizado neste mundo, as coisas visíveis como as invisíveis, tem um elemento que lhe é próprio. O peixe vive e respira na água; a planta consome o gás carbônico, que nos animais e nos homens produz a morte; alguns seres foram feitos para viver em camadas rarefeitas de ar, outros existem apenas nas mais densas. A vida, para alguns, depende da luz do Sol; para outros, da escuridão; e é

assim que a sábia economia da Natureza adapta uma forma viva a cada condição de existência. Essas analogias permitem concluir não só que não existe uma porção desocupada na Natureza universal, mas também que para cada coisa que tem vida são fornecidas condições especiais, e, tendo sido fornecidas, elas são necessárias. Assim, admitindo-se que há um lado invisível, as condições fixas da Natureza autorizam a conclusão de que essa metade está ocupada, como também a outra; e de que cada grupo de seus ocupantes está provido das condições indispensáveis de existência. O fato de que há espíritos implica que haja uma diversidade de espíritos; pois os homens diferem, e os espíritos humanos são apenas homens desencarnados.

Dizer que todos os espíritos são semelhantes, ou foram feitos para viver na mesma atmosfera, ou que possuem poderes iguais, ou são governados pelas mesmas atrações - elétricas, magnéticas, ódicas, astrais, não importa quais -, é tão absurdo quanto dizer que todos os planetas têm a mesma natureza, ou que todos os animais são anfíbios, ou que todos os homens podem ser alimentados com a mesma comida. Muitíssimo mais razoável é supor que, dentre os espíritos, as naturezas mais grosseiras descerão às alturas mais profundas da atmosfera espiritual - em outras palavras, estarão mais próximas da Terra. Ao contrário, as mais puras estarão mais longe.

Porfírio apresenta-nos alguns fatos repugnantes cuja veracidade está consubstanciada na experiência de todo estudioso de Magia. "Tendo a alma", diz ele, "mesmo após a morte, uma certa afeição pelo seu corpo, uma afinidade proporcional à violência com que a sua união foi rompida, vemos muitos espíritos errando em desespero em torno dos seus restos terrestres; vemo-los até mesmo procurando ansiosamente os restos pútridos de outros cadáveres e se recreiam no sangue recentemente vertido que parece infundir-lhes, por um momento, vida material.

"Os deuses e os anjos", diz Jâmblico, "aparecem-nos na paz e na harmonia; os demônios maus fazem com que tudo se agite em confusão. (...) Quando às almas comuns, nos aparecem mais raramente, etc."

"A alma humana (o corpo astral) é um demônio que a nossa linguagem pode chamar gênio", diz Apuleio. "E um deus imortal, embora, em certo sentido, tenha nascido ao mesmo tempo que o corpo em que ela se encontra. Em conseqüência, podemos dizer que morre no mesmo sentido que dizemos que nasce".

"A alma nasce neste mundo depois de deixar outro mundo (anima mundi), em que a sua existência precede aquela que conhecemos (na Terra). Assim, os deuses que consideram a sua conduta em todas as fases das várias existências e em seu conjunto punem-na às vezes por pecados cometidos durante uma vida anterior. Ela morre quando se separa de um corpo em que atravessou a sua vida como num barco frágil. E este é, se não me engano, o significado secreto da inscrição tumular, tão simples para o iniciado: 'Aos deuses manes que viveram'. Mas essa espécie de morte não aniquila a alma; apenas a transforma num lêmure. Os lêmures são os manes ou fantasmas, que conhecemos sob o nome de lares. Quando eles se distanciam e nos propiciam uma proteção benéfica, nós honramos nelas as divindades protetoras do fogo doméstico; mas, se os seus crimes as sentenciam a errar, chamamo-los estão larvas. Eles se tornam uma praga para o perverso e o vão terror dos bons."

Seria difícil tachar de ambigüidade essa linguagem, e, apesar disso, os reencarnacionistas citam Apuleio em apoio de sua teoria de que o homem passa por uma sucessão de nascimentos humanos físicos nesse planeta até que finalmente seja purgado das impurezas da sua natureza. Mas Apuleio diz muito claramente que chegamos a este mundo vindo de um outro, onde tivemos uma existência cuja lembrança perdemos. Da mesma maneira que um relógio passa de mão em mão e de sala em sala da fábrica, uma parte sendo acrescentada aqui e outra ali, até que a delicada máquina esteja perfeita, de acordo com o plano concebido na mente do mestre antes que a obra fosse iniciada - assim também, de acordo com a Filosofia antiga, a primeira concepção divina do homem toma forma pouco a pouco, nos muitos departamentos do ateliê universal, e o ser humano perfeito finalmente aparece em nossa paisagem.

Esta filosofia ensina a Natureza nunca deixa inacabada a sua obra; se frustra na primeira tentativa, ela tenta novamente. Quando ela faz evoluir um embrião humano, a intenção é que o homem se torne perfeito - física, intelectual e espiritualmente. O seu corpo deve crescer, amadurecer, desgastar-se e morrer; a sua mente deve expandir-se, amadurecer e ser harmoniosamente equilibrada; o seu espírito divino deve iluminar e confundir-se facilmente com o homem interior. Nenhum ser humano completa o seu grande círculo, ou o "círculo da necessidade", até que tudo isso não tenha sido feito. Assim como os retardatários de uma corrida lutam e se fatigam logo no início enquanto o vitorioso atinge o seu objetivo, assim

também, na corrida da imortalidade, algumas almas ultrapassam em velocidade todas as outras e chegam ao fim, enquanto as miríades de seus competidores lutam sob o fardo da matéria, próximo da reta de partida. Algumas, desafortunadas, caem, abandonam a corrida e perdem toda oportunidade de ganhar o prêmio; outras levantam-se e empenham-se de novo na corrida. É isso o que o hindu teme sobre todas as coisas - a transmigração e a reencarnação em formas inferiores, mas contra esta contingência lhes deu Buddha remédio no menosprezo dos bens terrenos, a restrição dos sentidos, o domínio das paixões e a contemplação espiritual ou freqüente comunhão com Âtman ou a alma.

A antiga doutrina da transmigração da alma. A causa da reencarnação. O mundo do nirvana

A causa da reencarnação é a concupiscência e a ilusão que nos leva a ter como reais as coisas do mundo. Dos sentidos provêm a "alucinação", que chamamos contato; "do contato, a sensação (também ilusória) da sensação, a concupiscência e da concupiscência a enfermidade, a decrepitude e a morte".

"Assim, como as voltas de uma roda, há uma sucessão regular de mortes e nascimentos, cuja causa moral é o apego aos objetos existente, enquanto a causa instrumental é o karma [o poder que controla o Universo, imprimindo-lhe atividade, mérito e demérito]. Portanto, o grande objeto de todos os seres que se querem desembaraçar dos sofrimentos do nascimento sucessivos é encontrar a destruição da causa moral (...) o apego aos objetos existentes, ou o desejo do mal.(...) Aqueles em quem o desejo do mal está completamente destruído são chamados Arhats, que, em virtude de uma libertação, possuem faculdades taumatúrgicas. Em sua morte, o Arhat não se reencarna e invariavelmente atinge o Nirvana". Nirvana é o mundo das causas, em que todos os efeitos enganadores ou as ilusões de nossos sentidos desaparecem. Nirvana é a esfera mais elevada que se pode atingir. Os Pitris (os espíritos pré-adâmicos) são considerados como reencarnados, pelo filósofo budista, se bem que num grau superior ao do homem da terra. Eles não morrem, por sua vez? Os seus corpos astrais não sofrem nem gozam, e não sentem a mesma maldição dos sentimentos ilusórios, como durante a encarnação?

Aquilo que o Buddha ensinou no século VI a.C., na Índia, foi ensinado por Pitágoras depois na Grécia e na Itália. Gibbon mostra quão profundamente os fariseus estavam impressionados com essa crença na transmigração das almas. O círculo de necessidade egípcio está gravado de maneira indelével nos vetustos monumentos da Antiguidade. E Jesus, quando curava um doente, invariavelmente utilizava a seguinte expressão: "Teus pecados te são perdoados". Isso é pura doutrina budista. "Os judeus disseram ao cego: 'Tu nasceste completamente no pecado, e queres nos instruir'. A doutrina dos discípulos [de Cristo] é análoga à do 'Mérito e Demérito' dos budistas; pois os doentes se curavam se os seus pecados fossem perdoados." Mas essa vida anterior em que os budistas acreditavam não é uma vida neste planeta, (Citação corrida pela própria H. P. B. "(...) não é uma vida no mesmo ciclo e na mesma personalidade.") pois, mais do que qualquer outra pessoa, o filósofo budista apreciava a grande doutrina dos ciclos.

A significação secreta dos ciclos e kalpas. A manifestação de Brahma

As especulações de Dupuis, Volney e Godfrey Higgins sobre a significação secreta dos ciclos, ou dos kalpas e dos yugas dos bramânicos e dos budistas, pouco significaram, pois não possuíam a chave da doutrina espiritual esotérica neles contida. Nenhuma filosofia especulou sobre Deus como uma abstração mas considerou-O sob as Suas várias manifestações. A "Causa Primeira" da Bíblia dos hebreus, as "Monas" pitagóricas, a "Existência Una" do filósofo hindu e o "Ain-Soph" cabalístico - o Ilimitado - são idênticos. O Bhagavat hindu não cria; ele entra no ovo do mundo e emana dele como Brahmâ, da mesma maneira que a Díada pitagórica se desenvolve das Monas mais elevadas e solitárias. A Monas do filósofo de Samos é o Monas hindu (mente), "que não tem primeira causa (apûrva) ou causa material, nem está sujeito à destruição". Brahmâ, como Prajâ-pati, manifesta-se antes de tudo como "doze corpos", ou atributos, representados pelos doze deuses, que simbolizam:

- 01º) o Fogo;
- 02º) o Sol;
- 03º) o Soma, que dá a onisciência;
- 04º) todos os Seres Vivos;
- 05º) Vâyû, ou o éter material;
- 06º) a Morte, ou o corpo de destruição -Shiva;
- 07º) a Terra;
- 08º) o Céu;
- 09º) Agni, o Fogo Imaterial;
- 10º) Âditya, o Sol imaterial e feminino invisível;

- 11º) a Mente;
12º) o grande Ciclo Infinito, "que não pode ser interrompido".

Depois disso, Brahmâ se dissolve no Universo visível, de que cada átomo é ele mesmo. Feito isto, a Monas não-manifesta, indivisível e indefinida, retira-se para a solidão imperturbada e majestosa da sua unidade. A divindade manifesta, uma Díada em princípio, torna-se agora uma Tríada; a sua qualidade trina emana incessantemente poderes espirituais, que se tornam deuses imortais (Almas). Cada uma dessas Almas deve unir-se por sua vez a um ser Humano e, a partir do momento que surge a sua consciência, iniciar uma série de nascimentos e mortes. Um artista oriental tentou dar expressão pictórica à doutrina cabalista dos ciclos. O quadro cobre toda uma parede interior de um templo subterrâneo situado na proximidade de uma grande pagode budista e é extremamente sugestivo. Tentemos fornecer uma idéia do seu plano, tal como nos lembramos dele.

Imaginal um ponto no espaço como o ponto primordial; depois, como um compasso, traçai um círculo ao redor desse ponto; onde o começo e o fim da circunferência se unem, a emanção e a reabsorção também se encontram. O próprio círculo é composto de inumeráveis círculos menores, como os elos de um bracelete, e cada um desses elos menores forma o cinto da deusa que representa aquela esfera. Onde a curva do arco se aproxima do ponto extremo do semicírculo - o nadir do grande ciclo - em que o pintor místico situou o nosso planeta, a face de cada deusa sucessiva torna-se mais sombria e horripilante do que a imaginação européia possa conceber. Cada cinto está coberto de representações de plantas, animais e seres humanos, pertencentes à flora, à fauna e à antropologia dessa esfera em particular. Há uma certa distância entre cada uma dessas esferas, marcada propositalmente; pois, após o cumprimento dos círculos, através das diversas transmigrações, é atribuído à alma um templo de Nirvana temporário, um espaço de tempo em que o Âtman perde toda lembrança das penas passadas. O espaço etéreo intermediário é então preenchido com seres estranhos. Aqueles que se encontram entre o éter mais elevado e a Terra são as criaturas de "natureza mediana", espíritos da Natureza ou, como os cabalistas às vezes os chamam, elementais.

Este quadro é ou uma cópia de um quadro descrito para a posteridade por Berosus, o sacerdote do templo de Belo, na Babilônia, ou o original. Mas a parede está coberta precisamente de criaturas análogas às aquelas que foram descritas pelo semidemônio, ou semideus, Oannes, o homem-peixe caldeu, (...) seres horripilantes, produzidos por um princípio duplo" - a luz astral e a matéria grosseira.

A misteriosa doutrina da reencarnação

Apresentaremos, alguns fragmentos dessa misteriosa doutrina da reencarnação - tão distinta da metempsicose -, tal como nos foi dada por uma autoridade no assunto. A reencarnação, isto é, o aparecimento do mesmo indivíduo, ou antes, da sua Mônada astral, duas vezes no mesmo planeta (obs. corrigido por H.P.B. pg. 48 do volume I, onde escreve-se "planeta", leia-se CICLO e PERSONALIDADE), não é uma regra da Natureza; trata-se de uma exceção. É precedida por uma violação das leis de harmonia da Natureza e só ocorre quando esta, tentando restaurar o seu equilíbrio perturbado, atira violentamente de volta à vida terrena a Mônada astral que foi expedida do círculo de necessidade por crime ou por acidente. Assim, em casos de aborto, de crianças que morrem antes de uma determinada idade e de idiotismo congênito e incurável, o plano original da Natureza de produzir um ser humano perfeito foi interrompido. Visto que a matéria grosseira de cada uma dessas entidades se desagrega na morte, pelo vasto reino do ser, o espírito imortal e a Mônada astral do indivíduo - posta esta última em reserva para animar um outro arcabouço; e a primeira, para projetar a sua luz divina sobre a organização corpórea - devem tentar, uma segunda vez, levar adiante o propósito da inteligência criadora. Se a razão tanto se desenvolve a ponto de se tornar ativa e discriminadora, não há reencarnação nesta Terra, pois as três partes do homem trino se reuniram e ele é capaz de continuar o seu caminho. Mas quando o novo ser não passou da condição de uma Mônada, ou quando, como no caso de um idiota, a trindade não foi completada, a centelha imortal que o ilumina deve entrar novamente no plano terrestre porque ela falhou na sua tentativa. (É óbvio, que a "reencarnação imediata" é negada e que a matéria do indivíduo é a personalidade astral, ou o complexo pessoal astro-mental, que também pode ser chamado de Ego astral, e não a individualidade ou Ego Reencarnante. O leitor deve prestar muita atenção a essa diferença. n. do Org.). De outra maneira as almas mortais ou astrais, e as imortais e divinas, não poderiam progredir em uníssono e passar a uma esfera superior. O espírito segue uma linha paralela à da matéria; e a evolução espiritual se efetua conjunta e simultaneamente com a evolução física.

"É a doutrina do renascimento, no qual acreditava Jesus e seus apóstolos, como toda gente daqueles tempos, porém negada hoje pelos cristãos que parecem não compreender a doutrina de seus próprios Evangelhos, visto que a Reencarnação é ensinada claramente na Bíblia, como o é em todas as demais escrituras antigas.

Através do processo da Reencarnação, a entidade individual e imortal, a Tríada Superior, transmigra de um corpo para outro, reveste-se de sucessivas e novas formas ou personalidades transitórias, percorrendo assim, no curso de sua evolução, uma após outra, todas as faces da existência condicionada nos diversos reinos da Natureza, com o objetivo de ir entesourando as experiências relacionadas com as condições de vida inerentes a elas, até que, uma vez terminado o ciclo de renascimentos, esgotadas todas as experiências e adquirida a plena perfeição do SER, o Espírito Individual, completamente livre de todas as travas da matéria, alcança a Libertação e retorna a seu ponto de origem, abismando-se novamente no seio do Espírito Universal, como a gota d'água no oceano. A filosofia esotérica afirma, pois, a existência de um princípio imortal e individual, que habita e anima o corpo do homem e que, com a morte do corpo, passa a encarnar outro corpo, depois de um intervalo mais ou menos longo de vida subjetiva em outros planos. Desse modo, as vidas corporais sucessivas se enlaçam com outras tantas pérolas no fio, sendo este fio o princípio sempre vivo e as pérolas as numerosas e diversas existências ou vidas humanas na Terra. A filosofia exotérica, admite que o Ego humano pode encarnar apenas em formas humanas, pois só estas oferecem as condições através das quais são possíveis as suas funções; jamais poderá viver em corpo animais nem retroceder ao bruto, porque isso seria ir contra a lei da evolução". (N. C. Resumo do texto original)

A oitava esfera - o Hades alegórico

Mesmo os ocultistas ocidentais modernos a negam, embora seja universalmente aceita nos países orientais. Quando, por meio dos vícios, de crimes medonhos e das paixões animais, um espírito desencarnado cai na oitava esfera - o Hades alegórico, e o Gehenna da Bíblia -, a mais próxima da nossa Terra, ele pode, com o auxílio do vislumbre de razão e de consciência que lhe restou, arrepender-se; isto quer dizer que ele, exercendo o resto de seu poder de vontade, esforçar-se por se elevar e, como um homem que se afoga, voltar uma vez mais à superfície. Nos Oráculos caldaicos de Zoroastro encontramos este, que diz, como advertência à Humanidade:

Não olheis para baixo, pois um precipício existe abaixo da Terra
Que se estende por uma descida de SETE degraus, sob os quais
Está o trono da horrenda necessidade.

Uma ardente aspiração para se libertar dos seus males, um desejo bastante pronunciado hão de levá-lo uma vez mais à atmosfera da Terra. Aí ele vagueará e sofrerá mais ou menos uma solidão dolorosa. Os seus instintos hão de fazê-lo procurar com avidez o estabelecimento de contato com pessoas vivas. (...) Esses espíritos são os invisíveis, mas muito tangíveis, vampiros magnéticos; os demônios subjetivos tão bem conhecidos dos estáticos medievais, monjas e monges, e das "feiticeiras" tornadas tão famosas pelos The Witches' Hammer; e de determinados clarividentes sensitivos, segundo as suas próprias confissões. Eles são os demônios sangüinários de Porfírio, as larvas e as lêmures dos antigos; os instrumentos diabólicos que enviaram tantas vítimas desafortunadas e fracas para a roda dentada e para a morte na fogueira. Orígenes afirma que todos os demônios que possuíram os endemoniados mencionados no Novo Testamento são "espíritos" humanos. É porque Moisés sabia tão bem o que eles eram, e quão terríveis eram as conseqüências para as pessoas fracas que se submetiam às suas influências, que ele editou a lei cruel e sanguinária contra as pretensas "feiticeiras"; mas Jesus, pelo de amor divino pela Humanidade, curou-as em vez de as matar. Mais tarde, o nosso clero, pretendendo ser o modelo dos princípios cristãos, seguiu a lei de Moisés e ignorou completamente a lei d'Aquele a quem chamavam seu "Deus Vivo", queimando dezenas de milhares dessas pretensas "feiticeiras".

Significado do termo feitiçaria

Feitiçaria! Nome poderoso, que continha, no passado, a promessa da morte ignominiosa; e deve ser pronunciado, no presente, apenas para provar uma explosão de ridículo, uma avalanche de sarcasmos! Como é, então, que sempre existiram homens de inteligência e de erudição que nunca julgaram ser contrário à sua reputação de eruditos, ou à sua dignidade, afirmar publicamente a possibilidade de

existência de algo como as "feiticeiras", na correta acepção da palavra? Um desses intrépidos campeões foi Henry More, o erudito de Cambrige, do século XVII.

As palavras witch ["feiticeira"] e wizard ["mágico"], o Dr. More, significam nada mais do que homem sábio [wise Man] ou mulher sábia [wise woman]. Na palavra wizard, isso fica claro desde o primeiro momento; e "a dedução mais simples e menos laboriosa do nome witch provém de wit, cujo adjetivo derivado seria wittigh ou wittich, e, por contração, mais tarde witch; da mesma maneira, o substantivo wit deriva do verbo to weet, 'saber'. De modo que uma witch nada mais é do que uma mulher sábia; e que corresponde exatamente à palavra latina saga, na expressão sagae dictae anus quae multa sciunt de Festo"

A vulnerabilidade de algumas "sombras"

"Fecha a porta na cara do demônio, diz a Cabala, "e ele fugirá de ti, como se o perseguisses" - o que significa que não deves dar guarida a esses espíritos de obsessão por atrai-los a uma atmosfera da mesma natureza.

Esses demônios tentam introduzir-se nos corpos dos simples de espírito e dos idiotas e aí permanecer até que sejam desalojados por uma vontade poderosa e pura. Jesus Apolônio e alguns dos seus apóstolos tinham o poder de afastar os demônios purificando a atmosfera interna e externa ao paciente, bem como de forçar o hóspede indesejável a se retirar. Certos sais voláteis lhes são particularmente desagradáveis; e o efeito de certas substâncias químicas vertidas num pires, colocados sob a cama pelo Sr. Varley, de Londres, com o objetivo de manter à distância, à noite, alguns fenômenos físicos, confirma esta grande verdade. Os espíritos humanos puros ou mesmo simplesmente inofensivos nada temem, pois, desembaraçados da matéria terrestre, os compostos terrestres não os podem afetar; tais espíritos são como um sopro. Não acontece a mesma coisa com as almas presas à Terra e aos espíritos da Natureza.

Isto se refere àquelas larvas terrestres carnaís, espíritos humanos degradados, com que os antigos cabalistas alimentavam a esperança de reencarnação. Mas quando, ou como? Num momento conveniente, e se auxiliados por um sincero desejo de correção e de arrependimento, inspirado por uma pessoa forte e simpática, ou pela vontade de um adepto, ou mesmo um desejo que emana de um espírito pecador, contanto que seja poderoso o suficiente para fazê-lo romper o julgo da matéria pecaminosa. Perdendo toda a consciência, esta Mônada uma vez brilhante é apanhada uma outra vez no turbilhão de nossa evolução terrestre, e atravessa novamente os reinos subordinados e de novo respira na qualidade de uma criança. Seria impossível computar o tempo necessário para que se cumpra esse processo. Dado que não existe percepção do tempo na eternidade, qualquer tentativa seria apenas um trabalho inútil.

A preparação de oráculos

A maneira de obter oráculos foi praticamente desde a mais alta Antigüidade. Na Índia, essa sublime letargia é chamada "o sono sagrado de ***". Trata-se de um esquecimento em que o paciente é dirigido por determinados processos mágicos, suplementares por goles de suco de soma. O corpo do que dorme permanece durante muitos dias num estado que se assemelha à morte, e pelo poder do adepto é purificado da sua terrenalidade e preparado para tornar-se o receptáculo do esplendor do Augoeides imortal. Nesse estado, o corpo dorme reflete a glória das esferas superiores, como um espelho reflete os raios do Sol. O que dorme não tem consciência do tempo que passa, mas, ao despertar, após quatro ou cinco dias de transe, imagina que dormiu apenas momentos. Ele não se lembrará jamais do que os seus lábios proferiram; mas, como é o espírito que os dirige, eles só podem pronunciar a verdade divina. Durante um lapso de tempo, essa pobreza impotente se faz o escrínio da presença sagrada e converte-se num oráculo mil vezes mais infalível do que a pitonisa asfixiada de Delfos; e, diferentemente do seu frenesi mântico, que foi exibido à multidão, este sono sagrado é testemunhado apenas no recinto sagrado por aqueles poucos adeptos que são dignos de comparecer à presença do ADONAI.

A descrição que faz Isaías da purificação necessária a um profeta para que ele se torne digno de ser o porta-voz do céu aplica-se perfeitamente ao caso de que tratamos. Empregando uma metáfora que lhe era familiar, ele diz: "Um dos serafins voou para mim trazendo na sua mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; e com ela tocou a minha boca e disse: Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada e purificado o teu pecado".

Espíritos elementares tem medo da espada

Em Homero, temos Ulisses evocando o espírito do seu amigo, o adivinho Tirésias. Preparando-se para a cerimônia do "festival do sangue", Ulisses saca da sua espada e dessa maneira assusta os milhares de fantasmas atraídos pelo sacrifício. O amigo, o tão esperado Tirésias, não ousa aproximar-se enquanto Ulisses mantém a arma apavorante na mão. Enéias prepara-se para descer ao reino das sombras, e, assim que se aproxima da entrada, a Sibila que o guia dita ao herói troiano o seu conselho e lhe ordena sacar da sua espada e abrir para si uma passagem através da multidão espessa de formas errantes.

Pselo, em sua obra, conta a história de sua cunhada que foi posta num estado muito assustador por um demônio elementar que a possuía. Ela foi finalmente curada por um conjurador, um estrangeiro chamado Anaphalangis, que começou por ameaçar o ocupante invisível do seu corpo com uma espada nua, até que o desalojou. Pselo apresenta todo um catecismo da demonologia, em que se exprime nos seguintes termos, tanto quanto nos lembramos:

"Tuque invade viam, vaginaque eripe ferrum".

Pselo, apresenta todo um catecismo da demonologia, em que exprime nos seguintes termos, tanto quanto nos lembramos:

"Quereis saber", perguntou o conjurador, "se os corpos dos espíritos podem ser feridos por espadas ou por qualquer outra arma? Sim, eles podem. Qualquer substância dura que os golpeie pode causar-lhes uma dor sensível; e, embora os seus corpos não sejam feitos de nenhuma substância sólida ou firme, eles a sentem, pois, em seres dotados de sensibilidade, não são apenas os seus nervos que possuem a faculdade de sentir, mas também o espírito que reside neles (...) o corpo de um espírito pode ser sensível em seu todo, bem como em cada uma das suas partes. Sem o auxílio de qualquer organismo físico, o espírito vê, ouve e, se o tocardes, sente o vosso toque. Se os dividirdes em dois, ele sentirá a dor como qualquer homem vivo, pois ele também é matéria, embora seja esta tão refinada que se torna geralmente invisível aos nossos olhos. (...) Uma coisa, todavia, o distingue do homem vivo; a saber, o fato de que quando os membros de um homem são divididos, as suas partes não podem ser reunidas muito facilmente. Mas cortai um demônio em duas partes, e o vereis imediatamente se recompor. Assim como a água ou o ar se reúnem após a passagem de um corpo sólido, que não deixa nenhum sinal, nada atrás de si, assim também o corpo de um demônio condensa-se novamente, quando a arma penetrante é retirada da ferida. Mas cada incisão feita nele não lhe causa menos dor. Eis por que os demônios temem a ponta de uma espada ou de qualquer arma pontiaguda. Que aqueles que os queiram ver sangrar façam a experiência".

Um dos eruditos mais sábios deste século, Bodin, o demonólogo, é da mesma opinião: os elementares humanos e cósmicos "são extremamente medrosos de espadas e de adagas". Também esta é a opinião de Porfírio, de Jâmblico e de Platão. Plutarco menciona-o várias vezes. Os teurgos praticantes sabiam-no muito bem e agiam de acordo com a sua informação; e um grande número deles afirma que "os demônios sofrem com qualquer incisão que seja feita em seus corpos".

Fenômenos que podem ocorrer com a alma

Mas devemos abrir espaço agora para algumas narrativas dos filósofos antigos, que, ao mesmo tempo em que contam, vão nos explicando.

Em primeiro lugar, quanto às maravilhas, é preciso colocar Proclo. A sua lista de fatos, cuja maior parte ele apoia com citações de testemunhas - às vezes filósofos bastantes conhecidos -, é desconcertante. Ele registra, da sua época, muitos exemplos de pessoas mortas que foram encontradas em posição diferente nos seus sepulcros depois de terem sido colocadas sentadas ou em pé - fenômenos que ele atribuíam fato de elas serem larvas e que, diz "está relacionado pelos antigos de Aristetas, Epimênides e Hermodorus". Cita quatro casos semelhantes extraídos da História de Clearco, o discípulo de Aristóteles. 1º) Clenymus, o ateniense. 2º) Policreto, um homem ilustre entre os etólios. Este fato está relatado pelo historiador Naumachius, que diz que Policreto morreu e retornou no nono mês após a sua morte. "Hiero, o efésio, e outros historiadores", diz o seu tradutor, Taylor, "atestam a verdade desse fato". 3º) Em Nocópolis, a mesma coisa aconteceu a um certo Eurynous, que ressuscitou no décimo-quinto dia após o seu enterro e viveu algum tempo depois disso levando uma vida exemplar. 4º) Rufus, sacerdote da Tessália, voltou à vida no terceiro dia após a sua morte, com o objetivo de proceder a algumas cerimônias sagradas que havia prometido realizar; cumpriu o prometido, e morreu novamente para nunca mais voltar.

Diz Proclo: "Muitos outros escritores antigos recolheram histórias de pessoas que morreram aparentemente e depois ressuscitaram; e entre eles o filósofo Demócrito, nos seus escritos relativos ao Hades, e o maravilhoso Conotes, conhecido por Platão. Pois a morte não era, como parecia, um abandono completo de toda a vida do corpo, mas uma cessação, caudada por algum golpe, ou talvez uma ferida. Mas os laços da alma ainda continuavam atados à medula, e o coração conservava em suas profundezas o empíreuma da vida; tudo isto conservado, readquiria-se a vida, que se extinguira, em virtude de se estar novamente adaptado à animação".

Ele diz ainda: "É evidente que é possível à alma deixar o corpo e voltar a entrar no corpo porque ele, que, de acordo com Clearchus, se serviu de uma vara que atrai a alma sobre um menino adormecido; e que convenceu Aristóteles, como Clearco relata em seu Tratado sobre o sono, de que a alma pode ser separada do corpo e de que ela entra num corpo e o usa como alojamento. Pois, golpeando o menino com a vara, ele atraiu e, como se diz, guiou a sua alma, com o objetivo de demonstrar que o corpo estava imóvel quando a alma [corpo astral] estava a uma certa distância dele, e que não lhe fizera nenhum mal. Mas a alma, guiada novamente para o corpo por meio da vara, deu-se conta, após a sua entrada, de tudo o que havia ocorrido. Nessas circunstâncias, assim, os espectadores e Aristóteles se convenceram de que a alma é distinta e separada do corpo".

A diferença entre o médium e o mágico

O mágico difere do feiticeiro no fato de que, enquanto este era um instrumento ignorante nas mãos dos demônios, o outro tornou-se se senhor pela intermediação poderosa de uma ciência, que só estava ao alcance de poucos, e a que estes seres eram incapazes de desobedecer". Esta definição, estabelecida e conhecida desde os dias de Moisés.

O autor anônimo de Art. Magic, encontramos-lo o seguinte: "O leitor pode perguntar: em que consiste a diferença entre o médium e o mágico? (...) O médium é um ser por meio de cujo espírito astral outros espíritos se podem manifestar, fazendo sentir a sua presença por meio de diversos tipos de fenômenos. Seja qual for a natureza desses fenômenos, o médium é apenas um agente passivo em suas mãos. Ele não pode nem ordenar a sua presença, nem desejar a sua ausência; não pode nunca forçar a realização de qualquer ato especial, nem dirigir a sua natureza. O mágico, ao contrário, pode convocar e dispensar os espíritos de acordo com a sua vontade; pode realizar muitas façanhas de poder oculto através do seu próprio espírito; pode forçar a presença e a ajuda de espíritos de graus inferiores de ser do que o dele e efetuar transformações no reino da Natureza em corpos animados e inanimados".

Este erudito autor esqueceu-se de assinalar uma distinção notável que existe na mediunidade, com a qual deve estar totalmente familiarizado. Os fenômenos físicos são o resultado da manifestação de forças, por meio do sistema físico do médium, pelas inteligências inobservadas, e não importa qual classe. Numa palavra, a mediunidade física depende de uma organização peculiar do sistema físico; a mediunidade espiritual, que é acompanhada de uma certa manifestação de fenômenos subjetivos e intelectuais, depende de uma organização peculiar da natureza espiritual do médium. Assim como o oleiro pode fazer de uma bola de argila um belo vaso e, de uma outra, um vaso ruim, assim também, entre os médiuns físicos, o espírito astral plástico de um deles pode estar preparado para uma determinada classe de fenômenos, e o de outro, para uma classe diferente. Como regra geral, os médiuns que foram desenvolvidos para uma classe de fenômenos raramente mudam para uma outra, mas repetem a mesma performance ad infinitum.

A psicografia ou escrita direta de mensagens ditadas por espíritos é comum a ambas as formas de mediunidade. A escrita em si mesma é um fato físico objetivo, ao passo que os sentimentos que ela exprime podem ser do caráter mais nobre. Estes dependem inteiramente do estado moral do médium. Não se exige que ele tenha instrução alguma para escrever tratados filosóficos dignos de Aristóteles, nem que seja um poeta para escrever versos que fariam honra a Byron ou a Lamartine; mas deve-se exigir que a alma do médium seja suficientemente pura para servir de canal para os espíritos capazes de dar uma forma elevada a sentimentos desse gênero.

Que não podemos resistir aos desejo de citar algumas linhas de um dos escritos sânscritos, tanto mais que ele incorpora aquela porção da filosofia hermética a que se refere ao estado antecedente do homem, que descrevemos em outro lugar de maneira bem menos satisfatória.

A filosofia hermética aponta os estados antecedentes do homem

"O homem vive em muitas outras terras antes de chegar a esta. Miríades de mundos nadam no espaço em que a alma em estado rudimentar faz as suas peregrinações, antes que chegue ao grande e brilhante planeta chamado Terra, cuja função gloriosa é conferir-lhe autoconsciência. Só neste ponto é que ele se torna homem; em qualquer outra etapa desta jornada vasta e selvagem ele é apenas um ser embrionário - uma forma evanescente e temporária de matéria -, uma criatura de cuja alma elevada e aprisionada uma parte, mas apenas uma parte, resplandece; uma forma rudimentar, com funções rudimentares, sempre vivendo, morrendo, mantendo uma existência espiritual passageira tão rudimentar quanto a forma material de que emergiu; uma borboleta despontando da crisálida, mas sempre, à medida que avança, em novos nascimentos, novas encarnações, para daqui a pouco morrer e viver novamente, mas ainda dando um passo à frente, outra para trás, sobre o caminho vertiginoso, apavorante, cansativo e acidentado, até que desperte uma vez mais - para viver uma vez mais e ser uma forma material, um algo de poeira, uma criatura de carne e osso, mas agora - um homem".terial, um algo de poeira, uma criatura de carne e osso, mas agora - um homem".

Uma experiência psíquica

Fomos testemunhas, certa vez, na Índia, de uma experiência de habilidade psíquica entre um venerável gosain (Faquir, mendigo) e um feiticeiro (Um prestidigitador, diga-se) que nos ocorre agora em relação a esse assunto. Estávamos discutindo sobre os poderes relativos dos Pitris dos faquires - espíritos pré-adamitas e aliados invisíveis dos prestidigitadores. Concordou-se em fazer uma experiência de habilidades, e o autor destas linhas foi escolhido como árbitro. Fazíamos a sesta, próximos de um pequeno lago da Índia setentrional. Sobre a superfície das águas cristalinas flutuavam inúmeras flores aquáticas e largas folhas brilhantes. Cada um dos contendores tomou uma dessas folhas. O faquir, apoiando a sua contra o seu peito, cruzou as mãos sobre ela e entrou em transe momentâneo. Colocou, então, a folha sobre a água, com a superfície superior voltada para baixo. O prestidigitador pretendia controlar o "senhor da água", o espírito que reside na água gabou-se de forçar o poder a impedir que os Pitris manifestassem quaisquer fenômenos sobre a folha do faquir em seu elemento. Tomou a sua própria folha e a colocou sobre a água, depois de ter praticado sobre ela uma espécie de encantação selvagem. Ela, imediatamente, exibiu uma agitação violenta, ao passo que a outra folha continuava absolutamente imóvel. Ao final de alguns segundos, ambas as folhas foram retiradas. Sobre a folha do faquir vimos - uma indignação do prestidigitador - algo que se assemelha a desenhos geométricos formados de caracteres de um branco leitoso, como se os sucos da planta tivessem sido usados como um fluido corrosivo com que se pudesse escrever. Quando ela secou, e tivemos a oportunidade de examinar as linhas com cuidado, reconhecemos serem elas uma série de caracteres sânscritos elaborados com perfeição; o todo compunha uma frase que enfeixava um preceito de alta mortal. O faquir, acrescentou, não sabia ler nem escrever. Sobre a folha do prestidigitador, em vez de escrita, encontramos uma figura hedionda, demoníaca. Cada uma das folhas, portanto, trazia uma impressão ou um reflexo alegórico do caráter do contendor e indicava a qualidade de seres espirituais a que obedecia.

Ísis Sem Véu - Capítulo XI

Capítulo XI

Maravilhas psicológicas e físicas. As propriedades do Akasa. O misterioso fluido vital

A insensibilidade do corpo humano ao impacto de golpes pesados e a resistência à penetração de instrumentos pontiagudos e de projeteis de arma de fogo são fenômenos bastante familiares à experiência de todos os tempos e países. Enquanto a Ciência é totalmente incapazes de dar-nos qualquer explicação razoável para o mistério, a questão não parece oferecer qualquer dificuldade aos mesmeristas, que estudaram tão bem as propriedades do fluido. O homem que com alguns poucos passes sobre um membro pode produzir uma paralisia local de modo a torná-lo completamente insensível a queimaduras, a cortes e a picadas de agulhas. Quantos aos adeptos da Magia, especialmente do Sião e das Índias Orientais, eles estão familiarizados demais com as propriedades do Âkasa, o misterioso fluido vital. O fluido astral pode ser comprimido sobre uma pessoa de modo a formar uma concha elástica, absolutamente impenetrável por qualquer objeto físico, por maior que seja a sua velocidade. Em resumo, este fluido pode igualar e mesmo ultrapassar em poder de resistência a água e o ar.

Na Índia, no Malabar, e em algumas regiões da África Central, os encantadores permitirão de bom grado a qualquer viajante que os alveja com seu fuzil ou revólver, sem tocar a arma ou selecionar as balas. Em *Travels in Timmannee, Kooranko and Soolima Countries*, de Laing, temos a descrição, feita por um viajante inglês - o primeiro homem branco a visitar tribos dos Soolimas, nas vizinhanças de Dialliba - de uma cena bastante curiosa. Um grupo de soldados escolhidos fez fogo contra um chefe que nada tinha para se defender senão alguns talismãs. Embora os seus fuzis estivessem convenientemente carregados e apontados, nenhuma bala o atingiu. Salverte narra um caso similar em sua *Filosofia da Magia*: "Em 1568, o príncipe de Orange condenou um prisioneiro espanhol a ser fuzilado em Juliers. Os soldados o amarraram numa árvore e o fuzilaram, mas ele era invulnerável. Os soldados então o despiram, para ver que armadura ele trajava, mas encontraram apenas um amuleto. Este lhe foi arrancado e ele tombou morto ao primeiro tiro".

Poucos anos atrás, vivia numa aldeia africana um abissínio que passava por ser um feiticeiro. Uma vez, alguns europeus, a caminho do Sudão, divertiram-se por uma ou duas horas alvejando-o com suas próprias pistolas e fuzis, um privilégio que ele lhes concedeu em troca de uma pequena contribuição. Um francês de nome Longlois fez fogo simultaneamente por cinco vezes, e as bocas das armas não estavam a mais de duas jardas do peito do feiticeiro. Em todas as vezes, simultaneamente à chama da detonação via-se a bala aparecer na boca da arma, tremer no ar e, então, depois de descrever uma pequena parábola, cair inofensivamente no solo. Um alemão do grupo, que estava em busca de penas de avestruz, ofereceu cinco francos ao mágico se ele lhe permitisse alvejá-lo com o fuzil tocando-lhe o corpo. O homem recusou em princípio; mas finalmente, depois de ter uma espécie de colóquio com alguém sob a terra, consentiu. O experimentador carregou cuidadosamente a arma e, pressionou a boca da arma contra o corpo do feiticeiro, depois de um momento de hesitação, atirou (...) o cano rebentou-se em fragmentos, assim como a coroa, e o homem saiu ileso.

Esse poder de invulnerabilidade pode ser concedido às pessoas pelos adeptos vivos e pelos espíritos. Em nosso próprio tempo, vários médiuns bem-conhecidos, na presença das mais respeitáveis testemunhas, não apenas seguraram pedaços de carvão e de fato colocaram seus rostos sobre o fogo sem chamuscar um cabelo.

Esse poder, que permite uma pessoa comprimir o Fluido Astral de modo a formar uma concha impenetrável sobre alguém, pode ser utilizado para dirigir, por assim dizer, um jato do fluido contra um dado objeto, com uma força fatal. Muitas vinganças tenebrosas foram praticadas dessa maneira; e em tais casos, os inquiridos dos magistrados jamais descobriram outra coisa que não uma morte súbita, consequência, aparentemente, de uma doença do coração, de um ataque apoplético, ou de alguma outra causa natural, mas não verdadeira.

Encantamentos de pássaros através da força de vontade

Em 1.864, na província francesa de Var, próximo à pequena aldeia de Brignoles, vivia um camponês de nome Jacques Péliissier, que ganhava a vida matando pássaros apenas por meio da força de vontade. Seu caso é relatado pelo conhecido Dr. H. D. d'Alger, a pedido de quem o singular caçador exibiu para vários cientistas o seu método. A história é narrada como segue: "A cerca de quinze ou vinte pés de nós vi uma encantadora calhandra, que mostrei a Jacques. 'Olha-a bem, monsieur', disse ele, 'ela é minha'. Estendendo em seguida a mão direita para o pássaro, aproximou-se dele gentilmente. A calhandra pára, levanta e baixa a sua bela cabeça, bate as asas mas não pode voar; enfim, ela não pode mover-se e se deixa apanhar agitando as asas com um leve alvoroço. Examino o pássaro; seus olhos estão inteiramente fechados e seu corpo tem uma rigidez cadavérica, embora as pulsações do coração sejam bastantes audíveis; é um verdadeiro sono cataléptico, e todo o fenômeno prova incontestavelmente uma ação magnética. Quatorze pequenos pássaros foram presos dessa maneira, no espaço de uma hora; nenhum pôde resistir ao poder de mestre Jacques, e todos apresentavam o mesmo sono cataléptico; uma sono que, ademais, termina à vontade do caçador, de quem esses pequenos pássaros se tinham tornado humildes escravos.

"Pedi talvez uma centena de vezes a Jacques que devolvesse vida e movimento aos seus prisioneiros, que os encantasse apenas pela metade, de modo que eles pudessem saltitar pelo solo, e então que os subjugasse de novo completamente sob o encantamento. Todos os meus pedidos foram cumpridos à risca, e nenhuma falha foi cometida por esse extraordinário Nemrond, que finalmente me disse: 'Se desejares, matarei aqueles que me indicares, sem tocá-los'. Indiquei dois pássaros para a experiência e, a vinte e cinco ou trinta passos de distância, ele cumpriu em menos de cinco minutos o que havia prometido".

O traço mais curioso do caso em questão é que Jacques tinha completo poder sobre pardais, toldos, pintassilgos e calhandras; ele encantava às vezes as cotovias, mas, como diz ele, "elas me escapam em frequência".

Esse mesmo poder é exercido com maior força pelas pessoas conhecidas como domadores de feras selvagens. Nas margens do Nilo, alguns nativos podem encantar os crocodilos para fora da água com um assobio peculiarmente melodioso e doce, e agarrá-los impunemente, ao passo que outros possuem tais poderes sobre as serpentes mais mortais. Os viajantes contam que viram os encantadores cercados por bandos de répteis de que eles se desembaraçam à vontade.

Vimos na Índia uma pequena confraria de faquires reunidos em torno de um pequeno lago, ou antes de um profundo poço de água, cujo fundo estava literalmente atapetado de enormes crocodilos. Esses monstros anfíbios rastejam para fora da água e vêm aquecer-se ao Sol, a poucos pés dos faquires, alguns dos quais podem estar imóveis, perdidos na oração e na contemplação. Enquanto um desses santos mendicantes está à vista, os crocodilos são tão inofensivos quanto os gatos domésticos. Mas jamais aconselharíamos a um estrangeiro que se arriscasse a aproximar-se sozinho umas poucas jardas desses monstros. O pobre francês Pradin encontrou uma cova prematura num desses terríveis sáurios, comumente chamados pelos hindus de mudalai.

Fenômenos de animação de estátuas. A matéria - cópia de idéias abstratas

Quando Jâmblico, Heródoto, Plínio ou algum outro escritor falam de sacerdotes que faziam as áspides descenderem do altar de Ísis, ou de taumaturgos que domavam com um olhar os animais mais ferozes, eles passaram por mentirosos ou imbecis ignorantes. Quando os viajantes modernos nos contam as mesmas maravilhas realizadas no Oriente, eles são tratados como tagarelas entusiastas ou como escritores pouco dignos de fé.

O homem possui verdadeiramente uma tal poder, como vimos nos exemplos acima referidos. Quando a Psicologia e a Fisiologia se tornarem dignas do nome de ciências, os europeus convencer-se-ão do poder estranho e formidável que existe na vontade e na imaginação humana, seja ela exercida conscientemente ou não. E no entanto, como seria fácil realizar tal poder do espírito, se apenas pensássemos nesse grande turismo natural de que o átomo mais insignificante da Natureza é movido pelo espírito, que é uno em sua essência, pois a menor partícula dele representa o todo; e de que a matéria é, afinal, apenas a cópia concreta das idéias abstratas. A esse respeito, citemos alguns poucos exemplos do poder imperativo da vontade, ainda que inconsciente, de criar de acordo com a imaginação, ou antes pela faculdade de discernir imagens na luz astral.

Basta apenas lembrar o fenômeno muito familiar dos stimata, os sinais de nascença, em que os efeitos são produzidos pela ação involuntária da imaginação materna sob um estado de excitação. O fato de que a mãe pode controlar a aparência da criança por nascer era tão bem conhecido entre os antigos que os gregos abonados tinham o costume de colocar belas estátuas junto ao leito, para que a mãe tivesse constantemente um modelo perfeito diante dos olhos.

O poder da imaginação sobre a nossa condição física, mesmo depois de chegarmos à maturidade, demonstra-se de muitas maneiras. Na Medicina, o médico inteligente não hesita em atribuí-lo a um poder curativo ou morbífico mais poderoso que as suas pílulas e poções. Ele o chama de *vis medicatrix naturae*, e seu primeiro objetivo é ganhar a confiança de seu paciente de modo tão completo que ele possa fazer a natureza extirpar a doença. O medo mata com frequência; e a dor tem um tal poder sobre os fluidos sutis do corpo que ela não apenas desregula os órgãos internos mas também embranquece os cabelos.

Da gestação do óvulo humano

Qual é a forma primitiva do futuro homem? Um grão, um corpúsculo, dizem alguns fisiologistas; uma molécula, um óvulo, dizem outros. Se pudéssemos analisá-lo - por meio do espectroscópio (instrumento para formar e analisar visualmente o espectro ótico de um corpo.) ou de outra maneira -, de que deveríamos esperar vê-lo composto? Analogicamente, poderíamos dizer, de um núcleo de matéria inorgânica, depositada pela circulação na matéria organizada do germe ovário. Em outras palavras, este núcleo infinitesimal do futuro homem é composto dos mesmos elementos que uma pedra - dos mesmos elementos que a terra, que o homem está destinado a habitar. Moisés é citado pelo cabalista como uma

autoridade devido à sua observação de que a terra e a água são necessárias para um ser vivo, e portanto pode-se dizer que o homem surge primeiro como uma pedra.

Ao cabo de três ou quatro semanas, o óvulo assumiu as feições de uma planta, tendo uma extremidade se tornando esferoidal e a outra, cônica, como uma cenoura. Na dissecação, descobre-se que ele é formado, como a cebola, de lâminas ou películas muito delicadas que encerram um líquido. As lâminas se estreitam na extremidade inferior, e o embrião pende da raiz do umbigo como uma fruta do ramo. A pedra transformou-se agora, pela metempsicose, numa planta. A criatura embrionária começa então a projetar, de dentro para fora, os membros, e a desenvolver as suas feições. Os olhos são visíveis como dois pontos negros; as orelhas e a boca formam depressões, como os pontos de um abacaxi, antes de começarem a projetar-se. O embrião desenvolve-se num feto semelhante ao animal - na forma de um girino - e, como um réptil anfíbio, vive na água, e desenvolve-se a partir daí. Sua Mônada não se tornou ainda humana ou imortal, pois os cabalistas nos dizem que isso ocorre apenas na "quarta hora". Sucessivamente, o feto assume as características do ser humano, a primeira agitação do sopro imortal passa através de seu ser; ele se move; a Natureza lhe abre caminho; introdu-lo no mundo; e a essência divina estabelece-se no corpo da criança, onde habitará até o momento de sua morte física, quando o homem se torna um espírito.

Este misterioso processo de formação, que dura nove meses, os cabalistas o chamam de conclusão do "ciclo individual de evolução". Assim como o feto se desenvolve do liquor amnii no útero, do mesmo modo os mundos germinam do éter universal, ou fluído astral, no útero do universo. Essas crianças cósmicas, como os seus habitantes pigmeus, são inicialmente núcleos; depois óvulos; depois amadurecem gradualmente, e se tornam mães por sua vez, desenvolvem formas minerais, vegetais, animais e humanas. Do centro à circunferência, da vesícula imperceptível aos últimos limites concebíveis do cosmos, esses gloriosos pensadores, os cabalistas, seguem os traços dos ciclos que emergem dos ciclos, que contêm e são contidos em séries sem fim. Desenvolvendo-se o embrião em sua esfera pré-natal, o indivíduo em sua família, a família no Estado, o Estado na Humanidade, a Terra em nosso sistema, este sistema no universo central, o universo no cosmo, e o cosmo na Primeira Causa: - o Infinito e o Eterno. Assim caminha a sua filosofia da evolução:

"Todos são parte de um Todo Admirável, cujo corpo é a Natureza; e Deus, a Alma".

"Mundos incontáveis repousam em seu regaço como crianças".

Para um estudante de filosofia oculta, que rejeita por sua vez o método de indução por causa dessas perpétuas limitações, e adota plenamente a divisão platônica de causas - a saber, a eficiente, a formal, a material e a final, assim como o método eleático de examinar qualquer proposição dada, é simplesmente natural raciocinar do seguinte ponto de vista da escola neoplatônica: 1º) O sujeito é ou não é como se supõe. Portanto, perguntamos: O éter universal, conhecido pelos cabalistas como "luz astral", contém eletricidade e magnetismo, ou não? A resposta deve ser afirmativa, pois a própria "ciência exata" nos ensina que entre esses dois agentes conversíveis que saturam o ar e a terra há uma constante troca de eletricidade e magnetismo. Resolvida a questão n.º 1, teremos que examinar o que acontece - 1º) a ela em relação a si. 2º) a ela em relação a todas as outras coisas. 3º) a todas as outras coisas, em relação a ela. 4º) a todas as outras coisas em relação a si mesmas.

RESPOSTAS:

1º) Em relação a si. As propriedades inertes previamente latentes na eletricidade tornam-se ativas sob condições favoráveis; e num dado momento a forma magnética é dotada pelo agente sutil e penetrante; e num outro, a forma da força elétrica é adotada.

2º) Em relação a todas as outras coisas. Ela é atraída por todas as outras coisas com as quais tem alguma afinidade, e repelida pelas demais.

3º) A todas as coisas em relação a ela. Ocorre que todas as vezes em que entram em contato com a eletricidade, elas recebem a impressão desta na proporção de sua condutividade.

4º) A todas as outras coisas em relação a si mesmas. Sob o impulso recebido da força elétrica, e proporcionalmente à sua molécula mudam as relações entre si; elas se separam forçosamente de modo a destruir o objeto que formam - orgânico ou inorgânico - ou, se anteriormente perturbadas, são postas em equilíbrio (como nos casos de doença); ou a perturbação pode ser apenas superficial, e o objeto pode ser impresso com a imagem de algum outro objeto encontrado pelo fluído antes de atingi-lo.

Para aplicar as propriedades acima ao caso em questão: Há diversos princípios bem-reconhecidos da ciência, como, por exemplo, e de que uma mulher grávida está física e mentalmente num estado de facilmente se sugestionar. A Fisiologia diz-nos que as suas faculdades intelectuais estão enfraquecidas, e que ela é afetada num grau incomum pelos eventos mais corriqueiros. Seus poros estão abertos e ela exsuda uma respiração cutânea peculiar; ela parece estar num estado receptivo e todas as influências da Natureza. Os discípulos de Reichenbach afirmam que o seu estado ódico é muito intenso. Du Potet recomenda tomar-se precaução ao mesmerizá-la, pois teme que se lhe afete a criança. As doenças da mãe a atingem, e ela com frequência as absolve inteiramente; os sofrimentos e prazeres daquela regem sobre o seu temperamento, assim como sobre a sua saúde; grandes homens têm proverbialmente grandes mães, e vice-versa. "É verdade que a imaginação da mãe tem uma influência sobre o feto", admite Magendie, contradizendo assim o que afirma em outro lugar; e ele acrescenta que "o terror súbito pode causar a morte do feto, ou retardar o seu crescimento".

Éliphas Lévi, que é certamente dentre os cabalistas uma das maiores autoridades sobre certos assuntos, diz: "As mulheres grávidas estão, mais do que as outras, sob a influência da luz astral, que concorre para a formação das suas crianças, e lhes apresenta constantemente as reminiscências de formas de que estão repletas. É assim que mulheres muito virtuosas enganam a malignidade dos observadores por semelhanças equivocadas. Elas imprimem com frequência sobre o fruto de seu casamento uma imagem que as arrebatou num sonho, e assim as mesmas fisionomias se perpetuam de geração a geração".

"A utilização cabalística do pentagrama pode por consequência, determinar a fisionomia das crianças por nascer, e uma mulher iniciada poderia dar ao seu filho os traços de Nereu ou Aquiles, assim como os de Luiz XV ou Napoleão".

Conceitos sobre a imaginação - o poder da mente sobre a matéria

Que é imaginação? Os psicólogos nos dizem que é o poder plástico e criativo da alma; mas os materialistas a confundem com a fantasia. A diferença radical entre as duas foi no entanto tão claramente indicada por Wordsworth, no prefácio às suas *Lyrical Ballads*, que não se tem mais escusas para confundir as palavras. Pitágoras sustenta que a imaginação era a lembrança de estados espirituais, mentais e físicos anteriores, a passo que a fantasia é a produção desordenada do cérebro material.

Seja qual for a maneira pela qual encaremos e estudemos o assunto, a antiga filosofia que ensina que o mundo foi vivificado e fecundado pela idéia eterna, pela imaginação - o esboço abstrato e a preparação do modelo para a forma concreta - é inevitável. Se rejeitamos esta doutrina, a teoria de um cosmos que se desenvolve gradualmente a partir da desordem caótica, torna-se um absurdo, pois é altamente antifilosófico imaginar que a matéria inerte, movida exclusivamente pela força cega, e dirigida pela inteligência, se transforma espontaneamente num universo de harmonia tão admirável. Se a alma do homem é realmente uma emanção da essência dessa alma universal, um fragmento infinitesimal desse primeiro princípio criador, ela deve, necessariamente, participar em certo grau de todos os atributos do poder Demiúrgico. (Demiúrgico supremo poder que constitui o Universo.) Assim como o criador, que fraciona a massa caótica do morto, a matéria inativa, dando-lhes forma, também o homem, se conhecesse os seus poderes, poderia em certa medida, fazer o mesmo. Como Fídias, reunindo as partículas esparsas de argila e umedecendo-as com água, podia dar forma plástica à idéia sublime evocada por sua faculdade criativa, assim também a mãe que conhece o seu próprio poder pode dar à criança por nascer a forma que deseje. Ignorando seus poderes, o escultor produz apenas uma figura inanimada, embora encantadora, de matéria inerte; ao passo que a alma da mãe, violentamente afetada pela sua imaginação, projeta cegamente na luz astral uma imagem do objeto que a impressionou e que, por repercussão, se imprime sobre o feto. A ciência nos diz que a lei da gravitação assegura que qualquer deslocamento que ocorre no próprio coração da Terra é sentido por todo o universo, "e podemos imaginar que o mesmo fenômeno se produz em todos os movimentos moleculares que acompanham o pensamento". Falando a respeito da transmissão de energia através do éter universal ou luz astral, a mesma autoridade diz: "As fotografias contínuas de todos os acontecimentos são assim produzidas e conservadas. Uma grande porção de energia do universo é assim empregada em tais imagens.

Segundo Demócrito, a alma resulta da agregação de átomos, e Plutarco descreve a sua filosofia da seguinte maneira: "Existe um número infinito de substâncias, indivisíveis, sem diferenças entre si, sem qualidades, e que se movem no espaço, onde estão disseminadas; quando elas se aproximam de outras, se unem, se entrelaçam e formam, por sua agregação, a água, o fogo, uma planta ou um homem. Todas essas substâncias, que ele chama de átomos em razão de sua solidez, não podem experimentar mudanças ou

alteração. Mas, "acrescenta Plutarco", "não podemos fazer uma cor do que é incolor, nem uma substância ou alma do que não tem alma e qualidade". O Prof. Balfour Stewart diz que, apoiado nesta doutrina, John Dálmton, "permitiu à mente humana compreender as leis que regulam as mudanças químicas, assim como representar para si o que nelas ocorre". Depois de citar, com aprovação, a idéia de Bacon segundo a qual os homens investigam perpetuamente os limites extremos da Natureza, ele edifica então uma regra pela qual ele e seus colegas filósofos em verdade deveriam pautar o seu comportamento. "Deveríamos", diz ele, "ser muito prudentes antes de abandonar qualquer ramo do conhecimento ou exercício do pensamento como inúteis".

A destruição da Biblioteca de Alexandria

Tal é a convicção que procuramos despertar em nossos lógicos e físicos. Como diz o próprio Stuart Mill, "não podemos admitir uma proposição como uma lei da Natureza, e no entanto acreditar num fato em real contradição com ela. Devemos negar o fato alegado, ou concordar em que erramos ao admitir a suposta lei". Hume cita a "firme e inalterável experiência" da Humanidade, que estabelece as leis cuja operação torna os milagres ipso facto impossíveis. A dificuldade está na sua maneira de utilizar o adjetivo em itálico (inalterável), pois tal teoria supõe que a nossa experiência jamais mudará, e que, como consequência, teremos sempre as mesmas experiências e observações em que basear o nosso julgamento. Ela supõe também que todos os filósofos terão os mesmos fatos sobre os quais refletir. Ela também ignora inteiramente os relatos de experiências filosóficas e descobertas científicas de que fomos temporariamente privados. Assim, devido ao incêndio da Biblioteca de Alexandria e à destruição de Nínive, o mundo foi privado, durante muitos séculos, dos dados necessários para se avaliar o verdadeiro conhecimento, esotérico e exotérico, dos Antigos. Mas, nestes últimos anos, a descoberta da pedra da Rosetta, os papiros de Ebers, d'Áubigney e outros, e a exumação das bibliotecas de placas abriram um campo de pesquisa arqueológica que levará provavelmente a modificações radicais nesta "firme e inalterável experiência".

Ísis Sem Véu - Capítulo XII

Capítulo XII

O abismo impenetrável. O instinto nas manifestações da natureza

O instinto do índio blackfoot de Macaulay é mais digno de fé do que a razão mais instruída e desenvolvida no que concerne ao sentido interior do homem que lhe assegura a sua imortalidade. O instinto é o dote universal da Natureza conferido pelo Espírito da própria Divindade; a Razão, o lento desenvolvimento de nossa constituição física, é uma evolução de nosso cérebro material adulto. O instinto, tal uma centelha divina, esconde-se no centro nervoso inconsciente dos moluscos ascidiáceos e manifesta-se no primeiro estágio de ação do seu sistema nervoso numa forma que o fisiólogo denomina ação reflexa. Ele existe nas classes mais inferiores dos animais acéfalos, bem como naqueles que têm cabeças distintas; cresce e se desenvolve de acordo com a lei da evolução dupla, física e espiritual; e, entrando no seu estágio consciente de desenvolvimento e de progresso nas espécies céfálicas já dotadas de sensorio e de gânglios simetricamente distribuídos, esta ação reflexa - que os homens de ciência denominam automática, como nas espécies inferiores, ou de instintiva, como nos organismos mais complexos que agem sob a influência do sensorio e do estímulo que se origina de sensação distinta - é sempre uma e a mesma coisa. É o instinto divino em seu progresso incessante de desenvolvimento. Esse instinto dos animais, que agem a partir do momento do seu nascimento nos limites prescritos para cada um pela Natureza e que sabem como, exceto em caso de acidente que procede de um instinto superior ao seu, preservá-los infalivelmente - esse instinto pode, se quiser uma definição exata, ser chamado de automático; mas ele deve ter, no interior do animal que o possui, ou fora dele, a inteligência de qualquer coisa ou de alguém para o guiar.

Essa crença, ao contrario, em vez de se chocar com a doutrina da evolução e do desenvolvimento gradual defendida pelos homens eminentes da nossa época, simplifica-se e completa-a. Ela prescinde de uma criação especial para cada espécie; pois, onde o primeiro lugar deve ser dado ao espírito informe, a forma e a substância material são de importância secundária. Cada espécie aperfeiçoada na evolução física apenas oferece mais campo de ação à inteligência dirigente para que ela aja no interior do sistema nervoso melhorado. O artista extrairá melhor as suas ondas de harmonia de um Érar real do que o

conseguiria de uma espineta do século XVI. Por isso, fosse esse impulso instintivo impresso diretamente sobre o sistema nervoso do primeiro inseto, ou cada espécie o tivesse desenvolvido em si mesma instintivamente por imitação dos atos dos seus semelhantes, como o pretende a doutrina mais aperfeiçoada de Herbert Spencer, isso pouco importa para o assunto de que tratamos. A questão diz respeito apenas à evolução espiritual. E se rejeitamos essa hipótese como acientífica e não-demonstrada, então o aspeto físico da evolução também cairá por terra por sua vez, porque uma é tão não-demonstrada quanto o outro e a intuição espiritual do homem não está autorizada a concatenar os dois, sob o pretexto de que ela seja "Não-filosófica". Desejemo-lo ou não, teremos de volta à velha dúvida dos Banqueteadores de Plutarco de saber se foi o pássaro ou se foi o ovo que primeiro fez a sua aparição no mundo.

Agora que a autoridade de Aristóteles está estremecida em seus fundamentos pela de Platão e que os nossos homens de ciência recusam toda autoridade - não, odeiam-na, exceto a sua própria; agora que a estima geral da sabedoria humana coletiva está no seu nível mais baixo - a Humanidade, encabeçada pela própria ciência, deve ainda retornar inevitavelmente ao ponto de partida das filosofias mais antigas. Nossa maneira de ver está perfeitamente expressa por um dos redatores da *Popular Science Monthly*. "Os deuses das seitas e dos cultos", diz Osgood Mason, "talvez estejam frustrados com o respeito a que estão acostumados, mas, ao mesmo tempo, está demonstrado no mundo, com uma luz doce e mais serena, a concepção, tão imperfeita quanto ainda possa ser, de uma alma consciente, originadora de coisas, ativa e que tudo penetra - a 'Super-alma', a Causa, a Divindade; não-revelada pela forma humana ou pela palavra, mas que preenche e inspira toda alma vivente no vasto universo de acordo com as suas medidas; cujo templo é a Natureza e cuja adoração é a admiração." Isto é puro platonismo, Budismo, e as idéias exaltadas mas justas dos primeiros arianos em sua deificação da Natureza. E tal é a expressão do pensamento fundamental de todo teósofo, cabalista e ocultista em geral; e, se a compararmos com a citação de Hipócrates, que demos acima, encontramos nela exatamente o mesmo pensamento e o mesmo espírito.

A criança carece de razão, pois que esta ainda está latente nela; e, durante esse tempo, ela é inferior ao animal em relação aos instinto propriamente dito. Ela há de se queimar e de se afogar antes de aprender que o fogo e a água destroem e constituem perigo para ela, ao passo que o gatinho evitará ambos instintivamente. O pouco de instinto que a criança possui extingue-se à medida que a razão, passo a passo, se desenvolve. Poder-se-ia objetar, talvez, que o instinto não pode ser um dom espiritual, porque os animais o possuem em grau superior ao do homem, e os animais não têm alma. Tal é errônea e está baseada em fundamentos muito pouco seguros. Ela provém do fato de que a natureza interior do animal pode ser ainda menos sondada do que a do homem, que é dotado de fala e nos pode exibir os seus poderes psicológicos.

Mas que outras provas, senão as negativas, temos nós de que o animal não possui uma alma que lhe sobreviva, ou que não seja imortal? No terreno estritamente científico, podemos aduzir tanto argumentos a favor quanto contra. Para dizê-lo mais claramente, nem o animal oferece prova alguma a favor da sobrevivência, ou mesmo contra ela, de suas almas após a morte. E do ponto de vista da experiência científica é impossível colocar aquilo que não tem existência objetiva no domínio de uma lei exata da ciência. Mas Descartes e Du Bois-Reymond esgotaram as suas imaginações sobre este assunto e Agassiz não pôde conceber a idéia de uma existência futura que não fosse partilhada pelos animais e mesmo pelo reino vegetal que nos cerca.

A primeira causa eterna

Os filósofos esotéricos professavam que tudo na Natureza é apenas uma materialização do espírito. A Primeira Causa eterna é espírito latente, disseram eles, e matéria desde o começo. "No princípio era o verbo (...) e o verbo era Deus." Admitindo sempre que essa idéia de um Deus é uma abstração impensável para a razão humana, pretendiam eles que o instinto humano infalível dela se apoderasse como uma reminiscência de algo concreto para ele, embora fosse intangível para os nossos sentidos físicos. Com a primeira idéia, que emanou da Divindade bissexual e até então inativa, o primeiro movimento foi comunicado a todo o universo e a vibração elétrica foi instantaneamente sentida através do espaço sem fim. O espírito engendrou a força e a força, a matéria; e assim a divindade latente manifestou-se como uma energia criadora.

Quando, em que momento da eternidade, ou como? Essas questões ficarão sempre sem resposta, pois a razão humana é incapaz de compreender o grande mistério. Mas, embora o espírito-matéria tenha

existido desde a eternidade, ele existia em estado latente; a evolução de nosso universo visível deve ter tido um começo. Para o nosso fraco intelecto, esse começo pode nos parecer ser tão remoto, que nos cause o efeito da própria eternidade - um período que não pode ser expresso em cifras ou palavras. Aristóteles concluiu que o mundo era eterno e que ele será sempre o mesmo que uma geração de homens sempre produziu uma outra, sem que jamais o nosso intelecto pudesse ter determinado um começo para tal coisa. Nisso, o seu ensinamento, em seu sentido exotérico, choca-se com o de Platão, que ensinava que "houve um tempo em que a Humanidade não se perpetuou"; mas ambas as doutrinas concordam em espírito, pois Platão acrescenta logo em seguida: "Seguiu-se a raça humana terrestre, em que a história primitiva foi gradualmente esquecida e o homem desceu cada vez mais baixo"; e Aristóteles diz: "Se houve um primeiro homem, ele deve ter nascido sem pai e sem mãe - o que repugna à Natureza. Pois não teria existido um primeiro ovo que desse nascimento aos pássaros, ou teria havido um primeiro pássaro que desse nascimento aos ovos; pois um pássaro provém de um ovo". Considerou que a mesma coisa fosse válida para todas as espécies, acreditando, com Platão, que tudo, antes de aparecer sobre a Terra, existiu primeiramente em espírito.

O mistério da primeira criação, que sempre foi o desespero da ciência, é indevassável, a menos que aceitemos a doutrina dos herméticos. Embora a matéria seja coeterna como o espírito, essa matéria não é certamente a nossa matéria visível, tangível e divisível, mas a sua sublimação extrema. O espírito puro é apenas um degrau superior. A menos que admitamos que o homem se tenha desenvolvido desse espírito-matéria primordial, como podemos chegar a uma hipótese razoável quanto à gênese dos seres animados? Darwin inicia a evolução das espécies desde o organismo ínfimo até o homem. O seu único erro deve ser o de aplicar o seu sistema a um fim errado. Pudessemos ele conduzir a sua pesquisa do universo visível para o invisível, ele estaria no caminho certo. Mas, então, ele estaria seguindo os passos dos herméticos.

Da dualidade da alma e suas manifestações

Aristóteles, em sua dedução filosófica Sobre os sonhos, mostra claramente essa doutrina da alma dupla, ou alma e espírito. "É necessário averiguar em que porção da alma aparecem os sonhos", diz ele. Todos os gregos antigos acreditavam não só que uma alma dupla, mas até mesmo que uma alma tripla existisse no homem. E até Homero denomina de, a alma animal, ou a alma astral, que o Sr. Draper chama de "espírito", de alma divina - termo com que Platão também designava o espírito superior.

Os jainistas hindus concebem que a alma, que eles chamam de Jīva, está unida desde a eternidade a dois corpos etéreos sublimados, um dos quais é invariável e consiste dos poderes divinos da mente superior; o outro é variável e composto das paixões grosseiras do homem, das suas afeições sensuais e dos atributos terrestres. Quando a alma se torna purificada após a morte, ela encontra o seu Vaikārika, ou espírito divino, e se torna um deus. Os seguidores dos Vedas, os brâmanes sábios, explicam a mesma doutrina no Vedanta. De acordo com o seu ensinamento, a alma, enquanto uma porção do espírito universal divino ou mente imaterial é capaz de se unir à essência da sua Entidade superior. O ensinamento é explícito; a Vedanta afirma que todo aquele que obtém o completo conhecimento de seu deus se torna uma deus, embora esteja em seu corpo mental, e adquire supremacia sobre todas as coisas.

Citando da teologia védica a estrofe que diz que "Existe, na verdade, apenas uma Divindade, o Espírito Supremo; ele é da mesma natureza que a alma do homem", o Sr. Draper quer provar que as doutrinas budistas chegaram à Europa oriental por meio de Aristóteles. Acreditamos que esta asserção é inadmissível, pois Pitágoras, e Platão depois dele, ensinaram-na bem antes de Aristóteles. Se, por conseguinte, os platônicos posteriores aceitaram em sua dialética os argumentos aristotélicos sobre a emanção, isto só aconteceu porque as suas idéias coincidiam em algum aspecto com as dos filósofos orientais. O número pitagórico da harmonia e as doutrinas esotéricas de Platão sobre a criação são inseparáveis da doutrina budista da emanção; e o grande objetivo da Filosofia Pitagórica, a saber, libertar a alma astral dos laços da matéria e dos sentidos e torná-la, assim apta à contemplação eterna das coisas, é uma teoria idêntica à doutrina budista da absolvição final. É o Nirvana, interpretado em seu sentido correto; uma doutrina metafísica que os nossos eruditos sânscritos modernos mal começaram a entrever.

A "doutrina esotérica" não concede a todos os homens, por igual, as mesmas condições de imortalidade. "O olho nunca veria o Sol se ele não fosse da mesma natureza do Sol", disse Plotino. Só "por meio da pureza e da castidade superiores nós nos aproximaremos de Deus e receberemos, na contemplação d'Ele, o conhecimento verdadeiro e a intuição escreve Porfírio. Se a alma humana se descuidou durante a sua vida terrena de receber a iluminação de seu espírito divino, do Deus interno, não sobreviverá longo tempo a entidade astral à morte do corpo físico. Do mesmo modo que um mostro

deformado morre logo após o seu nascimento, assim, também, a alma astral grosseira e materializada em excesso se desagrega logo depois de nascida no mundo suprafísico fica abandonada pela alma, pelo glorioso Augoeides. As suas partículas, que obedecem gradualmente à atração desorganizadora do espaço universal, escapam finalmente para fora de toda possibilidade de reagregação. Por ocasião da ocorrência de tal catástrofe, o indivíduo deixa de existir. Durante o período intermediário entre a sua morte corporal e a desintegração de forma astral, esta, limitada pela atração magnética ao seu cadáver horripilante, vagueia ao redor das suas vítimas e suga delas a sua vitalidade. O homem, tendo-se subtraído a todos os raios de luz divina, perde-se na escuridão e, em consequência, apega-se à Terra e a tudo o que é terreno.

Nenhuma alma astral, mesmo a de um homem puro, bom e virtuoso, é imortal no sentido estrito da palavra; "dos elementos ela foi formada - aos elementos deve voltar". Mas, ao passo que a alma do iníquo é absolvida sem redenção, a de qualquer outra pessoa, mesmo modernamente pura, simplesmente troca as suas partículas etéreas por outras ainda mais etéreas; e, enquanto permanecer nela uma centelha do Divino, o homem individual, ou antes o seu Ego pessoal, não morrerá. "Após a morte", diz Proclo, "a alma [o espírito] continua a permanecer no corpo aéreo [forma astral], até que esteja completamente purificado de todas as paixões irritáveis e voluptuosas (...) ela se livra então do corpo aéreo por uma segunda morte, como já o fizera com o seu corpo terrestre. É assim que os antigos dizem que existe um corpo celestial sempre unido à alma e que é imortal, luminoso e da natureza da estrela."

Instinto e a razão - explicados pelos antigos

Do Instinto e da Razão. De acordo com os antigos, a Razão procede do divino; o Instinto do puramente humano. O segundo (o instinto) é um produto dos sentidos, uma sagacidade compartilhada com os animais mais inferiores, mesmo aqueles que não têm razão; o outro (a razão) é o produto das faculdades reflexivas, que denota a judiciosidade e a intelectualidade humanas. Em consequência, um animal desprovido de poderes de raciocínio tem, no instinto inerente ao seu ser, uma faculdade infalível que é apenas uma centelha do divino que reside em cada partícula de matéria inorgânica - próprio espírito materializado. Na Cabala judaica, o segundo e o terceiro capítulo do Gênesis são explicados da seguinte maneira: Quando o segundo Adão foi criado "do pó", a matéria tornou-se tão grosseira, que ela reina como soberana. Dos seus desejos emanou a mulher, e Lilith possuía a melhor parte do espírito. O Senhor Deus, "passeando no Éden no frescor do dia" (o crepúsculo do espírito, ou a Luz Divina obscurecida pela sombra da matéria), amaldiçoou não só aqueles que cometeram o pecado, mas também o próprio solo e todas as coisas vivas - a tentadora serpente-matéria acima de tudo.

Quem, a não ser os cabalistas, é capaz de explicar este aparente ato de injustiça? Como devemos compreender esta maldição de todas as coisas criadas, inocentes de todo crime? A alegoria é evidente. A maldição é inerente à própria matéria. Segue-se que ela está condenada a lutar contra a sua própria grosseria para conseguir a purificação; a centelha latente do espírito divino, embora asfixiada, ainda permanece; e a sua invencível atração ascensional obriga-a a lutar com dor e com suor a fim de se libertar. A lógica nos mostra que, assim como toda matéria teve uma origem comum, ela deve ter atributos comuns e que, assim como a centelha vital e divina encontra-se no corpo material do homem, também ela deve estar em cada espécie subordinada. A mentalidade latente, que, nos reinos inferiores, é considerada semiconsciência, consciência e instinto, é enormemente moderada no homem. A razão, produto do cérebro físico, desenvolve às expensas do instinto a vaga reminiscência de uma onisciência outrora divina - o espírito. A razão, símbolo da soberania do homem físico sobre os outros organismos físicos, é freqüentemente rebaixada pelo instinto do animal. Como o seu cérebro é mais perfeito do que o de qualquer outra criatura, as suas emanações devem naturalmente produzir os resultados superiores da ação mental; mas a razão serve apenas para a consideração das coisas materiais; ela é incapaz de auxiliar o seu possuidor no conhecimento do espírito. Perdendo o instinto, o homem perde os seus poderes intuitivos, que são o coroamento e o ponto culminante do instinto. A razão é a arma grosseira dos cientistas - a intuição, o guia infalível do vidente. O instinto ensina à planta e ao animal o tempo propício para a procriação das suas espécies e guia a fera na procura do remédio apropriado na hora da doença. A razão - orgulho do homem - fracassa no reprimir as propensões da sua matéria e não tolera nenhum obstáculo à satisfação ilimitada dos seus sentidos. Longe de levá-lo a ser o seu próprio médico, a sua sofisticação sutil leva-o muito freqüentemente à sua própria destruição.

Como tudo o mais que tem origem nos mistérios psicológicos, o instinto foi durante muito tempo negligenciado no domínio da ciência. "Vemos o que indicou ao homem o caminho para ele encontrar um alívio para todos os seus sofrimentos físicos", diz Hipócrates. "É o instinto das raças primitivas, quando a razão fria ainda não havia obscurecido a visão interior do homem. (...) A sua indicação jamais deve ser

desdenhada, pois é apenas ao instinto que devemos os nossos primeiros remédios". Cognição instantânea e infalível de uma mente onisciente, o instinto é em tudo diferente da razão finita; e, no progresso experimental desta, a natureza divina do homem é amiúde completamente tragada quando ele renuncia à luz divina da intuição. Uma se arrasta, a outra voa; a razão é o poder do homem; a intuição, a presciência da mulher!

Plotino, discípulo do grande Ammonius Saccas, o principal fundador da escola neoplatônica, ensinou que o conhecimento humano tinha três degraus ascendentes: opinião, ciência e iluminação. Explicou-o dizendo que "o meio ou instrumento da opinião é o sentido, ou a percepção; o da ciência, a dialética; o da iluminação, a intuição [ou o instinto divino]. A esta última subordina-se a razão; ela é o conhecimento abstrato fundado na identificação da mente com o objeto conhecido".

Comparações entre a prece, o desejo e a vontade. O mesmerismo e o espiritismo moderno

A prece abre a visão espiritual do homem, pois prece é desejo, e o desejo desenvolve a VONTADE; as emanções magnéticas que precedem do corpo a cada esforço - mental ou físico - produzem a auto-sugestão e o êxtase. Plotino recomendava a solidão para a prece, como o meio mais eficiente de obter o que se pedia; e Platão aconselhava àqueles que oravam "permanecer em silêncio na presença dos seres divinos, até que eles removessem a nuvem de seus olhos e os tornassem aptos a ver graças à luz que sai deles mesmos". Apolônio sempre se isolava dos homens durante a "conversação" que mantinha com Deus e, quando sentia necessidade de contemplação divina ou prece, cobria a cabeça e todo o corpo nas dobras do seu branco manto de lã. "Quanto orares, entra no teu aposento e, após teres fechado a porta, ora a teu Pai em segredo", diz o Nazareno, discípulo dos essênios.

Todo ser humano nasceu com o rudimento de sentido inferior chamado intuição, que pode ser desenvolvido para aquilo que os escoceses conheciam como "segunda visão". Todos os grandes filósofos que, como Plotino, Porfírio e Jâmblico, empregaram esta faculdade ensinaram essa doutrina. "Existe uma faculdade da mente humana", escreve Jâmblico, "que é superior a tudo o que nasce ou é engendrado. Através dela somos capazes de conseguir a união com as inteligências superiores, ser transportados para além das cenas deste mundo e participar da vida superior e dos poderes peculiares dos seres celestiais."

Sem a visão interior ou intuição, os judeus nunca teriam tido a sua Bíblia, nem os cristãos teriam Jesus. O que Moisés e Jesus deram ao mundo foi o fruto de suas intuições ou iluminações; mas os teólogos que os têm sucedido, adulteraram dogmática e muitas vezes blasfemamente a sua verdadeira doutrina.

Aceitar a Bíblia como uma "revelação" e sustentar a fé numa tradução literal é pior do que um absurdo - é uma blasfêmia contra a majestade Divina do "Invisível". Se tivemos de julgar a Divindade e o mundo dos espíritos por aquilo que dizem os seus intérpretes, agora que a Filologia caminha a passos de gigante no campo das religiões comparadas, a crença em Deus e na imortalidade da alma não resistiria por mais um século aos ataques da razão. O que sustenta a fé do homem em Deus e numa vida espiritual vindoura é a intuição; esse produto divino de nosso íntimo que desafia as pantomimas do padre católico romano e os seus ídolos ridículos; as mil e uma cerimônias do brâmane e seus ídolos; e as jeremiadas dos pregadores protestantes e o seu credo desolado e árido, sem ídolos, mas com um inferno sem limites e uma danação esperando ao final de tudo. Não fosse por essa intuição - imortal, embora freqüentemente indecisa por ser obscurecida pela matéria -, a vida humana seria uma paródia e a Humanidade, uma fraude. Esse sentimento inerradicável da presença de alguém do lado de fora e do lado de dentro de nós mesmo é tal, que nenhuma contradição dogmática, nenhuma forma externa de adoração pode destruir na Humanidade, façam os cientistas e o clero o que puderem fazer. Movida por tais pensamentos sobre a infinitude e a impessoalidade da Divindade, Gautama Buddha, o Cristo hindu, exclamou: "Como os quatro rios que se atiram ao Gânges perdem os seus nomes tão logo mesclam as suas águas com as do rio sagrado, assim também todos aqueles que acreditam em Buddha deixaram de ser brâmanes, xátrias, vaixiás e sudras!".

O Velho Testamento foi compilado e organizado segundo a tradição oral; as massas nunca conheceram o seu significado real, pois Moisés recebeu ordem de comunicar as "verdades ocultas" apenas aos velhos de setenta anos sobre os quais o "Senhor" soprava o espírito que pairava sobre o legislador. Maimônides, cuja autoridade e cujo conhecimento da História Sagrada dificilmente podem ser recusados, diz: "Quem quer que encontre o sentido verdadeiro do livro do Gênese deve ter o cuidado de não o divulgar. (...) Se uma pessoa descobrir o seu verdadeiro significado por si mesma, ou com o auxílio de

outra pessoa, ela deve guardar silêncio; ou, se falar dele, deve falar apenas obscuramente e de uma maneira enigmática.

Esta confissão de que está escrito na Escritura Sagrada é apenas uma alegoria foi feita por outras autoridades judias além do Maimônides; pois vemos Josefo declarar que Moisés "filosofou" (falou por enigmas em alegoria figurativa) ao escrever o livro do Gênese. Eis por que a ciência moderna, não se preocupando em decifrar o verdadeiro sentido da Bíblia e permitindo que toda a cristandade acredite na letra morta da teologia judaica, constitui-se tacitamente em cúmplice do clero fanático. Ela não tem o direito de ridicularizar os registros de um povo que nunca os escreveu com a idéia de que eles pudessem receber essa interpretação estranha por parte das mãos de uma religião inimiga. Um dos caracteres mais tristes do Cristianismo é o fato de os seus textos sagrados terem sido dirigidos contra ele e de os ossos dos homens mortos terem sufocado o espírito da verdade!

"Os deuses existem", diz Epicuro, "mas eles não são o que a turba, supõe eles sejam". E, entretanto, Epicuro, julgado como de hábito por críticos superficiais, passa por materialista e é apresentado como tal. Mas nem a grande Primeira Causa, nem a sua emanção - espírito humano, imortal - foram abandonadas "sem um testamento". O Mesmerismo e o Espiritismo moderno estão aí para atestar as grandes verdades. Por cerca de quinze séculos, graças às perseguições brutalmente cegas dos grandes vândalos dos primeiros tempos da história cristã, Constantino e Justiniano, a SABEDORIA antiga degenerou lentamente até mergulhar no pântano mais profundo da superstição monacal e da ignorância. O pitagórico "conhecimento das coisas que são"; a profunda erudição dos gnósticos; os ensinamentos dos grandes filósofos honrados em todo o mundo e em todos os tempos - tudo isto foi rejeitado como doutrinas do Anticristo e do Paganismo e levado às chamas. Com os últimos sete homens sábios do Oriente, o grupo remanescente dos neoplatônicos - Herméias, Priciano, Diógenes, Eulálio, Damácio, Simplício e Isidoro -, que se refugiaram na Pérsia, fugindo das perseguições fanáticas de Justiniano, o reino da sabedoria chegou ao fim.

Fenômenos ocorridos no Tibet

E agora, lembraremos algumas coisas relatadas por viajantes que delas foram testemunhas no Tibete e na Índia e que os nativos guardam como provas práticas das verdades filosóficas e científicas transmitidas por seus ancestrais.

Em primeiro lugar, podemos considerar esse fenômeno notável que se pode contemplar nos tempos do Tibete e cujos relatos foram transidos à Europa por testemunhas oculares que não os missionários católicos - cujo depoimento excluiremos por razões óbvias. No começo do nosso século, um cientista florentino, um céptico e correspondente do Instituto de France, tendo obtido a permissão de penetrar, sob disfarce, nos recintos sagrados de um templo budista em que se celebrava a mais solene de todas as cerimônias, relata os fatos seguintes, que diz ter presenciado. Um altar está preparado no templo para receber o Buddha ressuscitado, encontrado pelo clérigo iniciado e reconhecido por certos sinais secretos como reencarnado num bebê recém-nascido. O bebê, com apenas alguns dias de idade, é trazido à presença do povo e reverentemente colocado sobre o altar. Sentando-se repetidamente, a criança começa a pronunciar em voz alta e viril as seguintes frases: "Eu sou Buddha, eu sou seu espírito; eu, Buddha, vosso Taley-Lama, que abandonei meu corpo velho e decrépito no templo de *** e escolhi o corpo desta criancinha como minha próxima morada terrestre". O nosso cientista, tendo sido finalmente autorizado pelos sacerdotes a tomar, com a devida reverência, a criança em seus braços e levá-la a uma distância dos assistentes, suficiente para se convencer de que não se estava praticando ventriloquismo, a criança olha para o acadêmico com graves olhos que "fazem a sua carne tremer", como ele afirma, e repete as palavras que pronunciara anteriormente. Um relato detalhado dessa aventura, atesta pela assinatura desta testemunha ocular, foi enviado a Paris, mas os membros do Instituto, em vez de aceitarem o depoimento de um observador científico de credulidade reconhecida, concluíram que o florentino, ou estava sob a influência dum ataque de insolação, ou havia sido enganado por um artilheiro de acústica.

Embora, segundo o Sr. Stanislas Julien, tradutor francês dos textos sagrados chineses, exista em verso no Lótus que diz que "Um Buddha é tão difícil de ser encontrado quanto as flores de Udumbara e de Palâsa, se devemos acreditar em muitas testemunhas oculares, esse fenômeno realmente ocorre. Naturalmente a sua ocorrência é rara, pois só acontece na morte de todo grande Taley-Lama; e esses veneráveis cavalheiros vivem proverbialmente vidas muito longas.

O pobre Abade Huc, cujos livros de viagem pelo Tibete e China são bastante conhecidos, relata o mesmo fato da ressurreição de Buddha. Ele acrescenta, ainda, a curiosa circunstância de que o bebê-oráculo provou peremptoriamente ser uma mente velha num corpo jovem fornecendo aos que o inquiriam, "e que o conheceram em sua vida passada, os detalhes mais exatos da sua existência terrena anterior".

Concepções sobre as religiões

A afirmação prudente de Santo Agostinho, um nome favorito das conferências de Max Müller, que diz que "não há nenhuma falsa religião que não contenha alguns elementos de verdade", poderia ainda ser considerada como correta; ainda mais que, longe de ser original para o Bispo de Hipona, foi emprestada por ele das obras de Ammonius Saccas, o grande mestre alexandrino.

Este filósofo "versado em divindade", o theodidaktos, repetira à exaustão estas mesmas palavras e suas numerosas obras cerca de 140 anos antes de Santo Agostinho. Admitindo que Jesus era "um homem excelente, e amigo de Deus", ele sempre afirmou que o seu objetivo não era abolir a comunicação com os deuses e os demônios (espíritos), mas apenas purificar as religiões antigas; que "a religião da multidão caminhava de mãos dadas com a Filosofia e com ela dividia a sorte de ser gradualmente corrompida e obscurecida com presunções, superstições e mentiras puramente humanas; que ela devia, em consequência, ser levada de volta à sua pureza original por meio da purgação da sua escória e do seu estabelecimento em princípios filosóficos; e que o único objetivo do Cristo era reinstalar e restaurar em sua integridade primitiva a sabedoria dos antigos".

Foi Ammonius o primeiro a ensinar que toda religião se baseava numa mesma verdade' que é a sabedoria que está nos Livros de Thoth (Hermes Trimegisto), de que Pitágoras e Platão extraíram toda a sua filosofia. Ele afirmava que as doutrinas do primeiro estavam identicamente de acordo com os primeiros ensinamentos dos brâmanes - agora contidos nos Vedas mais antigos. "O nome Thoth, diz o Prof. Wilder, "significa um colégio ou uma assembléia", e não é improvável que os livros fossem assim chamados, pois eles continham os oráculos colecionados e as doutrinas da fraternidade sacerdotal de Mênfis. O rabino Wise sugere uma hipótese similar em relação às fórmulas divinas registradas nas Escrituras hebraicas. Mas os escritores indianos afirmam que, durante o reinado do rei Kansa, os Yadus [os judeus?], ou a tribo sagrada, abandonaram a Índia e migraram para o Oeste levando consigo os quatro Vedas. Havia certamente uma grande semelhança entre as doutrinas filosóficas e os costumes religiosos dos egípcios e dois budistas orientais; mas não se sabe se os livros herméticos e os quatro Vedas eram idênticos".

Mas uma coisa é certa: antes que a palavra filósofo fosse pronunciada pela primeira vez por Pitágoras na corte do rei dos filisianos, a "doutrina secreta" ou sabedoria era idêntica em todos os países. Em consequência, é nos textos mais antigos - aqueles mesmos contaminados por falsificações posteriores - que devemos procurar a verdade. E, agora que a Filosofia está de posse de textos sânscritos que se pode afirmar seguramente serem documentos anteriores à Bíblia mosaica, é dever dos eruditos apresentar ao mundo a verdade, e nada mais que a verdade. Sem considerações para com o preconceito cético ou teológico, eles devem examinar imparcialmente ambos os documentos - os Vedas mais antigos e o Velho Testamento -, e então decidir qual dos dois é a Sruti ou Revelação original e qual não é Smriti, que, como mostra Max Müller, significa apenas lembrança ou tradição.

Parece que os reverendos padres da Ordem dos Jesuítas aprenderam muitos artifícios em suas viagens missionárias. Baldinger reconhece o seu mérito.

Cometário, em sua Horae subcisivae, narra que, certa vez, existiu uma grande rivalidade quanto a "milagres" entre os monges agostinianos e os jesuítas. Numa discussão levada a efeito o padre geral dos monges agostinianos, que era muito culto, e o dos jesuítas, que era muito inculto, mas dotado de conhecimento mágico, este propôs se resolvesse a questão colocando-se à prova os seus subordinados e descobrindo-se quais deles estariam mais dispostos a obedecer aos seus superiores. Logo depois, dirigindo-se a um dos seus jesuítas, disse: "Irmão Marcos, nossos companheiros têm frio; eu te ordeno, e nome da santa obediência que me juraste, traze aqui imediatamente fogo da cozinha e, em tuas mãos, alguns carvões incandescentes, para que eles se aqueçam enquanto os seguras". O Irmão Marcos obedeceu instantaneamente e trouxe em ambas as mãos um punhado de brasas incandescentes, que segurou até que o grupo dissesse estar aquecido, após o que devolveu os carvões ao fogão da cozinha. O

padre geral dos monges agostinianos abaixou a cabeça, pois nenhum de seus subordinados o obedeceria até esse ponto. O triunfo dos jesuítas foi, assim, reconhecido.

No Ocidente, um "sensitivo" tem de entrar em transe antes de se tornar invulnerável, por "guias" que o presidem, e desafiamos qualquer "médium", em seu estado físico normal, a enterrar os braços até os cotovelos em carvão ardente. Mas no Oriente, quer o executor seja um lama santo ou um feiticeiro mercenário (estes são em geral chamados de "prestidigitadores"), ele não necessita de nenhuma preparação, nem se coloca num estado anormal para se capaz de segurar o fogo, peças de ferro em brasa ou chumbo fundido. Vimos na Índia meridional esses "prestidigitadores" que mantinham as suas mãos no interior de carvões ardentes até que estes fossem reduzidos a cinzas. Durante a cerimônia de Siva-râtri, ou a vigília noturna de Sivã, quando as pessoas passam noites inteiras velando e orando, alguns dos sivaítas chamam um prestidigitador tâmil que produziu os fenômenos mais maravilhosos apenas chamando em seu socorro um espírito que denominavam Kutti-Shâtan - o pequeno demônio.

Mas, longe de permitir que o povo pensasse fosse ele guiado ou "controlado" por esse gnomo - pois ele era um gnomo, fosse ele alguma coisa -, o homem, enquanto se debruçava sobre o seu inferno ardente, repreendeu soberbamente um missionário católico que aproveitou a ocasião para informar os espectadores que o miserável pecador "se havia vendido a Satã". Sem remover as mãos e braços dos carvões ardentes nos quais ele se refrescava, o tâmil apenas voltou a cabeça e olhou com arrogância para o missionário afogado. "O meu pai e o pai do meu pai", disse ele, "tinham este 'pequeno demônio' às suas ordens. Por dois séculos o Kutti é um servidor fiel de nossa casa, e agora, Senhor, queres fazer crer ao povo que ele é meu dono! Mas eles sabem mais e melhor do que isso." Em seguida, retirou calmamente as mãos do fogo e passou a executar outros prodígios.

Quanto aos poderes maravilhosos de predição e de clarividência apresentados por certos brâmanes, eles são bastantes conhecidos por todos os europeus que residem na Índia. Se estes, ao retornarem aos seus países "civilizados", se riem de tais histórias, e algumas vezes até as negam completamente, eles apenas impugnam a sua boa fé, não o fato. Esses brâmanes vivem principalmente em "aldeias sagrada" e em lugares isolados, mormente na costa ocidental da Índia. Evitam cidades populosas e especialmente o contado com os europeus, e é muito raro que estes últimos consigam tornar-se íntimos dos "videntes". Acredita-se geralmente que esta circunstância se deva à sua observância religiosa da casta; mas estamos firmemente convencidos de que em muitos casos a razão não é essa. Anos, talvez séculos, passarão antes que a verdadeira razão seja conhecida.

Quando às castas mais baixas - algumas das quais são chamadas pelos missionários de adoradores do Diabo, apesar dos esforços piedosos por parte dos missionários católicos para difundir na Europa relatos de partir o coração sobra a miséria dessas pessoas "vendidas ao Arquiniimigo"; e apesar das tentativas análogas, talvez um pouco menos ridículas e absurdas, dos missionários protestantes -, a palavra demônio, no sentido que lhe dão os cristãos, é uma não-entidade para elas. Elas acreditam em espíritos bons e em espíritos maus; mas não adoram nem temem o Diabo. A sua "adoração" é apenas uma precaução cerimoniosa contra espíritos "terrestres" e humanos, a quem temem mais do que aos milhões de elementais de diversas formas. Utilizam-se de todos tipos de música, incenso e perfumes em seus esforços de afugentar os "maus espíritos" (os elementares). Nesse caso, elas não devem ser mais ridicularizadas do que aquele cientista muito conhecido, um espiritista convicto, que sugeriu a posse de vitríolo e salitre em pó para manter à distância os "espíritos desagradáveis"; e não estão mais errados do que ele em fazer o que fazem; pois a experiência dos seus ancestrais, que se estendeu por muitos milhares de anos, ensinou-lhes a maneira de proceder contra essa vil "horda espiritual". O que demonstra que se trata de espíritos humanos é o fato de que eles tentam muito freqüentemente satisfazer e apaziguar as "larvas" dos seus próprios parentes e das suas filhas, quando têm muitas razões para suspeitar de que estas não morreram com odor de santidade e de castidade. Chamam a tais espíritos de "Kanyâs", virgens más. O caso foi noticiado por muitos missionários, dentre os quais o reverendo E. Lewis. Mas esses piedosos cavalheiros insistem em que eles adoram demônios, quando nada fazem de semelhante; apenas tentam continuar mantendo boas relações com eles a fim de não serem molestados. Oferecem-lhes bolos e frutos e várias espécies de comida de que gostam quando estavam vivos, pois muitos deles experimentaram os efeitos da maldade desses "mortos" que retornam, cujas perseguições são as vezes terríveis. É segundo este princípio que eles agem em relação aos espíritos de todos os homens perversos. Deixam sobre os seus túmulos, se foram enterrados, ou perto do lugar em que os seus restos foram cremados, alimentos e licores com o objetivo de mantê-los próximos desses lugares e com a idéia de que esses vampiros serão dessa maneira impedidos de voltar às suas casas. Isso não é adoração; é antes uma espécie prática de espiritismo. Até 1861, prevalecia entre os hindus o costume de mutilar os pés dos assassinos executados,

na crença firme de que, deste modo, a alma desencarnada seria impossibilitada de vagar e de cometer mais ações más. Mais tarde, foi proibida, pela polícia, a continuação dessa prática.

Uma outra boa razão para se dizer que os hindus não adoram o "Diabo" é o fato de que eles não possuem nenhuma palavra com esse significado. Eles denominam esses espíritos de "pûtam", que corresponde antes ao nosso "espectro", ou diabrete malicioso; outra expressão que eles empregam é "pey" e o sânscrito *pisacha*, ambas significando fantasmas ou "retornados" - talvez duendes, em alguns casos. Os pûtam são os mais terríveis, pois eles são literalmente "espectros obsessivos", que voltam à Terra para atormentar os vivos. Acredita-se que eles visitem geralmente os lugares em que os seus corpos foram cremados. O "fogo" ou os "espíritos de Sivã" são idênticos aos gnomos e às salamandras dos Rosa-cruzes; pois são pintados sob a forma de anões de aparência assustadora e vivem na terra e no fogo. O demônio cingalês chamado Dewal é uma robusta e sorridente figura feminina que usa um babado branco elisabetano ao redor do pescoço, e uma jaqueta vermelha.

Como o Dr. Warton observa muito justamente: "Não há noção mais estritamente oriental do que a dos dragões do romance e da ficção; elas estão entremisturadas com todas as tradições de uma data antiga e conferem a elas uma espécie de prova ilustrativa de sua origem". Não há escritos em que essas figuras sejam tão marcantes quanto nos detalhes do Budismo; registram particulares dos nagãs, ou serpente reais, que habitam as cavidades subterrâneas e correspondem às moradias de Tirésias e dos videntes gregos, uma religião de mistério e de escuridão na qual se pratica o sistema de adivinhação e da resposta oracular, ligada à inflação, ou de uma espécie de possessão, que designa o próprio espírito de Píton, a serpente-dragão espécie de possessão, que designa o próprio espírito de Píton, a serpente-dragão morta por Apolo. Mas os budistas não acreditam mais do que os hindus no demônio do sistema cristão - isto é, uma entidade tão distinta da humanidade quanto a própria Divindade. Os budistas ensinam que existem deuses inferiores que foram homens neste ou outro planeta, porém que ainda assim foram homens. Eles acreditam nos nagãs, que foram feiticeiros na terra, pessoas más, e que transmitem a outros homens maus e vivos o poder de empestar todos os frutos para os quais olhem, e até mesmo as vidas humanas. Quando um cingalês tem a fama de fazer murchar e morrer uma árvore ou uma pessoa para a qual olhe, diz-se que ele tem o Nâga-Râjan, ou o rei-serpente, dentro de si. Todo o interminável catálogo dos espíritos maus não compreende um único termo de designe um diabo no sentido que o clero cristão quer que o entendamos, mas apenas para pecados, crimes e pensamentos humanos encarnados espiritualmente, se assim podemos dizer. Os deuses-demônios azuis, verdes, amarelos e purpura, bem como os deuses inferiores de Yugamdhara, pertencem mais à espécie de gênios, e muitos são tão bons e benevolentes quanto as próprias divindades de Nat, embora os nats contem entre eles gigantes, gênios do mal e outros espíritos análogos que habitam o deserto do monte Yugamdhara.

A verdadeira doutrina de Buddha diz que os demônios, quando a natureza produziu o Sol, a Lua e as estrelas, eram seres humanos que, em virtude dos seus pecados, foram privados do seu estado de felicidade. Se cometem pecados maiores, sofrem punição maiores, e os homens condenados são considerados pelos budistas como diabos; ao passo que, ao contrário, os demônios que morrem (espíritos elementais) e nascem ou se encarnam como homens, e não cometem mais nenhum pecado, podem chegar ao estado de felicidade celestial. Isto é uma demonstração, diz Edward Upham em sua *History and Doctrine of Buddhism*, de que todos os seres, tanto divinos quanto humanos, estão sujeitos às leis da transmigração, que agem sobre todos, de acordo com a escala de atos morais. Esta fé, então, é um teste completo de um código de motivos e leis morais, aplicado à regulamentação e ao governo do homem, um experimento, acrescenta ele, "que torna o estudo do Budismo um assunto importante e curioso para o filósofo".

Os hindus acreditam, tão firmemente quanto os sérvios ou os húngaros, em vampiros. Além disso, a sua doutrina é a mesma de Piérart, famoso espiritista e mesmerizador francês cuja escola floresceu há uma dezena de anos. "O fato de que um espectro venha sugar o sangue humano", diz esse Doutor, "não é tão inexplicável quanto parece e aqui apelamos aos espiritistas que admitem o fenômeno da bicorporeidade ou duplicação da alma. As mãos que apertamos (...) esses membros 'materializados', tão palpáveis (...) provam claramente o que podem [os espectros astrais] em condições físicas favoráveis". Este honorável médico reproduz a teoria dos cabalistas. Os Shedim são a última das ordens dos espíritos. Maimônides, que nos conta que os seus concidadãos eram obrigados a manter um comércio íntimo com os seus mortos, descreve o festim de sangue que eles celebravam nessas ocasiões. Eles cavavam um buraco, no qual se despejava sangue fresco e sobre o qual se colocava uma mesa; depois, os "espíritos" vinham e respondiam a todas as questões.

Piéart, cuja doutrina estava baseada na dos teurgos, manifesta uma ardente indignação contra a superstição do clero que exige, todas as vezes em que um cadáver é suspeito de vampirismo, que uma estaca lhe seja cravada no coração. Na medida em que a forma astral não está totalmente liberada do corpo, há a possibilidade de que ela seja forçada por atração magnética a entrar novamente nele. Às vezes ela poderá sair apenas até a metade, quando o cadáver, que apresenta a aparência de morte, for cremado. Em tais casos, a alma astral aterrorizada reentrará violentamente no seu invólucro; e, então, acontece uma dessas duas coisas: ou a vítima infeliz se contorce na tortura agonizante da sufocação, ou, se foi material grosseiro, ela se torna um vampiro. A vida bicorpórea começa; e esses desafortunados catalépticos enterrados sustentam as suas vidas miseráveis fazendo os seus corpos astrais roubarem o sangue vital de pessoas vivas. A forma etérea pode ir aonde desejar; e, à medida que ela quebre o laço que a prende ao corpo, ela está livre para vaguear, invisível, e se alimentar de vítimas humanas. "De acordo com todas as aparências, este 'espírito' transmite então, por meio de um cordão de ligação misterioso e invisível, que talvez possa algum dia ser explicado, os resultados da sucção ao corpo material que jaz inerte no centro do túmulo, ajudando-o assim a perpetuar o estado de catalepsia."

Manifestações de fenômenos entre os adeptos da Índia

Se tivermos de dar uma descrição completa das várias manifestações que ocorrem entre os adeptos na Índia e em outros países, encheríamos volumes inteiros, mas isso seria inútil, pois não haveria espaço para explicações. Eis por que escolhemos, de preferência, aqueles que têm equivalentes nos fenômenos modernos ou são autenticados por inquéritos legais. Horst tentou dar uma idéia de certos espíritos persas aos seus leitores e falhou, pois a mera menção de alguns deles pode colocar o cérebro de um crente ao inverso. Existem os devas (ou Devas - Um deus, uma divindade "resplandecente". (Deva-Deus, da raiz div, "brilhar", "esplandecer". Um Deva é um ser celestial, seja bom, mau ou indiferente.) e as suas especialidades; os darwands e os seus artifícios sombrios; os shedim e os jinn; toda a vasta legião de yazatas amshâspands, espíritos, demônios, duendes e elfos do calendário persa; e, por outro lado, os judaicos serafins, querubins, Sephiroth, Malchim, Alohim; e, acrescenta Horst, "os milhões de espíritos astrais e elementais, de espíritos intermediários, fantasmas e seres imaginários de todas as raças e cores". Mas a maioria desses espíritos nada tem a ver com os fenômenos consciente e deliberadamente produzidos pelos mágico oriental. Estes repudiam tal acusação e deixam aos feiticeiros a ajuda de espíritos elementais e de espectros elementares. O adepto tem um poder ilimitado sobre ambos, mas ele raramente o utiliza. Para a produção de fenômenos físicos ele convoca os espíritos da Natureza como poderes obedientes, não como inteligências.

Como gostamos sempre de reforçar nossos argumentos com testemunhos outros que não apenas os nossos, talvez fizéssemos bem em aprender a opinião de um jornal, o Herald de Boston, quanto aos fenômenos em geral e os médiuns em particular. Tendo experimentado tristes decepções com algumas pessoas desonestas, que podem ou não ser médiuns, o articulista resolveu certificar-se de algumas maravilhas que se dizia serem produzidas na Índia e as comparou com as da taumaturgia moderna.

"O médium dos dias atuais", diz ele, "oferece uma semelhança mais estreita, em métodos e manipulações, com o conjurador bem conhecido pela história do que com qualquer outro representante da arte mágica. O que se segue demonstra que ele ainda está longe das performances dos seus protótipos. Em 1615, uma delegação de homens muito cultos e renomados da English East Índia Company visitou o Imperador Jahângîr. No curso de sua missão, testemunharam muitas performances maravilhosas que quase os fizeram duvidar dos seus sentidos e estavam longe de qualquer explicação. A um grupo de feiticeiros e prestidigitadores bengaleses, que exibia a sua arte diante do Imperador, solicitou-se produzissem no local, e por meio de sementes, dez amoreiras. Eles imediatamente plantaram as dez sementes, que, em poucos minutos, produziram o mesmo número de árvores. A terra em que a semente havia sido lançada abriu-se para dar passagem a algumas filhas miúdas, logo seguidas por brotos tenros que rapidamente se elevaram, desenvolvendo folhas e brotos e ramos, que finalmente ganharam o ar pleno, abotoando-se, florindo e dando frutos, que amadureceram no local e provaram ser excelente. Tudo isso se passou num piscar de olhos. Figueiras, amendoeiras, mangueiras e nogueiras foram produzidas da mesma maneira, em condições análogas, fornecendo os frutos que a cada uma competia. Uma maravilha se sucedeu à outra. Os ramos estavam cheios de pássaros de bela plumagem que vojavam por entre as folhas e emitiam notas plenas de doçura. As folhas amarelavam caíam dos seus lugares, ramos e brotos secavam, e finalmente as árvores adentraram o solo, donde haviam saído há menos de uma hora.

"Um outro possuía um arco e mais ou menos cinqüenta flechas com pontas de aço. Lançou uma delas ao ar, quando, vede! a flecha se fixou num ponto do espaço situado a uma altura considerável. Outra

flecha foi atirada, e outra logo após, e cada uma delas fixava-se no alto da precedente, de maneira a formar uma cadeia de flechas no espaço, exceto a última flecha, que, rompendo a cadeia, trouxe ao chão todas as flechas separadas.

"Instalaram-se duas tendas comuns, uma em face da outra, à distância de uma flechada. Essas tendas cuidadosamente examinadas pelos espectadores, como o são os aposentos dos médiuns, e se concluiu que estavam vazias. As tendas estavam firmemente presas ao chão. Os espectadores foram então convidados a escolher que animais ou pássaros desejavam saíssem das tendas e lutassem entre si. Khaun-e-Jahaun pediu, com um acento muito marcado de incredulidade, para ver um combate entre avestruzes. Alguns minutos depois, um avestruz saiu de cada uma das tendas e se lançou ao combate com uma energia mortal, e logo o sangue começou a correr; mas estavam de tal maneira igualados em força que nenhum deles lograva vencer o outro, e foram finalmente separados pelos conjuradores e empurrados para dentro das tendas. Em seguida, todos os pedidos de animais e pássaros formulados pelos espectadores foram satisfeitos, sempre com os mesmos resultados.

"Instalou-se um grande caldeirão, dentro do qual se colocou uma grande quantidade de arroz. Sem o menor sinal de fogo, o arroz começou a cozinhar e do caldeirão foram retirados mais de uma centena de pratos de arroz cozido com um pedaço de ave sobre um deles. Esta façanha é realizada em escala muito menor pelos mais vulgares faquires dos nossos dias.

"Mas falta espaço para ilustrar, com exemplos do passado, como os exercícios miseravelmente monótonos - por comparação - dos médiuns dos nossos dias são pálidos e obscurecidos pelas façanhas de pessoas de outras épocas e mais hábeis. Não há uma só característica maravilhosa em qualquer um desses fenômenos ou dessas manifestações que não fosse, não, que seja hoje muito mais bem apresentado por outros executores hábeis cujas ligações com a Terra, e só com a Terra, são evidentes demais para serem negadas, mesmo quando o fato não fosse apoiado por seu próprio testemunho".

É um erro dizer que os faquires ou prestidigitadores sempre afirmarão que são auxiliados por espíritos. Nas evocações semi-religiosas - tais como as que o Govinda Svâmin de Jacolliot efetuou diante desse autor francês, que as descreveu, quando os espectadores desejavam manifestações psíquicas reais -, eles recorrerão aos pitris, seus ancestrais desencarnados, e a outros espíritos puros. Só os podem evocar por meio de preces. Quando a todos os outros fenômenos, eles são produzidos pelo mágico e pelo faquir de acordo com a sua vontade. Apesar do estado de abjeção aparente em que este último parece viver, ele é freqüentemente um iniciado dos tempos e está tão familiarizado com o ocultismo quando os seus irmãos mais ricos.

A magia dos Caldeus. As superstições da Idade Média

Os caldeus, que Cícero inclui entre os mágicos mais antigos, situavam a base de toda magia nos poderes interiores da alma do homem e pelo discernimento das propriedades mágicas das plantas, dos minerais e dos animais. Com a ajuda desses elementos, eles realizavam os "milagres" mais maravilhosos. A Magia, para eles, era sinônimo de religião e ciência. Foi só mais tarde que os mitos religiosos do dualismo masdeano, desfigurado pela Teologia cristã e evemerizado por certos padres da Igreja, assumiram a forma desagradável em que os encontramos expostos por escritores católicos como dês Mousseaux. A realidade objetiva do incubo e do súcubo medievais, essa superstição abominável da Idade Média que custou tantas vidas humanas, defendida por seu autor em todo um volume, é um produto monstruoso do fanatismo religioso e da epilepsia. Ela não tem forma objetiva; atribuir os seus efeitos ao Diabo é uma blasfêmia: implica que Deus, depois de criar Satã, permitiu-lhe adotar tal procedimento. Se devemos acreditar no vampirismo, só podemos fazê-lo se nos apoiarmos na força de suas proposições irrefragáveis da ciência psicológica oculta: 1º) A alma astral é uma entidade distinta separável do nosso Ego e pode correr e vagar longe do corpo sem romper o fio da vida; 2º) O cadáver não está completamente morto e, ao passo que pode ser repenetrado por seu ocupante, este pode extrair dele emanções materiais que lhe permitam aparecer numa forma semiterrestre. Mas sustentar, como dês Mousseaux e de Mirville, a idéia de que o Diabo - que os católicos dotam de um poder que, em antagonismo, se iguala ao da Divindade Suprema - o transforma em lobos, serpentes e cães, para satisfazer a sua luxúria e procriar monstros, é uma idéia em que se encontram escondidos os germes da adoração do Diabo, da demência e do sacrilégio. A Igreja Católica, que não só nos ensina a acreditar nesta falácia monstruosa, mas também obriga os seus missionários a pregar este dogma, não tem necessidade de se voltar contra a adoração do Diabo por parte de algumas seitas parses e da Índia meridional. Ao contrário; pois, quando ouvimos os yezidi repetirem o provérbio muito conhecido "Sede amigos dos

demônios; dai-lhes vosso bens, vosso sangue, vosso serviço, e não tereis necessidade de vos preocupardes com Deus - Ele não vos fará nenhum mal", consideramos que eles são considerados em sua crença e em seu respeito para com o Supremo; a sua lógica é sadia racional; reverenciam Deus tão profundamente, a ponto de imaginar que Ele, que criou o universo e as suas leis, não é capaz de prejudicá-los, pobres átomos; mas os demônios existem; eles são imperfeitos e, em consequência, eles têm boas razões para os temer.

O diabo e suas várias metamorfoses

Em consequência, o Diabo, em suas várias metamorfoses, só pode ser uma falácia. Quando imaginamos que o vemos e o ouvimos e o sentimos, é mais freqüentemente o reflexo de nossa alma perversa, depravada e poluta que vemos, ouvimos e sentimos. O semelhante atrai o semelhante, dizem eles; assim, de acordo com a disposição segundo a qual a nossa forma astral escapa durante as horas de sono, de acordo com os nossos pensamentos, as nossas tendências e as nossas ocupações diárias, todos eles impressos claramente sobre a cápsula plástica chamada alma humana, esta última atrai para si seres semelhantes a si mesma. Donde alguns sonhos e visões serem puros e bonitos; outros, perversos e bestiais. A pessoa desperta, ou se dirige com pressa ao confessor, ou se ri desse pensamento com indiferença empedernida. No primeiro caso, é-lhe prometida a salvação final, ao curso de algumas indulgências (que ela deverá comprar à Igreja) e talvez um Agostinho de purgatório ou mesmo do inferno. Que importa? não está ela segura da eternidade e da imortalidade, faça ela o que fizer? É o Diabo. Afugentemo-lo, com o sino, com o livro e com o hissope! Mas o "Diabo" volta, e freqüentemente o verdadeiro crente é forçado a desacreditar de Deus quando ele percebe claramente que o Diabo leva a melhor sobre o seu Criador ou Senhor. Ele é levado então à segunda emergência. Torna-se indiferente e se dá todo inteiro ao Diabo. Morre e o leitor conheceu as consequências nos capítulos precedente.

Este pensamento está magnificamente expresso pelo Dr. Ennemoser: "A Religião não lançou aqui [Europa e China] raízes tão profundas quanto entre os hindus", diz ele, fazendo alusão a essa superstição. "O espírito dos gregos e dos persas era mais volátil. (...) A idéia filosófica do princípio do bem e do mal e do mundo espiritual (...) deve ter auxiliado a tradição a formar visões (...) de formas celestiais e infernais e das distorções mais espantosas, que na Índia eram produzidas simplesmente por um fanático mais entusiasta; lá, o vidente recebido pela luz divina; aqui, perdido numa multidão de objetos externos com os quais confunde a sua identidade. Convulsões, acompanhadas da ausência do espírito longe do corpo, em países distantes, eram comuns aqui pois a imaginação era menos firme, e também menos espiritual.

"As causas externas também são diferentes; os modos de vida, a posição geográfica e os meios artificiais produzem modificações diversas. O modo de vida nos países asiáticos ocidentais sempre foi muito variável e, em consequência, ele perturba e distorce a ocupação dos sentidos, e a vida exterior, em consequência, se reflete no mundo interno dos sonhos. Os espíritos, portanto, são de uma variedade infinita de formas e levam os homens a satisfazerem as suas paixões, mostrando-lhes os meios para fazê-lo e descendo até mesmo aos mínimos detalhes, o que é tão contrário ao caráter elevado dos videntes indianos".

Que os estudiosos de ciência oculta faça a sua própria natureza tão pura e os seus pensamentos tão elevados quanto os dos videntes indianos, e ele poderá dormir sem ser molestado pelo vampiro, incubo ou súcubo. Ao redor da forma invisível daquele que dorme, o espírito imortal irradia um poder divino que o protege das investidas do mal, como se fosse uma parede de cristal.

Ísis Sem Véu - Capítulo XIII

Capítulo XIII

Realidades e ilusões. Os poderes ocultos da natureza

Existem pessoas cujas mentes seriam incapazes de apreciar a grandeza intelectual dos antigos, mesmo nas ciências físicas, ainda que recebessem a mais completa demonstração de seu profundo saber e de suas realizações. Assim, por exemplo, elas rirão da idéia da eficácia dos talismãs. Que os sete espíritos do Apocalipse têm relação com os sete poderes ocultos da Natureza, eis algo que parece incompreensível

e absurdo às suas frágeis mentes; e a mera idéia de um mágico que afirma poder realizar maravilhas por meio de ritos cabalísticos fá-las retorcer-se de riso. Percebendo apenas a figura geométrica traçada sobre um papel, um pedaço de metal, ou outra substância, elas não podem imaginar como alguém razoável seria capaz de conferir-lhes qualquer poder oculto. Mas aqueles que se deram ao trabalho de se informar sabem que os antigos realizaram grandes descobertas tanto na Psicologia como na Física e que as suas investigações deixaram poucos segredos ainda por descobrir.

Aplicai um pedaço de ferro sobre um ímã, e ele impregnar-se-á de seu princípio sutil e tornar-se-á capaz de comunicá-lo por sua vez a outro ferro. Ele não pesa mais nem parece diferente do que era antes. E, no entanto, uma das forças mais sutis da Natureza lhe penetrou a substância. Um talismã, em si talvez um mero pedaço de metal, um fragmento de papel, ou um retalho de um tecido qualquer, foi no entanto impregnado pela influência do maior de todos os ímãs, a vontade humana, com um poder para o bem ou para o mal de tão reais efeitos como a propriedade sutil que o aço adquiriu em seu contato com o ímã. Deixai que um sabujo fareje uma peça de roupa que foi trajada pelo fugitivo, e ele o seguirá através do pântano e da floresta até o seu refúgio. Dai um manuscrito a um dos "psicômetros" do Prof. Buchanan, qualquer que seja a sua antiguidade, e ele vos descreverá o caráter do autor, e talvez mesmo a sua aparência pessoal. Alcançai uma madeixa de cabelo ou qualquer outro objeto que esteve em contato com a pessoa de quem quer saber algo a uma clarividente, e ela entrará em simpatia com esta de modo tão íntimo que lhe poderá seguir passo a passo a vida.

Os criadores nos contam que os animais jovens não devem ser reunidos com os animais velhos; e os médicos inteligentes proíbem os pais de permitirem que as crianças muito jovens ocupem suas camas. Quando Davi estava velho e fraco, suas forças vitais foram restabelecidas colocando-se uma jovem em estreito contato com ele a fim de que pudesse absorver-lhe a força. A falecida Imperatriz da Rússia, irmã de Guilherme I, imperador da Alemanha, estava tão fraca nos últimos anos de sua vida que os médicos lhe aconselharam seriamente a manter em seu leito à noite uma robusta e saudável jovem camponesa. Quem quer que tenha lido a descrição dada pelo Dr. Kerner da Vidente de Prevost, Mme. Hauffe, deverá recordar-se de suas palavras. Ela declarou repetidamente que se mantinha viva apenas devido à atmosfera das pessoas que a cercavam e às suas emanções, que eram vivificadas de maneira extraordinária pela sua presença. A vidente era simplesmente um vampiro magnético, que absorvia, atirando-se a ela, a vida daqueles que eram fortes o suficiente para lhe comunicarem a sua vitalidade na forma de sangue volatilizado. O Dr. Kerner observa que essas pessoas ressentiam dessa perda de força.

Graças a esses exemplos familiares da possibilidade de um fluido sutil comunicar-se de um indivíduo ao outro, ou à substância por este tocada, torna-se mais fácil compreender que, através de um determinada concentração da vontade, um objeto de outro modo inerte pode ser impregnado de um poder protetor ou destrutivo de acordo com o objetivo que se tem em vista.

Uma emanção magnética, produzida inconscientemente, é seguramente vencida por uma emanção mais enérgica com a qual entra em choque. Mas quando uma vontade inteligente e poderosa dirige a força cega, e a concentra num dado ponto, a emanção mais fraca dominará com freqüência a mais forte. Uma vontade humana tem o mesmo efeito sobre o Âkasa.

Certa feita, testemunhamos em Bengala uma exibição de força de vontade que ilustra um aspecto altamente interessante do assunto. Um adepto de Magia fez alguns passes sobre uma peça de estanho comum, o interior de uma marmita, que estava à sua frente, e, olhando-a atentamente durante uns poucos minutos, ele parecia recolher o fluido imponderável aos punhados e lançá-lo sobre a sua superfície. Quando o estanho foi exposto à plena luz do dia durante seis segundos, a superfície brilhante se cobriu imediatamente como um filme. Em seguida, manchas de uma cor escura começaram a surgir sobre a superfície da peça; e quando, cerca de três minutos depois, o estanho nos foi entregue, encontramos impressa sobre ela uma pintura, ou melhor, uma fotografia da paisagem que se estendia à nossa frente; exata como a própria Natureza, de colorido perfeito. Ela permaneceu por cerca de oito horas e então lentamente se esvaneceu.

Este fenômeno explica-se facilmente. A vontade do adepto condensou sobre o estanho um filme de Âkasa que o transformou durante algum tempo numa chapa fotográfica sensibilizada. A luz fez o resto.

A animação de estátuas praticadas pelos antigos

Certamente, não conseguimos ver em que o químico moderno é mesmo mágico do que o antigo teurgista ou o filósofo hermético, exceto nisso: os últimos, reconhecendo a dualidade da Natureza, têm um campo de pesquisa experimental duas vezes maior. Os antigos animavam estátuas, e os hermetistas chamavam à vida, tirando-as dos elementos, as formas de salamandras, gnomos, ondinas e silfos, que não pretendiam criar, mas simplesmente tornar visíveis mantendo aberta a porta da Natureza, de sorte que, sob condições favoráveis, elas pudessem se tornar visíveis. O químico põe em contato dois elementos contidos na atmosfera, e desenvolvendo uma força latente de afinidade, cria um novo corpo - a água. Nas pérolas esferoidais e diáfanas que nascem dessa união de gases, nascem os germes da vida orgânica, e em seus interstícios moleculares escondem-se o calor, a eletricidade e a luz, exatamente como o fazem no corpo humano. Donde provêm esta vida numa gota d'água recém-formada pela união de dois gases? E o que é a água em si? Sofrem o oxigênio e o hidrogênio alguma transformação que oblitera suas qualidades simultaneamente com a obliteração de sua forma? Aqui está a resposta da ciência moderna: "Se o oxigênio e o hidrogênio existem como tais, na água, ou se são produzidos por alguma transformação desconhecida e inconcebível de sua substância, eis uma questão sobre a qual podemos especular, mas da qual nada sabemos". Nada sabendo sobre um assunto tão simples quanto a constituição molecular da água, ou o problema mais profundo do surgimento da vida nesse elemento, não faria bem o Sr. Maudsley em exemplificar o seu próprio princípio, e "manter uma calma aquiescência à ignorância até que a luz se faça".

As afirmações dos partidários da ciência esotérica de que Paracelso produzia, quimicamente, homunculi a partir de certas combinações ainda desconhecidas da ciência exata são, como de ordinário, relegadas ao depósito das fraudes desacreditadas. Mas por que? Se os homunculi não foram feitos por Paracelso, mas foram produzidos por outros adeptos, e isto há não mais de mil anos. Eles foram produzidos, de fato, exatamente de acordo com o mesmo princípio em virtude do qual o químico e o físico dão vida aos seus animalculas.

Desde tempos imemoriais a especulação dos homens de ciência tem tido por objeto saber o que é essa força vital ou princípios de vida. Só a "doutrina secreta" é capaz de fornecer a chave à nossa mente. A ciência exata reconhece apenas cinco poderes na Natureza - um molar e quatro nucleares; os cabalistas, sete; e nesses dois poderes adicionais está encerrado todo o mistério da vida. Um deles é o espírito imortal, cujo reflexo vincula-se por liames invisíveis até mesmo com a matéria inorgânica; a outra, deixamos a cada um descobrir por si mesmo. Diz o Prof. Joseph Le Conte: "Qual é a natureza da diferença entre o organismo vivo e o organismo morto? Não podemos descobrir nenhuma, física ou química. Todas as forças físicas e químicas extraídas do fundo comum da natureza, e encarnadas no organismo vivo, parecem estar ainda encarnadas no morto, até que pouco a pouco ele caia em decomposição. E no entanto a diferença é imensa, é incomensuravelmente grande. Qual é a natureza dessa diferença expressa na fórmula da ciência material? o que é que partiu, e para onde foi? Há aqui alguma coisa que a ciência não pode ainda compreender. E no entanto é essa coisa que desaparece na morte, e antes da decomposição, que representa no mais alto sentido a força vital!"

Por mais difícil, ou antes impossível que pareça à ciência descobrir o motor invisível, universal de tudo - a Vida -, explicar-lhe a natureza, ou mesmo sugerir uma hipótese razoável para ela, o mistério não passa de um pseudomistério, não apenas para os grandes adeptos e videntes, mas mesmo para os que acreditam genuína e firmemente num mundo espiritual. Para o simples crente, não favorecido com um organismo pessoal provido dessa sensibilidade nervosa e delicada que lhe permitiria - como ao vidente - perceber o universo visível refletido como num espelho no Invisível, e, por assim dizer, objetivamente, a fé divina permanece. Esta última está firmemente enraizada em seus sentidos interiores; em sua infalível intuição, com a qual a fria razão nada tem a ver, ele sente que ela não pode enganá-lo. Que os dogmas errôneos, invenções humanas, e a sofisticaria teológica se contradigam; que ambas se destruam, e que a sutil casuística de uma derrote o raciocínio de outra; a verdade permanece uma só, e não há uma só religião, seja ela cristã ou não, que não esteja firmemente edificada sobre a rocha dos séculos - Deus e o espírito imortal.

As sessões espíritas na Índia

Todo animal é mais ou menos dotado da faculdade de perceber, se não espíritos, pelo menos algo que permanece no momento invisível ao homem comum, e só pode ser discernido por um clarividente. Fizemos centenas de experiências com gatos, cachorros, macacos de várias espécies, e, uma vez, com um tigre domesticado. Um espelho negro e redondo, conhecido como "cristal mágico", foi fortemente mesmerizado por um cavalheiro hindu nativo, que habitava anteriormente em Dindigul e agora reside um

local mais retirado, entre as montanhas conhecidas como Ghauts Ocidentais. Ele havia domesticado o filhote de um tigre, que lhe fora enviado da costa do Malabar, região da Índia em que os tigres são proverbialmente ferozes; e foi com esse interessante animal que fizemos nossas experiências.

Como os antigos marsi e psylli, os célebres encantadores de serpentes, esse cavaleiro afirmava possuir o misterioso poder de domar qualquer espécie de animal. O tigre fora reduzido a um crônico torpor mental, por assim dizer; e tornou-se tão inofensivo e dócil quanto um cachorro. As crianças podiam provocá-lo e puxá-lo pelas orelhas, e ele só tremia e gemia como um cachorro. Mas todas as vezes que o forçavam a olhar o "espelho mágico", o pobre animal caía instantaneamente numa espécie de frenesi. Seus olhos se enchiam de um terror humano; gemendo de desespero, incapaz de desviar os olhos do espelho, ao qual o seu olhar parecia preso por um encantamento magnético, ele se contorcia e tremia até cair em convulsões por medo de alguma visão que para nós permanecia desconhecida. Ele então se deitava, gemendo fracamente mas ainda olhando fixamente para o espelho. Quando este era retirado, o animal ficava ofegante e aparentemente prostrado por cerca de duas horas. O que via ele? Que retrato espiritual de seu próprio mundo animal invisível poderia produzir um efeito terrífico sobre o animal selvagem e naturalmente feroz e temerário? Quem pode dizê-lo? Talvez aquele que produziu a cena.

O mesmo efeito sobre animais foi observado durante as sessões espiritistas, com alguns veneráveis mendicantes; e também quando um sírio, meio pagão, meio cristão, de Kunankulam (Estado de Cochim), um reputado feiticeiro, foi convidado a reunir-se a nós a bem da experiência.

Éramos nove pessoas ao todo - sete homem e duas mulheres, uma das quais nativa. Além de nós, havia no quarto o jovem tigre, grandemente ocupado com um osso; um vânderoo, ou um macaco-leão, que, com a sua pele negra e a sua barba e bigode brancos, e olhos vivos e brilhantes, parecia a personificação da malícia; e um belo papa-figo dourado, limpando calmamente a sua causa de cores brilhantes num poleiro, colocado próximo a uma grande janela da varanda. Na Índia, as sessões "espiritistas" não ocorrem na escuridão, como na América, e não se requer nenhuma condição, a não ser silêncio total e harmonia. Estava-se portanto em plena luz do dia, que penetrava através das portas e janelas abertas, com um burburinho longínquo provindo das florestas circunvizinhas e a selva enviando-nos o eco de miríades de insetos, pássaros e animais. Estávamos instalados no meio de um jardim no qual a casa fora construída, e ao invés de aspirar a atmosfera sufocante de uma sala de sessões, estávamos cercados de ramalhetes de eritrina cor de fogo - a árvore coral -, inalando os aromas fragrantes das árvores e arbustos, e as flores da begônia, cuja pétalas branca tremiam na brisa suave. Em suma, estávamos cercados de luz, harmonia, e perfumes. Grandes buquês de flores e arbustos, consagrados aos deuses nativos, tinham sido colhidos para a circunstância, e colocados nos cômodos. Tínhamos o manjerição suave, a flor de Vishnu, sem a qual nenhuma cerimônia religiosa pode ter lugar em Bengala; e os ramos da Ficus religiosa, a árvore dedicada à mesma divindade brilhante, entremisturando as suas folhas com as flores rosas do lótus sagrado e a tuberosa da Índia, ornamentavam profusamente as paredes. Enquanto o "abençoado" - representado por um faquir sujo mas, não obstante, realmente santo - permanecia imerso em autocontemplação, e alguns prodígios espirituais eram realizados sob a direção de sua vontade, o macaco e o pássaro exibiam alguns poucos sinais de inquietude. Só o tigre tremia visivelmente a intervalos, e olhava fixamente para toda a peça, como se seus olhos verdes fosforescentes estivessem seguindo alguma presença invisível flutuando para cima e para baixo. Essa coisa ainda imperceptível aos olhos humanos devia ter-se tornado objetiva para ele. Quanto ao vânderoo (macaco), toda a sua vivacidade tinha desaparecido; ele entorpecido, e repousava abandonado e sem movimento. O pássaro deu alguns poucos, se tanto, sinais de agitação. Havia um som como o de asas batendo suavemente no ar; as flores viajavam pela peça, deslocadas por mãos invisíveis; e como uma belíssima flor tingida de azul celeste caísse sobre as patas cruzadas do macaco, este teve um sobressalto nervoso, e procurou refugiar-se sob o manto branco de seu dono. Essas manifestações duraram cerca de uma hora, e seria muito longo relatar elas; a mais curiosa de todas foi a que fechou a série de maravilhas. Como todos se queixassem do calor, tivemos uma chuva de orvalho devidamente perfumado. As gotas caíam fortemente e abundantemente, e produziam uma sensação de frescor inexprimível, que refrescavam as pessoas sem molhá-las.

Quando o faquir deu a sua exibição de magia branca por encerada, os "feiticeiros" ou os encantadores, como são chamados, prepararam-se para exhibir seu poder. Fomos gratificados por uma série de maravilhas que os relatos dos viajantes tornaram familiares ao público, provando, entre outras coisas, o fato de que os animais possuem naturalmente a faculdade da clarividência, e mesmo, ao que parece, a habilidade de discernir entre os bons e os maus espíritos. Todas as façanhas do feiticeiro foram precedidas de fumigações. Ele queimou ramos de árvores resinas e arbustos que enviavam colunas de

fumaça. Embora não houvesse nada em tudo isso capaz de aterrorizar um animal que fizesse uso de seus olhos físicos, o tigre, o macaco e o pássaro exibiam um indescritível horror. Sugerimos a idéia de que os animais podiam ser aterrorizados pelos ramos incendiados, o costume familiar de acender fogueiras em volta do campo a fim de afastar as feras selvagens. Para não deixar nenhuma dúvida a esse respeito, o sírio se aproximou do tigre agachado com um ramo de árvore bael (consagrada a Shiva), e a agitou diversas vezes sobre a sua cabeça, murmurando, nesse ínterim, os seus encantamentos. Os seus olhos saltavam das órbitas como bolas de fogo; sua boca espumava; ele se precipitava ao solo, como se procurasse um buraco no qual se esconder; ele soltava um rugido atrás do outro, o que causava centenas de ecos da selva e da floresta. Finalmente, lançando um último olhar ao ponto do qual os olhos não se haviam despregado, ele fez um esforço supremo, quebrou a corrente, e saltou pela janela da varanda, carregando uma peça de estrutura consigo. O macaco tinha fugido há muito, e o pássaro caíra do poleiro como que paralisado.

A vontade deve dominar as forças intelectuais e materiais

"Certa vez, enquanto eu e outros estávamos no café com Sir Maswell, ele ordenou à sua doméstica que introduzisse o encantador. Pouco depois um esquelético hindu, quase nu, com um rosto ascético e bronzeado, fez a sua entrada. Em torno do pescoço, dos braços, das coxas e do corpo estavam enroladas as serpentes de diversos tamanhos. Depois de saudar-nos, ele disse: 'Deus esteja convosco, sou Chibh-Chondor, filho de Chibh-Gontnalh-Mava'.

"'Desejamos ver o que sois capaz de fazer', disse nosso anfitrião.

"'Eu obedeco às ordens de Shiva, que me enviou para cá', replicou o faquir, instalando-se sobre uma das lajes de mármore.

"As serpentes levantaram as cabeças e silvaram, mas sem mostrar a menor cólera. Tomando então uma pequena flauta, presa numa mecha do cabelo, ele emitiu sons quase inaudíveis, imitando o tailapaca, um pássaro que se alimenta de cocos quebrados. As serpentes se desenrolaram e uma após outra desceram ao chão. Assim que tocaram o solo, elevaram um terço de seus corpos, e começaram a acompanhar o ritmo da música de seu mestre. Subitamente o faquir largou o seu instrumento e fez diversos passes com as mãos sobre as serpentes, que eram em número de dez, e todas das espécies mais mortíferas de serpentes indianas. Seus olhos assumiram uma estranha expressão. Todos sentidos uma indefinível agitação, e tentamos desviar nossos olhos dele. Nesse momento um pequeno shocra (macaco), cuja tarefa era oferecer fogo num pequeno braseiro para acender cigarro, sucumbiu à sua influência, deitou-se e adormeceu. Cinco minutos se passaram, e sentimos que se as manipulações continuassem por mais alguns segundos todos adormeceríamos. Chondor então se ergueu e, fazendo mais dois passes sobre o shocra, disse-lhe: 'De fogo ao comandante'. O jovem macaco levantou-se, e sem hesitar aproximou-se de seu senhor e lhe ofereceu fogo. Ele foi beliscado, empurrado, até não se ter nenhuma dúvida de que ele estivesse adormecido. Ele não quis afastar-se de Sir Maswell até que o faquir lho ordenasse.

"Examinamos então as serpentes. Paralisada pela influência magnética, elas estavam estendidas ao longo do chão. Pegando-as, encontramos-las rígidas como bastões. Estavam num estado de completa catalepsia. O faquir então as despertou, após o que elas voltaram e novamente se enrolaram em torno de seu corpo. Perguntamo-lhe se podia fazer-nos experimentar a sua influência. Ele fez alguns poucos passes sobre nossas pernas e imediatamente perdemos o controle sobre esses membros; não podíamos deixar nossos assentos. Ele nos libertou tão facilmente quando nos tinha paralisado.

"Chibh-Chondor encerrou a sessão com experiências feitas sobre objetos inanimados. Por meio de passes simples na direção do objeto sobre o qual se desejava agir, e sem deixar o assento, ele diminuiu e extinguiu as lâmpadas das partes mais distantes da sala, deslocou a mobília, incluindo os divãs em que estávamos sentados, abriu e fechou portas. Percebendo um hindu que estava retirando água de um poço do jardim, ele fez um passe em sua direção, e a corda subitamente parou de descer, resistindo a todos os esforços do atônito jardineiro. Com outro passe, a corda desceu novamente.

"Perguntei a Chibh-Chondor:

Empregais para agir sobre objetos inanimados o mesmo processo que utilizais sobre criaturas vivas?"

"Tenho apenas um processo", respondeu.

"Qual é ele?"

"A vontade. O homem, que é o fim de todas as forças intelectuais e materiais, deve dominar a todas. Os brâmanes nada sabem além disso."

"Sanung Setzen", o Cel. Yule, "enumera uma variedade de atos maravilhosos que podem ser realizados através do Dharani (encantamentos místicos hindus). Tais são fincar um prego numa rocha sólida; dar vida ao morto; transformar um cadáver em outro; penetrar em todos os lugares, como o faz o ar (sob forma astral); voar; agarrar feras selvagens com as mãos; ler pensamentos; fazer remontar a corrente de água; comer ladrilhos; sentar-se no ar com as pernas dobradas, etc." Antigas lendas atribuem a Simão, o Mago, exatamente os mesmos poderes. "Ele fazia as estátuas andar; ele saltava no fogo sem se queimar; voava no ar; transformava as pedras em pão; modificava suas formas; apresentava dois rostos ao mesmo tempo; transformava-se em coluna; fazia as portas fechadas abrirem-se espontaneamente; fazia os utensílios de uma casa moverem-se, etc.

Os fenômenos psíquicos e as artes mágicas

Existem certos homens que os tártaros veneram acima de tudo no mundo" diz o monge Ricold, "a saber, os baxitae, que são uma espécie de sacerdotes-ídolos. Eles são originários da Índia, pessoas de profunda sabedoria, de boa conduta e de moral austera. Eles são versados nas artes mágicas (...) exibem muitas ilusões, e predizem os eventos futuros. Por exemplo, dizia-se que o mais eminente deles era capaz de voar; mas a verdade, contudo, como ficou provado, é que ele não voava, mas caminhava perto da superfície do solo sem o tocar; e ele parecia sentar-se sem ter qualquer suporte para sustentá-lo. Este último fenômeno foi testemunhado por Ibn Batuta, em Delhi", acrescenta o Cel. Yule, que cita o monge em Book of Ser Marco Polo, "na presença do sultão Mahomet Tughlak"; e foi formalmente exibido por um brâmanes em Madras no presente século, um descendente dos brâmanes que Apolônio viu caminhando a dois côvados do solo. Isso foi descrito também pelo ilustre Francis Valentyn como sendo um espetáculo conhecido e praticado em seu próprio tempo na Índia. Conta-se, diz que um homem começa por sentar-se sobre três bastões reunidos para formar um tripode, após o que, primeiro um, depois o segundo e então o terceiro, todos os bastões são retirados, não caindo o homem, mas permanecendo sentado no ar! Falei com dois amigos que haviam testemunhado um fato dessa natureza, e um deles, posso acrescentar, não acreditando em seus próprios olhos, deu-se ao trabalho de verificar com um bastão se não havia algo sobre o qual o corpo se apoiasse; mas, como contou, ele não pôde sentir ou ver qualquer coisa.

Proezas como essas nada são se comparadas com as que fazem os prestidigitadores profissionais; "proezas", assinala o autor acima citado, "que poderiam passar por meras invenções se narradas por apenas um autor, mas que parecem merecer uma séria atenção quando são relatadas por vários autores, certamente independentes uns dos outros e escrevendo a longos intervalos de tempo e lugar. Nossa primeira testemunha é In Batuta, e será necessário citá-lo por extenso, assim como a outros, a fim de mostrar até que ponto as suas evidências concordam entre si. O viajante árabe estava presente por ocasião de um grande espetáculo na corte do Vice-rei de Khansa. "Nessa mesma noite um prestidigitador, que era um dos escravos de Khan, fez sua aparição, e o Emir lhe disse: 'Vem e mostra-nos algumas de tuas maravilhas!' Ele tomou então uma bola de madeira, com vários furos, pelos quais passaram longas correias de couro, e, segurando uma delas, arremessou a bola ao ar. Ela se elevou tão alto que a perdemos de vista (...) (Estávamos no interior da corte do palácio.) Restou então apenas uma parte da ponta de uma correia na mão do mágico, e ele pediu a um dos rapazes que o assistiam que a pegasse e que montasse nela. Ele o fez, subindo pela correia, e nós o perdemos de vista também! O mágico então o chamou por três vezes, mas, não obtendo nenhuma resposta, tomou uma faca, como se estivesse tomado de cólera, subiu pela correia, e desapareceu também! Logo ele jogou uma das mãos do rapaz, depois um pé, a outra mão, e o outro pé, depois o tronco, e por fim a cabeça! em seguida ele próprio desceu ofegante, e com as vestes manchadas de sangue beijou o solo à frente do Emir, e lhe disse algo em chinês. O Emir deu alguma ordem em resposta, e nosso amigo então apanhou os membros do rapaz, reuniu-os juntos em seus lugares, e deu-lhes um chute, e eis que lá estava o rapaz, que se plantou à nossa frente! Tudo isso me surpreendeu extraordinariamente, e tive um ataque de palpitações semelhante ao que em sobreveio outrora na presença do Sultão da Índia, quando ele me mostrou algo do mesmo gênero. Deram-me no entanto um cordial, que me curou do ataque. O Kaji Afkharuddin estava próximo de mim e disse:

“Senhor! creio que não houve nem subida, nem descida, nem mutilação, nem remendo! Tudo não passa de um hocus-pocus!”!

E quem duvida de que não se trata de uma "hocus-pocus", de uma ilusão, ou Mâyâ, como os hindus a chamam? Mas um tal ilusão é produzida, por assim dizer, diante de milhares de pessoas ao mesmo tempo, como a vimos durante um festival público, os meios pelos quais uma alucinação tão extraordinária pode ser produzida merecem a atenção da ciência! Quando por uma tal mágica um homem que está à vossa frente, numa sala, cujas portas tivestes o cuidado de fechar, estando as chaves em vossa mão, subitamente desaparece, se desvanece como um raio de luz, e não o vedes em lugar nenhum mas ouvis a sua voz de diferentes partes da sala chamando-vos e rindo de vossa perplexidade, tal arte certamente não é indigna do Sr. Huxley ou do Dr. Carpenter. Não vale a pena consagrar-se tal estudo da mesma maneira que a esse outro mistério menor - como por que os galos cantam à meia-noite?

Os mistérios da vontade dirigida

Tendo sempre em mente que repudiamos a idéia do milagre, podemos agora perguntar que objeção lógica se pode fazer contra a afirmação de que a reanimação de mortos era realizada por muitos taumaturgos? Poderia ir mais longe e dizer que a força de vontade do homem é tão tremendamente potencial que pode reanimar um corpo aparentemente morto, fazendo retroceder a alma esvoaçante que ainda não rompeu o fio por meio do qual a vida unia a ambos. Dezenas de tais faquires permitiram que fossem enterrados vivos diante de milhares de testemunhas, e semanas depois ressuscitarem. E se os faquires têm o segredo deste possesso artificial, idêntico ou análogo à hibernação, por que não conceder que os seus ancestrais, os ginosofistas, e Apolônio de Tiana, que havia estudado com estes na Índia, e Jesus, e outros profetas e videntes, que conheciam mais dobre os mistérios da vida e da morte do que qualquer um dos nossos modernos homens de ciência, podiam ressuscitar homens e mulheres mortos? E por estarem familiarizados com este poder - esse algo misterioso "que a ciência ainda não conseguiu compreender", como confessa o Prof. Le Conte -, conhecendo, além disso, "de onde vem ele e para onde vai" Eliseu, Jesus, Paulo, Apolônio e ascetas entusiastas e sábios iniciados podiam chamar novamente à vida com facilidade todo homem que "não estivesse morto, mas apenas dormindo", e sem qualquer milagre.

Se as moléculas do cadáver estão impregnadas da Força Vital e das Forças químicas do organismo vivo, o que pode impedi-las de serem novamente postas em movimento, desde que conheçamos a natureza da Força Vital, e como comandá-la? O materialista não pode oferecer nenhuma objeção, pois para ele não se apresenta a questão de reinsuflar vida à alma. Para ele a alma não tem existência, e o corpo humano deve ser encarado simplesmente como um engenho vital - uma locomotiva que se movimentará após o fornecimento de calor e força, e parará quando estes cessarem. Para o teólogo, o caso oferece dificuldades maiores, pois, a seu ver, a morte corta por inteiro o vínculo que une o corpo a alma, e esta pode tanto retornar àquele sem um milagre quanto o recém-nascido pode ser compelido a voltar à sua vida fetal depois do parto e da secção do cordão umbilical. Mas o filósofo hermético coloca-se entre esses dois antagonistas irreconciliáveis, senhor da situação. Ele conhece a natureza da alma - uma forma composta de fluído nervoso e éter atmosférico - e sabe como a Força Vital pode tornar-se ativa ou passiva à vontade, desde que não haja nenhuma destruição definitiva de algum órgão necessário. As afirmações de Gaffarilus - que, a nosso ver, pareceram tão despropositadas em 1650 - foram posteriormente corroboradas pela ciência. Ele sustentava que todo objeto existente na Natureza, desde que seja artificial, quando queimado, retém a sua forma nas cinzas, em que permanece até a sua ressurreição. Du Chesne, um químico eminente, certificou-se do fato. Kircher, Digby e Vallemont demonstraram que as formas das plantas podiam ser ressuscitadas a partir das cinzas. Num encontro de naturalistas em 1834, em Stuttgart, uma receita para produzir tais experiências foi descoberta na obra de Oetinger. As cinzas de plantas queimadas contidas em pequenos frascos, quando aquecidas, exibiam novamente as suas formas, "Uma pequena nuvem obscura elevou-se do frasco, assumiu uma forma definida e apresentou a flor ou a planta de que consistiam as cinzas." (C. Crowe, *The Nigh-Side of Nature*, p.110) "O folheto terrestre", escreveu Oetinger, "permanece na retorta, ao passo que a essência volátil sobe, como um espírito, mas vazio de substância."

E, se a forma astral mesmo de uma planta ainda sobrevive nas cinzas, quando o corpo está morto, persistirão os cépticos em dizer que a alma do homem, o eu interior, se dissolve após a morte da forma mais grosseira, e que não existe mais? "Por ocasião da morte", diz o filósofo, "um corpo exsuda de outro, por osmose e através do cérebro; ele se mantém perto de seu antigo invólucro por um dupla atração, física e espiritual, até que este se decompunha; e se boas condições são dadas, a alma pode reabitá-lo e retomar

a vida suspensa. Ela o faz durante o sono; ela o faz mais completamente em transe; e mais surpreendente obedecendo ao comando e com a assistência do adepto hermético. Jâmblico declarou que uma pessoa dotada desses poderes ressuscitadores é 'pleno de Deus'. Todos os espíritos subordinados das esferas superiores estão sob o seu comando, pois ele não é mais um mortal e sim um deus. Na Epístola aos Coríntios, Paulo assinala que 'os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas!'"

Algumas pessoas têm o poder natural e algumas outras o poder adquirido de extrair o corpo interior do exterior, a vontade, obrigando-o a fazer longas jornadas e a se tornar visível àquele a quem visita. Numerosos são os exemplos atestados por testemunhas irrecusáveis do "desdobramento" de pessoas que foram vistas e com quem se conversou a centenas de milhas dos lugares em que se sabia que as mesmas pessoas estavam. Hermetismo, se podemos dar crédito a Plínio e a Plutarco, podia entrar em transe à vontade e então a segunda alma seguia para o lugar que lhe aprouvesse.

De acordo com Napier, Osborne, o major Lawes, Quenouillet, Nikiforovitch e muitas outras testemunhas modernas, os faquires, no decorrer de longo regime, preparo e repouso, mostraram que eram capazes de levar os corpos a um estado que lhes permitia serem enterrados a seis pés da terra por um período indefinido. Sir Claude Wade estava presente à corte de Rundjit Singh quando o faquir, mencionado pelo Honrável Cap. Osborne, foi enterrado vivo por seis semanas, numa caixa colocada numa cela três pés abaixo do nível do solo. Para prevenir a possibilidade de uma fraude, uma guarda composta de duas companhias de soldados foi destacada, e quatro sentinelas "foram incumbidas, revezando-se a cada duas horas, noite e dia, de guardar o edifício contra intrusos. (...) Abrindo-a", diz Sir Claude, "vimos uma figura encerrada num sudário de linho branco amarrado por uma corda acima da cabeça (...) o servente começou então a derramar água quente sobre a figura (...) as pernas e os braços estavam encolhidos e rijos, o rosto natural, a cabeça inclinada sobre o ombro, como a de um cadáver. Chamei então o médico que me assistia e pedi-lhe que viesse inspecionar o corpo, o que ele fez, mas não pôde descobrir nenhuma pulsação no corpo, nas têmporas ou nos braços. Havia, no entanto, um calor sobre a região do cérebro, que nenhuma outra parte do corpo exibia".

Lamentando que os limites de nosso espaço proibam citar os detalhes dessa interessante história, acrescentamos apenas que o processo de ressurreição incluía o banho com água quente, fricção, a retirada dos chumaços de cera e algodão das narinas e das orelhas, a fricção das pálpebras com ghee, ou manteiga clarificada, e, o que parecerá mais curioso a muitos, a aplicação de um bolo de trigo quente, de cerca de um polegar de espessura, "ao topo da cabeça". Depois de o bolo ter sido aplicado pela terceira vez, o corpo teve convulsões violentas, as narinas se inflaram, a respiração se iniciou, e os membros adquiriram a sua plenitude natural; mas a pulsação ainda era fracamente perceptível. "A língua foi então untada com ghee, as pálpebras dilataram-se e recuperaram a cor natural, e o faquir reconheceu os presentes e falou." Cumpriria assinalar que não apenas as narinas e as orelhas haviam sido tapadas, mas a língua tinha sido dobrada para trás, de modo a fechar a garganta, fechado assim efetivamente os orifícios à admissão de ar atmosférico. Quando estávamos na Índia, um faquir nos disse que isso era feito não apenas para prevenir a ação do ar sobre os tecidos orgânicos, mas também para resguardar contra o depósito de germes da decomposição, que no caso da animação suspensa causariam a decomposição exatamente como o fazem com qualquer outra carne exposta ao ar. Há também localidades em que um faquir se recusará a ser enterrado, tais como muitas regiões da Índia meridional, infestadas de formigas brancas, essas térmitas terríveis que se contam entre os inimigos mais perigosos do homem e de suas propriedades. Elas são tão vorazes que devoram tudo que encontram, com exceção, talvez, dos metais. Quando à madeira, não há nenhuma espécie pela qual elas não passem; e mesmo o tijolo e a argamassa oferecem pouca resistência aos seus formidáveis exércitos. Elas trabalharam pacientemente através da argamassa, destruindo-a partícula por partícula; e um faquir, por mais santo que seja, e por mais resistente que seja o seu ataúde, não se arriscará a ver o seu corpo devorado quando for o momento de sua ressurreição.

Considerações sobre a morte física

A ciência vê o homem como uma agregação de átomos temporariamente unidos por uma misteriosa força chamada princípio de vida. Para o materialista, a única diferença entre um corpo vivo e um morto é que no primeiro essa força é ativa e no outro, latente. Quando extintas ou completamente latentes, as moléculas obedecem a uma atração superior, que as espalha e dissemina pelo espaço.

Essa dispersão deve ser a morte, se é possível conceber uma coisa como a morte, em que as próprias moléculas do corpo morto manifestam uma intensa energia vital. Se a morte é apenas a parada da máquina digestora, locomotiva e pensante, como pode a morte ser real e não relativa, antes que a máquina

se quebre por completo e as suas partículas se dispersem? Enquanto algumas delas estão unidas, a força vital centrípeta pode sobrepujar a ação centrífuga dispersiva. Diz Éliphas Lévi: "A mudança atesta o movimento, e o movimento apenas revela a vida. O cadáver não se decomporia se estivesse morto; todas as moléculas que o compõem estão vivas e lutam por separar-se. E imaginai que o espírito se liberta simplesmente para não mais existir? Que o pensamento e o amor podem morrer quando as formas mais grosseiras da matéria não morrem? Se a mudança deve chamar-se morte, morremos e renascemos todos os dias, pois a cada dia nossas formas sofrem uma mudança".

Os cabalistas dizem que um homem não está morto quando o seu corpo está enterrado. A morte nunca é súbita; pois de acordo com Hermes, nada se opera na Natureza por transições violentas. Tudo é gradual, e assim como é preciso um longo e gradual desenvolvimento para produzir o ser humano, do mesmo modo o tempo é necessário para retirar completamente a vitalidade da carcaça. "A morte não pode ser um fim absoluto, assim como o nascimento não é um início verdadeiro. O nascimento prova a preexistência do ser, e a morte prova a imortalidade", diz o mesmo cabalista francês.

Embora acreditando implicitamente na ressurreição da filha de Jairo, o chefe da sinagoga, e em outros milagres bíblicos, os cristãos instruído, que de outro modo se sentiriam indignados ao se chamados de supersticiosos, acolhem fatos como o de Apolônio e a jovem que segundo o seu biógrafo foi ressuscitada por ele, com uma desdenhosa incredulidade. Diógenes Laércio, que menciona uma mulher ressuscitada por Empédocles, não é tratado com mais respeito; e o nome do taumaturgo pagão, aos olhos dos cristãos, é apenas um sinônimo para impostor. Nossos cientistas são, afinal, um pouco mais racionais; eles agrupam todos os profetas e apóstolos bíblicos e todos os fazedores de milagres pagãos em duas categorias de tolos alucinados e hábeis impostores.

Mas, deixando de lado a incrível ficção de Lazaro, selecionamos dois casos: a filha do chefe da sinagoga chamada novamente à vida por Jesus, e a noiva coríntia ressuscitada por Apolônio. No primeiro caso, desconsiderando por completo a significativa expressão de Jesus - "Ela não está morta mas adormecida", o clero força o seu deus a violar as suas próprias leis e oferecer injustamente a um o que nega a todos os outros, e sem nenhum melhor objetivo em vista do que o de produzir um milagre inútil. No segundo caso, não obstante as palavras do biógrafo de Apolônio, tão claras e precisas que não subsiste a menor razão para distorcê-las, eles acusam Filotrasto de deliberada impostura. Quem poderia ser mais honesto do que ele, quem menos acessível à acusação de mistificação, pois, descrevendo a ressurreição da jovem pelo sábio de Tiana, na presença de uma grande multidão, diz o biógrafo, "ela parecia estar morta". Embora outras palavras, ele indica muito claramente um caso de animação suspensa; e, então acrescenta imediatamente, "como a chuva caía muito abundante sobre a jovem", enquanto estava ela sendo carregada à pira, "com a sua fase virada para cima, isto, também, poderia ter excitado os seus sentidos". Isso não mostra claramente que Filotrasto não viu nenhum milagre nessa ressurreição? Isso não implica, ademais, algo como a grande sabedoria e habilidade de Apolônio, "que como Asclepiades tinha o mérito de distinguir com um golpe de vista entre a morte real e a aparente"?

Uma ressurreição, depois de a alma e o espírito se terem inteiramente separado do corpo, e o último fio magnético se ter cortado, é tão impossível quanto para um espírito uma vez desencarnado reencarnar uma vez mais neste mundo, exceto nas circunstâncias descritas nos capítulos anteriores. "Uma folha, uma vez caída, não se religa ao ramo", diz Éliphas Lévi. "A lagarta torna-se uma borboleta, mas a borboleta não retorna ao estado de larva. A Natureza fecha a porta atrás de tudo que passa, e puxa a vida para a frente. As formas passam, o pensamento permanece, e não chama de volta o que uma vez se exauriu."

Por que se imaginaria que Asclepiades e Apolônio gozavam de poderes excepcionais para discernir a morte real? Tem qualquer moderna escola de Medicina este conhecimento para comunicar a seus estudantes? Que as suas autoridades respondam por eles. Os prodígios de Jesus e Apolônio são tão bem atestados que parecem autênticos. Se num e noutro caso a vida foi ou simplesmente suspensa, resta o fato importante de que por algum poder, peculiar a eles, os dois fazedores de milagres chamaram o aparentemente morto de volta à vida por um instante.

Mas, no caso do que os fisiologistas chamam "morte real", e que não o é realmente, o corpo astral se retirou; talvez a decomposição local se tenha manifestado. Como seria o homem trazido novamente à vida? A resposta é, o corpo interior deve ser forçado a reentrar no corpo exterior, e a vitalidade a ser redespertada neste último. O relógio parou, e deve estar quebrado. Se a morte é absoluta; se os órgãos não cessaram apenas de agir, mas perderam a suscetibilidade de ação renovada, então seria preciso lançar todo

o universo no caos para ressuscitar o cadáver - seria preciso um milagre. Mas, como dissemos antes, o homem não morre quando está frio, rijo, sem pulso, sem respiração, e mesmo mostrando sinais de decomposição; ele não está morto quando é enterrado, nem depois, mas quando um certo ponto é atingido. Este ponto é, quando os órgãos vitais se decompueram de tal maneira que, reanimando-se, eles não realizariam as suas funções costumeiras; quando a mola central e a roda denteadas da máquina, por assim dizer, estão de tal modo desgastadas pela ferrugem, que elas se quebrariam à primeira volta da chave. Até que esse ponto não seja atingido, o corpo astral pode ser forçado, sem milagre, a reentrar em seu primeiro tabernáculo, por um esforço de sua própria vontade, ou sob o impulso irresistível da vontade de alguém que conheça as potências da Natureza e saiba como dirigi-las. A centelha não se extinguiu, mas está apenas latente - latente como o fogo no sílex, ou o calor no ferro frio.

Nos casos da clarividência cataléptica mais profunda, tais como os obtidos por Du Potet, e descritos muito minuciosamente pelo falecido Prof. William Gregory, em suas *Letters on Animal Magnetism*, o espírito está tão desengajado do corpo que lhe seria impossível reentrar nele sem um esforço da vontade do mesmerizador. O paciente está praticamente morto, e, se deixado a si mesmo, o espírito escaparia para sempre. Embora independente do invólucro físico semilivre ainda está unido a ele por um cordão magnético, descrito pelos clarividentes como de aspeto sombrio e nebuloso em contraste com o brilho inefável da atmosfera astral pela qual eles olham. Plutarco, relatando a história de Téspésio, que caiu de uma grande altura, e permaneceu por três dias aparentemente morto, conta-nos a experiência deste durante o seu estado de morte parcial. "Téspésio", diz ele, "observou então que era diferente dos mortos pelos quais estava cercado. (...) Eles eram transparentes e cercados de um brilho, mas ele parecia arrastar atrás de si uma radiação negra ou um linha de sombra." Toda a sua descrição, minuciosa e circunstanciada em seus detalhes, parece ser corroborada pelos clarividentes de todas as épocas, e, até onde esse testemunho pode ser admitido, é importante. Os cabalistas, como os vemos interpretados por Éliphas Lévi, em sua *Science des Esprits*, dizem que "Quando um homem cai em seu sono derradeiro, mergulha em primeiro lugar numa espécie de sonho, antes de ganhar consciência no outro lado da vida. Ele vê, então, numa bela visão, ou num pesadelo terrível, o paraíso ou o inferno, em que ele acredita durante a sua existência mortal. Eis por que acontece com freqüência a alma aflita volta violentamente à vida terrestre que acabou de deixar, e por que alguns que estavam realmente mortos, i.e., que, se deixados sós e quietos, teriam passado tranqüilamente para sempre num estado de letargia inconsciente, quando enterrados prematuramente voltam à vida no túmulo".

Lévi diz que a ressurreição não é impossível enquanto o organismo vital permanecer intato, e a alma astral ainda está ao alcance. "A Natureza", diz ele, "nada faz por sobressaltos, e a morte eterna é sempre precedida por um estado que partilha um pouco da natureza da letargia. É um torpor que um grande choque ou o magnetismo de uma vontade são capazes de sobrepujar." Lévi explica dessa maneira a ressurreição do homem morto ao contato com os ossos de Eliseu. Ele a explica dizendo que a alma estava errando nesse momento junto ao corpo; os convivas da cerimônia fúnebre, de acordo com a tradição, foram atacados por salteadores; e como o seu pavor se comunicasse simpaticamente a ela, a alma foi tomada de horror à idéia de ver seus restos profanados, e "reentrou violentamente no corpo para erguê-lo e salvá-lo". Aqueles que acreditam na sobrevivência da alma podem nada ver nesse incidente que tenha um caráter sobrenatural - trata-se apenas de uma manifestação perfeita da lei natural. Narrar a um materialista um caso como esse, ainda que bem atestado, seria uma tarefa inútil; o teólogo, sempre contemplando além da natureza uma providência especial, considera-o um milagre. Diz Éliphas Lévi: "Eles atribuíam a ressurreição ao contato com os ossos de Eliseu; e, logicamente, a adoração de relíquias data dessa época".

Balfour Stewart está certo - os cientistas "nada sabem, ou quase nada, da estrutura e das propriedades últimas da matéria orgânica ou inorgânica".

Estamos agora em terreno tão firme que daremos um novo passo adiante. O mesmo conhecimento e o mesmo controle das forças ocultas, incluindo a força vital que possibilitou ao faquir deixar temporariamente e depois reentrar em seu corpo, e a Jesus, Apolônio e Eliseu de ressuscitarem os mortos, possibilitou aos antigos hierofantes animarem estátuas, e fazê-las agir como criaturas vivas. É o mesmo conhecimento e poder que permitiram a Paracelso criar os seus homunculi; a Aarão transformar a sua vara numa serpente e num ramo florido; a Moisés cobrir o Egito com rãs e outras pestes; e ao teurgista egípcio de nossos dias vivificar a sua mandrágora pigméia, que tem vida física mas não alma. Não era mais surpreendente para Moisés, em condições favoráveis, chamar à vida grandes répteis e insetos, do que para nosso físico moderno, nas mesmas condições favoráveis, chamar à vida insetos menores, que ele chama de bactérias.

Apolônio podia ver, através de um espelho, o presente e o futuro

Examinaremos agora, em relação aos fazedores de milagres e aos profetas antigos, as pretensões dos médiuns modernos.

Quando a atual e aperfeiçoada civilização européia ainda estava em seus começos, a filosofia oculta, já encanecida pela idade, especulava sobre os atributos do homem pela analogia com os de seu Criador. Mas tarde, indivíduos cujos nomes permanecerão para sempre imortais, inscritos no portal da história espiritual do homem, forneceram pessoalmente exemplos da extensão possível do desenvolvimento dos poderes divinos do microcosmos. Descrevendo as Doctrines and Principal Teacher of the Alexandrian School, diz o Prof. A.Wilder: "Plotino ensinava que há na alma um impulso de retorno, um amor, que a atrai internamente para a sua origem e centro, o bem eterno. Enquanto a pessoa que não compreende como a alma contém o belo em si, procurará por um esforço laborioso reconhecer a beleza no exterior, o homem sábio reconhece-a em si, desenvolve a idéia retirando-a de si mesmo, concentrando a sua atenção, e assim pairando sobre a fonte divina, cuja corrente flui dentro de si. Não se conhece o infinito por meio da razão (...) mas por uma faculdade superior à razão, entrando num estado em que o indivíduo, por assim dizer, cessa de ser o seu eu finito, em cujo estado a essência divina lhe é comunicada. Tal é o ÊXTASE". A propósito de Apolônio, que afirmava que podia ver "o presente e o futuro num espelho claro", devido ao seu modo sóbrio de viver, o professor faz a seguinte bela observação: "Isto é o que se pode chamar de fotografia espiritual. A alma à câmara na qual os fatos e os eventos, o futuro, o passado e o presente, estão como que fixados; e a mente torna-se consciente deles. Além do nosso mundo ordinário, tudo é um dia ou um estado; o passado e o futuro estão compreendidos no presente".

A mediunidade ensinada na filosofia antiga

Eram "médiuns" esses homens semelhantes a Deus, como pretendem os espiritistas ortodoxos? De modo algum, se pelo termo compreendemos os "sensitivos doentes", que nasceram com uma organização peculiar, e que em proporção aos seus podres se desenvolveram mais os menos sujeitos à influência irresistível de espíritos diversos, puramente humanos, elementares ou elementais. Isso é incontestável, se considerarmos todo indivíduo como um médium em cuja atmosfera magnética os habitantes das esferas invisíveis superiores podem mover-se, e agir, e viver. Neste sentido, toda pessoa é um médium. A mediunidade pode ser 1º) autodesenvolvida; 2º) motivada por influências estranhas; ou 3º) pode permanecer em estado latente por toda a vida. O leitor deve ter em mente a definição do termo, pois, a não ser que isso claramente compreendido, a confusão será inevitável. A mediunidade dessa espécie pode ser ativa ou passiva, repelente ou receptiva, positiva ou negativa. A mediunidade é medida pela quantidade da aura pela qual o indivíduo é envolvido. Ela pode ser densa, nebulosa, nociva, mefítica, nauseabunda para o espírito puro e atrair apenas seres abomináveis que se comprazem com ela, como a enguia o faz nas águas turvas, ou pode ser pura, cristalina, límpida, opalescente como a aurora. Tudo depende do caráter moral do médium.

Em torno de homens como Apolônio, Jâmblico, Plotino e Porfírio condensava-se este nimbo celeste. Ele era engendrado pelo poder de suas próprias almas em estreita harmonia com seus espíritos; pela moralidade e santidade sobre-humanas de suas vidas, e ajudados pela contínua contemplação estática interior. As puras influências espirituais podiam aproximar-se de tais homens. Radiando à sua volta uma atmosfera de beneficência divina, eles punham em fuga os maus espíritos. Não apenas não é possível a estes existirem em sua aura, mas eles não podem permanecer mesmo na de pessoas obcecadas, se o taumaturgo exerce a sua vontade, ou mesmo se aproxima delas. Isto é MEDIAÇÃO, não mediunidade. Tais pessoas são templos nos quais habita e espírito do Deus vivo; mas se o tempo está maculado pela admissão de paixões, pensamentos ou desejos, o mediador cai na esfera da feitiçaria. A porta está aberta; os espíritos puros se retiram e os maus entram de tropel. Isto ainda é mediação, ainda que má; o feiteceiro, assim como o mágico puro, forma a sua própria aura e submete à sua vontade os espíritos inferiores que lhe são afins.

Mas a mediunidade, como hoje se compreende e se manifesta, é uma coisa diferente. As circunstâncias, independentemente de suas própria vontade, podem, por ocasião do nascimento ou depois, modificar a aura de uma pessoa, de modo que manifestações estranhas, físicas e mentais, diabólicas ou angélicas, podem ocorrer. Tal mediunidade, assim como a mediação acima mencionado, existe na Terra desde que o homem nela fez a sua primeira aparição. A primeira é a submissão da carne fraca e mortal pelo controle e pelas sugestões de outros espíritos e inteligências que não o nosso próprio demônio

imortal. É literalmente a obsessão e a possessão; e médiuns que se orgulham de ser escravos fieis de seus "guias", e que repudiam com indignação a idéia de "controlar" as manifestações, "não podem contestar o fato de maneira consistente. Essa mediunidade é simbolizada na história de Eva sucumbindo às artimanhas da serpente; de Pandora espremendo a caixa proibida e deixando escapar ao mundo a tristeza e o mal, e por Maria Madalena, que depois de ter sido obsedada por 'sete demônios', foi finalmente redimida pela luta vitoriosa de seu espírito imortal, tocado pela presença de um santo mediador, contra o obsessor". Essa mediunidade, benéfica ou maléfica, é sempre passiva. Felizes são os puros de espírito, que repelem inconscientemente, graças à pureza de sua natureza interior, os sombrios espíritos do mal. Pois na verdade eles não têm outras armas de defesa a não ser a bondade e a pureza inata. A mediunidade, tal como é praticada em nossos dias, é um dom bem menos admirável do que o manto de Nesso.

"Conhece-se a árvores por seus frutos." Lado a lado com os médiuns passivos no progresso da história do mundo, aparecem os mediadores ativos. Nós os designamos por esse nome à falta de um melhor. Os antigos feiticeiros e mágicos, e os que tinham um "espírito familiar", comerciavam com os seus dons; e a mulher de Obeah de En-Dor, tão bem retratado por Henbry More, embora ela possa ter sacrificado um filhote para Saul, aceitava dinheiro de outros visitantes. Na Índia, os prestidigitadores, que, diga-se de passagem, o são menos do que muitos médiuns modernos, e os Essaoua, ou feiticeiros e encantadores de serpentes da Ásia e da África, todos exercem seus dons por causa do dinheiro. Não se dá o mesmo com os mediadores ou hierofantes. Buddha recusou o trono do pai para ser um mendicante. O "Filho do Homem não tinha onde repousar a cabeça"; os apóstolos eleitos não tinham "nem ouro, nem prata, nem bronze em suas bolsas". Apolônio deu metade de sua fortuna a seus familiares, e a outra metade aos pobres; Jâmblico e Plotino eram célebres por sua caridade e abnegação; os faquires, ou santos mendicantes da Índia, são fielmente descritos por Jacolliot; os essênios pitagóricos e os terapeutas acreditavam que suas mãos definhariam ao contato com o dinheiro. Quando ofereciam dinheiro aos apóstolos para que comunicassem seus poderes espirituais, Pedro, embora a Bíblia o mostre como um covarde e por três vezes como um renegado, repelia indignado a oferta, dizendo: "Que teu dinheiro pereça contigo, pois pensas que o dom do Senhor pode ser comprado com dinheiro". Esses homens eram mediadores, guiados apenas por seu próprio espírito pessoal, ou alma divina, e servindo-se da ajuda de espíritos apenas até onde estes se conservassem no bom caminho.

Longe de nós o pensamento de lançar uma mácula injusta sobre os médiuns físicos. Exauridos por diversas inteligências, reduzidos pela influência predominante dos espíritos - à qual suas naturezas fracas e nervosas são incapazes de resistir - a um estado mórbido, que ao fim se torna crônico, eles são impedidos por essas "influências" de assumir outra ocupação. Eles se tornam mental e fisicamente incapazes para qualquer outra atividade. Quem pode julgá-los severamente quando, lançados numa situação extrema, são constrangidos a aceitar a mediunidade como um negócio? E o céu sabe, como bem o demonstraram os últimos acontecimentos, se essa profissão deve ser invejada por quem quer que seja! Não são os médiuns, os médiuns leais, verdadeiros e honestos que jamais censuraríamos, mas seus padrões, os espiritistas.

Diz-se que Plotino, quando lhe pediram que assistisse à adoração pública dos deuses, respondeu altivamente: "Cabe a eles (os espíritos) virem a mim". Jâmblico afirmava e provava, por seu próprio caso, que nossa alma pode atingir a comunhão com as inteligências superiores, de "natureza mais elevada que a nossa própria", e expulsava cuidadosamente de suas cerimônias teúrgicas todos os espíritos inferiores, ou maus demônios, que ele ensinava os discípulos a reconhecer. Proclo, que "elaborou toda a teosofia e a teurgia de seus predecessores num sistema completo", de acordo com o Prof. Wilder, "acreditava com Jâmblico na possibilidade de obter um poder divino, que, ultrapassando a vida mundana, tornava o indivíduo um órgão da Divindade". Ele ensinava ainda que havia uma "senha mística que conduziria uma pessoa de uma ordem de seres espirituais a outra, mais e mais alto, até que ela chegasse ao divino absoluto". Apolônio desprezava os feiticeiros e os "adivinhos vulgares", e afirmava que era o seu "modo de vida sóbrio peculiar" que "produziu a acuidade dos sentidos e criou outras faculdades, de modo que coisas maiores e mais notáveis podiam ter lugar". Jesus proclamava ser o homem o senhor do Sabbath, e ao seu comando os espíritos terrestres e elementares fugiam de suas moradas temporárias; um poder que foi partilhado por Apolônio e por muitos da Irmandade dos Essênios da Judéia e do Monte Carmelo.

É inegável que deve ter havido boas razões para que os antigos perseguissem os médiuns desregrados. De outro modo, por que, ao tempo de Moisés e Davi e Samuel, teriam eles encontrado a profecia e a premonição, a Astrologia e a adivinhação, e mantido escolas e colégios nos quais esses dons naturais eram fortificados e desenvolvidos, ao passo que os feiticeiros e os que adivinhavam pelo espírito de Ob (Ob - Hebreu - A Luz astral, melhor dizendo, suas correntes daninhas, personificadas para os

judeus como um Espírito, o Espírito de Ob.) foram condenados à morte? Mesmo ao tempo de Cristo, os pobres médiuns oprimidos foram lançados nos túmulos e lugares desertos fora dos muros da cidade. Por que essas injúrias aparentemente grosseira? Por que o banimento, a perseguição e a morte terem sido a paga dos médiuns físicos daqueles dias, e todas as comunidades de taumaturgos - como os essênios - serem não apenas toleradas, mas reverenciadas? É porque os antigos, ao contrário de nós, podiam "provar" os espíritos e discernir a diferença entre espíritos bons e maus, os humanos e os elementais. Eles também sabiam que o relacionamento com espíritos desregrados trazia ruína para o indivíduo e desastre para a comunidade.

Essa maneira de ver a mediunidade pode ser insólita e talvez repugnante a muitos spiritistas modernos; mas é a visão ensinada na filosofia antiga, e demonstrada pela experiência da Humanidade desde tempos imemoriais.

As qualidades do médium e as manifestações espíritas

É um erro dizer que um médium tem poderes desenvolvidos. Um médium passivo não tem poder. Ele tem uma certa condição moral e física que produz emanções, ou uma aura, na qual as inteligências que o guiam podem viver e pela qual elas se manifestam. Ele é apenas o veículo através do qual elas exercem seu poder. Essa aura varia dia a dia, e, segundo as experiências do Sr. Crookes, mesmo de hora em hora. É um efeito externo que resulta de causas internas. A condição moral do médium determina a espécie dos espíritos que vêm; e os espíritos que vêm influenciam reciprocamente o médium, intelectual, física e moralmente. A perfeição de sua mediunidade está na razão da sua passividade, e o perigo em que ele incorre está no mesmo grau. Quando ele está completamente "desenvolvido" - perfeitamente passivo -, o seu próprio espírito astral pode ser paralisado, mesmo retirado de seu corpo, que é então ocupado por um elemental, ou, o que é pior, por um monstro humano da oitava esfera, que dele se serve como se fosse o seu próprio corpo. Muito freqüentemente a causa dos crimes célebres deve ser procurada em tais possessões.

Como a mediunidade física depende da passividade, o seu antídoto é óbvio; o médium deve cessar de ser passivo. Os espíritos nunca controlam pessoas de caráter positivo que estão determinadas a resistir a todas as influências estranhas. Levam ao vício os fracos e os pobres de espírito que eles conseguem levar ao vício. Se os elementais que produzem milagres e os demônios desencarnados chamados de elementares fossem de fato os anjos guardiões, como se acreditou nos últimos trinta anos, por que não deram eles a seus médiuns fieis pelo menos boa saúde e felicidade doméstica? Por que os abandonam nos momentos críticos do julgamento, quando acusados de fraude? É notório que os melhores médiuns físicos são doentios, ou, às vezes, o que é ainda pior, inclinados a um ou outro vício anormal. Por que esses "guias" curadores, que fazem seus médiuns exercerem o papel de terapeutas e taumaturgos para outros, não lhes dão a dádiva de um robusto vigor físico? Os antigos taumaturgos e os apóstolos gozavam geralmente, se não invariavelmente, de boa saúde; seu magnetismo nunca trazia ao doente qualquer mácula física ou moral; e eles nunca foram acusados de VAMPIRISMO, como o faz muito justamente um jornal espírita contra alguns médiuns curadores.

Se aplicarmos a lei acima da mediunidade e da mediação ao tema da levitação, com que abrimos a presente discussão, que descobriremos? Temos aqui um médium e um indivíduo da classe dos mediadores, ambos levitados - o primeiro numa sessão, o segundo em oração ou em contemplação estática. O médium, por ser passivo, deve ser elevado; o estático, por ser ativo, deve levantar a si próprio. O primeiro é elevado por seus espíritos familiares - quaisquer que sejam eles e onde quer que se encontrem -, o segundo, pelo poder de sua própria alma anelante. Podemos qualificá-los indiscriminadamente de médiuns?

Poder-se-ia objetar, no entanto, que os mesmos fenômenos são produzidos tanto na presença de um médium moderno como na de um santo antigo. Sem dúvida; e assim era também nos dias de Moisés; pois acreditamos que o triunfo sobre os mágicos do Faraó por ele proclamado no Êxodo é simplesmente uma fanfarronice nacional da parte do "povo eleito". Que o poder que produziu os seus fenômenos produziu também o dos mágicos, os quais foram, aliás, os primeiros tutores de Moisés e o instruíram em sua "sabedoria", é muito provável. Mas mesmo naqueles dias eles parecem ter bem apreciado a diferença entre fenômenos aparentemente idênticos. A divindade tutelar nacional dos hebreus (que não é o Pai Supremo), (O Velho Testamento menciona um culto prestado pelos israelitas a mais de um deus. O El Sahddai de Abraão e Jacó não era o Jeová de Moisés, ou o Senhor Deus reverenciado por eles durante os quarenta anos no deserto. E o Deus do Exército de Amós não é, se devemos acreditar em suas próprias

palavras, o Deus Mosaico, a divindade sinaíta, pois eis o que está escrito: "Eu odeio, eu desprezo as vossas festas (...) não me agradam as vossas oferendas (...) Por acaso ofereceste-me sacrifícios e oferendas no deserto, durante quarenta anos, ó casa de Israel? (...) Não, mas fabricastes o tabernáculo de vosso Maloch e de vosso Chiun [Saturno], vossas imagens, estrela de vossos deuses, que fabricastes para vós (...) Por isso, vos deportarei (...) disse o Senhor, cujo nome é O Deus dos Exércitos" (Amós, V, 21-7.) proíbe expressamente, no Deuteronio, o seu povo de "imitar as abominações de outras nações. (...) passar pelo fogo, ou utilizar a adivinhação, ou ser um observador do tempo ou um encantador, ou um mago, ou um consultor de espíritos familiares, ou um necromancista".

Que diferença havia então entre os fenômenos que acima enumeramos quando produzidos pelas "outras nações" e quando realizados pelos profetas? Evidentemente, havia alguma boa razão para isso; e encontramos-lo na Primeira Epístola, IV, de João, que diz: "Não acrediteis em qualquer espírito, mas provai os espíritos para saber se vêm de Deus, porque muitos falsos profetas se introduziram no mundo". O único padrão ao alcance dos espiritistas e dos médiuns de hoje pelo qual eles podem provar os espíritos é julgar: 1º) por suas ações e palavras; 2º) por sua prontidão em manifestar-se; e 3º) se o objeto em vista é digno da aparição de um "espírito desencarnado, ou se pode desculpar alguém por perturbar os mortos". Saul estava a ponto de destruir a si e a seus filhos, mas Samuel lhe perguntou: "Por que me incomodaste fazendo-me subir?". Mas as "inteligências" que visitam as salas de sessão espírita acorrem ao primeiro sinal de qualquer farsante que procura um passatempo para a sua ociosidade.

Exceto, a história de Saul e Samuel, não se encontra um único exemplo na Bíblia da "evocação dos mortos". No que concerne à sua legalidade, a asserção é contraditada por todos os profetas. Moisés decretou a pena de morte para aqueles que evocam os espíritos dos mortos, os "necromancistas". Em nenhum lugar do Velho Testamento, nem em Homero, nem em Virgílio a comunhão com os mortos é qualificada a não ser como necromancia. Fílon, o Judeu, faz Saul dizer que se ele banisse da face da Terra todos os adivinhos e necromancistas o seu nome lhe sobreviveria.

Uma das maiores razões para isso era a doutrina dos antigos, segundo a qual nenhuma alma provinha da "morada dos eleitos" retornará à Terra, salvo nas raras ocasiões em que a sua aparição poderia ser solicitada para realizar algum grande objetivo em vista, e assim trazer algum benefício para a Humanidade. Neste último caso a "alma" não precisa ser evocada. Ela envia a sua poderosa mensagem ou por um simulacro evanescente de si mesma, ou por intermédio de mensageiro, que podem aparecer sob forma material, e personificar fielmente o falecido. As almas que podiam ser evocadas tão facilmente eram consideradas como um comércio pouco útil e não isento de perigo. Eram as almas, ou as larvas providas da região infernal do limbo - o Sheol, as região conhecida pelos cabalistas como a oitava esfera, mas muito diferente do Inferno ou Hades ortodoxo dos antigos mitologistas. Horácio descreve essa evocação e a cerimônia que a acompanha, a Maimônides dá-nos detalhes do rito judeu, Toda cerimônia necromântica era realizada em lugares elevados e em montanhas, e o sangue era utilizado para aplacar esses vampiros humanos.

"As almas", diz Porfírio, "preferem, a tudo mais, sangue fresco derramado, que parece restaurar-lhes por algum tempo certas faculdades da vida."

Quando às materializações, elas são profundamente relatadas nos textos sagrados. Mas, eram operadas sob as mesmas condições que nas sessões modernas? A escuridão, ao que parece, não era requerida naqueles dias de patriarcas e de poderes mágicos. Os três anjos que apareceram a Abrão beberam à plena luz do dia, pois "ele estava sentado na entrada da tenda, no calor do dia", diz o livro de Gênese. Os espíritos de Elias e de Moisés apareceram igualmente à luz do dia, e não é provável que Cristo e os Apóstolos estivessem escalando uma montanha durante a noite. Jesus é apresentado aparecendo a Maria Madalena no jardim, às primeiras horas do dia; aos Apóstolos, em três momentos distintos, e geralmente de dia; uma vez "quando já amanhecera". Mesmo quando o asno de Balaam viu o anjo "materializado", estava-se à plena luz da Lua.

Estamos dispostos a concordar com o autor em questão em que encontramos na vida de Cristo - e, podemos acrescentar, no Velho Testamento também - "um relato ininterrupto das manifestações psíquicas", mas nada sobre as mediúnicas, de caráter físico, se excetuarmos a visita de Saul a Sedecla, a mulher Obeah de En-Dor. Essa distinção é de vital importância.

De fato, a promessa do Mestre foi claramente expressa: "Em verdade, realizareis obras maiores do que estas", obras de mediação. De acordo com Joel, o tempo virá em que haverá uma expansão do

espírito divino: "Vossos filhos e vossas filhas", diz ele, "profetizarão, vossos velhos verão sonhos, vossos jovens terão visões". O tempo chegou e eles fazem todas essas coisas agora; o Espiritismo tem seus videntes e mártires, seus profetas e curadores. Como Moisés, e Davi, e Joram, existem médiuns que recebem comunicações escritas de autênticos espíritos planetários e humanos.

Há poucos, pouquíssimos, oradores na tribuna espírita que falam por inspiração, e, se sabem o que diz, eles estão no estado descrito por Daniel: "Não me restou força alguma. Ouvi então o som de suas palavras: e ao ouvir o som de suas palavras, adormeci profundamente". E há médiuns, esses de que falamos, para os quais a profecia de Samuel poderia ter sido escrita: "O espírito do Senhor virá sobre ti, e entrarás em delírio com ele e te transformarás em outro homem". Mas onde, na longa lista de prodígios da Bíblia, podemos ler sobre guitarras voadoras, tambores ressonantes, e sinos batendo, oferecidos em quartos imersos em profunda escuridão como prova da imortalidade?

Quando Cristo foi acusado de expulsar os demônios pelo poder de Belzebu, ele o negou, e replicou amargamente perguntando: "Por qual poder vossos filhos e discípulos os expulsaram?" Os espiritistas afirmam que Jesus era um médium, que ele era controlado por um ou muitos espíritos; mas quando a imputação lhe foi feita diretamente, ele disse que nada tinha a ver com isso. "Não temos razão em dizer que és um samaritano, e que tens um demônio?" [daimonion, um Obeah, ou espírito familiar no texto hebraico]. Jesus respondeu, "Eu não tenho demônio".

Deus geometriza: diz Platão. A energia misteriosa irradiada do Ponto Zero ou Laya

"Prenda-te, diz o alquimista, "às quatro letras do tetragrama dispostas da seguinte maneira: As letras do nome inefável estão aí, embora não possas distingui-las de início. O axioma incomunicável está cabalisticamente nele encerrado, e é isso o que os mestres chamam de mágico." O arcano - as quatro emanções do Âkasa, o princípio de VIDA, que é representado em sua terceira transmutação pelo Sol ardente, o olho do mundo, ou de Osíres, como os egípcios o chamavam. Um olho que vela ternamente a sua filha mais jovem, esposa, e irmã - Ísis, nossa mãe Terra. Vede o que Hermes, o mestre três vezes grande, diz a respeito dela: "Seu pai é o Sol, sua mãe é a Lua". Ele a atrai e acaricia, e então a repele por uma força impulsora. Cabe ao estudante hermético observar seus movimentos, agarrar suas correntes sutis, guiar e dirigir-las com a ajuda do atanor, a alavanca de Arquimedes do alquimista. O que é este misterioso atanor? Pode o físico dizer-nos - ele que o vê e observa diariamente? Sim, ele o vê; mas compreende ele os caracteres secretamente cifrados traçados por um dedo divino sobre toda concha do mar na profundidade dos oceanos; sobre toda folha que treme na brisa; na estrela brilhante cujas linhas estelares não passam aos seus olhos de linhas mais ou menos luminosas de hidrogênio?

"Deus geometriza", disse Platão. "As leis da Natureza são os pensamentos de Deus", exclama Oersted, há 2.000 anos. "Seus pensamentos são imutáveis", repetia o estudante solitário da tradição hermética, "é por isso que devemos procurar a Verdade na harmonia e no equilíbrio perfeito de todas as coisas." E assim, procedendo da unidade indivisível, ele descobre duas forças contrárias, que emanam dela, cada uma agindo sobre a outra e produzindo o equilíbrio, e as três são apenas uma, a Mônada Eterna Pitagórica. O ponto primordial é um círculo; o círculo, quadrando-se a partir dos quatro pontos cardiais, torna-se quaternário, o quadrado perfeito, tendo em cada um de seus quatro ângulos uma letra do nome mirífico, o Tetragrama sagrado. São os quatro Buddhas que vieram e passaram; a Tetraktys pitagórica - absorvida e transformada pelo único NÃO-SER eterno.

A tradição declara que sobre o cadáver de Hermes, em Hebron, um Isarim, um iniciado, descobriu a tábua conhecida como Smaragdine. Ela contém, em algumas sentenças, a essência da sabedoria hermética. Àquele que os lêem apenas com os olhos do corpo, os preceitos nada sugerirão de novo ou extraordinário, pois ela começa simplesmente por dizer que não fala de coisas fictícias, mas do que é verdadeiro e certo.

"O que está embaixo é igual ao que está em cima, e o que está em cima é semelhante ao que está embaixo para realizar os prodígios de uma coisa.

"Assim como todas as coisas foram produzidas pela mediação de um ser, de igual maneira todas as coisas foram produzidas a partir deste por adaptação.

"Seu pai é o Sol; sua mãe é a Lua.

"É a causa de toda perfeição por toda a Terra.

"Seu poder é perfeito, se ela se transforma em terra.

"Separai a terra do fogo, o sutil do grosseiro, agindo com prudência e bom senso.

"Subi com a maior sagacidade da Terra ao céu, e então descei novamente à Terra, e reuni o poder das coisas inferiores e superiores; possuireis assim a luz de todo o mundo, e toda obscuridade afastar-se-á de vós.

"Essa coisa tem mais força do que a própria força, porque ela dominará toda coisa sutil e penetrará toda coisa sólida.

"Por ela foi o mundo formado (...)".

Essa coisa misteriosa é o agente universal, mágico, a Luz Astral, que, pela correlação de suas forças, fornece o alkahest, a pedra filosofal, e o elixir da vida a filosofia hermética chama-o Azoth, a alma do mundo, a virgem celeste, o grande Mages, etc., etc. A ciência física conhece-a como "calor, luz, eletricidade e magnetismo"; mas ignorando as suas propriedades espirituais e o poder oculto contido no éter, rejeita tudo que ignora. Ela explica e retrata as formas cristalinas dos flocos de neve, suas modificações de um prisma hexagonal que produz uma infinidade de agulhas delicadas. Ela as estudou tão perfeitamente que calculou, com a mais extraordinária exatidão matemática, que todas essas agulhas divergem uma das outras por um ângulo de 60°. Pode ela dizer-nos a causa dessa "infinita variedade de formas estranhas", cada uma das quais é um si uma figura geométrica perfeita? Essas corolas congeladas, semelhantes a estrelas e flores, podem ser, ao que supõe a ciência materialista, uma chuva de mensagens derramadas por mãos espirituais dos mundos superiores para os olhos espirituais inferiores lerem.

A cruz filosófica, as duas linhas que correm em direção opostas, a horizontal e a perpendicular, a altura e a largura, que a Divindade geometrizar divide um ponto de interseção, e que forma tanto o quaternário mágico quanto o científico, quando é inscrito no quadrado perfeito, é a base do ocultista. Em seu recinto místico repousa a chave mestra que abra a porta de toda ciência, tanto física como espiritual. Ela simboliza nossa existência humana, pois o círculo da vida circunscreve os quatro pontos da cruz, que representa sucessivamente o nascimento, a vida, a morte e a IMORTALIDADE. Tudo neste mundo é uma trindade completada pelo quaternário, e todo elemento é divisível segundo este mesmo princípio. A Filosofia pode dividir o homem ad infinitum, assim como a ciência física dividiu os quatro elementos primeiros e principais em várias dezenas de outros; ela não conseguirá modificar nenhum. Nascimento, vida e morte serão uma trindade completa apenas ao fim do ciclo. Mesmo que a ciência consiga modificar a imortalidade desejada em aniquilação, ela sempre será um quaternário, pois Deus "geometriza"!

É um axioma hermético o de que "a causa do esplendor e da variedade das cores mergulha profundamente nas afinidades da Natureza; existe uma aliança singular e misteriosa entre as cores e sons". Os cabalistas põem a sua "natureza média" em relação direta com a Luz; e o raio verdade ocupa o ponto central entre outros, sendo colocado no meio do espectro. Os sacerdotes egípcios cantavam as sete vogais com um hino dirigido a Serapis; e ao som da sétima vogal, e ao "sétimo raio" do Sol levante, a estátua de Memnon respondia. As recentes descobertas demonstram as maravilhosas propriedades da luz azul-violeta - o sétimo raio do espectro prismático, quimicamente o mais poderoso de todos, que corresponde à nota mais alta da escala musical. A teoria Rosa-cruz de que todo o universo é um instrumento musical é a doutrina pitagórica da música das esferas. Os sons e as cores são números espirituais; assim como os sete raios prismáticos procedem de um ponto do céu, do mesmo modo os sete poderes da Natureza, cada um deles um número, são as sete radiações da Unidade, o Sol espiritual central. "Feliz aquele que compreende os números espirituais e que percebe a sua poderosa influência!", exclama Platão. E feliz, podemos acrescentar, aquele que, percorrendo o labirinto da correlação de forças, não esquece de remontá-las ao Sol invisível!

Os espíritos elementais

"Os fenômenos psíquicos", quando ocorriam à parte dos ritos religiosos, na Índia, no Japão, no Tibete, no Sião, e outros países "pagãos", fenômenos centenas de vezes mais diversos e estonteantes do que jamais vistos na Europa ou na América civilizada, nunca foram atribuídos aos espíritos dos mortos. Os pitris nada têm a fazer em tais exibições públicas. E basta-nos apenas consultar a lista dos principais

demônios ou espíritos elementais para descobrir que os seus próprios nomes indicam as suas profissões, ou, para dizê-lo mais claramente, o truque a que cada variedade deles é mais afeita. Temos assim o Mâdana, um nome genérico que indica os espíritos elementais perversos, metade burros, metade monstros, pois Mâdana significa aquele que olha como uma vaca. Ele é amigo dos feiticeiros maliciosos e ajuda-os a realizar os seus desígnios demoníacos de vingança atacando os homens e o gado com doença e mortes súbitas.

O Sudâla-mâdana, ou demônio do cemitério, corresponde aos nossos vampiros. Ele se compraz com os locais em que crimes e assassinios foram cometidos, junto aos túmulos e aos lugares de execução. Ele ajuda o prestidigitador em todos os fenômenos do fogo assim como Kutti Shâttana, os diabretes trampolineiros. Sudala, dizem eles, é um demônio metade de fogo, metade de água, pois ele recebeu de Shiva permissão para assumir qualquer forma que desejasse e transformar uma coisa em outra; e quando não está no fogo, ele está na água. É ele que impede as pessoas "de verem o que não vêem". O Sula-mâdana é outro fantasma turbulento. Ele é o demônio da fornalha, experiente na arte de moldar e de cozer. Se vós tornais seus amigos, ele não vos injuriará; mas aí daquele que cai em sua ira. Sula significa cumprimentos e lisonjas, e porque ele geralmente se mantém sob a terra, é para ele que um prestidigitador deve olhar para obter ajuda para extrair uma árvore de uma semente num quarto de hora e fazer desabrochar os seus frutos.

Kumila-mâdana é a própria ondina. É um espírito elemental da água, e seu nome significa rebentar como uma bolha. É um diabrete muito amigo e alegre, e auxiliará um amigo em qualquer coisa relativa à sua esfera; fará chover e mostrará o futuro e o presente àquele que recorrerem à hidromancia ou à adivinhação por água.

Poruthû-mâdana é o demônio "lutador"; ele é o forte de todos; e sempre que há façanhas em que a força física é requerida, tais como as levitações, ou a domesticação de animais selvagens, ele auxiliará o realizador mantendo-o sobre o solo ou subjugará uma fera selvagem antes que o domador tenha tempo de pronunciar seu encantamento. Assim, todas as "manifestações físicas" têm a sua própria classe de espíritos elementais para supervisioná-las.

A levitação de um médium, seria um fenômeno puramente mecânico. O corpo inerte do médium passivo é elevado por um vórtice criado seja pelos espíritos elementais - possivelmente, em alguns casos, por espíritos humanos, e às vezes por meio de causas mórbidas, como nos casos de sonâmbulos doentes do Prof. Perty. A levitação do adepto é, ao contrário, um efeito eletromagnético. Ele tornou a polaridade de seu corpo oposta à da atmosfera (dizemos campos magnético da Terra), e idêntica à da Terra; por conseguinte, atraída pela primeira, mantendo a consciência nesse ínterim. Uma levitação fenomênica dessa natureza é possível também quando a doença modificou a polaridade corporal de um paciente, pois ela o faz sempre em grau maior ou menor. Mas, em tal caso, a pessoa levitada não teria provavelmente consciência de seu ato.

Os adeptos da ciência hermética conhecem tão bem esse princípio que explicam a levitação de seus próprios corpos, quando ela ocorre de modo imprevisto, dizendo que o pensamento está fixado tão intensamente sobre um ponto sobre eles que, quando o corpo está totalmente imbuído de força astral, ele segue a aspiração mental, e eleva-se no espaço tão facilmente quanto uma rolha, mantida sob a água, se eleva à superfície quando a sua força ascensional lhe permite fazê-lo. A vertigem que algumas pessoas sentem quando estão à beira de um abismo explica-se pelo mesmo princípio. As crianças que têm pouca ou nenhuma imaginação ativa, e em quem a experiência não teve tempo suficiente para incutir medo, raramente, ou nunca, se atordoam; mas o adulto de um certo temperamento mental, vendo o abismo e pintando em sua fantasia imaginativa as conseqüências da queda, deixa-se levar pela atração da Terra, e a menos que o encanto da fascinação seja quebrado, seu corpo lhe seguirá o pensamento até o fundo do precipício.

Que essa vertigem é puramente um caso de temperamento prova-o o fato de que algumas pessoas nunca experimentaram a sensação, e a pesquisa provavelmente revelará que tais pessoas são desprovidas da faculdade imaginativa. Temos um caso em mente - um cavalheiro que, em 1858, tinha tanto sangue frio que horrorizou as testemunhas permanecendo sobre a cimbalha do Arc de Triomple, em Paris, com os braços cruzados, e os pés semi-elevados sobre a borda; mas, depois, sofrendo de miopia, foi tomado de pânico ao tentar cruzar uma passarela de mais de dois pés e meio de largura, que não oferecia perigo algum. Ele olhava para o chão, dava livre curso à sua imaginação, e cairia se não se sentasse rapidamente.

Ísis Sem Véu - Capítulo XIV

Capítulo XIV

A sabedoria egípcia. A origem dos egípcios

Como se deu o Egito a conhecer? Quando rompeu a aurora daquela civilização, cuja perfeição assombrosa é sugerida pelas peças e fragmentos que os arqueólogos nos fornecem? Ai de nós! os lábios de Memnon estão selados e não mais emitem oráculos; a Esfinge tornou-se, com sua mudez, uma charada maior do que o enigma proposto a Édipo.

O que o Egito ensinou a outros, ele certamente não o conseguiu pelo intercâmbio de idéias e de descobertas com os seus vizinhos semitas, nem deles recebeu estímulo. "Quanto mais aprendemos dos egípcios", observa o autor de um artigo recente, "mais maravilhoso eles parecem ser!" De quem teria o Egito aprendido as suas artes assombrosas, cujos segredos morreram com ele? Ele não enviou agentes a todas as partes do mundo para aprender o que os outros sabiam; mas os sábios das nações vizinhas recorreram a ele para lograr o conhecimento. Encerrando-se orgulhosamente em seu domínio encantado, a formosa rainha do deserto criou maravilhas como que por artes de uma varinha mágica. "Nada", "prova que a civilização e o conhecimento nasceram e prosperaram como ele como no caso de outros povos, mas tudo parece aplicar-se com a mesma perfeição, às datas mais antigas.

Tão longe quanto possamos retroceder na História, até o reino de Menes, o mais antigo dos reis sobre o qual conhecemos alguma coisa, encontramos provas de que os egípcios estavam mais familiarizados com a Hidrostática e com a Engenharia Hidráulica do que nós próprios. A obra gigantesca de inverter o curso do Nilo - ou antes, do principal dos seus braços - e de levá-lo a Mênfis foi realizada durante o reinado desse monarca, que nos parece tão distanciado no abismo do tempo quanto uma estrela que brilha no ponto mais longínquo da abóbada celeste. Diz Wilkinson: "Menes calculou exatamente a resistência que era preciso vencer e construiu um dique cujas barreiras grandiosas e aterros enormes levaram a água para a direção leste e desde aquela época o rio está contido no seu novo leito". Heródoto deixou-nos uma descrição poética mas precisa do lago Moeris, que leva o nome do Faraó que obrigou que este lençol artificial se formasse.

O historiador, na sua descrição, afirma que esse lago media cerca de 724.000 metros de circunferência e 90 de profundidade. Era alimentado, através de canais artificiais, pelo Nilo e servia para reservar uma parte do transbordamento anual para irrigação das terras que se situavam muitas milhas ao seu redor. Os seus portões, as suas represas e as suas eclusas contra enchentes e os mecanismos apropriados foram construídos com a maior habilidade.

As pujantes obras de engenharia egípcia

Se voltarmos agora para a arquitetura, veremos passar diante de nossos olhos maravilhas indescritíveis. Referindo-se aos templos de Philae, Abu Simbel, Dendera, Edfu e Karnak, o Prof. Carpenter observa que "essas construções estupendas e belas (...) essa pirâmides e esses templos gigantes" têm "uma vastidão e uma beleza" que "ainda impressionam após o lapso de muitos milhares de anos". Ele está assombrado com "o caráter admirável do acabamento da obra; as pedras, em muitos casos, foram assentadas com uma exatidão tão surpreendente, que dificilmente uma faca poderia infiltrar-se entre as juntas". Observou em sua peregrinação arqueológica dileitante uma daquelas "curiosas coincidências" que Sua Santidade, o Papa, acharia interessante de estudo. Ele está falando do Livro dos mortos egípcio, esculpido sobre os velhos monumentos, e da crença antiga na imortalidade da alma. "Ora, é mais extraordinário", diz o professor, "notar que não só esta crença, mas também a linguagem em que ela era expressa à época do Egito antigo, antecipou a da revelação cristã. Pois nesse Livro dos mortos são utilizadas frases que encontramos no Novo Testamento em relação ao do Juízo Final; e ele admite que este hierograma foi "gravado, provavelmente, 2.000 anos antes da Era de Cristo."

De acordo com Bunsen, de quem se diz ter feito os cálculos mais perfeitos, a massa de alvenaria da pirâmide de Quéops mede 8.651.655 metros e pesaria 6.316.000 toneladas. A quantidade imensa de pedras quadradas mostra-nos a habilidade sem paralelo dos pedreiros egípcios. Falando da grande pirâmide, Kenrick diz: "As juntas são mal perceptíveis, não mais largas do que a espessura da folha de

papel prateado e o cimento é tão retentivo, que fragmentos de pedras do revestimento continuam na sua posição original, apesar do lapso de muitos séculos e da violência com que elas foram retiradas".

"A habilidade dos antigos pedreiros", diz Bunsen, "revela-se acentuadamente na extração de blocos gigantescos, dos quais foram cortados obeliscos e estátuas colossais - obeliscos de cerca de 27 metros de altura e estátuas de aproximadamente 20 metros, feitos de uma pedra!" Há muito mais. Eles não dinamitavam os blocos para esses monumentos, mas adotaram o seguinte método científico: em vez de usar grandes cunhas de ferro, que poderiam ter rachado a pedra, "eles cavaram um pequeno sulco por toda a extensão de, talvez, 30 metros, e aí inseriam, próximas umas das outras, um grande número de estacas de madeira seca, depois, despejavam água no sulco e as cunhas, inchando e estourando simultaneamente, com uma força tremenda, rompiam a pedra gigantesca, simplesmente como um diamante corta um vidro". Os geógrafos e os geólogos modernos demonstraram que esse monólito foram trazidos de uma distância prodigiosa e ficaram confusos nas suas conjecturas sobre como o transporte teria sido efetuado. Os velhos manuscritos dizem que isso foi feito com a ajuda de trilhos portáteis. Estes repousavam sobre bolsas infladas feitas de couro tornado indestrutível pelo mesmo processo usado para preservar as múmias. Esses engenhosos colchões de ar evitavam que os trilhos afundassem na areia profunda. Manetho menciona-os e observa que eles eram tão bem-preparados, que poderiam resistir, por muitos séculos, à deterioração.

A data das centenas de pirâmides do vale do Nilo é impossível de ser fixada por qualquer uma das regras da ciência moderna; mas Heródoto informa-nos que cada rei erigiu uma delas para comemorar o seu reino e servir como seu sepulcro. Mas Heródoto não disse tudo, embora ele soubesse que o objetivo real da pirâmide era muito diferente daquele que ele atribui. Não fossem os seus escrúpulos religiosos, ele teria podido acrescentar que, externamente, ela simbolizava o princípio criativo da Natureza e também ilustrava os princípios de Geometria, Matemática, Astrologia e Astronomia. Internamente, era um templo majestoso, em cujos recessos sombrios eram realizados os mistérios e cujas paredes freqüentemente testemunhavam as cenas de iniciação dos membros da família real. O sarcófago púrpura, que o Prof. Piazza Smyth, Astronomer-Royal novo e da Escócia, reduz à condição de um grande caixote para armazenar cereais, era a pia batismal da qual emergia o neófito, que então "nascia de novo" e se tornava um adepto.

A antiga nação dos faraós

Um dos Livros de Hermes afirma que uma das pirâmides repousa sobre uma praia marítima, "cujas ondas arremetem com fúria poderosa contra a sua base". Isto implica que as características geográficas do país se modificaram e pode indicar que devemos atribuir a esses "celeiros", "observatórios mágico-astroológico" e "sepulcros reais" um origem que antecedeu o sublevantamento do Saara e de outros desertos. Isto também implicaria uma antiguidade maior do que os poucos milênios de anos tão generosamente atribuídos a elas pelos egiptólogos.

Mas, apesar de tudo, a mão impiedosa do tempo caiu pesadamente sobre os monumentos egípcios que alguns deles teriam caído no esquecimento não fossem os Livros de Hermes. Rei após rei e dinastia passaram num cortejo cintilante diante dos olhos de geração sucessivas e suas famas se espalharam pelo globo habitável. O mesmo manto de esquecimento caiu sobre eles e igualmente sobre os seus monumentos, antes que a primeira de nossas autoridades históricas, Heródoto, preservasse, para a posteridade, a lembrança daquela maravilha do mundo, o grande Labirinto. A cronologia bíblica, aceita desde há muito tempo, limitou tanto as mentes não só do clero, mas também de nossos cientistas mal desagrilhoados, que, no tratamento dos retos pré-históricos de diferentes partes do mundo, se pode perceber neles um medo constante de ultrapassar o período de 6.000 anos até agora admitido pela Teologia como a idade do mundo.

Heródoto já mencionou o Labirinto em ruínas; não obstante, a sua admiração pelo gênio dos seus construtores não conheceu limites. Considerou-o muito mais maravilhoso do que as próprias pirâmides e, como testemunha ocular que foi, descreve-o minuciosamente. Os eruditos franceses e prussianos, bem como outros egiptologistas, concordam quanto à sua localização e identificaram as suas nobres ruínas. Além disso, confirmam a narrativa feita pelo velho historiador. Heródoto diz que encontrou ali 3 câmaras, metade ao nível do chão e metade abaixo dele. "As câmaras superiores", diz ele, "eu mesmo as percorri e examinei em detalhes. Nas subterrâneas [que devem existir até hoje, como sabem todos os arqueólogos] os guardas do edifício não me deixaram entrar, pois ele as contém os sepulcros dos reis que construíram o Labirinto e também os dos crocodilos sagrados. As câmaras superiores, eu as vi e examinei com os meus próprios olhos e acho que elas excedem todas as outras obras humanas." Na tradução de Rawlinson, Heródoto diz: "As passagens entre as casas e o meandro variados dos caminhos entre os pátios excitavam em mim uma admiração infinita à medida que eu passava dos pátios para as câmaras e dali para as

colunatas, e das colunatas para outras casas, e novamente para casas não vistas anteriormente; todos pátio estavam circundados de claustros com colunatas de pedras brancas, e esculpidas também primorosamente. No ângulo do Labirinto há uma pirâmide de 72 metros de altura, com grandes figuras esculpidas, na qual se entra por uma vasta passagem subterrânea".

O poder de Ísis para curar doenças. A doutrina de Pitágoras

Diodoro, em sua obra sobre os egípcios, diz que Ísis era digna da imortalidade, pois todos as nações da Terra testemunham o poder dessa deusa para curar doenças por meio da sua influência. "Isto está provado", diz ele, "não por fábulas, como entre os gregos, mas por fatos autênticos." Galeno recorda muitos meios terapêuticos que eram conservados nos templos, nas alas específicas para as curas. Menciona também um remédio universal que em seu tempo era chamado de Ísis.

As doutrinas de muitos filósofos gregos, que foram instruídos no Egito, demonstram a sua profunda erudição. Orfeu, que, segundo Artepano, era discípulo de Moisés, e Pitágoras, Heródoto e Platão devem a sua filosofia aos mesmos templos em que o sábio Solon foi instruído pelos sacerdotes. "Aristides relata", diz Plínio, "que as letras foram inventadas no Egito por uma pessoa cujo nome era Menos, quinze mil anos antes de Phoroneus, o mais antigo rei da Grécia." Jablonski prova que o sistema heliocêntrico, assim como a esfericidade da Terra, eram conhecidas pelos sacerdotes do Egito desde tempos imemoriais. "Essa teoria", acrescenta, "Pitágoras tomou-a dos egípcios, que a receberam dos brâmanes da Índia." Fénelon, o ilustre arcebispo de Cambrai, em suas *Lives of the Ancient Philosophers*, dá crédito a Pitágoras e ao seu conhecimento e diz que, além de ensinar os seus discípulos que, dado que a Terra era redonda, os antípodas deviam ser uma realidade, uma vez que ela era totalmente habitada, este grande matemático foi o primeiro a descobrir que as estrelas da manhã e da tarde eram a mesma estrela. Se considerarmos, agora, que Pitágoras viveu aproximadamente 700 anos a.C., por volta da décima-sexta olimpíada, e ensinou este fato num período tão longínquo, devemos acreditar que ele já era conhecido por outros antes dele. As obras de Aristóteles, Diógenes e Laércio e muitos outros em que se menciona Pitágoras demonstram que ele havia aprendido dos egípcios algo da obliquidade da elíptica, da composição estrelada da Via-Láctea e da luz emprestada da Lua.

Wilkinson, corroborado posteriormente por outros, diz que os egípcios dividiam o tempo, conheciam a verdadeira extensão do ano e a precessão dos equinócios. Registrando o surgimento e o desaparecimento dos astros, eles compreenderam as influências particulares que procedem das posições e das conjunções de todos os corpos celestiais e, por conseguinte, os seus sacerdotes, profetizando mudanças meteorológicas tão exatamente quanto os nosso astrônomos modernos, podiam, ademais astrologizar através dos movimentos astrais. Embora o solene e eloquente Cícero possa estar parcialmente certo em sua indignação contra os exageros dos sacerdotes babilônicos, que "afirmam que preservaram em monumentos observações astronômicas que se estendem por um intervalo de 470.000 anos". Ainda assim, o período em que a Astronomia chegou à sua perfeição com os antigos está além do alcance do cálculo moderno.

Está muito bem demonstrado o fato de que o meridiano verdadeiro foi corretamente determinado antes que a primeira pirâmide fosse construída. Eles possuíam relógios e quadrantes para medir o tempo; o seu côvado era a unidade estabelecida para a medida linear, correspondente a 1,707 pés da medida inglesa; segundo Heródoto, também era conhecida uma unidade de peso, quanto à moeda, possuíam anéis de ouro e de prata valorizados pelo peso; possuíam modalidades decimais e duodecimais de cálculo desde os tempos mais antigos e eram proficientes em álgebra: como poderiam eles, de outra maneira, colocar em operação poderes mecânicos tão imensos, se eles não tivessem compreendido a filosofia daquilo que chamamos de poderes mecânicos?

Também já foi provado que a arte de fazer linho e tecidos finos era um dos ramos do seu conhecimento, pois a Bíblia fala disso. José se apresentou ao Faraó com uma veste de linho, uma corrente de ouro e muitas outras coisas. O linho do Egito era famoso em todo o mundo. As múmias eram todas envolvidas nele e o linho continua magnificamente preservado. Plínio fala de uma certa peça de roupa enviada 600 anos antes de Cristo pelo rei Amasis a Lindus: cada fio do tecido era formado de 365 fios menores torcidos juntos. Heródoto nos dá, em sua descrição de Ísis e dos mistérios realizados em sua honra, uma idéia da beleza e da "maciez admirável do linho tecido pelos sacerdotes". Estes usavam sapatos de papiro e vestimenta de fino linho, porque essa deusa foi a primeira que os ensinou a usá-los; e assim, além de serem chamados de Isiaci, ou sacerdotes de Ísis, eles eram conhecidos como Linigera, ou

"os que vestem linho". Esse linho era fiado e tingido naquelas cores brilhantes e vistosas, cujo segredo está agora entre as artes perdidas.

A preparação da múmia pelos egípcios - eles fabricavam cerveja e vinhos

Mas é no processo de preparação das múmias que a habilidade desse povo maravilhoso se exemplifica no mais alto grau. Só aqueles que fizeram um estudo especial do assunto podem avaliar a dose de habilidade, de paciência exigida para a realização dessa obra indestrutível, que se efetuava durante meses a fio. Tanto a Química quanto a cirurgia eram chamadas a auxiliar. As múmias, se deixadas ao clima seco do Egito, parecem ser praticamente imperecíveis; e, mesmo quando removidas, após um repouso de milhares de anos, não apresentam sinais de alteração. "O corpo", diz Heródoto, "era preenchido com mirra, cássia e outras gomas e, depois saturado com natrão (...)". Seguiu-se, então, o maravilhoso enfaixamento do corpo embalsamado, tão artisticamente executado, que os bandagistas modernos profissionais estão perdidos de admiração para com a sua excelência. Diz o Dr. Granville: "(...) não existe uma única forma de bandagem conhecida pela cirurgia moderna de que não existam exemplos [melhores e mais hábeis] nos enfaixamentos das múmias egípcias. As tiras de linho não possuem nenhuma junta e se estendiam por quase 1.000 metros. Não havia uma única fratura no corpo humano que não pudesse ser reparada com sucesso pelos médicos sacerdotais daqueles tempos remotos.

O Egito espremia as suas próprias uvas e fazia o seu próprio vinho. Nada de notável nisto, por enquanto, mas ele fermentava a sua própria cerveja, e em grande quantidade - dizem os nossos egiptólogos. O papiro de Ebers prova agora, se, dúvida, que os egípcios usavam a cerveja 2.000 anos antes de Cristo. A sua cerveja deve ter sido forte e excelente - como tudo o que faziam. O vidro era manufaturado em todas as suas variedades. Em muitas das esculturas egípcias encontramos cenas de pessoas soprando vidro e fazendo garrafas; ocasionalmente, durante pesquisas arqueológicas, encontraram-se vidros e cristais, e eles parecem ter sido muito bonitos.

Obras musicais dos egípcios. O conhecimento da medicina

Da mesma maneira, os egípcios mais antigos cultivavam as artes musicais e entendiam bem o efeito da harmonia musical e da sua influência sobre o espírito humano. Podemos encontrar nas esculturas e nas gravuras mais antigas cenas em que músicos tocam vários instrumentos. A música era usada no departamento de cura dos templos para curar distúrbios nervosos. Descobrimos em muitos monumentos homens tocando em conjunto num concerto; o regente marca o tempo com batidas de mãos. Assim, podemos provar que eles compreendiam as leis da harmonia. Possuíam a sua música sagrada, doméstica e militar. A lira, a harpa e a flauta eram usadas em concertos sagrados; para ocasiões festivas tinham a guitarra, a flauta simples ou dupla e as castanholas; para as tropas, e durante o serviço militar, tinham trombetas, tambores e címbalos.

Quanto ao seu conhecimento de Medicina, agora que um dos Livros de Hermes foi encontrado e traduzido por Ebers, os egípcios podem falar por si mesmos. As manipulações curativas dos sacerdotes - que sabiam como empurrar o sangue para baixo, interromper a circulação por alguns momentos etc. - parecem provar que eles conheciam a circulação do sangue.

Mas os egípcios não foram o único povo de épocas remotas cujas conquistas os colocam em posição tão dominante aos olhos da posteridade. Ao lado de outros cuja história está atualmente ocultada pelas névoas da Antiguidade - Tais como as raças pré-históricas das duas Américas, de Creta, de Troia, dos Lacustres, do continente submerso da lendária Atlântida, agora alinhada entre os mitos -, os feitos dos fenícios quase os marcaram com o caráter de semideuses.

O gênese bíblico

Mas a pesquisa moderna demonstrou, com evidência inimpugnável, que todo o quadro genealógico do décimo capítulo do Gênese refere-se a heróis imaginários e que os versículos finais do nono são pouco mais do que uma parte da alegoria caldaica de Xisuthros e do dilúvio mítico, compilada e organizada para preencher o arcabouço de Noé. Mas supondo que os descendentes desses cananeus, "os malditos", se indignassem com o ultraje não-merecido. Ser-lhe-ia muito mais fácil virar a mesa e responder a essa indireta, baseados numa fábula, como um fato provado por arqueólogos e estudiosos da simbologia - a saber, que Seth, o terceiro filho de Adão, o antepassado de todo Israel, o Ancestral de Noé e progenitor do "povo escolhido", não é outro senão Hermes, o deus da sabedoria, também chamado Thoth, Tat, Seth, e

Sat-an; e que ele era, além disso, quando considerado sob este aspecto mau, Typhon, o Satã egípcio, que também era Set. Para o povo Judeu - cujos homens cultos, como Filo ou Josefo, o historiador, consideram os seus livros mosaicos como um alegoria - essa descoberta importa muito pouco. Mas para os cristãos, que, como des Mousseaux, muito tolaemente aceitam as narrativas da Bíblia como história literal, o caso é muito diferente.

Concordamos com esse piedoso escritor no que diz respeito à afiliação; e sentimos a cada dia que passa que alguns dos povos da América Central serão identificados com os fenícios e com os israelitas mosaicos, bem como sentimos também que será provado que estes últimos se dedicaram pertinazmente à mesma idolatria - se a idolatria existe - do Sol e à adoração da serpente, como os mexicanos. Há provas - provas bíblicas - de que dois dos filhos de Jacó, Levi e Dan, bem como Judá, casaram-se com mulheres cananéias e seguiram os cultos das suas esposas. Naturalmente, todo cristão protestará, mas a prova pode ser encontrada na Bíblia traduzida, mutilada como se pode vê-la hoje. Jacó, ao morrer, descreve assim os seus filhos: "Vem a ser Dan", diz ele, "como uma serpente no caminho, uma cerastes na vereda, que morde a unha do cavalo para que caia para trás o seu cavaleiro. Eu esperei a tua salvação, Senhor!". A respeito de Simão e de Levi, o patriarca (ou Israel) observa que eles (...) "são irmãos; instrumentos de crueldade estão em suas casas. Ó minha alma, não tome parte no seu segredo, não participe da sua assembléia" (Gênese, XLIX, 17-8 e 5-6). Bem, no original, as palavras "seu segredo" lêem-se O seu SOD. E SOD era o nome dos grandes mistérios de Baal, Adonais e Baco, que eram todos eles deuses do Sol e tinham serpentes como símbolos. Os cabalistas explicam a alegoria das serpentes ferozes dizendo que esse era o nome dado à tribo de Levi, a todos os levitas em suma, e que Moisés era o chefe dos Sodales. E este é o momento de provarmos nossas afirmações.

Moisés é mencionado por muitos historiadores antigos como um sacerdote egípcio; Manetho diz que ele era um Hierofante de Hierópolis e um sacerdote do culto do deus do Sol Osíris e que o seu nome era Osarsiph. Os historiadores modernos, que aceitam o fato de que ele "aprendera toda a sabedoria" dos egípcios, também devem submeter à interpretação correta da palavra sabedoria aquilo que se conhecia em todo o mundo como um sinônimo de iniciação nos mistérios sagrados dos magos. Nunca acometeu o leitor da Bíblia a idéia de que um estranho nascido em seu país e levado a um país estrangeiro não pudesse ser e não fosse admitido - não queremos dizer à iniciação final, o mistério maior de todos, mas pelo menos a partilhar do conhecimento do sacerdócio menor, ao qual pertenciam os mistérios menores? No Gênese, XLII, 32, lemos que nenhum egípcio podia sentar-se para comer pão com os irmãos de José, "pois isso é uma abominação para os egípcios". Mas que os egípcios comeram "com ele (José) servidos à parte". Isso prova duas coisas: 1º) que José, o que quer que tivesse no coração, havia, em aparência pelo menos, mudado a sua religião, casado com a filha de um sacerdote da nação "idólatra" e se tornado ele próprio um egípcio; de outra maneira, os nativos não teriam comido pão com ele. E 2º) que Moisés, posteriormente, se não fosse um egípcio de nascimento, tornou-se ao ser admitido no sacerdócio e, assim, era um SODALE. Por indução, a narrativa da "serpente de bronze" (o caduceu de Mercúrio ou Asclépio, o filho do deus Sol Apolo-Pítón) tornou-se lógica e natural. Devemos ter em mente que a filha do Faraó, que salvou Moisés e o adotou, é chamada por Josefo de Thermethis; e que este, segundo Wilkinson, é o nome da áspide consagrado a Ísis; além disso, diz-se que Moisés descende da tribo de Levi.

A identidade dos ritos antigos. Os quatro ancestrais da raça humana

A identidade perfeita dos ritos, das cerimônias e das tradições, e mesmo dos nomes das divindades, entre os mexicanos e os babilônios e os egípcios antigos, é uma prova suficiente de que a América do Sul foi povoada por uma colônia que abriu caminho misteriosamente através do Atlântico. Quando? Em que período? A História silencia-se a esse respeito; mas aqueles que consideram que não existe tradição, santificada pelos séculos, que não tenha um determinado sedimento de verdade no seu centro, acreditam na lenda da Atlântida. Há, espalhado pelo mundo, um punhado de estudiosos refletidos e solitários que passam as suas vidas na obscuridade, longe dos rumos do mundo, estudando os grandes problemas dos universos físico e espiritual. Eles têm os seus registros secretos em que estão preservados os frutos dos labores escolásticos da longa linha de reclusos de que eles são os sucessores. O conhecimento dos seus ancestrais primitivos, os sábios da Índia, da Babilônia, de Nínive e da Tebas imperial; as lendas e as tradições comentadas pelos mestres de Solon, de Pitágoras e de Platão, nos saguões de mármore de Heliópolis e de Saïs; tradições que, em sua época, já pareciam brilhar com luz vacilante por entre a cortina de fumaça do passado - tudo isso, e muito mais, está registrado num pergaminho indestrutível e passado com cuidado ciumento de um adepto a outro. Esses homens acreditam que a história da Atlântida não é uma fábula, mas argumentam que em épocas diferentes do passado ilhas imensas, e até continentes, existiram onde agora está um selvagem ermo de águas. Nos seus templos e bibliotecas submersos um

arqueólogo encontraria, pudesse ele explorá-los, material suficiente para preencher as lacunas que agora existem naquilo que ele imagina ser a história. Eles dizem que numa época remota um viajante poderia atravessar o que é agora o Oceano Atlântico, apesar da distância que separa as terras, cruzando com barcos e de lado a outro por estreitos apertados que então existiam.

A nossa suspeita quanto ao relacionamento entre as raças cisatlânticas e transatlânticas é fortalecida pela leitura das maravilhas executadas por Quetzalcohuatl, o mágico mexicano. O seu cetro deve estar intimamente relacionado ao tradicional bastão de safira de Moisés, bastão que floresceu no jardim de Raquel-Jethro, seu sogro, e sobre o qual estava gravado o nome inefável. Os "quatro homens" descritos como os quatro ancestrais reais da raça humana - "que não foram gerados pelos deuses, nem nascidos de mulher", mas cuja "criação foi uma maravilha realizada pelo Criador", e que foram feitos depois que falharam três tentativas de manufatura de homens - apresentam igualmente alguns pontos extraordinários de similaridade com as explanações exotéricas dos herméticos; eles também lembram inegavelmente os quatro filhos do Deus da teogonia egípcia. Além disso, como se poderia inferir, a semelhança desse mito com a narrativa relatada no Gênese parecerá evidente mesmo para um observador superficial. Esses quatro ancestrais "podiam raciocinar e falar, sua intuição era ilimitada e conheciam todas as coisas ao mesmo tempo. Quando eles renderam graças ao seu Criador por suas existências, os deuses se assustaram e sopraram sobre os olhos dos homens uma nuvem que só podiam ver a certa distância e não eram os próprios deuses". Isso nos leva diretamente ao versículo do Gênese [III, 22]: "Veja! o homem se tornou como um de nós para conhecer o bem e o mal; e agora, que ofereça a sua mão, e tome também da árvore da vida", etc. E, novamente, "enquanto eles dormiam Deus lhes deu esposas", etc.

"Os quatro ancestrais da raça", acrescenta Max Müller, "parecem ter tido uma vida longa, e quando, finalmente, morreram, eles desapareceram de maneira misteriosa e legaram aos seus filhos o que se chama de Majestade Oculta, que nunca devia ser revelada por mãos humanas. Não sabemos o que fosse isso."

Se não existe nenhum relacionamento entre essa "Majestade Oculta" e a glória oculta da Cabala caldaica, de que se diz ter sido deixada por trás por Henoc quando este foi convertido de maneira tão misteriosa, então não devemos acreditar em nenhuma prova circunstancial. Mas não seria possível que esses "quatro ancestrais" da raça quíchua tipicamente em seu sentido esotérico os quatro progenitores sucessivos dos homens, mencionados no Gênese, I, II e VI? No primeiro capítulo, o primeiro homem é bissexual - "macho e fêmea os criou" - e corresponde às divindades herméticas das mitologias posteriores; o segundo, Adão, feito da "poeira do chão" e unissexual, corresponde aos "filhos de Deus" do cap. VI; o terceiro, os gigantes, ou Nephilim, que são apenas sugeridos na Bíblia, mas extensamente explicados em outro lugar; o quarto, os pais dos homens "cujas filhas eram louras".

O diabo é a sombra de Deus

"Existe apenas uma luz e existe apenas uma escuridão" diz o provérbio siamês. Daemon est Deus inversus, o Diabo é a sombra de Deus, afirma o axioma cabalístico universal. A luz poderia existir se não fosse pela escuridão primordial? E o brilhante universo ensolarado não estirou pela primeira vez os seus braços infantis a partir dos cueiros da escuridão e do caos lúgubre? Se a "plenitude d'Aquele que preenche tudo em todos" do Cristianismo é uma revelação, devemos então admitir que, se existe um diabo, ele deve ser incluído nesta plenitude e ser uma parte daquilo que "preenche tudo em todos". Desde tempos imemoriais, foi tentada a justificação da Divindade e a Sua separação do mal existente, e o objetivo foi alcançado pela Filosofia Oriental antiga com a fundação da theodikê; mas as suas idéias metafísicas sobre o espírito caído nunca foram desfiguradas pela criação duma personalidade antropomórfica do Diabo, como foi feito posteriormente pelas luzes diretoras da teologia cristã. Um demônio pessoal, que se opõe à Divindade e impede o progresso no seu caminho em direção à perfeição, só deve ser buscado na Terra no seio da Humanidade, não no céu.

É assim que todos os movimentos religiosos da Antiguidade, sem distinção de país ou clima, são a expressão dos mesmos pensamentos idênticos, cuja chave está na doutrina esotérica. Seria útil, sem estudar esta última, procurar confundir os mistérios ocultados durante séculos nos templos e nas ruínas do Egito e da Assíria, ou nos da América Central, da Colúmbia Britânica ou de Nagkon-Vat, no Camboja. Se cada um deles foi construído por uma nação diferente e se nem essa nação manteve relações com as outras durante séculos - também é certo que todos eles foram planejados e construídos sob a supervisão dos sacerdotes. E o clero de cada nação, embora praticasse ritos e cerimônias que podem ter diferido

externamente, foi evidentemente iniciado nos mesmos mistérios tradicionais que foram ensinados em todo o mundo.

Desafiando a mão do Tempo, a vã pesquisa da ciência profana e os insultos das religiões reveladas desvendarão os seus enigmas a apenas alguns dos legatários daqueles aos quais foi confiado o MISTÉRIO. Os lábios frios e pétreos da uma vez oral Memnon e daquelas esfinges intrépidas mantêm os seus segredos bem guardados. Quem os deslacrará? Qual dos nossos anões materialistas modernos e dos nossos saduceus incrédulos ousará erguer o VÉU DE ÍSIS?

Ísis Sem Véu - Capítulo XV

Capítulo XV

Índia - o berço de uma raça. A doutrina secreta

A "doutrina secreta" foi por muitos séculos semelhantes ao "homem das aflições" a que alude o profeta Isaías. "Quem acreditou em nossas palavras?", repetiram os seus mártires de geração em geração. A doutrina desenvolveu-se diante de seus perseguidores "como uma tenra planta ou como uma raiz plantada em solo árido; ela não tem forma, nem atrativos (...) é desprezada e rejeitada pelos homens; e eles lhe viram os rostos... Eles não a estimam".

Temos apenas que ignorar a sua letra que mata e agarra o espírito sutil de sua sabedoria oculta para descobrir dissimuladas nos Livros de Hermes - sejam eles o modelo ou a cópia de todos os outros - as evidências da verdade e da filosofia que sentimos que deve basear-se nas leis eternas. Compreendemos instintivamente que, por mais finitos que sejam os poderes do homem enquanto este ainda está encarnado, eles devem estar em estreita relação com os atributos de uma Divindade infinita; e tornamo-nos capazes de apreciar melhor o sentido oculto do dom prodigalizado pelos Elohim a Adão: "Vê, eu te dei tudo que está sobre a face da Terra (...) subjuga-os e "exerce teu poder" SOBRE TUDO.

Os primeiros capítulos do gênese

Tivessem as alegorias contidas nos primeiros capítulos do Gênese sido mais bem-compreendidas, mesmo em seu sentido geográfico e histórico, que nada implica de esotérico, as pretensões de seus verdadeiros intérpretes, os cabalistas, dificilmente teriam sido rejeitadas por tanto tempo. Todo estudioso da Bíblia deve saber que o primeiro e o segundo capítulo do Gênese não podem ter saído da mesma pena. Ambos são evidentemente alegorias e parábolas, pois as duas narrativas da criação e povoamento de nossa Terra contradizem-se diametralmente em todos os detalhes de ordem, tempo, lugar e método empregados na chamada criação. Aceitamos as narrativas literalmente, e como um todo, rebaixamos a dignidade da Divindade desconhecida. Fazemo-la descer ao nível dos homens, e dotamo-la da personalidade peculiar do homem, que precisa do "frescor do dia" para refrescar-se; que descansa de suas tarefas; e que é capaz de raiva, vingança, e mesmo de tomar precauções contra o homem, "para que ele não estenda os braços e colha também da árvore da vida". (Uma tácida admissão da Divindade, diga-se de passagem, de que o homem poderia fazê-lo, se não fosse impedido simplesmente pela força.) Mas, reconhecendo a nuance alegórica da descrição do que se pode chamar de fatos históricos, colocamos imediatamente os nossos pés em terra firme.

Para começar - o jardim do Éden, enquanto localidade, não é de todo mito; ele pertence a esses marcos da história que revelam ocasionalmente ao estudante que a Bíblia não é inteiramente uma mera alegoria. "Éden, ou o hebraico, GAN-EDEN, que significa o parque ou o jardim do Éden, é um nome arcaico do país banhado pelo Eufrates e por muitos de seus afluentes, da Ásia e da Armênia ao Mar da Eritreia." No Livro dos números caldeu, a sua localização é designada por números; e no manuscrito Rosa-cruz cifrado, deixado pelo Conde St. Germain, ele é descrito por completo. Nas Tábuas assírias, é traduzido por Gan-Dunâs (corrigido para Kar-Dunâs). "Vede", diz o Elohim da Gênese, "o homem tornou-se como um de nós." Pode-se aceitar os Elohim num sentido como deuses ou poderes, e tomá-los em outro caso como Aleim, ou sacerdotes; os hierofantes iniciados no bem e no mal deste mundo; pois havia um colégio de sacerdotes chamado Aleim, e o chefe de sua casta, ou chefe dos hierofantes, era

conhecido como Yava-Aleim. Ao invés de tornar-se um neófito, e olhar gradualmente o seu conhecimento esotérico por meio de uma iniciação regular, um Adão, ou homem, utiliza as suas faculdades intuitivas, e, induzido pela Serpente - a Mulher e a matéria - prova da Árvore da Sabedoria - a doutrina esotérica ou secreta - de modo ilegal. Os sacerdotes de Hércules, ou MEL-KARTH, O "Senhor" do Éden, trajavam "túnicas de pele". O texto diz: "E Yava-Aleim fez para Adão e sua mulher, KOTHNOTH OR" (Gênesis, III, 21). A primeira palavra hebraica, chiton, é o grego, chiton. Ela se tornou uma palavra eslava por adoção da Bíblia, e significa uma túnica, uma vestimenta exterior.

Embora continha o mesmo substrato de verdade esotérica que todas as outras cosmogonias primitivas, a Escrita hebraica traz em si as marcas de sua dupla origem. Seu Gênesis é simplesmente uma reminiscência do cativo babilônico. Os nomes de lugares, homens e mesmo de objetos podem ser traçados desde o texto original dos caldeus e dos acádios, seus progenitores e instrutores arianos. Contesta-se energicamente que as tribos da Caldéia, Babilônia e Assíria fossem de algum modo apresentadas aos brâmanes do Indostão; mas há mais provas a favor dessa opinião do que o contrário. Os semitas ou os assírios poderiam, talvez, chamar-se turânios, e os mongóis denomina-se citas. Mas se os acádios nunca existiram a não ser na imaginação de alguns filósofos e etnólogos, eles jamais seriam uma tribo turaniana, como alguns assiriólogos esforçaram-se por nos convencer. Eram simplesmente imigrantes a caminho da Ásia Menor, proveniente da Índia, o berço da Humanidade, e seus adeptos sacerdotes demoravam-se a separar a civilização e iniciar um povo bárbaro. Halévy provou a falácia da mania turaniana, no que concerne ao povo acádio, cujo nome já foi alterado dezenas de vezes; e outros cientistas provaram que a civilização babilônica não nasceu nem se desenvolveu naquela região. Foi importada da Índia, e os importadores foram os hindus bramânicos.

Assim, enquanto o primeiro, o segundo e o terceiro capítulo do Gênesis não passam de imitações desfiguradas de outras cosmogonias, o quarto capítulo, a partir do décimo sexto versículo até o final do quinto capítulo, fornece fatos puramente históricos, embora estes nunca tenham sido corretamente interpretados. Foram colhidos, palavras por palavras, do Livro dos números secreto da Grande Cabala Oriental. A partir do nascimento de Henoc, o primeiro pai reconhecido da franco-maçonaria, inicia-se a genealogia das chamadas famílias turanianas, arianas e semitas, se essas denominações estão corretas. Toda mulher é uma terra ou cidade evemerizada; todo homem é patriarca, uma raça, um ramo ou uma subdivisão de uma raça. As mulheres de Lamech dão a chave do enigma, que um bom erudito poderia facilmente decifrar, mesmo sem ter estudado as ciências esotéricas. "E Ad-ah gerou Jabal: ele foi o pai dos que viveram em tendas, e dos que têm gado", a raça ariana nômade; "(...) e seu irmão era Jubal, que foi o pai de todos os que tocam harpa e órgão; (...) e Zillah gerou Tatal-Cain, que ensinou aos homens como forjar o cobre e o ferro", etc. Toda palavra tem um significado; mas não é uma revelação. É simplesmente uma compilação dos fatos mais históricos, embora a História esteja muito perplexa a esse respeito para saber como reivindicá-los. É do Euxino à Caximira, e além, que devemos procurar o braço da Humanidade, e dos filhos de Ad-ah; e deixar o jardim particular do Ed-ên sobre o Eufrates aos colegas dos misteriosos astrólogos e magos, os Aleim. Não estranhemos que o vidente do norte, Swedenborg, recomende às pessoas procurarem a PALAVRA PERDIDA entre os hierofantes da Tartária, da China e do Tibete; pois é lá, e somente lá que ela hoje se encontra, embora a descubramos inscrita sobre os monumentos das mais antigas dinastias do Egito.

A grandiosa poesia dos quatro Vedas; o Livro de Hermes; o Livro dos números caldeus; o Códex nazareno; a Cabala dos Tanaím; a Sepher Yetzirah; o Livro da Sabedoria de Shlômôh (Salomão); o tratado secreto sobre Mukta e Baddha, atribuído pelos cabalistas budistas a Kapila, o fundador do sistema Sâmkhyâ; os Brâmanas, o Bstân-hgyur dos tibetanos; todos esses livros têm a mesma base. Variando apenas as alegorias, eles ensinam a mesma doutrina secreta que, uma vez completamente expurgada, provará ser a Última Thule da verdadeira filosofia, e revelará o que é essa PALAVRA PERDIDA.

A Índia antiga

Muitos são os eruditos que tentaram, com a sua melhor habilidade, fazer justiça à Índia antiga. Colebrooke, Sir William Jones, Barthelémy St.-Hilaire, Lassen, Weber, Strange, Burnouf, Hardy e finalmente Jacolliot, todos testemunharam as suas realizações na legislação, na ética, na filosofia e na religião. Nenhum povo do mundo jamais atingiu a grandeza de pensamento nas concepções ideais da Divindade e de sua prole, o HOMEM, do que os metafísicos e teólogos sânscritos. "Minhas queixas contra muitos tradutores e orientalistas", diz Jacolliot, "embora admire o seu profundo conhecimento, é que, não tenho vivido na Índia, faltam-lhes a justeza de expressão e a compreensão do sentido simbólico

dos cantos poéticos, das orações e das cerimônias; incorrendo eles não raro em erros materiais, seja de tradução ou de julgamento".

Que é a Índia, o país menos explorado, e menos conhecido do que qualquer outro, a que todas as outras grandes nações do mundo devem as suas línguas, as suas artes, as suas ideologias e a sua civilização. O progresso dessa nação, que se estagnou séculos antes de nossa era, até paralisar-se por completo nas seguintes; mas em sua literatura achamos a prova irrefutável de suas passadas glórias. Se não fosse tão espinhoso o estudo do sânscrito, por certo se despertaria a inclinação pela literatura indiana, comparavelmente mais rica e copiosa que nenhuma outra. Até agora, o público em geral, em busca de informações, teve que contar com uns poucos eruditos que, não obstante a sua grande sabedoria e fidedignidade, não estão à altura de traduzir e comentar mais do que uns poucos livros extraídos do número quase incontável de obras que, não obstante o vandalismo dos missionários, ainda restaram para mostrar o poderoso volume da literatura sânscrita. E para cumprir tal tarefa requerer-se-ia o trabalho de toda a vida de um europeu. Eis por que as pessoas julgam apressadamente, e cometem com frequência os erros mais crassos.

É com na força de evidências circunstanciais - a da razão e a da lógica - que afirmamos que, se o Egito deu à Grécia a sua civilização, e esta levou a Roma, o próprio Egito recebeu, naqueles séculos desconhecidos, quando reinava Menes, suas leis, suas instituições, suas artes e suas ciências da Índia pré-védica; e que portanto é nessa antiga iniciadora dos sacerdotes - adeptos de todos os outros países - que devemos buscar a chave dos grandes mistérios da Humanidade.

E quando dizemos indiscriminadamente "Índia", não pensamos na Índia de nossos dias modernos; mas na do período arcaico. Nos tempos antigos, alguns países que agora conhecemos por outros nomes chamavam-se todos Índia. Havia uma Índia Alta, uma Baixa e uma Índia Ocidental, que é hoje a Pércia-Irã. Os países que agora se chamam Tibete, Mongólia, e Grande Tartária eram também considerados pelos escritores antigos como Índia.

Os registros do grande livro

Diz a tradição, e explicam os registros do Grande Livro, que muito antes da época de Ad-am e de sua curiosa mulher He-va, onde atualmente só se encontram lagos secos e desolados desertos nus, havia uma vasto mar interior, que se estendia sobre a Ásia central, ao norte da soberana cordilheira do Himalaia, e de seus prolongamento ocidental. Uma ilha, que por sua inigualável beleza não tinha rival no mundo, era habitada pelos últimos remanescentes da raça que precede a nossa. Essa raça podia viver com igual facilidade na água, no ar ou no fogo, pois possuía um controle ilimitado sobre os elementos. Eram os "Filhos de Deus"; não aqueles que viram as filhas dos homens, mas os verdadeiros Elohim, embora na Cabala oriental eles tenham um outro nome. Foram eles que ensinaram aos homens os segredos mais maravilhosos da Natureza, e lhe revelaram a "palavra" inefável e atualmente perdida. Essa palavra, que não é uma palavra, percorreu o globo, e ressoou ainda como um remoto eco no coração de alguns homens privilegiados. Os hierofantes de todos os Colégios Sacerdotais estavam a par da existência dessa ilha, mas a "palavra" era conhecida apenas pelos Yava-Aleim, ou mestres principais de todos os colégios; que a passavam ao seu sucessor apenas no instante da morte. Havia vários de tais colégios, e os antigos autores clássicos fazem menção a eles.

Já vimos que é uma das tradições universais aceitas por todos os povos antigo a de que houve muitas raças de homens anteriores às nossas raças atuais. Cada uma delas era muito distinta da precedente; e todas desapareceram quando a seguinte fez a sua aparição. No Manu mencionam-se claramente seis de tais raças que teriam se sucedido umas às outras.

A antiguidade de Manu. A Atlândida - o continente perdido

Desde Manu-Svayambhuva (o menor, que corresponde ao Adão Cadmo), que proveio de Savayambhuva, ou o Ser que existe por si mesmo, descenderam seis outros Manus (homens que simbolizam os progenitores), cada um dos quais deu origem a uma raça de homens. (...) Esses Manus, todos poderosos, dos quais Svayambhuva é o primeiro, produziram e dirigiram cada um, em seu período - antara -, este mundo composto de seres moveis e imóveis".

No Siva-Purâna, lê-se o seguinte:

"Ó Siva, deus do fogo, possas tu destruir meus pecados, como o fogo destrói a grama seca da floresta. É por teu poderoso Alentoque Âdima [o primeiro homem] e Heva [a perfeição da vida em sânscrito], os ancestrais dessa raça de homens, receberam a vida e cobriram o mundo com os seus descendentes".

Não havia nenhuma comunicação por mar com a ilha, mas passagens subterrâneas conhecidas apenas pelos chefes comunicavam-se com ela em todas as direções. A tradição fala de muitas dessas majestosas ruínas da Índia. Ellora, Elephanta, e das cavernas de Ajunta (cadeia de Chandon), que pertenciam outrora a esses colégios, e com as quais se comunicavam subterrâneos. Quem poderá dizer que a Atlântida perdida - que é também mencionada no Livro Secreto, mas sob um outro nome pronunciado na língua sagrada - não existia naqueles dias? O grande continente perdido não poderia ter-se situado talvez ao sul da Ásia, estendendo-se da Índia à Tasmânia? (É uma estranha coincidência que quando a América foi descoberta pela primeira vez algumas tribos nativas a chamassem de Atlanta.) Se a hipótese atualmente tão contestada e positivamente negada por alguns sábios autores que a encaram como uma brincadeira de Platão algum dia se confirmar, estão os cientistas acreditarão talvez que a descrição do continente habitado por deuses não era de todo uma fábula. E eles poderão então compreender que as insinuações veladas de Platão e o fato de ele atribuir a narrativa a Sólon e aos sacerdotes egípcios foram, na verdade, apenas um meio prudente de comunicar o fato ao mundo e combinar habilmente verdade e ficção, de modo a desassociar-se de uma história que as obrigações impostas pela iniciação o proibiam de divulgar.

E como poderia o nome Atlântida ter sido inventado por Platão? Atlântida não é um nome grego, e sua construção não apresenta elementos gregos. Brasseur de Bourbourg tentou demonstrá-lo anos atrás, e Baldwin, em *Prehistoric Nations and Ancient América*, cita esse autor, que declara que "as palavras Atlas e Atlântico não encontram etimologia satisfatória em qualquer linguagem conhecida na Europa. Eles não são gregos, e não podem ser referidos a qualquer língua conhecida do Mundo Antigo. Mas na língua Nahuatl (ou tolteca) encontramos imediatamente o radical a, atl, que significa água, guerra, e o alto da cabeça. Dele provém uma série de palavras, como atlan, à margem ou no meio da água; da qual temos o adjetivo Atlântico. Temos também atlaca, combater. (...) Havia uma cidade de nome Atlan quando o continente foi descoberto por Colombo, na entrada do golfo de Urabe, em Darien, com um bom porto. Ela reduziu-se atualmente a um pueblo [aldeia] pouco importante, de nome Acla.

Não é extraordinário, para dizer o menos, encontrar na América uma cidade conhecida por um nome que contém um elemento puramente local, estranho ademais a qualquer outro país, na pretensa ficção de um filósofo do século IV a.C.? O mesmo se pode dizer do nome América, que seria mais justo reportar ao Meru, a montanha sagrada no centro dos sete continente, de acordo com a tradição hindu, do que a Américo Vespúcio. Aduzimos as seguintes razões em favor de nosso argumento:

1º) Americ, Amerrique ou Amerique é o nome dado na Nicarágua a um planalto ou a uma cadeia de montanhas que se localiza entre Juigalpa e Libertad, na província de Chontales, e que se estendem por um lado ao país dos Índios Carcas, e por outro ao país dos Índios Ramos. Ic ou ique, como sufixo, significa grande, como cacique, etc. Colombo menciona, em sua quarta viagem, a aldeia de Cariai, provavelmente Caîcai. A localidade abundava em feiticeiros, ou curandeiros; e situava-se na região da cordilheira da América, a 3.000 pés de altura. Todavia, ele não faz menção a esse nome.

O nome América Província apareceu pela primeira vez num mapa publicado em St. Dié, em 1507 (O livro de Waldseemüller deixou a gráfica a 25 de abril de 1507. No nono capítulo do livro, se lêem: "Mas agora que essas partes do mundo foram amplamente examinadas e uma outra quarta foi descoberta por Americu Vesputiu (ou se verá), não vejo razão para não a chamarmos de América, isto é, terra de Americus, pois Americus é o seu descobridor, homem de muita sagacidade, já que a Europa e Ásia receberam na antigüidade nomes de mulheres".) Até essa data, acreditava-se que a região já fazia parte da Índia. Em 1522, a Nicarágua foi conquistada por Gil Gonzáles de Ávila.

2º) "Os nórdicos, que visitaram o continente no século X, uma costa plana recoberta de espessa floresta", chamaram-na Markland, de mark, floresta. O r devia soar de modo vibrante, como em marrick. Ima palavra semelhante encontra-se na região do Himalaia, e o nome da Montanha do Mundo, Meru, pronuncia-se em alguns dialetos Meruah, com a letra h fortemente aspirada. A idéia principal, contudo, é mostrar como dois povos podem aceitar talvez uma palavra de som semelhante, cada uma utilizando-a em seu próprio sentido, e aplicando-a ao mesmo território.

"É mais plausível", diz o Prof. Wilder, "que o Estado da América Central, em que descobrimos o nome Americ significando [como o Meru hindu, poderemos acrescentar] grande montanha, tendo dado o

nome ao continente. Vespúcio utilizaria o seu sobrenome se tivesse a intenção de denominar o continente. Se a teoria do Abade de Bourbourg, que aponta Atlan como a raiz de Atlas ou Atlântico, fosse reconhecida, as duas hipóteses poderiam perfeitamente estar em acordo. Como Platão não foi o único autor que tratou de um mundo além das colunas de Hércules, e como o oceano é ainda pouco profundo e apresenta plantas marinhas em toda a parte tropical do Atlântico, não é desarrazoado imaginar que esse continente lá se elevava, ou que lá havia um mundo insular próximo. O Pacífico também oferece indicações de ter sido o populoso império insular dos amalios e javaleses - se não um continente entre Norte e Sul. Sabemos que a Lemúria no oceano Índico é o sonho dos cientistas (Lemúria é um nome sugerido por S. L. Sclater, por volta de 1874, para um continente antigo do Oceano Índico que unia Madagascar e a Malásia. O termo foi adotado pelos teósofos para a designação do habitat continental da Terceira Raça-Raiz.); e que Saara e a região central da Ásia foram outrora leitos oceânicos.

Para continuar a tradição, devemos acrescentar que a classe dos hierofantes dividia-se em duas categorias distintas: aqueles que eram instruídos pelos "Filhos de Deus" da ilha e eram iniciados na doutrina divina da revelação pura, e aqueles que habitavam a Atlântida perdida - se esse deve ser o seu nome - e que, sendo de outra raça, nasciam com uma visão que abarcava todas as coisas ocultas, e que suplantava tanto a distância quanto os obstáculos materiais. Em suma, eram a quarta raça de homens mencionada no Popl-Vuch, cuja visão era ilimitada e que conheciam todas as coisas ao mesmo tempo. Eles eram, talvez, o que hoje chamaríamos de "médiuns de nascença", que não se esforçavam nem sofriam para obter os seus conhecimentos, nem os adquiriam ao preço de qualquer sacrifício. Assim, enquanto os primeiros caminhavam pela trilha de seus instrutores divinos, adquirindo seus conhecimentos passo a passo, e aprendendo ao mesmo tempo a discernir o bem do mal, os adeptos por nascimento da Atlântida seguiam cegamente as insinuações do grande e invisível "Dragão", o Rei Thevetat (a Serpente do Gênese?). Thevetat não aprendeu nem adquiriu seus conhecimentos, mas, para emprestar um expressão do Dr. Wilder relativamente à Serpente tentadora, era uma "espécie de Sócrates que conhecia sem ter sido iniciado". Assim, sob as malévolas insinuações de seu demônio, Thevetat, a raça Atlântica tornou-se uma nação de mágicos, cruéis. Por essa razão, a guerra foi declarada, e a sua história é longa demais para narrar; pode-se encontrar-lhe a essência nas alegorias desfiguradas da raça de Caim, os gigantes, e na de Noé e sua justa família. O conflito chegou ao fim pela submersão da Atlântida; a qual encontra a sua imitação nas histórias do dilúvio babilônico e mosaico: Os gigantes mágicos morreram "(...) assim como toda a carne, e todo homem". Todos exceto Xisuthrus e Noé, que são substancialmente idênticos ao grande Pai dos Thlinkithianos do Popul-Vuh, o livro sagrado dos guatemaltecos, que também fala de sua fuga num grande barco, como o Noé Hindu - Vaivasvata.

Se acreditamos na tradição, devemos dar crédito à história posterior, segundo a qual as alianças entre os descendentes dos hierofantes da ilha e os descendentes do Noé atlante deram origem a uma raça mista de homens justos e perversos. Por um lado, o mundo tinha seu Henoc, seu Moisés, seu Gautama Buddha, seus numerosos "Salvadores" e grandes hierofantes; por outro, seus "mágicos por natureza", que, devido à falta de freio do poder da própria sabedoria espiritual, e à fragilidade das organizações físicas e mentais, perverteram involuntariamente os seus propósitos perversos. Moisés não tinha uma palavra de censura para os adeptos da profecia e de outros poderes que haviam sido instruídos nos colégios da sabedoria esotérica, mencionados na Bíblia. Suas denúncias reservavam-se àqueles que voluntariamente ou não degradavam os poderes herdados de seus ancestrais atlantes colocando-os a serviço de espíritos maus para dano da Humanidade. Sua cólera despertava contra o espírito de Ob, não contra o de Od.

As ruínas que cobrem as duas américas

As ruínas que cobrem as duas Américas, e que se encontram em muitas ilhas das Índias Ocidentais, são todas atribuídas aos atlantes submersos. Assim como os hierofantes do mundo antigo, o qual ao tempo da Atlântida, estava unido ao novo por terra, os mágicos da nação atualmente submersa dispunham de uma rede de passagens subterrâneas que corriam em todas as direções a propósito dessas misteriosas catacumbas, relataremos uma curiosa história que no foi contada por um peruano há muito tempo falecido, durante uma viagem que fazíamos juntos pelo interior de seu país. Deve haver alguma verdade nesse relato, pois ele nos foi confirmado posteriormente por um cavalheiro italiano, que viu o lugar e que, não fosse a falta de meios e de tempo, teria verificado ele mesmo a história, ao menos em parte. O informante italiano foi um velho sacerdote, que se inteirou do segredo durante a confissão de um índio peruano. Poderíamos acrescentar, além disso, que o sacerdote foi compelido a fazer a revelação, já que estava nesse momento sob a influência mesmérica do viajante.

A história concerne aos famosos tesouros do último rei inca. O peruano afirmou que desde o bem-conhecido e miserável assassinato deste rei por Pizarro, o segredo é conhecido por todos os índios, exceto os mestiços, que não são confiáveis. Reza o seguinte: O inca fora feito prisioneiro, e sua esposa ofereceu, para libertá-lo, um quarto cheio de ouro, "do chão ao teto, até onde o conquistador pudesse alcançar", antes do pôr-do Sol do terceiro dia. Ela manteve a promessa, mas Pizarro quebrou a sua palavra, de acordo com os aventureiros espanhóis. Maravilhado com a exibição de tais tesouros, o conquistador declarou que não libertaria o prisioneiro, mas que o mataria, a menos que a rainha revelasse o lugar de onde provinha o tesouro. Ele havia ouvido que os incas tinham em algum lugar uma mina inexaurível; uma estrada ou túnel subterrâneo que corria por muitas milhas sob o solo, onde eram mantidos os tesouros acumulados da nação a infeliz rainha solicitou um prazo, e foi consultar os oráculos. Durante o sacrifício, o grande sacerdote mostrou-lhe no célebre "espelho negro" o assassinato inevitável do esposo, entregasse ela ou não os tesouros da coroa a Pizarro. A rainha ordenou então que se fechasse a entrada, que era uma abertura cavada na muralha rochosa de um precipício. Sob a direção do sacerdote e dos mágicos, o precipício foi então preenchido até o topo com imensos blocos de rocha, e a superfície coberta de modo a ocultar o trabalho. O inca assassinado pelos espanhóis e sua infortunada rainha suicidou-se. A cupidez dos espanhóis fracassou devido ao seu próprio excesso e o segredo dos tesouros enterrados foi guardado no coração de uns poucos peruanos fiéis.

As artes mágicas antigas e modernas são idênticas

Os "tempos antigos" são exatamente como os "tempos modernos"; nada mudou no que concerne às práticas mágicas, exceto que eles se tornaram ainda mais esotéricos e arcanos, e a cautela dos adeptos cresce na proporção da curiosidade dos viajantes. Hiuen-Tsang diz dos habitantes: "Os homens (...) amam o estudo, mas não o seguem com ardor. A ciência das fórmulas mágicas tornou-se para eles uma profissão regular". Não contradiremos o venerável peregrino chinês a respeito desse ponto, e estamos propensos a admitir que, no século VII, algumas pessoas fizeram "uma profissão" da Magia; também o fazem hoje algumas pessoas, mas não certamente os verdadeiros adeptos. Não seria Hiuen-Tsang, o pio corajoso homem, que arriscou a vida uma centena de vezes para ter a ventura de olhar a sombra de Buddha na caverna de Peshawer, que iria acusar os santos lamas e taumaturgos monásticos de fazerem "uma profissão" mostrando-a aos viajantes. A injunção de Gautama, contida em sua resposta ao rei Prasejajit, seu protetor, que o animou a fazer milagres, deve ter sempre estado na mente de Hiuen-Tsang. "Grande Rei", disse Gautama, "eu não ensino a lei dos meus discípulos dizendo-lhes 'Ide, e diante dos brâmanes e dos notáveis fazei, por meio de vossos poderes sobrenaturais, os maiores milagres de que um homem é capaz'. Eu lhe digo, quando ensino a lei, 'Vivei, ó santos, ocultando vossas grandes obras, e exibindo vossos pecados'".

Impressionado com os relatos das exibições mágicas testemunhas e registradas pelos viajantes de todas as épocas que visitaram a Tartária e o Tibete, o Cel. Yule conclui que os nativos devem ter "à sua disposição toda a enciclopédia dos espiritistas modernos. Duhalde menciona entre as suas bruxarias a arte de produzir por meio de invocações as figuras de Lao-tsé e suas divindades no ar; e de fazer um pincel escrever respostas a perguntas sem que ninguém o toque".

Essas invocações pertencem aos mistérios religiosos de seus santuários; executada de outro modo, ou com vista ao ganho, elas são consideradas como bruxaria, necromancia, e rigorosamente proibidas. A arte de fazer um pincel escrever sem contato era conhecida e praticada na China e em outros países muitos séculos antes da era cristã. É o ABC da Magia nesses países.

A sombra de Buddha adorada por Hiuen-Tsang. O poder da invocação da alma

Quando Hiuen-Tsang desejou adorar a sombra de Buddha, não foi aos "mágicos profissionais" que ele recorreu, mas ao poder de invocação de sua própria alma; ao poder da oração, da fé, e da contemplação. Tudo era sombrio e lúgubre próximo à caverna em que se acreditava que o milagre por vezes ocorria. Hiuen-Tsang entrou e começou as suas devoções. Ele fez 100 saudações, mas não viu nem ouviu nada. Então, julgando-se um pecador, gritou amargamente, e caiu em desespero. Mas no momento em que estava para renunciar a toda esperança, percebeu na muralha ocidental uma frágil luz, que desapareceu. Renovou as orações, dessa vez cheio de esperança, e novamente viu a luz, que brilhou e desapareceu novamente. Após isso, pronunciou um solene juramento: não deixaria a caverna até que tivesse a ventura de ver pelo menos a sombra do "Venerável dos Tempos". Teve que esperar ainda por muito tempo, pois apenas depois de 200 preces foi a caverna subitamente "banhada de luz, e a sombra de Buddha, de uma brilhante cor branca, elevou-se majestosamente sobre a muralha, como quando as nuvens

repentinamente se abrem, e, de um golpe, descobrem a maravilhosa imagem de 'Montanha de Luz'. Um radiante esplendor iluminava os traços da fisionomia divina. Hiuen-Tsang estava perdido na contemplação e no prodígio, e não tirava os olhos do sublime e incomparável objeto". Hiuen-Tsang acrescenta em seu próprio diário, Si-yu-Ki, que é apenas quando o homem ora com fé sincera e recebeu do alto uma impressão secreta, que ele vê a sombra claramente, mas não pode gozar a visão por muito tempo.

A perpetuação de uma crença

Para que uma crença se torne universal, é preciso que ela se fundamente sobre uma imensa acumulação de fatos, que visem a fortificá-la de uma geração a outra. À testa de tais crenças está a Magia, ou, se preferir - a Psicologia oculta. Quem, dentre aqueles que apreciam os seus tremendos poderes a partir de suas frágeis e semiparalisados efeitos em nossos países civilizados, ousaria negar em nossos dias as afirmações de Porfírio e Proclo, de que mesmo os objetos inanimados, tais como estátuas de deuses, poderiam ser postos em movimento e exibir um vida artificial por alguns instantes? Quem pode negar a afirmação? Aqueles que testemunham diariamente sobre as próprias assinaturas que viram mesas e cadeiras moverem-se e caminhar, e lápis escreverem, sem contato? Diógenes Laércio fala-nos de um certo filósofo, Stilpo, que dois exilado de Atenas pelo Aerópago, por ter ousado negar publicamente que a Minerva de Fídias era algo mais do que um bloco de mármore. Mas nosso século, depois de ter imitado os antigos em tudo o que era possível, mesmo em suas denominações, tais como "senado", e "cônsul", etc.; e depois de admitir que Napoleão, o Grande, conquistou três quartos da Europa aplicando os princípios de guerra ensinados por César e Alexandre, nosso século julga-se tão superior ao seus preceptores no que concerne à Psicologia que é capaz de enviar ao manicômio todos os que acreditam nas "mesas girantes".

Seja ela qual for, a religião dos antigos é a religião do futuro. Mais alguns séculos, e não haverá mais crenças sectárias em nenhuma das grandes religiões da Humanidade. Bramanismo e Budismo, Cristianismo e Maometismo desaparecerão diante do poderoso afluxo de fatos. "Derramarei meu espírito sobre toda a carne", escreve o profeta Joel (Joel II,28). "Em verdade vos digo (...) fareis obras maiores do que estas", promete Jesus (João XIV,12). Mas isso só ocorrerá quando o mundo retornar à grande religião do passado; o conhecimento dos majestoso sistemas que precederam, em muito, o Bramanismo, e mesmo o monoteísmo primitivo dos antigos caldeus. Até então, devemos nos lembrar dos efeitos diretos do mistério revelado. Os únicos meios com a ajuda dos quais os sábios sacerdotes da Antigüidade podiam inculcar nos grosseiros sentidos das massas a idéia da Onipotência da vontade Criadora ou da CAUSA PRIMEIRA; a saber, a animação divina da matéria inerte, a alma nela infundida pela vontade potencial do homem, imagem microcósmica do grande Arquiteto, e o transporte de objetos pesados através do espaço e dos obstáculos materiais.

Uma ciência de nome Theopoe

Sabemos que desde os tempos mais remotos existiu uma ciência misteriosa e solene, sob o nome de Theopoea. Esta ciência ensinava a arte de conceder aos vários símbolos dos deuses vida e inteligência temporárias. Estátuas e blocos de matéria inerte tornavam-se animados sob a vontade poderosa do Hierofante. O fogo roubado por Prometeu caiu durante a batalha na Terra; durante a luta para abarcar regiões inferiores do firmamento e condensar-se nas ondas do éter cósmico como o Âkasa poderoso dos ritos hindus. Nós o respiramos e o absorvemos em nosso sistema orgânico repleto dele desde o instante de nosso nascimento. Mas ele só se forma poderoso sob o influxo da VONTADE e do ESPÍRITO.

Abandonado a si mesmo, este princípio de vida seguirá as leis da Natureza; e, de acordo com as circunstâncias, produzirá saúde e exuberância de vida, ou causará morte e dissolução. Mas, guiado pela vontade do adepto, ele se torna obediente; suas correntes restauram o equilíbrio dos corpos orgânicos, preenchem o vazio, e produzem milagres físicos e psicológicos, bem-conhecidos pelos mesmerizadores. Infundidos na matéria inorgânica e inerte, elas criam um aparência de vida, e portanto de movimento. Se faltar a essa vida uma inteligência individual, uma personalidade, então o operador deve enviar sua scîn-lâc (Scîn-lâc é um termo anglo-saxão que significa Magia, necromancia e feitiçaria, bem como aparição mágica, uma forma espectral, uma aparição ilusória ou um fantasma (phantasma). Sîn-lâeca é um mágico ou feiticeiro, e scîn-lâece, uma feiticeira. A arte pela qual se produzem aparições ilusórias era conhecida como scîn-craeft. N. do Org.), seu próprio espírito astral, para animá-la, ou utilizar o seu poder sobre a região do espírito da natureza para forçar um deles a infundir sua entidade no mármore, na madeira, ou no metal; ou, ainda, ser auxiliado pelos espíritos humanos. Mas este - exceto a classe dos viciosos e apegados à terra - não infundirão sua essência nos objetos inanimados. Deixam as espécies inferiores

produzirem o simulacro de vida e animação, e apenas enviam sua influência através das esferas intermediárias, como um raio de luz divina, quando o pretenso "milagre é requerido para um bom propósito. A condição - e isso é uma lei da natureza espiritual - é a pureza de intenção, a pureza da atmosfera magnética ambiente, e a pureza pessoal do operador. É assim como um "milagre" pagão pode ser muito mais santo do que um milagre cristão.

Quem, dentre os que viram a atuação dos faquires na Índia meridional, pode duvidar da existência da Theopoeia nos tempos antigos? Um céptico inveterado, ainda que ansioso para atribuir todos os fenômenos à prestidigitação, vê-se obrigado a comprovar os fatos; e tais fatos podem ser testemunhados diariamente, se assim se desejar. "Eu não uso", diz ele, falando de Chibh-Chondor, um faquir de Jaffnapatnam, "descrever todos os exercícios que ele apresentou. São coisas que ninguém ousa dizer mesmo depois de havê-las testemunhado, de medo que o acusem de ter sofrido uma inexplicável alucinação! E no entanto por dez, ou melhor, por vinte vezes, eu vi e revi o faquir obter resultados semelhantes sobre a matéria inerte. (...) Era apenas um brinquedo infantil para o nosso 'encantamento' fazer a chama dos candelabros, que haviam sido colocados, por sua ordem, nos cantos mais remotos do aposento, empalidecerem e extinguirem-se à sua vontade; fazer moveis caminharem, mesmo os sofás nos quais estávamos sentados, as portas se abrirem e fecharem repetidamente: e tudo isso sem deixar a esteira na qual estava sentado.

"Altera ele o curso natural dessas leis? 'Não, mas ele as faz agir utilizando forças que ainda nos são desconhecidas', dizem os crentes. Como quer que seja, assisti por vinte vezes a exibições similares, acompanhado dos homens mais distintos da Índia britânica - professores, médicos, oficiais. Não há um deles que não tenha assim resumido as suas impressões ao deixar a sala: 'Eis algo verdadeiramente terrível para a inteligência humana!' Todas as vezes que vi o faquir repetindo a experiência de reduzir as serpentes a um estado cataléptico, estado em que esses animais têm toda a rigidez de um ramo seco, meus pensamentos reportaram-se à fábula [?] bíblica que atribui um poder análogo a Moisés e aos sacerdotes do Faraó."

De fato, deve ser tão fácil dotar a carne do homem, do animal e do pássaro com um princípio de vida magnético quanto a mesa inerte de um médium moderno. Os dois prodígios são possíveis e verdadeiros, ou devem soçobrar, juntamente com os milagres dos dias dos Apóstolos, ou os dos tempos mais modernos da Igreja Papal. Se Sisto V mencionou uma série formidável de espíritos vinculados a vários talismãs, a sua ameaça de excomungar todos os que praticavam a arte não foi feita porque ele desejava que esse segredo permanecesse confinado no seio da Igreja? O que aconteceria se esses milagres "divinos" fossem estudados e reproduzidos com sucesso por todos os homens dotados de perseverança, de um forte poder magnético positivo e de uma resoluta vontade? Os recentes acontecimentos de Lourdes (supondo-se, naturalmente, que tenham sido honestamente relatados) provam que o segredo não se perdeu por completo; e se não há nenhum mesmerizador mágico escondido sob a batina e a sobrepele, então a estátua de Notre-Dame movimenta-se pelas mesmas forças que movem as mesas magnetizadas numa sessão espírita; e a natureza dessas "inteligências", pertencem elas à classe dos espíritos humanos, elementares ou dos elementais, depende de uma série de confissões. Todo aquele que conhece um pouco do Mesmerismo e do espírito caritativo da Igreja Católica Romana, não teria dificuldade em compreender que as incessantes maldições dos sacerdotes e dos monges; e os amargos anátemas tão prodigamente lançados por Pio IX - ele próprio um poderoso mesmerizador e, ao que se acredita, um jetattore (mau-olhado) - colocaram as legiões de elementares e elementais sob o comando dos Torquemadas desencarnados. São eles os "anjos" que pregam peças com a estátua da Rainha do Céu. Todo aquele que aceita o "milagre" e pensa de outro modo comete blasfêmia.

Análise das artes e ciências nas filosofias: egípcia, grega, caldeia e assíria

Assinalamos as descobertas nas artes, nas ciências, e na filosofia dos egípcios, dos gregos, dos caldeus e dos assírios; citaremos agora um autor que passou vários anos na Índia estudando a sua filosofia. Na célebre e recente obra *Cristna et le Christ*, descobriremos a seguinte tabulação:

Filosofia - Os antigos hindus criaram, desde o princípio, os dois sistemas de Espiritismo e materialismo, de Filosofia Metafísica e de Filosofia Positiva. A primeira ensinada na escola védica, cujo fundador foi Vyâsa; a segunda ensinada na escola sankyâ, cujo fundador foi Kapila.

"Ciência astronômica" - Eles fixaram o calendário, inventaram o zodíaco, calcularam a precessão dos equinócios, descobriram as leis gerais dos movimentos. Observaram e predisseram os eclipses.

"Matemática" - Inventaram o sistema decimal, a álgebra, os cálculos diferencial, integral e infinitesimal. Descobriram também a Geometria e a Trigonometria, e nessas duas ciências construíram e provaram teoremas que só foram descobertas na Europa nos séculos XVII e XVIII. Foram os brâmanes de fato que deduziram pela primeira vez a área de superfície de um triângulo a partir do cálculo de seus três lados, e calcularam a relação da circunferência com o diâmetro. Além disso, devemos restituir-lhes o quadrado da hipotenusa e a tábua impropriamente denominada pitagórica, que descobrimos gravada no goparamad'água da maior parte dos grandes pagodes.

"Física - Estabeleceram o princípio, ainda em vigor em nossos dias, de que o universo é um todo harmonioso, sujeito a leis que podem ser determinadas pela observação e pela experiência. Descobriram a hidrostática; e a famosa proposição de que todo o corpo submerso na água perde o seu próprio peso um peso igual ao volume d'água que desloca é apenas um empréstimo feito pelos brâmanes ao famoso arquiteto grego Arquimedes. Os físicos de seus pagodes calcularam a velocidade da luz, fixaram de maneira positiva as leis a que ela obedece em sua reflexão. E finalmente é fora de dúvida, segundo os cálculos de Sûrya-Siddharta, que eles conheciam e calcularam a força do vapor.

"Química - Conheciam a composição da água, e formularam para os gases a famosa lei, que só viemos a conhecer ontem, segundo a qual os volumes de gás estão na razão inversa da pressão que suportam. Sabiam como preparar os ácidos sulfúrico, nítrico e muriático; os óxidos de cobre, ferro, chumbo, estanho e zinco; os sulfuretos de zinco e ferro; os carboretos de ferro, chumbo, e soda; o nitrato de prata; e a pólvora.

"Medicina - Seus conhecimentos eram verdadeiramente surpreendentes. Em Caraka e Sushruta, os dois príncipes da Medicina hindu, encontra-se o sistema de que mais tarde Hipócrates se apropriou. Sushruta ensinou em especial os princípios da Medicina preventiva, ou higiene, que coloca bem acima da Medicina curativa - no mais das vezes, segundo ele, empírica. Estamos hoje mais avançados? Não é ocioso assinalar que os médicos árabes, que gozaram de uma merecida celebridade na Idade Média - Averróis, entre outros -, falam constantemente dos médicos hindus, considerando-os como mestres dos gregos e de si próprios.

"Farmacologia - Conheciam todos os símplies, suas propriedades, seus usos, e a esse respeito ainda não cessaram de dar lições à Europa. Muito recentemente, receberam deles o tratamento da asma, pelo estramônio.

"Cirurgia - Nesse ramo não foram menos notáveis. Faziam a operação dos cálculos e lograram notável sucesso na operação da catarata, e na extração do feto, de que todos os casos incomuns e perigosos são descritos por Caraka com uma extraordinária exatidão científica.

"Gramática - Construíram a mais extraordinária língua do mundo - o sânscrito -, que deu origem à maior parte dos idiomas do Oriente, e dos países indo-europeus.

"Poesia - Praticaram todos os estilos, e revelaram-se mestres supremos em todos. Sakuntalâ, Avrita, a Fedra hindu, Sâranga, e milhar de outros dramas não foram suplantados por Sófocles ou Eurípedes, por Corneille ou Shakespeare. 'O lamento de um exilado', que implora a uma nuvem passageira que lhe leve as lembranças ao seu lar, aos parentes e amigos, a quem ele jamais verá, para se ter uma idéia do esplendor que esse estilo atingiu na Índia. Suas fábulas foram copiadas por todos os povos modernos e antigos, que não se deram o trabalho de dar cores diferentes aos temas desses pequenos dramas.

"Música - Inventaram a escala com as suas diferenças de tons e semitons muito antes de Guido d'Arezzo. Aqui a escala hindu:
Sa - Ri - Ga - Ma - Pa - Da - Ni - Sa.

"Arquitetura - Parecem ter esgotado tudo o que o gênio do homem é capaz de conceber. Zimbórios inacreditavelmente audaciosos; cúpulas cônicas; minaretes com rendas de mármore; torres góticas; hemiciclos gregos; estilo policromo - todos os gêneros de todas as épocas nela encontram, indicando claramente a origem e a época das diferentes colônias que, emigrando, levaram consigo as lembranças de sua arte nativa".

Tais foram os resultados atingidos por essa antiga e imponente civilização bramânica.

Eis que podemos ler o que disse Manu, talvez há 10.000 anos antes do nascimento de Cristo:

"O primeiro germe de vida desenvolveu-se devido à água e ao calor" (Manu, livro I, sloka 8).

"A água sobre ao céu em vapores; desce do Sol com chuva, e da chuva nascem as plantas, e das plantas os animais" (Livro III, sloka 76).

Cada ser adquire as qualidades do ser que o precede imediatamente, de modo que, quanto mais um ser se distancia do primeiro átomo da série, mais ele é dotado de qualidades e perfeições" (livro I, sloka 20).

"O homem atravessará o universo, ascendendo gradualmente e passando através das rochas, das plantas, dos vermes, insetos, peixes, serpentes, tartarugas, animais selvagens, gado, e animais superiores. (...) Tal é o grau inferior" (Ibid.).

"Estas são as transformações declaradas da planta ao Brahmâ que devem operar-se neste mundo"(Ibid.).

"O grego", diz Jacolliot, "é simplesmente o sânscrito. Fídias e Prexíteles estudaram na Ásia as obras-primas de Daouthia, Râmana, e Âryavosta. Platão desaparece diante de Jaimini e Veda-Vyâsa, que ele copia literalmente. Aristóteles empalidece diante do Pûrva-Mimânsâ e do Uttara-Mîmânsâ, em que se descobrem todos os sistemas de filosofia que agora nos ocupamos em reeditar, desde o Espiritualismo de Sócrates e sua escola, o Ceticismo de Pirro, Montaigne, e Kant, até o Positivismo de Littré."

Que aqueles que duvidam da exatidão deste parágrafo leiam a seguinte frase, extraída textualmente do Uttara-Mîmânsâ, ou Vedânta, de Vyâsa, que viveu numa época que a cronologia bramânica fixa em 10.400 anos antes de nossa era:

"Podemos estudar os fenômenos, verificá-los e afirmar que são relativamente verdadeiros, mas como nada neste universo, nem pela percepção, nem pela indução, nem pelos sentidos, nem pela razão, é capaz de demonstrar a existência de uma Causa Suprema, que, num determinado ponto do tempo, teria dado origem ao universo, a Ciência não deve discutir nem a possibilidade, nem a impossibilidade desta Causa Suprema".